



O VENTO
É
O TEMPO

(parêntese)
ESPECIAL #05

ERICO, 120



ERICO VERISSIMO, A 50 ANOS DE SUA MORTE

As definições de clássico variam. A tradição mais comum sugere que clássico é aquele livro que entrou para os circuitos formais de leitura e consagração – os livros são lidos na escola, o autor vira nome de rua. Jorge Luis Borges pensava que o clássico é um livro que uma comunidade lê com uma fé prévia em sua qualidade, em seus poderes, em sua previdência. Italo Calvino considerava que clássico é o livro ou o autor que não cessou de dizer coisas relevantes para seus leitores.

Escolhendo qualquer uma dessas ideias, Erico Verissimo precisa ser reconhecido como um clássico. Cinquenta anos depois de sua morte, ocorrida em 1975, sua obra circula, tem leitores satisfeitos e desperta interesse em pesquisadores que renovam seu legado mediante mergulhos inesperados.

Erico vigiado pelo FBI? Erico ilustrador? Erico pensador público, enfrentando conjunturas amargas com discernimento? Erico sofrendo até fisicamente para completar sua obra-prima, *O tempo e o vento*?

Todas essas dimensões estão presentes na homenagem que a revista Parêntese, em parceria com a editora Coragem, presta à memória e à permanência do grande escritor.

Uma das joias da edição é a transcrição de uma das derradeiras entrevistas dadas por Erico, para um grupo de alunos de escola. Ali se percebe, num homem de idade acossado por limitações respiratórias, um desejo genuíno de acolher e explicar sua visão das coisas, sem artificialismo, com um coração generoso, que clinicamente viria a falhar logo depois desse encontro, mas que metaforicamente segue encantando.

*Luís Augusto Fischer,
organizador*

expediente

Parêntese

**Organização/
curadoria:**
Luís Augusto Fischer

Projeto editorial:
Thomás Daniel Vieira
Editora Coragem Ltda
Rua Sofia Veloso, 49,
sala 04, Porto Alegre, RS.
contato@editoracoragem.
com.br
CNPJ 37.165.408/0001-23

Projeto Gráfico:
Déborah Salves

Diagramação e Capa:
Eduardo Cazon

Crédito de imagens:
Arquivo da família

**Revista produzida pela
Associação Matinal de
Jornalismo e Cultura
Praça Dr. Luis Francisco
Guerra Blessmann, 31,
Porto Alegre, RS.
CNPJ 58.369.470/0001-07**

Associados:
Adriana Martorano,
Alexandre Santi,
Filipe Speck,
Luís Augusto Fischer,
Roger Lerina e
Sílvia Lisboa

Diretor:
Filipe Speck

Gerente de Cultura:
Luísa Kiefer

Contato:
contato@matinal.org

Anúncios:
comercial@matinal.org

**Apoie em
matinal.org/assine**



É UM MUNDO POSSÍVEL, NÃO É?

Uma das derradeiras entrevistas dadas por Erico Verissimo

Edição de Luís Augusto Fischer

Era um inocente trabalho escolar de um grupo de adolescentes, por volta dos 13 anos, alunos do colégio estadual Santos Dumont, localizado na Vila Assunção, zona sul de Porto Alegre: uma entrevista com Erico Verissimo. O ano era 1975, segundo semestre, talvez setembro. Naturalmente nenhum dos envolvidos sabia que poucas semanas depois o entrevistado viria a falecer.

Um dos alunos era Eloar Guazzelli Filho, que depois viria a assinar Alemão Guazzelli, artista múltiplo, desenhista, roteirista, adaptador de histórias para a linguagem visual. É ele que conta, agora, o que lembra do episódio.

[Há algumas intervenções do editor entre colchetes, para explicar alguma passagem do relato.]

*

A entrevista foi feita com a mediação da mãe. Era pra entrevistar alguém que a gente considerasse importante no Rio Grande do Sul. A gente se dava, apesar das diferenças políticas, com o governador, que era primo-irmão do pai [Sinval Guazzelli era o governador, primo do Eloar, o pai], e a mãe ficou feliz porque seria fácil obter um encontro com esse governador, mas não. No colégio eu fui até cumprimentado pelo supervisor, um nazistão eleitor da ARENA, quando o Sinval foi designado governador pela ditadura.

O Erico não era conhecido próximo da família, mas ele tinha respeito pelo meu pai, pela atuação dele. [Eloar Guazzelli, advogado, foi um impor-

tante defensor de presos políticos no tempo da ditadura, quando essa atividade era em si perigosa.] O pai fez contato e o Erico abriu as portas da casa dele. Era um sábado. Éramos quatro adolescentes. O pai estava presente na entrevista. Havia matado o Herzog e o Manoel Fiel Filho, em SP, haviam tentado sequestrar meu pai também no mesmo contexto, mas consta que meu pai teria sido avisado e então evitado. Ele havia nascido em 1922 e viveria até 1994.

Talvez seja a última entrevista do Erico. Foi agosto ou setembro de 1975. Ele morreu logo em seguida; e ventou muito no dia da morte do Erico. Que las hay, las hay. Então fomos nós, éramos um grupo de quatro. Estava a Kátia Rospide, filha de um deputado combativo do MDB, o Rospide Neto. Estavam ainda a Agnes Gonçalves, a mais cdf do grupo, o Flávio Antonello Benitez, que fez Direito e hoje preside um dos maiores sindicatos da Alemanha [e é amigo do advogado Antônio Vicente Martins, que fez a intermediação que proporcionou acesso da Parêntese à fita], e eu. Coisa de época: este coleginho ficava na Vila Assunção, bairro que juntava classe popular da beira do rio, uma vila de pescadores, classe média e aí os ricos do Milagre Brasileiro, bombados naquela época. Uma mistura que não aconteceu mais. Tenho colegas que hoje são nazistas e eram colegas dessa escola.

Uma vez, muitos anos depois, quando fazia Direito, durante uma passeata, o Flávio foi negociar com o capitão da Brigada, e quando se aproximam o Flávio exclama: “Barata!”. Tinham sido colegas no coleginho. O Barata pediu que ele guardasse essa saudação íntima para outra hora... O Flavinho foi convidado a participar do primeiro governo Lula, mas já estava na Alemanha fazia uns 20 anos.

Muito tempo depois, poucos anos atrás, eu tentei de novo procurar essa fita. Indaguei da Kátia e da Agnes, e nada. E o Flavinho buscou na casa de seus pais e encontrou. Era organizado desde aquela época. Recuperada a fita, o Vicente postou uma imagem da fita.

Tem revelações interessantes do Erico. Ele não fala só de literatura. O Erico era um socialista liberal, meu pai era comunista. Os dois falam da Tchecoslováquia, o Erico tinha visitado o país antes da invasão soviética, que pra mim assinala o fim de qualquer proposta de socialismo, aquela invasão marcou esse fim, e não a Queda do Muro.

A conversa tem essa importância de ser uma das últimas, senão a última entrevista do Erico. E pra mim foi marcante pelo que eu descobri. A escola meio que deforma a gente, engessa o modo da gente pensar. Assim que a gente entrou na casa o Erico nos mostrou coisas ali, uma pilha de revistas do Partido Comunista americano, do Luis Fernando, que não estava na casa, e mostrou as famosas tábuas onde ele desenhava personagens e escrevia. Ver ele descrevendo os quadros, na época, e depois voltar a vê-los, como amigo da família hoje...

Mas a revelação maior foi mesmo ver que um escritor podia desenhar, que não existe essa separação rígida. E a outra foi ver que ele escrevia palavras, porque ele mostrou a tábua em que ele tinha escrito o *Incidente em Antares*, a gente viu, e ali eu vi escrito algo assim. “Nossa, pode também?”, eu lembro de ter pensado.

*

É uma lástima que algumas passagens da fita ficaram irrecuperáveis para a audição, apesar dos esforços tecnológicos e humanos. Optamos por não tentar adivinhar. Assim, o que se vai ler aqui, nessa conversa que revela um senhor de 70 anos interessado em falar coisas reais aos jovens, é o que pudemos entender das falas, com uma edição que preservou ao máximo a fala original, mas suprimindo passagens inaudíveis. Algumas informações deduzidas com bastante segurança do contexto vão entre [colchetes].

Na gravação, é em geral Agnes que faz as perguntas, preparadas previamente pelos alunos, e apenas uma vez ou outro é Eloar Guazzelli, o pai, que formula a questão. Erico se mostra já ofegante, com fôlego curto, mal que o acompanhou nos últimos tempos. Mesmo com essa precariedade, ele se mostra aberto para uma hora inteira de conversa. Um exemplo bonito, também nisso.

*

Pergunta: De suas obras qual lhe despertou maior alegria ou realização?

Erico Verissimo: É muito difícil dizer isso, porque é o mesmo que dizer que de todos os meus filhos prefiro o primeiro ou o terceiro, não é?... Cada um dá uma alegria especial, ou cada um oferece um trabalho particular. Realmente, o primeiro livro, a primeira vez que a gente vê o próprio nome na capa do livro, é uma emoção particular. Mas eu louvo com alegria, todos os dias, o que eu fiz com dificuldade. Eu trabalhava na livraria do Globo, na *Revista do Globo*, à noite eu traduzia e só podia escrever meus livros sábado. Bom, mas todos os meus livros, de certa maneira, mesmo que eu não soubesse, eram exercícios pra escrever o livro que eu queria. Seria sobre o Rio Grande, minha terra e minha gente, um pouquinho da história do Rio Grande através da história de uma família. Depois disso eu fiz uma série de livros de que eu gosto pessoalmente, não que acho que estejam maravilhosamente bem feitos, mas que eu gosto de ver, como *O senhor embaixador*, *Incidente em Antares* e *O prisioneiro*, porque dizem respeito a problemas que me interessam muito. Não eram mais sobre o Rio Grande, se bem que *O incidente é* [sobre o] Rio Grande, mas tem muita coisa junto. É muito difícil eu te dizer qual eu gosto mais, mas posso dizer os que deram mais trabalho... O terceiro volume de *O tempo e o vento* me deu um infarto, me ajudou a ter um infarto, ficou aprisionado comigo, não estava saindo como eu queria, tive uns problemas misturados e bum, um dia caiu.

P: Sabemos que suas obras de literatura infantil são muitas. Ao escrever o senhor se baseou nas obras de outro escritor?

EV: Não, não. Eu nunca li livro infantil, a não ser no tempo em que eu era menino. Mas é a mesma coisa, é só a gente procurar pensar no leitor pequeno, no mundo dele, e arranjar uma linguagem adequada, simples. Evitar, por exemplo, “vi-o”; “eu vi o homem”, não “vi ele”, que é errado, né? Eu vi o homem, vi a mulher, eu vi o João... É uma linguagem simples. É o mesmo que escrever pra gente grande.

P: Após escrever literatura infantil, o senhor passou a escrever a literatura adulta?

EV: (*interrompendo*) Não, não. Eu tinha escrito muitos livros pra gente grande. Depois, no meio, em 36, saiu *As aventuras do avião vermelho*. [Antes] disso, tinha cinco livros pra gente grande, ou seis, e daí escrevi seis pequenas histórias pra criança. Depois continuei a escrever pra gente grande. Mas continua tua pergunta assim mesmo...

P: Atualmente tens vontade de escrever para crianças?

EV: Ah, é uma promessa que eu faço toda vez que eu me vejo na frente de gente jovem, de crianças, de meninos, gurias, professoras, naturalmente, e que faço a mim mesmo, mas nunca chega essa hora.

P: Há quanto tempo dedica-se à literatura?

EV: Eu [devo] dizer que eu comecei a ler no colégio. Gostava mais da aula de redação, da aula de literatura, história. Muito pouco de aritmética, de coisa com números, sempre fui muito ruim. Tirava notas baixíssimas. Mas eu comecei a escrever, a publicar, com 24 anos. Livro mesmo eu só publiquei em 1932, eu tinha vinte e sete anos. De lá pra cá só tenho me dedicado a isso.

P: O que o atraiu ou influenciou na sua carreira?

EV: Cada um traz dentro de si a semente de alguma coisa, uma inclinação. Eu acho que o segredo, um dos segredos, de uma carreira está em a pessoa se concentrar e descobrir o que ela quer da vida, o que ela gosta de fazer, para que ela tem talento. De início ela vai ver tudo, um pouquinho de tudo. Pintor, dançarina, dançarino... Nesse caso a gente olha meio assim, gaúcho olha assim meio horrorizado, né? Quer ir pra política, quer ter vida social, quer ser, enfim, um milhão de coisas. [Então eu me pergunto]: o quê que eu quero da vida? Onde é que está minha vocação? Uma vez que você descobre isso, você se concentra nessas coisas.

P: O senhor é um homem viajado. Dos países que visitou algum influenciou em suas obras?

EV: Não, não. E sabe por quê? A viagem mais longa que eu fiz, de estada mais longa, foi aos Estados Unidos. O estilo do americano é um estilo de superfície, é um mundo diferente do nosso. A gente gosta das máqui-

nas que eles têm, das coisas que eles vendem, das coisas que eles fabricam, mas a maneira americana de ser não penetra a gente, é muito superficial. Quer dizer, eles não se entregam muito. Ao passo que o latino é muito mais expansivo. A conversa com o americano é completamente diferente da conversa com o latino. Por exemplo, eu passeio agora de manhã lá num bosquezinho perto da casa da minha filha - porque as minhas repetidas viagens aos Estados Unidos foram motivadas pelo fato da minha filha ter casado com americano e morar lá -, e eu tanto [circulei] nos Estados Unidos, vi tudo, conheci tudo, falei em, vamos dizer assim, mais da metade dos estados americanos, durante nove anos, e depois não me interessou mais nada. A mim me interessa saber, ler os Estados Unidos. O americano é uma pessoa que a gente encontra, assim, no meio do bosque, eles sempre dizem “*good morning*”, “*hello*”, mas não passa disso. Eles não são capazes de parar e ter uma conversa mais... De modo que nenhum país grande me influenciou. Itália, Espanha... Muito simpático o povo. Já o francês é um pouquinho azedo, né?! Até um pouquinho arrogante. Muitas guerras, enfim. Eles não têm nenhuma ideia do que seja o Brasil, menos que os Estados Unidos. Agora a literatura sim, eu posso dizer que a novela, o romance anglo-saxônico, o romance de língua inglesa me influenciou bastante. Tanto a inglesa e a americana, são duas boas literaturas.

P: Em algum de seus personagens, o senhor identifica familiares ou amigos do senhor mesmo?

EV: Bom, ninguém pode criar do nada. Alguns copiam mais que os outros. Eu gosto mesmo de copiar, [mais] que a maioria dos escritores, segundo eles declaram. Mas, provavelmente [o sujeito] pensa que está inventando uma personagem, mas na realidade está seguindo uma mensagem do inconsciente. Por experiências que a gente viveu, na hora de escrever, ela aparece à tona. O inconsciente manda uma mensagem e a gente acaba fazendo uma personagem com pedaços de personagens que conheceu na vida real. Por isso que no terceiro volume desse livro que eu estou fazendo [*Solo de clarineta*], eu ainda não terminei o segundo ainda, eu estou com dificul-

dades, eu conto como que é que eu escrevi *Incidente em Antares*. Chega o capítulo “A oficina de Frankenstein”. Frankenstein é um médico que fazia com pedaços dos cadáveres uma personagem. O autor é aquele que faz, com pedaços de experiências, de pessoas que ele conheceu, uma personagem. Agora eu confesso que, em *O tempo e o vento*, o personagem Toríbio é muito um tio meu, de quem eu falo muito bem na minha autobiografia. [Ele] tinha uma coragem, uma coisa natural, ele não conhecia o medo. A gente às vezes aguenta uma situação difícil, aguenta com certa coragem por vergonha, mas no fundo tem medo – eu tenho. Mas este tio não sentia medo. Era uma personagem. Mas mesmo quando a gente pega como ponto de partida uma personagem que conheceu, ela acaba se transformando numa outra. Porque eu dou tamanha liberdade para as personagens dos livros que a certa hora elas começam a dizer coisas que eu não esperava que elas dissessem. Isso é um sinal de que elas estão vivas. E o autor que tem experiência afrouxa a rédea e deixa a personagem ir embora, que ela fica *outra*. Agora, a meu respeito, naturalmente, eu apareço como eu mesmo nas memórias. E nos livros, entre linhas, do terceiro volume de *O tempo e o vento*, eu estou muito, em matéria de temperamento, na personagem chamada Floriano. Não disfarço que as dores de cotovelo foram diferentes do que eram, em *O tempo e o vento*. Claro que não é possível criar do nada, porque tu crias do nada, era preciso obliterar-se, apagar-se completamente a memória, não é possível, nem conveniente, não é?

P: E quando você escreveu *Clarissa*? É uma homenagem a sua filha, não é?

EV: Não, não.

P: Não é?

EV: Não. Vou te dizer o que é. *Clarissa*, este livro, é sobre uma adolescente. Eu vi ela na praça da Matriz, em 1932. Eu vi uma menina da Escola Normal, ela usava uniforme, de blusa branca e saia azul, de meia soquete, com um lacinho bonitinho, devia ter treze anos. E eu lembro perfeitamente. Imaginei o que passaria na cabeça daquela menina. Resolvi fazer um livro, um livrinho que fosse, que envolvesse a vida cotidiana ali, do que se passava na cabeça de uma meni-

na como aquela que faz do livro [que está lendo] o mundo. Mas mesmo pra uma menina daquele tempo, eu acho ela inocente demais. O que ecoou é o nome Clara: Clara, Clarisse, Clarinda, acabou “Clarissa”. Que é um nome pouco usado no Brasil. Depois que apareceu o livro, em 1933, é que nasceu a Clarissa, a filha, em 35. E todo mundo perguntava assim: “Quando é que chega a Clarissa? Quando é que chega a Clarissa?”. Eu achava que era um... Eu gostava do nome, ficou esse.

P: É possível o entrosamento família e trabalho?

EV: Ah, sim. Eu acho impossível, ou quase impossível, quando o cidadão está desentrosado. Uma das coisas positivas da minha vida tem sido o entrosamento família/trabalho. Até porque todo mundo aqui em casa lê. Eu tenho um filho que escreve, e eu acho que escreve bem, eu gosto que ele escreve. Não é?

P: O Luis Fernando?

EV: É o Luis Fernando, é. É muito calado, sabe? Uma vez fomos daqui a Cruz Alta, um calor, e eu disse assim: “Tá bonito, o dia!”. Oito horas depois, lá chegando em Júlio de Castilhos, ele diz assim: “Tá!” [risos]. Ele escreve muito bem. E ele é um que gosta muito de livros, de música, tudo.

P: Há escritores de sua preferência?

EV: Acho difícil dizer. Muito difícil escolher. A gente esquece às vezes daquele que gosta mais. Mas eu não tenho uma lista assim. A sua pergunta, a gente nunca deve responder, que vai acabar esquecendo de uma pessoa, de algum artista... que gosta.

P: O senhor lê muito?

EV: Leio. Gosto muito mais de ler do que de escrever.

P: Qual a diferença entre literatura brasileira e estrangeira? O senhor vê diferença?

EV: Bom, a nossa, realmente, é com certeza dessas literaturas sérias, que tem tradução, uma cultura grande. É uma literatura boa, melhor que muita literatura aqui da América Latina. Há lugares que não têm muitos escritores bons que nem o Brasil, não é? Por muito tempo nós tínhamos enorme influência da literatura estrangeira, mas hoje não. Hoje há autores nacionais de ir atrás.

P: Queria saber sua opinião sobre a condição do escritor brasileiro atualmente.

EV: Olha, depende. Há escritores estabelecidos, como é o caso do Jorge Amado e meu, mas nós começamos há quarenta anos. Nós conseguimos. Mas muitos estão começando, e não são gênios. O gênio não aparece assim tão facilmente. O Beethoven escreveu uma sonata quando tinha sete, oito anos. Ele não perguntou pra ninguém, era um gênio. Mas com um jovem que escreve, ele tem que passar por tudo que a gente passa. Você quer ser marceneiro tem que fazer um banco assim como esse. E claro que não é fácil. Tenta fazer um banco com estilo, quer fazer uma cadeira com estilo. O escritor escreve uma poesia que é publicada no *Correio do Povo*, depois ele quer fazer um livro, depois quer se mudar pra um hotel na semana seguinte. É um processo muito lento, em que entra experiência, estudo, leitura. Agora, em todo país em que se lê pouco e que o poder aquisitivo é pequeno, a condição [do escritor] não é boa. Mesmo o escritor com sucesso, com público, ele não vai ficar rico, esta é que a verdade. Mas eu nunca pensei nisso na minha vida. Viver disso é o bastante. Viver bem. Não dá pra juntar dinheiro. E quando a gente ganha o cheque especial no dia seguinte tem parente já... Há poucos dias aconteceu. Eu ganhei um cheque, e no dia seguinte apareceu um parente em apuros. Assim vai indo o dinheiro... [risos]. Agora, pensando no escritor brasileiro, o difícil é isso: o país é populoso, mas pouca gente sabe ler, e dos que sabem ler poucos gostam de ler, e dos que gostam de ler poucos têm capacidade de comprar. As tiragens são pequenas. A situação financeira sempre é difícil pro escritor brasileiro.

P: Como começou sua carreira?

EV: A minha carreira pra mim foi boa. Eu sou descendente de família de fazendeiros falidos, fracassados. Quando eu tinha doze anos meus avós não tinham mais fazenda. Meu pai botou fora o dinheiro que tinha, aproveitou muito bem a vida... Sobrou pra mim, que não fiquei sendo filhinho de pai rico, tive de lutar. Trabalhei na livraria do Globo, numa revista, até me tornar diretor. Fiz um livro, que não vendeu bem. E fiz um segundo, que vendeu bem e ganhei comissão. Desse segundo, se venderam 7 mil exemplares, da *Clarissa*. Já são 42 anos [deste livro], né? Quarenta e dois anos depois, o livro foi aprovado

e ainda se vende. E como eu tenho muitos livros isso vai acumulando, e vai realmente receber decentemente [direitos autorais].

P: É verdade que o senhor aprecia a pintura?

EV: Ah, muito. Eu sou um pintor fracassado, frustrado. [A gravação é interrompida]

EV: [...] Fiz esse livro [*Incidente em Antares*] pra botar pra fora uma série de coisas que eu tinha contra todo regime totalitário, e contra o regime totalitário que me interessa pessoalmente criticar, que é o nosso, não é? Quer dizer, o Brasil ainda é, comparado com outros, ele ainda é benigno, tenho que reconhecer isso, ele é benigno, não é? Pelo menos, comparado com os piores.

P (Eloar Guazzelli): Mas é indeglutível.

EV: É indeglutível. Como foi o caso de Portugal, com Salazar. Eu tive uma luta com o Salazar em 1959. Porque enquanto meus amigos aqui ficavam com medo do Salazar, eu não ligava. Eu fui a Portugal, fui na faculdade, fui lá e tive o meu *monitor* [alguém que o seguia para controlar]. Fui fazendo conferências antitidatura, anticensura. Na faculdade de Medicina houve uma conferência, estava cheio de estudantes. A gente fez uma conferência antitidatura, anticensura. Na hora da pergunta um rapaz perguntou: “A que atribui vossa excelência a crise que da literatura portuguesa?” “Meu filho, à censura. Nenhum país com censura pode ter uma boa literatura”. Eu ouço mais outra pergunta, de salazarista filhinho de papai: “E se o escritor não tem ética?” “Meu jovem, se não tem ética ele se destrói pelas próprias mãos.” Em todo Portugal de norte a sul eu fiz essa conferência.

[Fala sobre estada na Espanha, sobre o assassinato do Lorca, da censura que oprimia a intelectualidade espanhola. Depois comentam sobre a então *Thecoeslováquia*, que Erico visitou, com destaque para a cidade de Praga. Um longo trecho de difícil decifração, na fita.]

P: Eu queria fazer uma pergunta. A tarde toda, observando aqui a sua sala, e achei muito atraente essa parte, estava observando os quadros durante a entrevista, o senhor é [autor de algum deles]?

EV: Eu não, não. Quem me dera pintar assim. [Começa a apresentar os autores de cada quadro]

e peça]. [Aquele] é de uma moça, chamada Do Carmo Fortes, filha do Tenório Cavalcanti. O lá de cima, vermelhão, é do Iberê, Iberê Camargo; de baixo [é] do Ado Malagoli, do outro gaúcho também no centro, do Glauco Rodrigues; tem o Di Cavalcanti, tem o Elias, aqui tem um japonês-americano que pintou a Clarissa quando ela tinha 19 anos, agora ela tem 40. Ali é de um gaúcho, Antonio Gutierrez, muito bom aquele quadro. [Pede para um dos entrevistadores] Acenda aquela luz ali, faz favor? [Volta a descrever os quadros e outros elementos decorativos da sala.] Esse é de um baiano. Aquele ali feito de nó de bambu é japonês. Aquele cavalinho dali é de Ouro Preto. [Pintura de uma] casa de arquitetura mexicana, o tapete é grego, aquele tapete é mexicano. Aquele santo lá em cima, lá da Galicia, Santiago, aquele castiçal ali é judeu. E assim...

P: O senhor nunca pintou nenhum quadro?

EV: Eu pinto, um pouquinho eu pinto.

P: O senhor influenciou de algum modo o seu filho?

EV: Não, não, não. Ele lê muito. Ele lê muito, ele tem muita influência de literatura anglo-saxônica.

P: Então vou perguntar, então. O senhor só tem uma filha, a Clarissa, e um filho, o Luis Fernando? Só tem os dois?

EV: Só. Tenho um neto de dezessete anos, quase mais alto que eu. Tenho três netos americanos e aqui tem duas netinhas e um neto brasileiro.

P: E a Clarissa está morando lá [nos Estados Unidos]?

EV: Tá aqui. Mora aqui agora. Está há dois anos aqui. Quando morava lá, morava em Washington.

EV: [Inverte a posição de entrevistado e agora pergunta para os estudantes] Qual é tua escolha, escolheste a tua profissão?

Estudante 1: Eu ainda não escolhi bem, mas eu gosto de psicologia.

EV: Isso, que bom. O mundo tá precisando cada vez mais de psicólogos, não é? E tu?

Estudante 2: Eu não sei, [gosto de algo] assim mais lógico.

EV: Do que que tu gosta? De atividade manual? Não? Já pensou na matemática?

Estudante 3: Eu gosto muito de matemática, mas não.

EV: Biologia [também] é muito bonito, lindo. É muito mais pra pessoas mais velhas...

Estudante 4: Eu arquitetura ou direito. Não sei.

EV: Arquitetura é muito legal, eu gosto muito.

Estudante 4: Mas tá em decadência.

EV: Aqui no Brasil ou em todo mundo?

Estudante 4: No Brasil e nos outros países...

EV: Da América Latina?

Estudante 4: É, da América Latina.

EV: É, mas ainda dá pra corrigir, né?

Estudante 4: É a chegada da visão americana, a cidade americana. Não como a cidade europeia, que é aberta, arborizada. Nós aqui não.

EV: Certo. Eu tô contigo. Tem que humanizar essa cidade. A cidade tá horrível. [...] Eu tenho adoração por cidades antigas. Toledo é uma, Salamanca, Ouro Preto... Os museus dessas cidades... O melhor aperitivo de uma cultura é visitar um museu.

P: O senhor já esteve no Museu Imperial, em Petrópolis?

EV: Já, já. Há muito tempo, fui lá. Eu gosto muito do Museu do Prado [em Madri]. O Louvre tem muita coisa, não é? Tem a famosa Vênus de Milo... O que me decepcionou um pouco é a Capela Sistina. A gente imagina muito grande e não é. E não é bem iluminada.

P: E custa muito chegar lá? Não? Como que é?

EV: É, é labirinto. Eu visitei com um camarada, entrei assim em grupo, com um conhecido, que depois foi para a Itália como embaixador brasileiro. Eu perguntei pra ele: "Qual é o melhor Michelangelo que existe?". Ele falou: "O meu". Tá bom.

P: Gente rica.

EV: Gente rica, é. É outra coisa, né?

P: O senhor se sente melhor em país subdesenvolvido ou já desenvolvido?

EV: Ah, eu prefiro de fato país desenvolvido. É bem mais fácil da gente viver, não é? Mas a gente, naturalmente, fica triste porque, sabe, fica triste... Por exemplo, o México é um país subdesenvolvido, que está em um processo de desenvolvimento que é muito interessante de ver. Sabe por quê? Porque todo ele é bonito. A todo ângulo que a gente vê pode fechar o olho e tirar a fotografia assim, que a luz é boa e o ângulo é

bom. E é área popular mais rica da América, de todas as Américas.

P: O senhor falou no início da entrevista que se sentiu muito bem na Itália, na Europa. E todos os livros falam que a Itália é o país da arte na Europa.

EV: Não. Dentro da história da arte sim, porque foi, né? Ela foi [a mais artística]. E natural, por isso fica na história. À primeira vista o pessoal acha que o italiano é bruto, ou descuidado, ou malandro. Quem foi lá depois da [Segunda] Guerra descobriu um novo tipo de gente que é o gigolô, que é o jovem italiano, que tem pouco dinheiro, mas bota uma roupa bem feita, uma gravata azul e um cabelo bem engomado, e vai esperar turista cheio de grana pra explorar. Agora, tem um talento do cão. E com todos esses defeitos aqui do italiano, o italiano é o homem mais perto da vida. Acho que o italiano é um homem que tem intimidade com a vida e com o próprio corpo. Não tem essa hipocrisia anglo-saxônica, que faz uma série de patifarias políticas, esconde uma quantidade de coisas assim do povo. Acho que o italiano é mais perto da vida. O italiano é um homem que te logra, que te engana na rua e que tu acha graça e ainda dá uma gorjeta pra ele, uma cortesia, como aconteceu comigo. Como um rico automóvel que me pegou na estação, não baixou a bandeira [do taxímetro], não sabia o lugar onde ele ia me levar e só no meio do caminho, depois de andar bastante, que eu li o guia que eu descobri o valor [da corrida]. Já o francês é mais... cacete. Lá a concierge, que é a mulher que cuida do edifício, teve uma vez, que tomou uma passagem da gente do metrô, o subterrâneo, parece que saiu da revolução francesa, saindo do combate. Agora como cidade é a cidade mais bonita. A única cidade do mundo que tá pronta, pra mim, é Paris.

P: E o senhor já conheceu Europa e América ou o senhor conheceu também a África e Ásia?

EV: Não, não fui. Na Ásia eu fui, eu só dei um pulinho. Botei os pés na Ásia Ocidental, a Turquia, eu fui lá ver um lugar chamado Éfeso, depois voltei a Constantinopla, que fica do lado europeu. Aqui da América que não conheço a Bolívia... Qual é o outro?

P: Paraguai?

EV: Isso. Exatamente. Paraguai e Bolívia.

P: O senhor conheceu o Chile então?

EV: Conheci o Chile. Gosto muito do chileno.

P: O senhor conheceu Pablo Neruda?

EV: Não. Pessoalmente não.

P: E o Peru?

EV: O Peru conheci, gostei. Fui até Machu Picchu. É. Vai de avião. Duas horas de avião, 2.600 metros em Cuzco. Eu me entusiasmei muito com Cuzco. Comecei a subir escada e tirar fotografia. E depois fiquei de noite que não conseguia dormir. Quis ir embora no dia seguinte, não quis ir a Machu Picchu, mas não tinha lugar no avião simplesmente. Aí fiquei e acabei indo [a Machu Picchu]. Foi melhor, inclusive. Ficar mal da altitude, né? A respiração fica por aqui.

P: Mas você já tinha algum problema?

EV: Não. Eu acho que não. É, mas com muita gente acontece. Tanto é que no segundo dia é melhor. É só tomar cuidado no primeiro dia. Tem que comer pouco, caminhar pouco, deitar muito. Repousar.

P [Eloar Guazzelli]: Então, meninos, vocês estão satisfeitos?

EV: Deixa eu terminar uma coisa, falar pra eles. Se vocês.... Seguinte: vocês não sabem a importância que é estudar. Não é conselho de velho, assim. É realmente importante. Eu não terminei meu curso. Aí que eu estudei, depois, muita coisa. De vez em quando a se sente que tem que por o pé no barro, né, que tem que descobrir. Não adianta parar. Quando mais a gente sabe, mais humilde a gente fica e mais a gente sabe que não sabe. E fica preparado pra tudo.

P: Uma última pergunta...

EV: [atalha] Mas viver é importante. Viver é muito importante, ninguém estudar só pra estudar. A vida é mais importante.

P: Uma última pergunta.

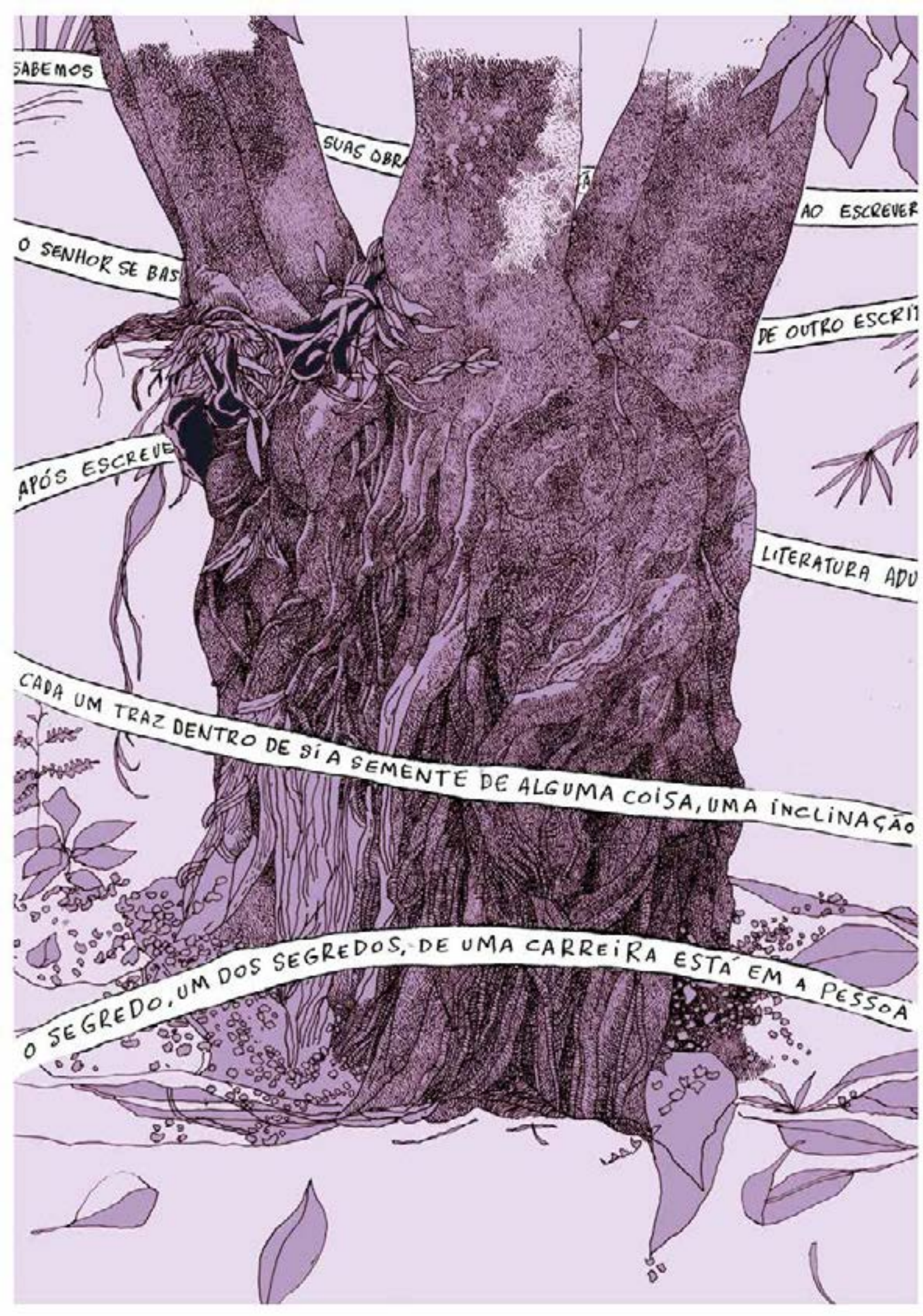
EV: Pode.

P: Então você ali escreveu *Caminhos Cruzados*. E no prefácio o senhor diz que [há uma diferença] muito grande entre *Caminhos Cruzados* e *Clarissa*. Só queria que explicasse, por favor.

EV: *Clarissa* é um livro, assim, que gira em torno da vida cotidiana. Com um tema ingênuo. Em *Clarissa* eu não me preocupo com problemas sociais. Mas em *Caminhos Cruzados* eu achei ne-

cessidade em me preocupar com o lado escuro da vida também. Depois, o que eu tentei atingir é uma medida justa. Que a vida é feita de tudo um pouco. “É preciso um pouco de tudo pra fazer o mundo”, dizem os judeus, não é? Eu acho que o escritor não deve ter nenhum partido político. Ele deve ter ideais políticos, ideias políticas. E prestar serviço no seu setor. Porque se ele pertence a um partido político, ele tem que seguir a linha do partido. O que o partido faz, o que um país faz, isso se dissolve na história, agora o que um escritor faz fica escrito no livro. Eu não posso escrever o mundo só de felicidade, de gente feliz. Nos meus outros livros [procuro enxergar] todos os lados da vida, mas deixando bem destacada a desigualdade que há. E claro que sem-

pre haverá, depois que todo mundo tiver o que comer, o que vestir, onde morar, onde trabalhar, tudo garantido, ainda haverá problema individual. Tem a convivência do outro, tem o problema do amor. Fulana gosta de Pedro, mas Pedro gosta de Maria, Maria gosta de Antônio. No plano do João, Antônio não tinha nada que ver com a história, né? Esses problemas continuam, mas as coisas de comer e vestir são [essenciais]. Porque nós não resolvemos as preliminares. Tem que ter trabalho, educação pra todo mundo. É um mundo possível, não é? Com esse orçamento de guerra e com muita besteira que eles fazem, até na conquista do espaço, né?, dava pra ter uma casa pra cada um.



SABEMOS

SUAS OBR

AO ESCREVER

O SENHOR SE BAS

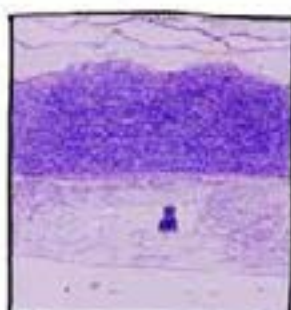
DE OUTRO ESCRIT

APÓS ESCREVE

LITERATURA ADU

CADA UM TRAZ DENTRO DE SI A SEMENTE DE ALGUMA COISA, UMA INCLINAÇÃO

O SEGREDO, UM DOS SEGREDOS, DE UMA CARREIRA ESTÁ EM A PESSOA



PONTA DA
CAIACANGA-
AÇU



FLORIANÓPOLIS



NOVEMBRO



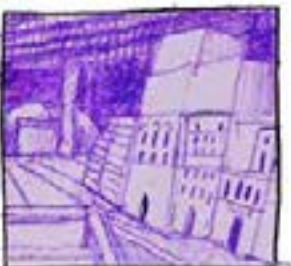
2025



CARÍSSIMA, ANTES DE TUDO
ACHO BOM ME APRESENTAR.
EM TEMPO DE PRESIDENTES
AUTOPROCLAMADOS, ME SINTO
LIBERADO PARA ME DECLARAR
NÁUFRAGO.



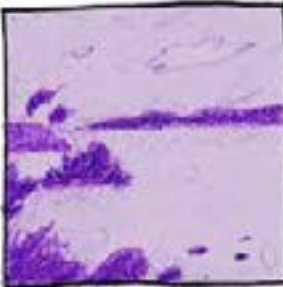
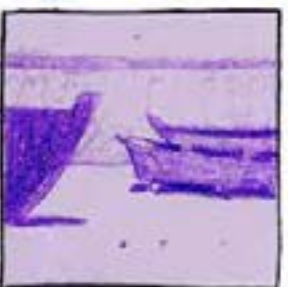
GOSTO DE OLHAR O CONTINENTE AQUI
DA ILHA - ONDE MORO E FAÇO MINHAS
ARTES - VIVENDO A ILUSÃO DE QUE
TODA LOUCURA E DESESPERO DOS TEMPOS
ESTÃO LÁ.



NÃO É ESTE
O ASSUNTO.



MAS O
CONTEXTO
IMPORTA.



ME MUDEI EM 2020 PARA O
SUL DA ILHA DE SANTA
CATARINA ONDE ENTRE
OUTRAS COISAS TRABALHO
NA ADAPTAÇÃO DE O CONTI-
NENTE (ÉRICO VERÍSSIMO)
PARA OS QUADRINHOS.

AGORA EU CONFESSO QUE, EM O TEMPO E O VENTO, O PERSONAGEM

O
TEMPO
E O
VENTO



TO RÍBIO É UM TIO MEU, DE QUEM EU FALO MUITO BEM NA MINHA AUTO



O QUE VOU CONTAR
AQUI É OUTRA COISA
- DIRETAMENTE LIGADA -
MAS NOUTRO CONTEXTO,

ACONTECE QUE TIVE A HONRA
(E SORTE) DE FAZER UMA DAS ÚLTIMAS
ENTREVISTAS DO GRANDE ESCRITOR PARA
UM TRABALHO DE COLÉGIO - SAUDOSO GINÁSIO
ESTADUAL SANTOS DUMONT, A PONTE FOI FEITA POR
MEU PAI, O LEGÍTIMO ELOAR GUAZZELLI, POR CONTA DE SUA
MILITÂNCIA PELOS DIREITOS HUMANOS TINHA UMA RELAÇÃO PRA-
TERNA COM O ÉRICO, E LÁ FOMOS NÓS: AGNES, ELOAR FICHO,
FLÁVIO E KÁTIA. O ENCONTRO FICOU REGISTRADO NUMA MÍTICA
FITA K7, RESGATADA QUASE CINCO DÉCADAS DEPOIS PELO
FLÁVIO, UM OBJETO CUJO CONTEÚDO ME PROVOCA INTENSAS
EMOÇÕES.



A COMEÇAR PELO
NO SEU LOCAL DE T
LIVROS, MUITOS
AQUELA CASA

ESCUTAR UM ESCRIT
UM TEMPLO ON
REVISTAS DE TOD
HOJE PERMANEC

BOM, A NOSSA, REALMENTE, É COM CERTEZA DESSAS LITERATURAS SÉRIAS QUE TEM TRADUÇÃO

E ONDE TER
GENERO SO
DO SEU TEM
PASSADA A
DE FORMA
FELIZ DE DIALOGAR
ABRIU NÃO SÓ A CASA,
OBJETOS VARIADOS,
TESTE MUN
AQUE
UM OU
AS
OS
E

MUITAS VI
MIAIS DE TRES H
UMA CONVERSA NA
INICIAL OS TEMAS FLU
A NATURAL, DAVA PRA PERCEBER
COM JOVENS LEITORES
SUAS MEMÓRIAS E
PINTURAS QUE ERA
COM OUTROS
É UM TESTE MUN
O MUNDO DA GUERRA
SÃO COMO UM RIO
AS FALAS ESCORRE
CIDADES, LIVROS
ACHO QUE ERA SÁBIA
E HOJE TAMBÉM, M
PERSPECTIVA DE AUT

ATENÇÃO E RESPEITO QUE
SIM, O SÉCULO VINTE AO ME
TEMPO. NA FITA PODE RE
NÃO OUVIA DESDE O TAMBÉM DISTANTE ANO DE 1994. DE QUE-
BRA REENCONTREI MINHA PRÓPRIA VOZ - RARAMENTE TÍMIDA,
POR CONTA DA CIRCUNSTÂNCIA - AOS 13 ANOS DE IDADE.
ACHEI QUE ESTE TOM DE CARTA SERIA MAIS ADEQUA
NESTA ÉPOCA DE
FIGURINHAS.
NADA E POR

EU
ECONHEÇO
A CONVERSA.
DE VIAGAR NO
DO MEU PAI, QUE
DE 1994. DE QUE-
RARAMENTE TÍMIDA,
AOS 13 ANOS DE IDADE.
MAIS ADEQUA
ORNADAS
BARULH
FORMA

E AQUEL
ÉRICO TARDE TROUXE OUTROS ENCANTAMENTOS,
ABRIU MAIS QUE SUAS MEMÓRIAS E NOS
SUA CASA ONDE JÁ VIVIA SEU BRILHANTE
FERNANDO, CONSTRUINDO AQUELA FA-
QUE ANOS DEPOIS EU TERIA O PRIVILÉ-
DE CONVIVER, MEIO POR ACASO VIREI FI-

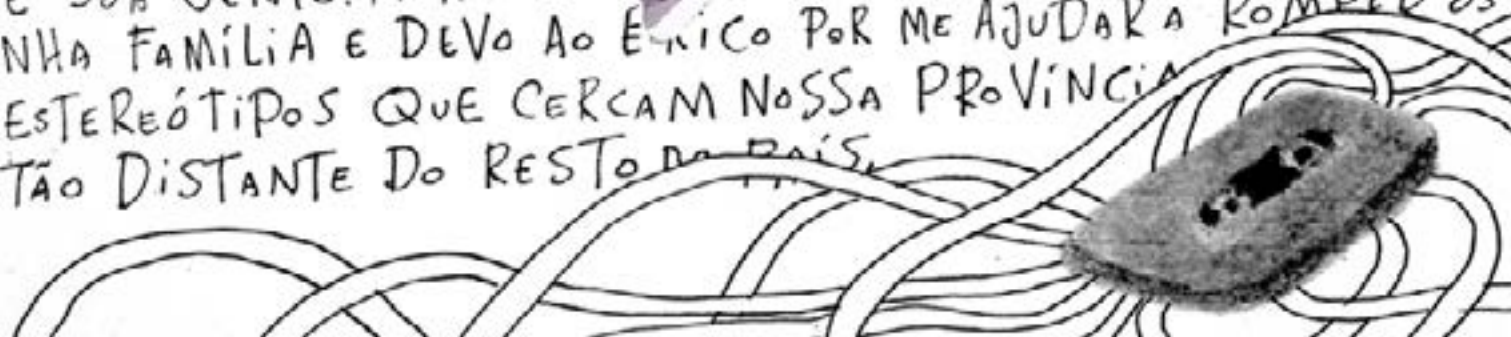
O SENHOR LÊ MUITO? LEIO. GOSTO MUITO MAIS DE LER DO QUE DE ESCREVER...
CURA DA ANIMAÇÃO, CRIATURA DO
SENHOS ANIMADOS UNS
UTIO
ANOS DEPOIS E

CARTUNISTA PORQUE NO RIO GRANDE
SE CRUZAM E ENTÃO JÁ NO NÚCLEO
ANIMAÇÃO A NETA FERNANDA VIR-
ENADORA E GRANDE AMIGA, OS
OLTEI A FREQUENTAR AQUELA C
SEM A FIGURA DO ÉRICO, MAS
PRE PRESENTE EM CADA RECANTO E
LÁ ENCONTREI DONA MAFALDA, SUA COMP

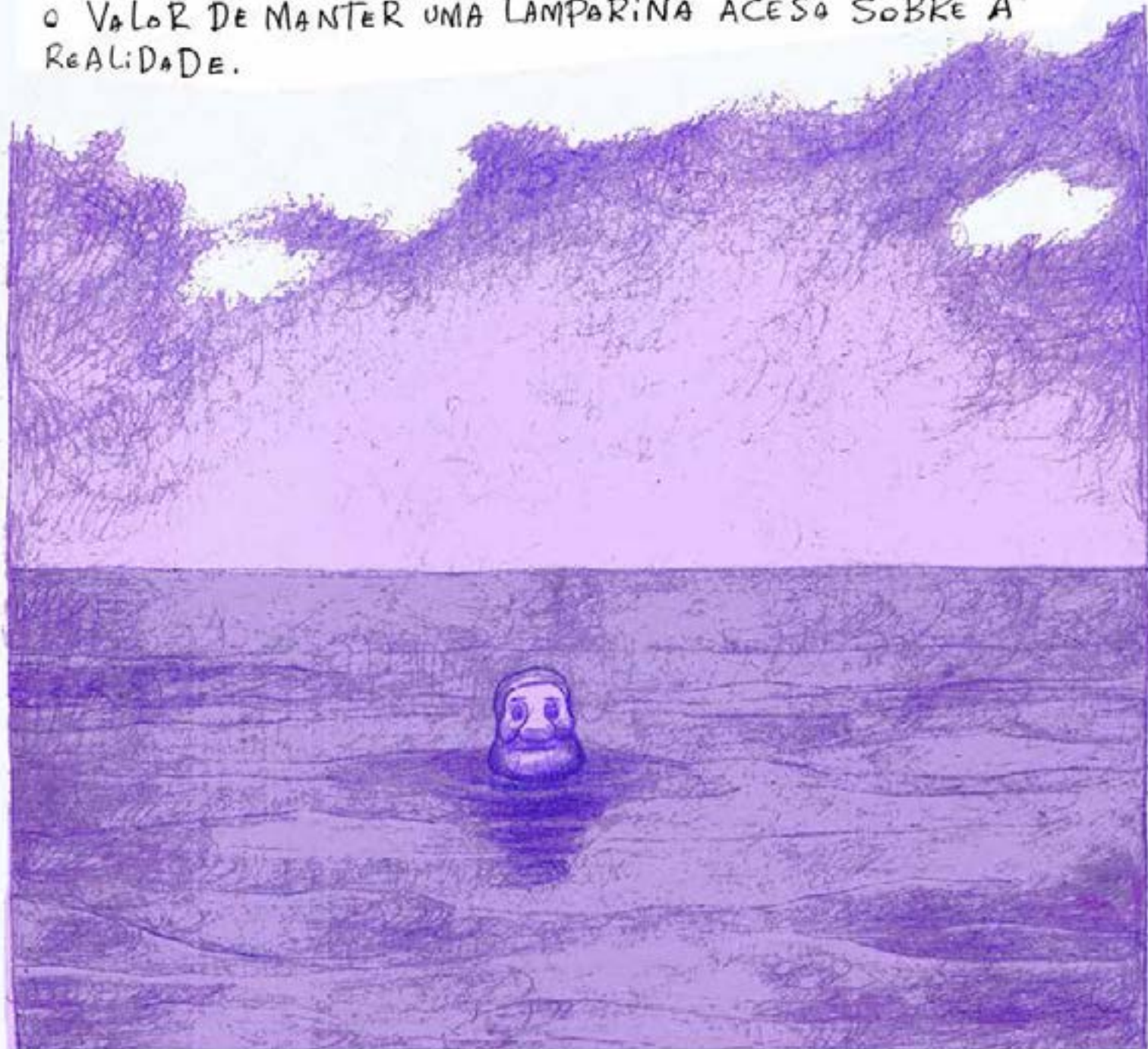
AMIGAS, NÍDIA GUIMARÃES, OLGA RE
ESTA ÚLTIMA MINHA PROFESSORA
NESTE FLUXO DE TEMPO E AMIZAD
PROJETOS EU PERCEBO O VALOR
QUASE PREMONIÇÃO DE TANTA
NÃO DEIXAM DE SER A CONTINUA
ME EMOCIONA PORQUE AÍ
ALMA DO PRÓPRIO "O TEMPO
REFERENDANDO O OLHAR DO
E SUA GENTE. MOREI 20 ANOS EM SÃO PAULO, LÁ CRIEI MI-
NHA FAMÍLIA E DEVO AO ÉRICO POR ME AJUDAR A ROMPER OS
ESTEREÓTIPOS QUE CERCAM NOSSA PROVÍNCIA
TÃO DISTANTE DO RESTO DO PAÍS.

E
GUNS
FITA
QUE
E ISTO

EST
PRESENTE A
VENTO", INOSSOS ENCONTROS
ESCRITOR PARA SUA TERRA
OS EM SÃO PAULO, LÁ CRIEI MI-
POR ME AJUDAR A ROMPER OS



"SE VOCÊS QUISEREM ENTENDER DE VERDADE ESSE POVO MEIO ESTRANHO - QUE É MINHA FAMÍLIA - LEIAM O TEMPO E O VENTO. VOCÊS VÃO DESCOBRIR QUE TALVEZ SEJAMOS MAIS TERRA DO QUE CAMBARÁ. E QUE AO CONTRÁRIO DO QUE MUITOS PENSAM, SE NÃO FOSSE O SENTIMENTO DE BRASILEIRIDADE DOS GAÚCHOS NA BAHIA HOJE ESTARIAM FALANDO ESPANHOL, MAS ISTO JÁ É CONVERSA DE UM NÁUFRAGO QUE ESTÁ EM SUA CASA NA ILHA TERMINANDO OS DESENHOS DO ÁLBUM DE QUADRINHOS QUE TRADUZ ESTA OBRA PARA IMAGENS SEQUÊNCIAS. MAS QUE VIRA E MEXE SE EMOCIONA ESCUTANDO AQUELAS VOZES DE UM OUTRO TEMPO, E QUE APRENDEU COM ÉRICO O VALOR DE MANTER UMA LAMPARINA ACESA SOBRE A REALIDADE.



CARTAS DE ERICO A THEODEMIRO TOSTES

Recebe com a Mary⁶ o nosso abraço. E... até novembro!

Do velho amigo, Erico

P.S. Se vires o Alvaro Tostes transmite a ele e Sinházinha o nosso abraço

Notas de Luís Augusto Fischer

Frankfurt, 2 de março de 1968

Meu caro Theo¹: Mafalda² e eu pretendíamos ir dar um abraço em vocês, antes de embarcar, mas quem foi que disse que nos deram tempo para isso? Nossa casa vivia cheia de gente da manhã à madrugada.

Aqui estamos na Alemanha. Gente disciplinada, trabalhadeira - como dizia a minha avó Maurícia - muito progresso, etc. Mas confesso que este não é o meu mundo. Prefiro as bandas do Mediterrâneo ou então a velha Inglaterra.

Imagina tu que, em menos de 20 dias, tivemos um itinerário meio a la Phineas Fog³. Vimos Bruges, a morta (do Rodenbach⁴ e do Alvinho⁵) Bruxelas a chata, Paris, Nice, Cannes, St. Paul de Vence, Roma, Messina, Taormina (que achei mais bonita que Capri) Roma de novo, Veneza, Viena, Salzburgo. Desde 25 de abril estamos na Alemanha - Munique e arredores, Rothemburg, Eberbach, Heidelberg e agora Frankfurt. Dentro de dois dias vamos para Bonn e Colona. Depois vem a parte que mais me interessa nesta viagem - a Tchecoslováquia. Estaremos em Praga para o festival de primavera.

Em Paris estivemos com a Beata, que manda a vocês abraços, beijos e um volume de Mallarmé. Como só estaremos de volta ao Brasil em novembro, tratarei de descobrir um portador de confiança para te mandar o livro.



Papel de carta do Hotel Hessischer Hof, Frankfurt/M, Friedrich-Ebert-Anlage 40. Na parte inferior, propaganda da Lufthansa. Escrito à mão, com caneta

NOTAS

1. Theo: Theodemiro Tostes (1903 - 1986), poeta, cronista e memorialista, da mesma geração de Erico, foi diplomata; na aposentadoria, retornou a Porto Alegre. Autor de obras preciosas, em especial *Nosso bairro*, memórias.

2. Mafalda: esposa de Erico
3. Phineas Fog: trata-se de fato de Phileas Fogg, personagem de Júlio Verne em *A volta ao mundo em 80 dias*.
4. [Georges] Rodenbach: escritor belga, autor de um romance chamado *Bruges-la-morte*, “Bruges, a morta”
5. Alvinho: Alvaro Tostes, irmão de Theo; sua esposa era conhecida como Sinhazinha (de solteira, Maria Adelaide Scarpellini).
6. Mary: esposa de Theo

PAlegre, 27/2/1969

Erico Verissimo
 Meu caro Theo: Todas as
 combinações que tenho feito
 com "nosso primo" Foguinho
 para irmos juntos ver vocês
 até agora têm falhado.
 É uma vergonha que eu
 ainda não tenha entregue

a vocês o livro do "véio" Mallarmé.
 Qualquer hora Mafalda
 e eu apareceremos aí com
 ou sem os Rosas. I mean,
 qualquer hora conveniente
 para vocês.
 Abraços do Erico

Cartão pequeno, 14,5 x 8cm, com o nome "Erico Verissimo" impresso no alto à esquerda, escrito à mão, na frente e no verso

Meu caro Theo: Todas as combinações que tenho feito com “nosso primo” Foguinho para irmos juntos ver vocês até agora têm falhado.

É uma vergonha que eu ainda não tenha entregue a vocês o livro do “véio” Mallarmé¹.

Qualquer hora Mafalda e eu apareceremos aí com ou sem os Rosas². I mean, qualquer hora conveniente para vocês.

Abraços do Erico

NOTAS

1. O livro do “véio” Mallarmé: ver a carta anterior, em que Erico menciona esse livro com presente de uma amiga a Theo.
2. Os Rosas: provavelmente referência a Alberto Vianna Rosa e sua esposa, ele médico, amigo de Erico e de Theo.

McLean, Virginia, 21 de agosto de 1970

Meu caro Theo: Só fiquei sabendo da morte do nosso amigo Augusto¹ através duns recortes que me mandaram de Porto Alegre. Pensei logo em ti, que era o melhor amigo do Bilú. Não sei de que morreu: a notícia referia-se apenas à homenagem que lhe prestaram na A.B.L.²

Coisa curiosa. Dia 24 de julho sonhei com o Aug. Vi-o nitidamente, sentado atrás duma mesa, sereno. Quando me viu, disse: “Senta, poeta, vamos conversar.” Comecei a dizer-lhe o quanto admirava seus escritos e como me sentia encurralado por dizer isso, com medo de estar assumindo ares protetores. Foi uma conversa muito clara e lógica, em que me vi e ouvi falando, sem essas confusões dos sonhos. Dia 26 resolvi escrever uma carta ao Augusto, fiz o rascunho e depois deixei-o de lado, não sei bem por que, talvez por não ter a certeza de que ela pudesse chegar ao seu destino.

Parece mentira, mas todos os planos que Mafalda e eu fizemos para visitar vocês nunca se realizaram. Nossa casa vive cheia de gente. Para não ser perturbado nas horas de trabalho à tarde, peço aos postulantes que venham à noite, de sorte que temos a maioria delas cativas.

Saí de Porto Alegre sem me despedir de ninguém. Estava para estourar de tantos problemas - velhos doentes na família, gente que dependia de nós, duas vezes por semana atmosfera de hospital, e mais repórteres pedindo entrevista, e mais a sombra do Buzaid³, e a infundável romaria dos plumitivos que querem prefácios, pistolões junto aos editores, etc. Ora, como todo o perigo para este velho coração me entra pela cabeça - resolvi disparar para cá. Faz quase dois meses que aqui estamos à sombra dos netos em flor. Consegui quebrar

o spell negativo que os States exerciam sobre a minha capacidade de criar ficção neste ambiente, e estou trabalhando muito bem, com grande regularidade, num novo romance (INCIDENTE EM ANTARES) algo completamente diferente de tudo quanto tenho escrito até agora.

E vocês? E o nosso querido amigo e “parente” Alberto Rosa⁴? Vivemos com o coração na mão por causa... do coração dele. Havemos de nos ver before too long. Pouco antes do Natal estaremos de volta. - Recebe com Mary o nosso afetuosos abraço, votos de saude, felicidade e todas aquelas outras coisas que o Barão de Itararé sabia dizer tão bem.

Do velho amigo

Erico



Papel para carta, azul claro, na mesma folha de papel em que, do lado oposto, está impresso o envelope a ser dobrado para postagem; batido à máquina com assinatura à mão

NOTAS

1. Augusto, Bilú, Aug: referências a Augusto Meyer (1902-1970), poeta, tradutor, crítico literário, líder da geração modernista em Porto Alegre, grande amigo de Theo e figura de referência para Erico assim que ele se instalou em Porto Alegre. Foi para o Rio de Janeiro em 1935, lá permanecendo até a morte. Ocupou cargos destacados, especialmente o de diretor do Instituto Nacional do Livro.
2. A.B.L.: Academia Brasileira de Letras, à qual pertencia Augusto Meyer
3. Alfredo Buzaid (1914-1991): ministro da Justiça do governo Médici, famoso em 1970 por justificar a censura, fortemente criticada por Erico.
4. Alberto Rosa: Alberto Vianna Rosa, médico, amigo de Erico e de Theo.

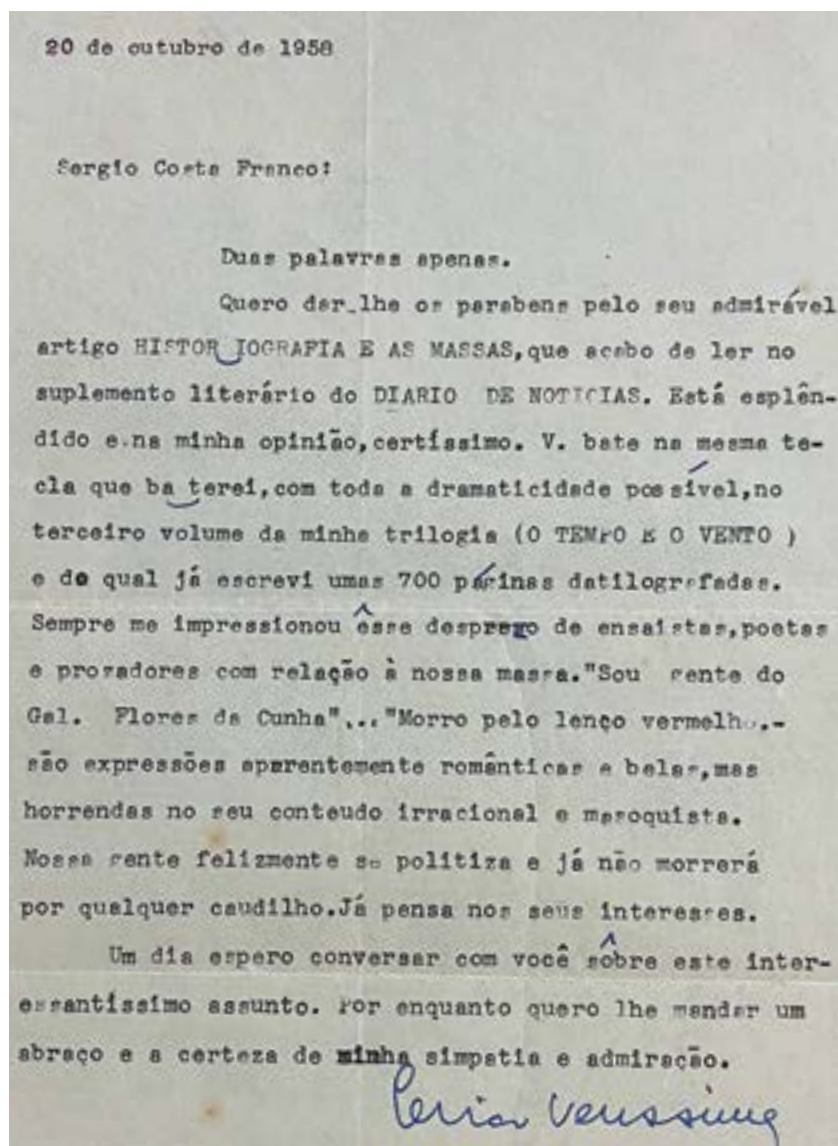
DOS GUARDADOS DE SÉRGIO DA COSTA FRANCO

Miguel da Costa Franco

Entre os tantos guardados que nos deixou Sérgio da Costa Franco, encontramos duas cartas amáveis a ele enviadas por Erico Verissimo. Como bom historiador, que valorizava fontes alternativas como essas, soube preservá-las para a posteridade em seus ar-

quivos pessoais, certo de que, em algum dia distante, alguém poderia valer-se delas. Viva a Parêntese!

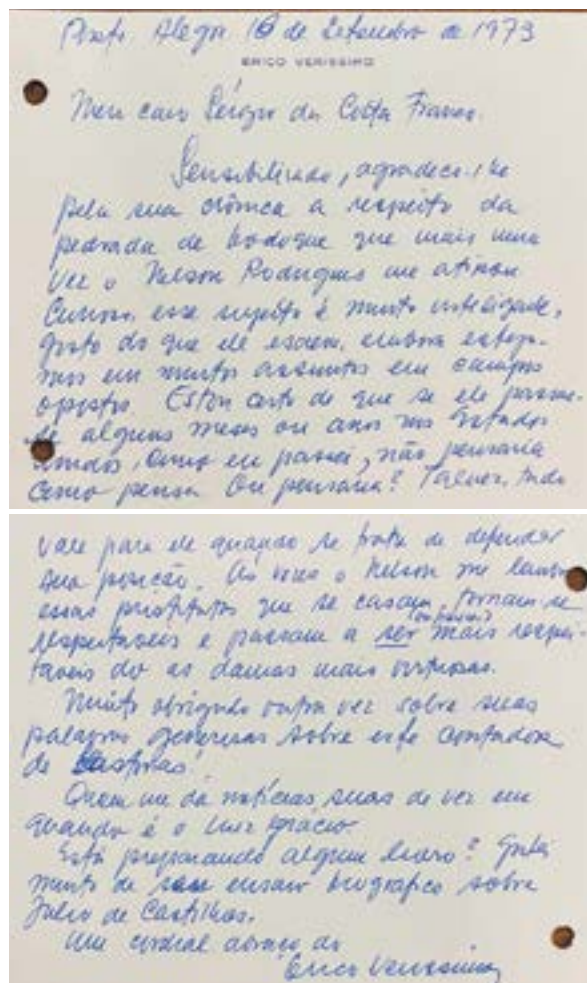
A primeira carta é uma preciosidade, porque enviada durante o período em que Erico dedicava-se à escrita de *O Arquipélago*, a terceira parte de *O Tempo e o Vento*. Nela, tece elogios ao conteúdo do artigo *Historiografia e as massas*, publicado no Diário de Notícias no dia imediatamente anterior, 19.10.1958, indicativo de que o tema o havia impactado de fato. No artigo, SCF trata do caráter excludente da historiografia política e militar do RS, que omitiria a participação das massas, tratando sempre os eventos ocorridos como conflitos entre caudilhos e caudilhos, generais e generais, chefes contra chefes, desprezando a participação dos homens comuns. A partir desse mote, disse-



Erico saúda o historiador por incluir as massas na história

ca as possíveis causas para isso.

A segunda carta, igualmente preciosa, tem um tom mais divertido, em que Erico se permite falar com alguma intimidade de suas impressões sobre o já sexagenário jornalista, cronista e teatrólogo, carioca por adoção, Nelson Rodrigues. SCF defendeu-o da crítica do cronista, que acusou Erico Verissimo de ser anti-ocidental por ter criticado os bombardeios do Vietnam, exaltando seu caráter independente e humanista.



Erico agradece o apoio de Sérgio da Costa Franco

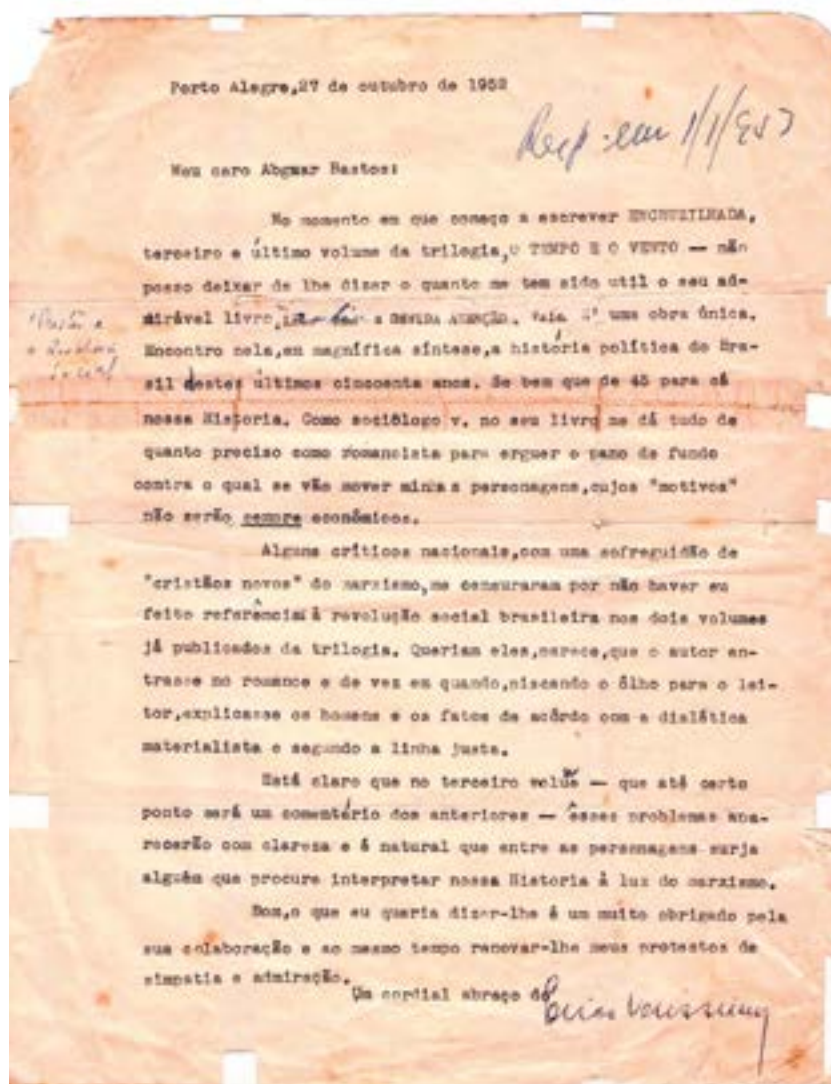
Transcrição de carta, escrita à mão em papel com timbre pessoal. A acentuação do texto respeita a grafia original.

*

Porto Alegre, 16 de setembro de 1973.
Meu caro Sérgio da Costa Franco:

CARTA DE ERICO A ABGUAR BASTOS

Datilografada, assinada à mão; anotação de Abguar Bastos à caneta: "Resp em 1/1/953". Marcas de pequenos cortes nas bordas e desgaste de dobras do papel. O papel da carta está colado sobre uma folha branca mais resistente



Meu caro Abguar Bastos¹:

No momento em que começo a escrever ENCRUZILHADA², terceiro e último volume da trilogia O TEMPO E O VENTO - não posso deixar de lhe dizer o quanto tem sido útil o seu admirável livro [rasurado] a DEVIDA ATENÇÃO. [Vale.] É uma obra única. Encontro nela, em magnífica síntese, a história política do Brasil destes últimos cinquenta anos. Se bem que de 45 para cá nossa História. Como sociólogo v. no seu livro me dá tudo de quanto preciso como romancista para erguer o pano de fundo contra o qual se vão mover minhas personagens, cujos "motivos" não serão sempre econômicos.

Alguns críticos nacionais, com uma sofreguidão de "cristãos novos" do marxismo, me censuraram por não haver feito referências à revolução

social brasileira nos dois volumes já publicados da trilogia. Queriam eles, parece, que o autor entrasse no romance e de vez em quando, piscando o olho para o leitor, explicasse os homens e os fatos de acordo com a dialética materialista e segundo a linha justa.

Está claro que no terceiro volume - que até certo ponto será um comentário dos anteriores - esses problemas aparecerão com clareza e é natural que entre as personagens surja alguém que procure interpretar nossa História à luz do marxismo.

Bom, o que eu queria dizer-lhe é um muito obrigado pela sua colaboração e ao mesmo tempo renovar-lhe meus protestos de estima e admiração.

Um cordial abraço do

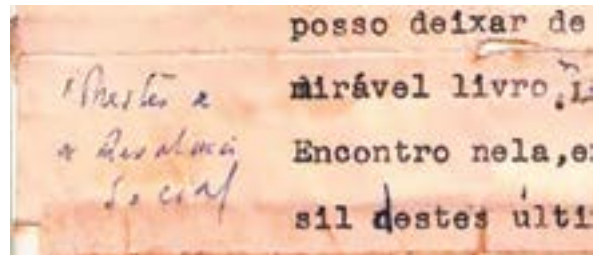
Erico Verissimo

NOTAS

- Esta carta faz parte do acervo de Flávio de Leão Bastos Pereira, neto do autor.
1. Abguar Bastos: Nascido em Belém do Pará, 1902, e falecido em São Paulo em 1995, foi um escritor e político. Formado em Direito pela U. F. do Amazonas, tomou parte de um grupo de escritores vanguarda, com alguma vinculação com Raul Bopp. Foi promotor e jornalista. Participou da revolução de 30, mas afastou-se das posições varguistas; foi um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora no Pará. Chegou a ser preso, acusado de envolvimento com os comunistas, por mais de um ano. Foi deputado federal pelo PTB de São Paulo em 1954, pouco depois de receber esta carta. Recebeu em 1987 o troféu Juca Pato, exatos vinte anos depois de Erico ter sido agracia-

do com a mesma distinção. Entre seus livros constam os romances *Safra* (1932) e *Terra de Icamiba* (1934), e o ensaio *Prestes e a revolução social* (1946).

2. ENCRUZILHADA: a terceira parte de *O tempo e o vento* de fato veio a ser chamada *Arquipélago*, quando foi publicado, em 1962



Na margem esquerda, anotado à mão:
"Prestes e a Revolução social"



ALGUMAS CARTAS DE ERICO VERISSIMO¹

Dionísio Toledo

1. Embora um livro de Erico Verissimo tenha sido colocado no programa de português pelo professor Léon Bourdon nos anos 50, embora sua obra tenha sido depois proposta na graduação e em concursos², embora tenham surgido na França dois admiráveis conhecedores de seus textos, Jean Roche e Paul Teyssier³, nossa apresentação de sua correspondência constitui neste país somente a ter-

ceira publicação dedicada a esse autor.

As dezessete cartas de Erico Verissimo que reunimos⁴ aqui são de natureza muito diferente. É por esse motivo que as dividimos e reunimos em três seções: primeiro, as cartas endereçadas a nós mesmo, cartas de caráter pessoal que, no entanto, dão muitas informações sobre a atividade intelectual do autor durante os últimos anos de sua vida; o segundo grupo compreende a correspondência endereçada a Mary Pedrosa sobre um tema específico de pesquisa literária; por fim, uma carta endereçada a Daniel Fresco, que consiste em uma resposta às questões que esse jovem pesquisador lhe fazia enquanto preparava uma dissertação de mestrado intitulada “O Aspecto Político em Erico Verissimo”, sob a orientação do professor Raymond Cantel.

Nos três casos, além dos detalhes que completam seus escritos autobiográficos, encontra-

1. Este artigo foi publicado originalmente em francês, com o título “Quelques lettres d’Erico Verissimo”, no *Bulletin des études portugaises et brésiennes*, tomo 39/40, do Institut Français au Portugal, Lisboa, com data de 1979/1980. Traduzido por Gabriel Gularte e revisado por Julia da Rosa Simões. Há notas do autor e notas da tradução e da edição (estas assinadas N. do T.).
2. São dados sobre inclusão da obra de Erico em instâncias oficiais do ensino na França.
3. Paul Teyssier, que conheceu Erico Verissimo e visitou-o em Porto Alegre, deu-nos numerosas informações sobre a obra de nosso autor, em uma entrevista, quando nos preparávamos para lecionar um curso sobre *O Continente*, no concurso de recrutamento de professores de ensino superior e secundário nos anos de 1975/76 e 1976/77. Aproveitamos as suas lições na elaboração do nosso artigo “Apresentação de Erico Verissimo”, in *Bulletin d’Études Ibériques de la Sorbonne Nouvelle*, a publicar.
4. O autor usa a primeira pessoa do plural para referir-se a si, prática hoje pouco empregada. [N. do T.]

mos considerações, digressões e afirmações que esclarecem sua posição pessoal. Além disso, é sob uma nova luz literária, praticamente desconhecida, que nos deparamos com Erico Verissimo, já que até agora apenas algumas de suas cartas foram publicadas. É, portanto, uma nova via que se abre para o estudo de sua obra, graças a essas cartas.

Do ponto de vista material, suas cartas e seus aerogramas são datilografados, e seus cartões são manuscritos. Quando se tratar desses dois últimos casos, sempre indicaremos em nota. Respeitamos as correções e adições manuscritas do autor, transcrevemos aquilo que se encontrava à margem e corrigimos a ortografia aqui e ali quando pensamos haver uma simples negligência devido à pressa. No entanto, se posteriormente o leitor quiser aprofundar sua pesquisa em relação às cartas que nos foram enviadas, ele ainda poderá consultá-las na Biblioteca Nacional de Paris, onde as depositaremos. Por fim, colocamos em nota, em toda a correspondência, explicações para sanar algumas lacunas ou alguns pontos obscuros.

2. Embora Erico Verissimo tenha autografado nosso exemplar do romance *Olhai os lírios do campo* quando ainda éramos criança, só em 1945 tivemos um primeiro contato pessoal. Depois de um telefonema, nós o visitamos na companhia de duas jovens.

Sobre o que falamos? De literatura, certamente. Com paciência, Erico colocava-se no nosso nível. Como se sabe, ele adorava crianças e adolescentes e não deixava de escutá-los. No entanto, com modéstia e gentileza, ele fazia a conversa mudar de direção quando sua obra tornava-se o assunto. Ele falou de literatura em geral, citou Tolstói. Em seguida, quando descobriu, por uma alusão fortuita que fizemos a uma obra de Stravinsky, que nós também amávamos a música, perguntou se nós conhecíamos Khatchaturian. Com a nossa resposta negativa, ele fez alguns comentários entusiasmados sobre o compositor armênio. Levantou-se, pegou a gravação do *Concerto para piano* (1936) e pôs para tocar na vitrola. Foi assim que pela primeira vez conhe-

mos a paixão de Erico pela música.

Após esse encontro, apesar da simpatia que nasceu entre nós, e que posteriormente se tornaria amizade, foi apenas fortuitamente que nos reencontramos durante um longo período.

Havia boas razões para isso. Nossa atenção virou-se para a literatura estrangeira e se concentrou nisso, deixando de lado o que se passava no país. Tratava-se talvez de um problema e de um conflito de gerações. Ao mesmo tempo, como uma criança, ficávamos incomodados de visitar um escritor tão renomado.

Explicaremos agora o primeiro motivo.

As dificuldades de importação provocaram no Brasil, durante a guerra, a criação de um mercado de tradução cuja importância e influência na literatura brasileira ainda não foram suficientemente estudadas⁵. O próprio Erico, assim como sublinha em *Um certo Henrique Bertaso* (1972) e em *Solo de clarineta, I* (1974), participou desse movimento como editor e como autor de numerosas traduções pela Editora Globo. A leitura dos romances do autor, assim como de outros escritores brasileiros como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Cornélio Pena, Octavio de Faria, José Geraldo Vieira, Lúcio Cardoso, etc., teve como contrapartida um contato íntimo com Aldous Huxley, Somerset Maugham, Katherine Mansfield, James Joyce, Richard Hughes, Sinclair Lewis, Theodore Dreiser, J. Steinbeck, Roger Martin du Gard e, imediatamente depois, com W. Faulkner, V. Woolf, J.-P. Sartre, A. Camus etc., para não falar dos clássicos.

No caso particular do Rio Grande do Sul, ainda havia algo a mais: a facilidade de acesso ao livro espanhol (comprado diretamente na Argentina ou importado) permitiu aos intelectuais aumentar seus horizontes. A ótica desses intelectuais focava alternadamente nos autores espanhóis e hispano-americanos (Ortega y Gasset, Unamuno, Baroja, Lorca, os dois Machado, Salinas, Malleva, Sabato, Storni, Victoria Ocampo, Vallejo, G. Mistral, Neruda, Alegria, etc.) e eles se iluminavam diante de Borges.

Tudo isso tornava as comparações mais penetrantes e estabelecia limites mais impiedos-

5. Vários escritores dentre os citados traduziram numerosos textos, enriquecendo o sistema literário brasileiro. José Geraldo Vieira traduziu por exemplo *O retrato do artista quando jovem*, de J. Joyce, Graciliano Ramos, *A peste*, de A. Camus, etc.

sos, chegando às vezes à injustiça.

A geração de Erico (Reynaldo Moura, Darcy Azambuja, Dionélio Machado, Paulo Correa Lopes, Manoelito de Ornellas, Athos Damasceno Ferreira, Telmo Vergara, Ciro Martins, Moysés Velhinho, etc.) foi de alguma forma relegada pela nossa (José Paulo Bisol, Antônio Carlos Resende, Vera Mogilka, Gerd A. Bornheim, Francisco de Bittencourt Filho, José Santiago Naud, Vicente Moliterno, Manoel Sarmento Barata, João Francisco Ferreira, Paulo Hecker Filho, etc.). Na verdade, só estes dois últimos seguiam mais de perto os “mais velhos”, como os chamavam, o que não significa que os outros não tivessem conhecimento do que se fazia. Apesar de tudo, a leitura dos romances de Erico, autor que ao lado de Mário Quintana teve maior notoriedade entre os escritores de sua geração, suscitava em Paulo Hecker Filho (o maior crítico do Rio Grande do Sul) restrições, o que não quer dizer que tenha ignorado o que havia de melhor no criador de *O tempo e o vento*.

Convém examinar o problema um pouco mais de perto

3. Pensamos que Erico Verissimo foi o primeiro escritor do Rio Grande do Sul a abrir-se inteiramente à literatura estrangeira. Em seus escritos, vários textos se entrecruzam. Pode-se reconhecer, senão a influência – ele era um artista muito pessoal –, ao menos a reflexão sobre a técnica e a aplicação, sem dúvida individual, de processos utilizados pelos escritores ingleses, americanos e franceses. Isso o diferencia da geração seguinte (não pretendemos de modo algum estabelecer um julgamento de valor), que não se contentou com a descoberta e a utilização de um material determinado e de certos procedimentos de composição: ela também endossou a problemática que lhe era sugerida especialmente pelo existencialismo e pelo vitalismo. Como exemplo disso que afirmamos, temos o romance *Internato*, de Paulo Hecker Filho, e a coletânea de poemas *Sim, à vida*, de José Paulo Bisol.

Assim, apesar de, até então, pesquisarmos coisas diferentes, chegamos a nos pronunciar sobre o excelente romance *Noite* (1954), quando pu-

blicado, no semanário *Hoje*, de Porto Alegre.

4. Revimos Erico Verissimo, se não nos falha a memória, apenas em 1957. Nessa época, estávamos ligados ao departamento de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Assunção, no Paraguai. Em uma breve viagem a Porto Alegre, acompanhamos Rony Lopes de Almeida, diretor do departamento, que fez uma visita a Erico para convidá-lo para fazer uma conferência na capital paraguaia.

Nesse segundo encontro, ele foi como no primeiro: muito afável e simpático, aberto a contatos mais profundos, como aquele que viria a acontecer no futuro.

De fato, quando nossa missão no exterior foi concluída, após nossa readaptação à vida de Porto Alegre e nosso ingresso como professor na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Faculdade de Filosofia Porto-Alegrense, retomamos nossos contatos com Erico. Nós o visitávamos com frequência, nossa intimidade aumentava e começávamos a conhecer melhor também sua incansável companheira, Mafalda.

5. À noite, na Rua Felipe de Oliveira, em Porto Alegre, Erico recebia seus amigos. Quase todos pertenciam à mesma classe social, mas exerciam profissões diversas: professores, jornalistas, psicanalistas, escritores, editores, etc. Os assuntos tratados eram dos mais variados. Erico ouvia mais do que falava. Cada vez que, em uma conversa, o tema da literatura surgia, discretamente, ele fazia alguns comentários. Quando não conseguia concordar com outras perspectivas literárias que escapavam ao seu prisma, abordava-as intrigado, com modéstia, e as suas afirmações negativas pareciam implicar questões que também fazia a si mesmo. Era como se ele pressentisse, com profunda sensibilidade, a outra face das coisas, sempre fascinado com as novidades (veja suas considerações sobre a vanguarda francesa nas cartas seguintes).

Nossa aproximação, a nível pessoal, tornou-se mais profunda durante a crise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1969⁶. Nossa admiração pelo personagem cresce então por causa da solidariedade e do seu comporta-

6. Ver nossa “Apresentação de Erico Verissimo”, onde expomos os fatos em detalhe.

mento em público.

6. Em 1972, Erico e Mafalda vieram pela última vez a Paris. Nós nos encontramos com frequência durante os dois meses que ele passou na capital francesa. Sua preocupação intelectual de então era a vanguarda francesa. Sobre esse assunto, ele se divertia com as declarações feitas por um jornalista do Rio Grande do Sul que, após dois ou três meses de estadia na Alemanha, havia afirmado na imprensa de seu estado que nada acontecia na Europa e que a vanguarda mundial encontrava-se na América Latina. Erico tinha a impressão de que se tratava exatamente do contrário. Ao mesmo tempo, ele falava, de vez em quando, das “novidades” do Brasil e do Rio Grande do Sul. Ele demonstrava um entusiasmo especial por Moacyr Scliar. Comentava as reações da crítica e de seus amigos a propósito de seu último romance, *Incidente em Antares*.

Falamos longamente também sobre música, pintura e política. Nos lembramos do entusiasmo de Erico a respeito de um concerto dirigido por Herbert von Karajan, ao qual ele havia assistido em Chartres, em uma viagem anterior. Quanto aos problemas da política brasileira, com exceção de alguns comentários sobre casos particulares ou eventos ocorridos no Rio Grande do Sul, a carta a Daniel Fresco, embora escrita mais tarde, mostra bem sua posição.

Por fim, poderemos apreciar a sequência e a profundidade de nossos contatos através das cartas que transcrevemos e pelas notas que fizemos a elas.

7. É igualmente necessário fazer alguns comentários a respeito da correspondência que Erico manteve com Mary Pedrosa e Daniel Fresco.

Como Mary Pedrosa explica na primeira carta que escreveu a Erico, e que transcrevemos em nota, ela se endereçava ao autor por conta de um estudo que fazia sobre *Finnegans wake*, de Joyce. É necessário dizer que esse estudo, ini-

ciado há quase dez anos, ainda não foi concluído, sendo seu tema a tradução do texto de Joyce ao inglês contemporâneo. É evidente que o centro de interesse deste estudo, se utilizarmos a nomenclatura de Ferdinand de Saussure, é o significado e não o signifiante. É evidente também que os problemas colocados por algumas passagens muito obscuras do texto são enormes, como mostra a correspondência entre nosso autor e Mary Pedrosa.

Mary Pedrosa não conheceu Erico. Pouco tempo depois da última carta que enviou a Erico, ela exilou-se no Chile na companhia de seu marido, o crítico Mário Pedrosa. Sob as mesmas condições, veio a Paris depois da última viagem de Erico.

Daniel Fresco, após ter assistido a um curso que realizávamos em Paris III sobre o romance *Incidente em Antares*, desenvolveu e aprofundou o estudo que havia então começado sobre o aspecto político na obra de Erico Verissimo, esclarecendo assim muitos problemas. Ele transcreveu apenas uma pequena parte da longa carta que Erico lhe enviou (*O aspecto político em Erico Verissimo*, p. 44) e que publicamos na íntegra graças à sua gentil autorização. Esta carta, é preciso ressaltar, é um documento de grande valor quanto à posição do autor em relação a si mesmo e ao Brasil.

Deixemos as cartas falarem por si mesmas, que elas cubram “o campo de neve” com as palavras do “sétimo anjo”.

Paris, 1976.

Dionísio Toledo

McLean, 23 de junho de 1972⁷

Meu caro Dyonísio:

A viagem foi sereníssima⁸. Vimos a bordo o

7. Aerograma. [N. do T. - McLean é o nome da cidade onde Erico estava, nos EUA, neste momento.]

8. Erico havia passado quase dois meses em Paris. Ele havia alugado um pequeno apartamento na Rue de Ponthieu. Durante esse período, durante o dia ele visitava museus e galerias de arte; à noite, quando não recebia visitas (Lygia Fagundes Telles, Hermilo Borba Filho, Toledo Piza, Luciana Stegagno Picchio, Solange Parvaux, Raymond Cantel, Paul Teyssier, Alfredo Margarido, José Augusto Seabra, nós mesmo, etc.), ele ia a concertos.

De certa forma, havia dado a sua vida na França o mesmo ritmo que ela tinha em Porto Alegre, não se privando das reuniões de amigos. Por outro lado, ele havia substituído o toca-discos pelas noites musicais nas igrejas ou salas de espetáculos e durante o dia ele reservava algum tempo para apreciar, ao vivo, as obras de arte. Quando partiu para a Virgínia [EUA], onde visitaria a filha, o genro e os netos, apenas duas pessoas foram ao aeroporto: o leitor Branquinho Pequeno e nós... Chegou a Orly acompanhado da esposa entre 9h e 10h da manhã. O avião deveria decolar por volta das

Luzes da Cidade, do Chaplin. Mafalda portou-se muito bem, já viaja com naturalidade. Na alfândega do Dulles Airport um negrão simpático, de bela voz, nos fez algumas perguntas (não te esqueças que vínhamos da terra que exporta heroína⁹), aceitou as nossas respostas, sob palavra, e não abriu as nossas malas.

Caímos pouco depois nos braços dos Jaffes. O Mike (catorze anos) não estava no aeroporto: mistura de timidez e preguiça, não fosse ele meu neto! Clarissa está ótima. O marido, completamente restabelecido do seu enfarte. Eddy, o mais bonito (ou o menos feio) dos três netos é o tipo acabado do malandro brasileiro. Paul, que logo se agarrou comigo, é o excêntrico da trinca, o “cientista maluco”, sempre lidando com a sua alquimia de drugstore, os seus monstros de matéria plástica... FIZ AQUI UMA PAUSA PARA TOMAR UM CAFÉ TIPO ITALIANO (MEDAGLIA D’ORO) COM A MAFALDA E A CLARISSA¹⁰.

O mau tempo tem nos perseguido até aqui. Temos tido chuvas fortes e incessantes, com inundações, milhares de pessoas desabrigadas, pontes caídas, casas levadas pela correnteza, mortos e feridos. Os prognósticos são de mais chuvas. Estou começando a me convencer de que o Sol é um mito... solar.

E por falar em mito, comprei aqui dois dos três volumes do *Diário* da Anaïs Nin¹¹. É possível que nunca tenhas *ouvisto* (como dizia o meu avô tropeiro) falar nela. Pois é uma mulherinha excepcional, filha do compositor espanhol Joaquin Nin - boêmio incorrigível e irresponsável. Anaïs quando muito jovem foi protegida (e provavelmente amante) de Otto Rank¹², a quem ajudava como secretária. Por fim ela própria começou a

analisar pacientes. Escreveu romances (*A casa do incesto*, *O inverno do artifício*). É uma romancista tipo Clarice Lispector, talvez um pouco mais articulada. Grande admiradora de Virginia Woolf. Amiga íntima e conselheira do (e grande influência sobre o) Henry Miller, cujas cartas a ela tenho num volume. Pois essa mulher (calculo que ande hoje beirando os sessenta) escreve maravilhosamente bem e tem, principalmente, uma sensibilidade muito aguda. Comecei a ler o *Diário* logo que cheguei e não posso deixá-lo. Dela tenho no Brasil um livro muito interessante, talvez o seu último, intitulado *O futuro do romance*. (Se tiveres tempo, disposição e oportunidade, pergunta ao Prof. Barthes se ele a conhece.¹³) Anaïs até as vésperas da segunda Grande Guerra vivia numa ambivalência: França e Estados Unidos. Escreve em inglês.

E a Rhea? Resolveu ou está resolvendo o problema dela no Brasil? Fazemos votos para que tudo corra bem. Gostamos muito dela¹⁴.

Neste momento a M. e a C.¹⁵ se encaminham para o supermercado. Nestes dias de chuva eu tenho caminhado no Tyson’s Corner, um fabuloso centro comercial, uns quatro quilômetros de ruas cobertas e com ar condicionado, onde se alinham lojas, restaurantes, cafés, cinemas etc.

Já armei a minha tenda árabe a um canto do living room, com a mesa e a Royal que usei em junho de 1970 para começar *O Incidente*¹⁶. (Ontem falei com a minha agente literária pelo telefone e ela me comunicou que o romance está sendo examinado pela Knopf. Palpite do autor: **não** vai ser aceito.)

Quem está em Washington é o Rubens Maciel¹⁷, para uma temporada de dois anos. Está

12h. Por que tanta antecedência? Erico odiava os horários, sentia uma profunda angústia. Devido aos seus problemas cardíacos, ele preferia ir às reuniões com pelo menos uma hora de antecedência. Por isso, falamos com ele pela última vez quase duas horas antes da partida do avião.

9. Um escândalo havia estourado à época, todos os jornais o comentavam, devido ao contrabando de drogas entre a França e os Estados Unidos. Erico interessava-se muito pelas publicações dos grandes jornais internacionais, sempre se mantinha atualizado. [N. do T. - Jaffe é o sobrenome do marido de Clarissa.]

10. Referências à sua família. O marido de Clarissa, americano de nascimento, David, vive atualmente em Porto Alegre. Erico voltará a se referir à família nas cartas seguintes.

11. O *Diário* de Anaïs Nin era, na altura, a verdadeira “febre” de Erico e de seu amigo Hermilo Borba Filho. Este último também fala disso em uma carta inédita dirigida a nós.

12. Como se sabe, célebre psicanalista.

13. Em nossas entrevistas com Roland Barthes, nunca abordamos o assunto.

14. Reasylyvia de Oliveira Toledo. [N. do T. - esposa de Dionísio.] Foi ao Brasil, durante as férias, para visitar a mãe. Ao mesmo tempo, teve que cuidar de seus trabalhos acadêmicos na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da qual fora demitida em 1969 por causa da ditadura militar.

15. Mafalda e Clarissa.

16. Leia-se o romance *Incidente em Antares*.

17. Cardiologista gaúcho famoso, de tendência socialista.

ajudando a estruturar uma universidade latino-americana dedicada à medicina sanitária. Já nos comunicamos.

Hoje à noite vem aqui em casa o filho do Augusto Meyer, que ensina português ao meu genro.

Preciso começar um artigo sobre o R. G. do Sul, prometido há seis meses a uma editora de São Paulo. O diabo é que não estou motivado.

Não sei, Dyonísio, não sabemos como te agradecer por todas as atenções que nos dispensaste durante nossa estada em Paris. Uma coisa te posso dizer, certa, não convencional. Se antes eu tinha contigo relações cordiais, essas relações de minha parte se transformaram agora em amizade e admiração.

Transmite a todos aqueles portugueses simpáticos que levaste ao nosso apartamento¹⁸ os nossos abraços e votos de felicidade. E recebe com a Rhea o melhor abraço da Mafalda e do

Erico Verissimo

McLean, 20 de julho de 1972

Meu caro Dionísio:

Nada mais que um bilhete para acusar o recebimento da tua carta e te agradecer pela remessa do *Humanisme et Terreur*¹⁹. Sim, e também para te enviar um recorte do review que o *Washington Post* publicou a respeito do *Mythologies* do nosso amigo Barthes, recentemente aparecido numa tradução que o crítico considera impecável²⁰.

O tempo aqui anda miserável. Estamos dentro

dum “alert” que mais parece ficção científica: a poluição do ar é tão grande que as autoridades recomendam que as pessoas de idade, os cardíacos e os que sofrem de doenças respiratórias não saiam à rua. Faço as minhas caminhadas dentro de casa ou dos shopping centers fechados e climatizados²¹.

Ainda não terminei o famigerado artigo sobre o Rio Grande. Podes explicar esse “block” mental?

Estou lendo com grande delícia, com crescente interesse, os diários de Anais Nin, como creio ter já contado em minha carta anterior. Que mulherinha de sensibilidade! E como escreve bem, a bandida, como pode penetrar fundo nas almas sem os hermetismos quase indecifráveis de tantas “confreiras” suas!

Tenho beliscado o Lacan, cuja leitura estou reservando para o Brasil²². Hoje li um capítulo do livro da Melanie Klein²³ que comprei aí. E o *Le degré zéro de l'écriture* continua sendo lido e relido²⁴. Entreguei os pontos para o Lois, do Sollers.

Hoje tive o meu primeiro dia de “lucidez” nesta temporada. Pedi ao meu médico para parar ou pelo menos reduzir dose diária de Inderal, o tal remédio contra anginas. É uma droga que causa sonolência, pois baixa muito o ritmo do coração. Eu andava com o pulso nos 47. (Será que sou ou estou ficando um doente imaginário, caro M. Molière?)

Rhea já voltou? Problemas resolvidos? Mafalda e eu repetidamente falamos em vocês com

18. José Augusto Seabra, Fernando Etcheverria, Alfredo e Manuela Margarido. Estes dois últimos, embora não citados, tinham conhecido Erico na sua primeira viagem a Portugal. Esta viagem encontra-se relatada em seu livro póstumo *Solo de clarineta, II*, Porto Alegre, Globo, 1976.

19. Erico tinha muita admiração por Merleau-Ponty. Ele certamente já tinha tido conhecimento desta obra antes. Como ele não tinha podido comprá-la em Paris, porque estava em reimpressão, pediu-nos que lhe enviássemos na primeira oportunidade.

20. Apresentamos Erico a Roland Barthes, realizando assim o desejo que ele tinha de conhecer o grande escritor. Encontramo-nos uma hora e meia antes do início do seminário de Barthes, rue de Tournon, na École Pratique des Hautes Études. Por um bom tempo, ficamos em um café; depois a hora chegou, fomos ao pátio do CECMAS para esperar Barthes. Quando apareceu, sempre afável, depois das apresentações conversou um pouco com Erico e permitiu-lhe assistir ao seu seminário, naquele dia sobre a semiologia de um “menu” francês do século XVIII. Barthes foi brilhante. Quando terminou, Erico trocou algumas palavras com ele. Entusiasmado, com a modéstia que lhe era própria, disse-lhe: “Depois de tê-lo ouvido, sinto-me culpado por ter escrito...” Como pode ser observado nas cartas que transcrevemos, Erico estava muito preocupado e intrigado com os textos de Barthes.

21. Também por causa de seus problemas cardíacos, Erico costumava andar para se exercitar por mais de uma hora por dia.

22. Ao chegar a Paris, Erico procurava conhecer as obras de três autores franceses: Jacques Lacan, Philippe Sollers e Roland Barthes. Nós mesmo procuramos e compramos para ele, a seu pedido, os *Écrits* (1966), *Lois* (1972), *S/Z* (1970) e ainda *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, nas edições Gallimard, Pléiade.

23. A escola inglesa de psicanálise e Melanie Klein foram as mais difundidas e estudadas na época nos meios psicanalíticos de Porto Alegre. Entre os que seguiam esta orientação, havia, entre outros: Cyro Martins, David Zimmermann, etc.

24. Sobre a tradução brasileira de *Le degré zéro de l'écriture*, de Roland Barthes, e do uso da palavra *escritura* em português, Erico se perguntava com espanto por que a palavra *escritura* e não *escrita* havia sido empregada. Como se sabe, essa tradução do vocábulo é institucionalizada no Brasil.

saudade e afeto.

Os Jaffes, bem. O McGovern²⁵ deu uma sacudida no Partido Democrático: nunca vi tantos jovens e tanta gente de cor numa convenção política americana. Não devemos perder a esperança.

Bom, Dionísio (nunca me lembro se conservas ou não o y... ou se nunca o usaste!), um grande abraço da Mafalda e outro do

Erico

McLean, 30 de agosto de 1972

Meu caro Dionísio:

Recebi há vários dias o *Humanisme et terreur*. Se não acusei antes o seu recebimento foi porque imaginei que neste agosto quente e morto de Paris vocês tivessem aproveitado a oportunidade para uma viagem. Muito obrigado pela sua atenção.

O livro trata de problemas que me preocupam seriamente há mais de trinta anos e que me parecem fundamentais para o escritor em geral e para o ficcionista em particular.

Continuo lendo os *Diários* da Anaïs Nin e uma excelente biografia do Cocteau (por quem nunca morri de amores) e de sua época, que me parece interessantíssima. Consegui depois de quatro semanas o *Extraterritorial - Papers on literature & The language revolution*, da autoria de George Steiner²⁶. Creio que te falei muitas vezes desse autor, de quem havia lido *Language and silence*. Trata a nova obra de ensaios sobre a revolução da linguagem e de estudos especialmente sobre três autores: Beckett, Borges e Nabokov.

Quanto a trabalhos pessoais, estou pensando nas notas que deixei engavetadas na minha escrivaninha, em Porto Alegre, e que deviam ser

usadas em *A hora do sétimo anjo*, livro com que eu terminaria a minha série de romances de Porto Alegre, começada com *Caminhos cruzados* (ou com *Clarissa*) e seguida de *Um lugar ao sol* e *O resto é silêncio*²⁷. A ação deste último livro se passaria nos três ou dois dias que precederam a primeira descida de homens na Lua (1969). Claro, os astronautas nada têm a ver diretamente com a ação da estória.

Nestes últimos três dias estive planejando uma série de 10 livros, uns cinco dedicados a leitores ou ouvintes de 4 a 8 anos e a outra a leitores de 8 a 14²⁸.

A rotina aqui continua, regulada pelo tempo atmosférico. De vez em quando a televisão e o rádio anunciam um “pollution alert” e nós os velhotes cardíacos temos de ficar em casa, fingindo de mortos.

Assisti a ambas as convenções políticas. A republicana foi bem organizada, comportadinha, com gente bem vestida... e chatíssima. A democrática tinha de tudo - o que muito me animou: pretos em quantidade, gente mal vestida, mocinhas, rapazotes, em suma, muita daquela gente que em 1968 estava levando bordoadas da polícia em Chicago. (Creio que já lhe contei isto numa carta anterior, não?) Tenho muito pouca esperança na vitória do McGovern.

Que notícias me dá de vocês? A Rhea já voltou do Brasil? Quais são os planos? O Eulálio já chegou²⁹? Tens sabido do Gerd³⁰? Rabisca duas linhas, dando-nos as “novidades”.

Nossos netos estão em vésperas de voltar para a escola, o que será para eles uma chateação (em parte) e para nós um alívio. Acho que três sólidos meses de férias não fazem nada bem para crianças entre 8 e 15 anos.

Do Brasil pouco ou nada sei. Os poucos que nos escrevem não dão notícias políticas. Ah! Você

25. Na época, candidato à presidência dos EUA. Erico tinha uma grande simpatia por esse senador democrata.

26. Entre os críticos ingleses modernos, Erico se interessava particularmente por George Steiner. Ele nos mencionou o autor pela primeira vez em 1969, ainda em Porto Alegre.

27. Qual seria o tema de *A hora do sétimo anjo*? Nunca abordamos o assunto com Erico. É muito provável que ele tenha esboçado o romance e talvez até mesmo escrito um fragmento, que virá à luz com o tempo.

28. Insistimos na importância da sua obra para crianças, pouco estudada até aos nossos dias, na nossa “Apresentação de Erico Verissimo” (ver *Bulletin d'Études Ibériques de la Sorbonne Nouvelle*, no prelo).

29. Alexandre Eulálio deveria ter assumido a função de professor na U.E.R. de Estudos Ibéricos da Universidade Paris III. Por motivos de ordem pessoal, ele nunca deixou São Paulo e, portanto, nunca assumiu a função para a qual foi apresentado pelo sr. decano Cantel e nomeado pelo governo brasileiro.

30. Gerd Alberto Bornheim, notável pensador gaúcho, estava em Paris, depois de ter sido demitido da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela ditadura militar. Ele morava no Hotel Saint-Michel, 19, Rue Cujas. Na França, publicou *Heidegger. L'être et le temps*, Paris, Hatier, 1976.

leu na íntegra o discurso que o Alexandre Solzhenitsyn escreveu para a solenidade da entrega do Prêmio Nobel de Literatura³¹? O jornal daqui transcreveu-o na íntegra, o que acredito tenha também acontecido aí.

Bom, Dionísio, aceita com a Rhea o abraço da Mafalda e o meu, e os nossos votos para a felicidade de vocês.

Do amigo muito grato:

Erico

P. S. - Esta nota que aqui vai, e que em gíria americana é conhecida sob o nome de “clorofila federal”, creio que cobrirá as despesas que tiveste com a compra e a remessa do livro do Merleau-Ponty³². E, mais uma vez, obrigado!

McLean, 7 de setembro de 1972³³

Meu caro Dionísio:

“Independência ou morte!”. Mas, falando sério, aqui estou nesta dourada manhã já com gosto do outono, ouvindo a primeira sinfonia de Brahms³⁴, enquanto Mafalda e Clarissa se despedem do sol lá fora, o Dave está no escritório, e os netos - louvado seja N.S. Jesus Cristo! - se encontram ainda na escola, onde ficarão até as três e meia da tarde.

Estou te escrevendo para falar no Falleiro³⁵, que conheces, suponho. Ele ganhou do governo francês uma bolsa dessas “pobres” que co-

nheces, e está preocupado com o problema do alojamento. Pensei na Casa de Portugal e naturalmente pensei em ti e na Rea. Que é que vocês podem fazer pelo Falleiro? Ele vai ganhando 750 francos por mês. Secos. Pretende sair do Rio, pela Air France, no dia 4 de outubro próximo. Sua bolsa terminará em junho do ano que vem. O seu orientador em Paris será M. Jacquot³⁶. No dossiê de nosso compatriota consta que ele vai estudar “méthodologie de l’enseignement du théâtre et jeu de l’acteur”.

Eu te pediria que - caso não pudesses conseguir nada na Maison du Portugal - telefonasses a alguém da Casa do Brasil, sondando possibilidades.

Estamos aqui revoltados com o crime dos guerrilheiros árabes na Vila Olímpica. Terá remédio essa coisa que o Maurício Rosenblatt e o Flávio Loureiro Chaves³⁷ chamam de “O Bicho Homem”?

Como vai o teu trabalho? Como está nossa querida Rea? E o nosso amigo Barthes? (Acabo de receber seis livros encadernados, todos interessantes (preço ordinário entre 6 e 8 dólares), que comprei num desses grandes *magazines a um dólar* cada um, novíssimos. Acho que se trata de saldos que iam ser vendidos a peso de papel.)

Continuo lendo o Barthes, mas já desisti do Sollers. A Rea me deve “essa” explicação³⁸.

Teus pais já voltaram para a pátria amada? Nós estaremos fazendo as malas em novembro próximo³⁹.

Manda dizer se posso fazer alguma coisa por

31. O texto de Aleksandr Soljenitsin foi traduzido para o português por Paulo Mendes Campos. Ver *O Grito*, Rio, Livraria José Olympio Editora, 1972. Erico, ao que parece, estava cheio de entusiasmo por esta obra, embora não a comentasse conosco. Haveria ele concordado com as posições posteriores do romancista russo?

32. Como se tratava de uma encomenda, escrupulosamente, Erico havia enviado com a carta uma nota de U\$5.

33. Aerograma.

34. Como se sabe, uma das paixões de Erico foi a música. Ele sempre recorreu a ela, principalmente através dos discos. Ver Herbert Caro, “Erico e os Discos”, em *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 13 de dezembro de 1975.

35. José Ronaldo Falleiro foi um brilhante aluno que tivemos no curso de Teoria Literária e Literatura Dramática na Faculdade de Filosofia e no Centro de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele veio a Paris, em grande parte encorajado por nós, através de uma correspondência permanente. Ele se especializou em teatro, preparou um mestrado e atualmente está fazendo doutorado. Publicou vários artigos no suplemento literário do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e colaborou diretamente conosco em nossa edição *Formalistas Russos: Teoria. Crítica. Polêmica.*, que será publicada pela Editora Globo.

36. Na realidade, sr. Jacques Jacquot.

37. Amigos de Erico Verissimo. O primeiro, no mundo das letras, dirige a agência da Livraria José Olympio de Porto Alegre. Erico menciona seu nome em vários de seus escritos como *Um certo Henrique Bertaso* (Porto Alegre, Globo, 1972). O segundo é professor de literatura brasileira na Universidade do Rio Grande do Sul.

38. O doutorado que Reasylvia de Oliveira Toledo prepara é sobre os escritos de Philippe Sollers. Ela enviou a Erico uma cópia de seu relatório de pesquisa entregue a Julia Kristeva, que dirige sua tese sobre o autor de *H*. É preciso notar que Erico nesta passagem destaca sua incompatibilidade com uma certa literatura de vanguarda. Na realidade desconfiava dos escritos que supunham uma “desconstrução” da linguagem. A este respeito, ver mais adiante sua posição em relação ao *Finnegans wake*, de Joyce, e lembramos que ele nunca aceitou inteiramente a obra de João Guimarães Rosa.

39. Eles também moram em Porto Alegre. Na época encontravam-se em Paris.

vocês aqui.

Um beijo da Mafalda e outro meu para a Rea, e para ambos o nosso afetuoso abraço.

Do amigo e admirador certo

Erico

Porto Alegre, 5 de janeiro de 1973

5 da tarde, 35° de calor

Meu caro Dionísio:

Teu cartão de 21 de dezembro esclareceu o mistério do teu silêncio, assim como esta carta vai explicar o meu⁴⁰.

Logo que chegamos a Washington eu te escrevi (fins de junho), recordando nosso convívio em Paris e agradecendo a ti e à Rea por todas as simpáticas atenções que tiveram para conosco.

Pouco mais tarde recebi o *Humanisme et terreur* e tornei a te escrever, não só agradecendo pela remessa do livro mas – considerando que os bolsos dum estudante em Paris em geral andam magros – tomei a liberdade de te enviar uma cédula de cinco dólares, fazendo câmbio “redondo”. Semanas mais tarde, sem uma palavra de tua parte, tornei a escrever. Numa dessas cartas mandei o recorte do *Washington Post* que reproduzia uma crítica, não me lembro de quem, ao *Mythologies* do nosso admirável Roland Barthes.

Não vou culpar o correio francês ou americano por esses extravios, mas a mim mesmo. Sabes que endereços usei para as três cartas? O da Maison du Portugal, 69 Rue Scribe, 7ème., imagina! Será que esse endereço existe mesmo? Encontrei-o num guia de Paris e usei por não ter encontrado o que possivelmente me deste, o certo. Será que ainda há esperança de descobrir essas cartas na Maison du Portugal? Não creio, porque muito tempo já se passou e não creio que as cartas tenham sido guardadas e estou certo

de que não foram devolvidas ao destinatário⁴¹. Bom, o importante é que vocês saibam que escrevi, que me lembrei de vocês e que mencionei os seus nomes numas cinco ou seis entrevistas que dei no Brasil.

Telefonei à Maria da Glória⁴², pedindo-lhe, Dionísio, que te mande o livro *Um contador de histórias*, organizado pelo Flávio Loureiro Chaves, e que me parece excelente. A nossa simpática amiga me respondeu assim: “Não se preocupe. Eu não poderia esquecer o Dionísio porque lhe devoto um cuidado especial.” Assim terás aí o livro, que não foi ainda terminado (refiro-me à impressão completa), apesar de haver algumas centenas de exemplares distribuídos entre a crítica.

Pedi à Globo que te mandasse *Fantoches* na edição especial facsimilada com comentários e caricaturas marginais pelo autor.

Continuo tomado daquela sonolência e “inapetência” literária de que te falei em Paris. O meu médico americano experimentou uma parada com o remédio mas verificou que eu ficava muito desprotegido sem o Inderal. Passei quase seis meses de perfeita (isto é, considerando o enfarte) saúde durante o tempo em que estivemos à sombra dos netos em flor. De todas as nossas visitas à outra metade da família, esta última talvez tenha sido a melhor em matéria de relações humanas. O meu genro continua pensando em vir trabalhar no Brasil. Está enfiado de sua terra e possivelmente pensando em que dentro de quatro anos o Mike estará em idade militar.

Diz à Rea que ainda não consegui penetrar o *Lois* do Sollers⁴³. Estou lendo várias coisas ao mesmo tempo. Quanto a planos literários, penso neles vagamente, porque a lombeira corporal e intelectual é grande demais.

Tenho dado dezenas de péssimas entrevistas, contrariado e sem entusiasmo⁴⁴. Os nossos “novos” estão revoltados contra os editores em ge-

40. Até então eu não tinha escrito a Erico, não tendo recebido suas cartas anteriores, como se compreenderá depois em seu texto.

41. As cartas devolvidas ao remetente pelo Correio foram posteriormente reexpedidas por Erico para o endereço correto.

42. Maria da Glória Bordini trabalhou conosco em teoria e crítica literária na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cassada, como nós, tornou-se secretária da Editora Globo. Frequentemente publica estudos na imprensa gaúcha, prepara traduções e é coautora de *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*, Porto Alegre, Movimento, 1973.

43. Ver nota 38.

44. A publicação das entrevistas de Erico tornou-se urgente. Apesar do julgamento que ele expressa aqui, há excelentes entrevistas. Constituem uma valiosa coleção de documentos sobre a posição do escritor e sobre a vida política do Brasil.

ral e contra a “velha guarda”. O Scliar publicou *A guerra do Bonfim*, que está sendo muito discutido, com prós e contras. O Jorge Amado lançou espetacularmente, numa primeira edição de 100 000 exemplares, o seu *Teresa Batista, cansada de guerra*. O Ricardo Ramos volta-se para algo que se parece com o nouveau roman, numa série de pequenos contos que o Gilson coloca entre os melhores livros aparecidos no Brasil em 1972. O Villaça (o *Nariz do morto*) publicou recentemente o *Anel*. Há por aí muitos congressos, em sua maioria ou totalidade controlados pelo governo e portanto sem importância. No mais, a calma, quase o marasmo, no que respeita à vida literária.

Quando tiverem tempo, mandem notícias mais pormenorizadas de vocês, na certeza de que muito nos interessam. E disponham de nós, sempre.

Afetuosos abraços da Mafalda e do

Erico

P.S - Fiquei contente por saber que vais começar o curso sobre o *Incidente*⁴⁵. Merci!

o tiverem
de vocês, n
disponham
so
marcas do verão!⁴⁶

P. A., 8 de janeiro de 1973⁴⁷

Dionísio

Acabo de receber teu cartão de 22 de dezembro com todas as suas boas notícias.

O José Otávio⁴⁸ acaba de me dizer que já se comunicou com a Albin Michel. Mando-lhe 3 exemplares com as correções que fiz devido

a erros cronológicos que me jogaram num labirinto tremendo, de onde sai depois de muitas acrobacias⁴⁹.

Acabo também de receber uma carta do Carlos Lacerda⁵⁰, que gostou tanto do *SOLO [de Clarineta]*, que chegou a considerá-lo o meu melhor romance. Acha que dificilmente o segundo volume poderá igualar o primeiro, pela falta da infância e da adolescência. Corre o risco de ser mais episódico do que psicológico, íntimo. Acho que tem razão. Mas já que a batalha começou, é preciso ir até ao fim.

Estou ansioso pelo trabalho que a Rhea [Rea] fez sobre o Sollers e, naturalmente, qualquer opinião sobre o Barthes me interessa⁵¹.

Um grande abraço para vocês, meu e da Mafalda.

Erico

PA. 8 fev. 1973⁵²

Meu caro Dionísio:

Um bilhete, especialmente para lhe perguntar se recebeu a minha carta de janeiro último, em que lhe contava das três “epístolas” que lhe mandei de Washington e não lhe chegaram. Como vai a Rea? (Ainda não entendi *Lois*, mas não culpo o Sollers, mas a mim mesmo.) Tudo bem aqui em casa. Tenho lido muito. Continua a soneira, o desânimo. Fiz anteontem a primeira revisão médica (Dr. Achutti) desde que cheguei. Tudo bem, considerando-se a idade do paciente e o enfartação de 1961. O Achutti me receitou outra droga p. substituir o deprimente Inderal. Já comecei, esperançado, a experiência. Preciso trabalhar. Lembro-me da poesia do Quasimodo: (Cito de memória)

O homem está só no coração do mundo,
Transfixado por um raio de sol.

45. Durante dois anos, realizamos um curso na Universidade Paris III sobre *Incidente em Antares*. Ver a introdução deste artigo.

46. Erico nos enviou, desta vez, a cópia de sua carta. Ele certamente guardou o original. O papel de carbono que ele usou provavelmente foi dobrado e resultou na dupla digitação de uma frase. É assim que explicamos essas marcas, que Erico gentilmente chama de marcas do verão, na parte inferior da página.

47. Cartão.

48. José Otávio Bertaso, diretor das Edições Globo, nosso amigo em comum.

49. Tentamos traduzir e colocar na França o romance *Incidente em Antares*. Apesar da opinião favorável do leitor dos textos em língua portuguesa das Edições Gallimard e Albin Michel, Álvaro Machado, por razões de oportunidade comercial o livro não foi aceito.

50. Político brasileiro de direita, muito conhecido.

51. Ver nota 38.

52. Cartão.

E de súbito anoitece⁵³.

Mande notícias. E receba com a Rea um afetuosos abraço da Mafalda e outro do

Erico

P. A. 16 março 1973⁵⁴

Meu caro Dionísio:

Tive a alegria de receber há dois dias a tua longa carta. Esta não é a resposta.

O portador, que tenho o prazer de te apresentar, é o James Prates da Costa⁵⁵, guitarrista de grande talento, com excelente classificação num concurso realizado aí em Paris, e que agora vai continuar seus estudos “nessa próspera cidade gaulesa”.

Tu lhe prestarias um inestimável serviço se lhe conseguisses um lugar para ele hospedar-se, tipo Casa do Estudante português ou, em não havendo vaga, noutra lugar com B.B. (não se trata de Brigitte Bardot, mas de bom e barato).

Estou curtindo um resfriado, cabeça zonza, corpo dolorido, razão por que não te escrevo uma carta decente agora.

O James é um sujeito decentíssimo. Podes crer que, ajudando-o, estarás dando uma mão a um rapaz que considero uma espécie de sobrinho. Recebe com a Rea o abraço da M. e o do am^o mt grato

Erico Verissimo

Porto Alegre, 5 de maio de 1973

Meu caro Dionísio:

Finalmente aqui estou, num sábado carrancudo de nuvens, com promessas dum inverno precoce, para conversar contigo e com a Rea. Por que não fiz isso antes? A tua carta é de janeiro e só respondo em princípios de maio. Durante esse período escrevi algumas dezenas de “car-

tículas”, quase todas mais ou menos convencionais, apressadas e inexpressivas e esperava o momento azado para escrever a vocês algo de mais decente. Mas a ocasião não se apresentava, a sarabanda continua, para os repórteres eu represento a “linha de menor resistência”, o sujeito que está mais perto, a reportagem mais fácil... E não me deixam, o que por um lado é bom e por outro muito mau⁵⁶. Depois, tu compreendes, apareceu o *Incidente*, que foi muito discutido e ainda continua provocando brigas e controvérsias⁵⁷, e mais o *Contador de histórias*. Te confesso que me sinto constrangido em ver coisas a meu respeito nos jornais com tanta frequência. E a minha cara, santo Deus! Não se trata de falsa modéstia. Acho que quando um autor publica um livro, é bom que se escreva sobre ele e a obra. Mas depois, na minha opinião, deve haver um período de silêncio, até ao próximo livro. Estou me referindo a jornais e revistas. Porque me é sempre grato saber que romances meus são assunto de aulas, aqui e no estrangeiro. E quero aproveitar a oportunidade para te agradecer pelo que estás fazendo para o *Incidente*. Várias pessoas me têm falado com entusiasmo sobre o teu trabalho. Trata-se de gente que assistiu a uma de tuas aulas ou a algumas delas.

(Entre “parentes”, uma explicação. Ainda não estou manso nesta IBM elétrica. Acontece também que estou usando um daqueles abomináveis colarinhos corretivos por causa dum problema de coluna e de labirinto.)

Foi muito bom para nós o convívio com vocês em Paris. Mafalda ficou querendo muito bem a vocês. Eu... já queria.

Falas de como começaste, ainda menino, a ler os meus livros. O curioso é que isso tem acontecido com alguns jovens que um dia se tornam críticos literários e então, tendo lido autores grandes e, amadurecidos, releem os meus livros e acabam revoltados contra mim, como se tivessem sido enganados pelo autor. E me metem o

53. Erico conheceu pessoalmente o poeta Quasimodo [NT - Salvatore Quasimodo, italiano], como se poderá perceber na carta dirigida a Mary Pedrosa que transcrevemos mais adiante.

54. Cartão.

55. James Prates da Costa, um violonista talentoso, como diz o próprio Erico, fez alguns shows na Europa. Como não se adaptou, voltou para o Brasil.

56. A admirável disponibilidade de Erico era conhecida. Encontrava sempre tempo para receber quem fosse.

57. Sobre *Incidente em Antares*, Erico fazia alusão às reações de alguns escritores conservadores, seus amigos, como Viana Moog e Moisés Vellinho.

pau. Compreendo o mecanismo dessa mudança⁵⁸. Não te vou mentir que a coisa me alegra. Considero a primeira fase de minha obra bastante fraca, hoje com valor apenas histórico e assim mesmo relativo⁵⁹.

Lembro-me dos nossos encontros passados, de que falas. E também do pedido do Rony para que eu te fizesse meu secretário. Respondi que seria para ti o pior aprendizado do mundo, visto como minha vida (eu fazia mil coisas) era uma desordem e eu não poderia nem saberia como te ensinar alguma coisa...⁶⁰.

Não me lembro se te perguntei em Paris se estás escrevendo um jornal⁶¹. Acho que seria excelente, mesmo que no futuro só publicasses parte dele. Essa tua experiência no exílio e a tua posição na Sorbonne te dão um ângulo privilegiado⁶².

Agora chego à página 4 de tua carta e sinto que meu pecado diminuiu um pouco, pois a continuas a 27 de Fevereiro. Os motivos que te impediram de terminar a carta em janeiro foram os melhores possíveis. Que outros aconteçam! E com frequência.

Das pessoas que mencionaste, conheço o Magaldi⁶³, de quem também gosto muito, e a Regina Zilbermann⁶⁴, que uma noite - pouco antes de embarcar para a Europa - estive aqui em casa. Achei-a uma excelente pessoa, muito séria. Escrevi-lhe uma carta há dias. Disse-lhe, na noite da visita, que estava pensando em manifestar por escrito meu agradecimento por ela ter co-

laborado em *O contador de histórias*, mas que aproveitava a oportunidade da visita para fazer o agradecimento verbal e “de corpo presente”. Ela agora de Paris me cobrou a carta - uma carta em que eu dissesse o que achei do ensaio. Ora, tive de confessar que não conhecia o assunto suficientemente para isso⁶⁵. E é a pura verdade.

É incrível que se tenham extraviado as duas (ou foram três?) cartas que eu te escrevi dos Estados Unidos. Mas começo a encontrar a explicação para o extravio. Enderecei-as à Maison du Portugal, Rue Scribe, tal como aparecia o endereço num guia de Paris que eu possuía...

Quanto ao livro aparecido por ocasião de meu “centenário como escritor” (ainda bem que não é um In Memoriam), acho que ele contém artigos afetivos (Jorge Andrade, Lygia Fagundes, Jorge Amado), e artigos em que o autor visivelmente “descalça uma bota”. O Alceu Amoroso Lima (homem pelo qual tenho a maior admiração, afeto e respeito) pegou como cavalo de batalha SAGA, um livro a cujo aparecimento ele atacou de rijo, e me parece que com muito boas razões⁶⁶. Gostei, no entanto, dos ensaios que não te satisfizeram⁶⁷. Achei o da Regina e o do Roche muito técnicos. Creio que Moysés escreveu a sua melhor crítica, tratando de *Noite*. Eu sempre quis aceitar a minha própria ideia de que sou um artesão, e que faço romances como um oleiro faz um vaso. Puro despistamento.

Tenho a mais absoluta confiança em ti e no que estás fazendo com o meu *Incidente*. As primeiras

58. Tratar-se-ia de uma alusão à crítica literária gaúcha? Não se deve esquecer que a geração que sucedeu imediatamente à de Erico fazia algumas restrições à sua obra, deixando sempre de lado, no entanto, o romance *O Continente*.

59. Erico trata de forma mais completa e com grande sinceridade o assunto em vários capítulos do *Solo de clarineta*, I, Porto Alegre, Globo, 1974.

60. Rony Lopes de Almeida, advogado gaúcho, amigo de Erico. Nós mesmos não sabíamos desse pedido. Essa última foi sem dúvida formulada entre os anos 46 e 50.

61. Um diário. [N. do T.]

62. Erico nunca formulou essa pergunta em Paris.

63. Trata-se do crítico de teatro e professor de São Paulo Sabato Magaldi.

64. Regina Zilbermann, após ter sido nossa aluna na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, colaborou conosco na cátedra de teoria da literatura da Faculdade de Filosofia Porto Alegrense. Segue a crítica literária moderna, de tendência estruturalista (V. Propp, A. J. Greimas). Publicou vários artigos em suplementos literários do Rio Grande do Sul e é coautora do livro *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira* (ver nota 36). Foi para a Alemanha, em Heidelberg, para preparar uma tese de doutorado. Ela escreveu a carta a que Erico se refere durante uma de suas visitas a Paris.

65. O que dissemos a respeito da posição de Erico sobre a literatura de vanguarda também é válido, naturalmente, para a nova crítica.

66. Como se sabe, a crítica literária brasileira sempre foi dividida quanto à obra de Erico Verissimo. Lembremo-nos, por exemplo, dos elogios de Mário de Andrade e dos ataques de Álvaro Lins. Ainda recentemente, numa carta que nos foi dirigida, datada de 31 de agosto de 1976, Paulo Hecker Filho pronunciava o seguinte julgamento: “Leste o segundo volume das memórias? Fraquinho, hein? Mas se sua obra não é das mais inspiradoras, o homem era um artista”.

67. Trata-se de *O contador de histórias*, Porto Alegre, Globo, 1972. Se não nos falha a memória, demos um valor muito especial à reportagem de Jorge Andrade, “O Galho Da Nespereira”, e aos ensaios de Antônio Cândido, “Erico Verissimo de Trinta a Setenta”, de Moysés Vellinho, “Um Contador de Histórias”, e de Gilberto Mendonça Teles, “A Retórica do Silêncio”.

sete edições estão cheias de cochilos do autor. A Gallimard pediu opção de três meses para considerar a possibilidade duma tradução francesa. Assinei um contrato com uma editora da Romênia. Nos Estados Unidos (modéstia à parte) o livro foi repellido violentamente pelo leitor (ou leitora) do Alfred A. Knopf. Este meu querido amigo chegou a me escrever que havia recebido “a horrible report” sobre o meu romance. Paciência.

Vou perguntar à nossa querida amiga Maria da Glória se ela mandou, como prometeu, um exemplar de *Fantoches*, brincadeira de avô com neto. Por via de dúvidas, o melhor é ela te mandar outro.

José Otávio está muito nosso amigo. Saiu do círculo familiar fechadíssimo. Visita-nos com a Eda⁶⁸ todas as terças-feiras, bebe um J&B com a Mafalda e aqui tem a oportunidade de conhecer muita gente de quase todos os quadrantes deste nosso mundinho e de outros. É ótimo para ele. Vai editar um livro de contos do Hermilo Borba Filho. Tu nem imaginas a vitória que obtiveste em fazendo a Globo editar aqueles livros de nível universitário⁶⁹.

(Estou lendo com delícia o *Le plaisir du texte* de “nosso amigo” Roland Barthes.) Ah! Tu falas nesse livro na tua carta. O diabo do homem escreve com tamanha economia e precisão que o leitor ocioso de romances não se pode dar ao luxo e ao risco de perder uma palavra sequer do texto.

O Luiz Carlos Meneghini⁷⁰, nosso psicanalista de cabeceira - pois nos aparece quase todas as noites - não tem o menor entusiasmo pelo Lacan. A ortodoxia freudiana do grupo de Porto Alegre é um rochedo inquebrável. Confesso que acho o Lacan difícil para quem como eu não tem as leituras básicas para o compreender...

Espero que um dia tu e a Rea me expliquem o Sollers... com gráficos, se possível⁷¹. Anda circulando por aqui, em tradução brasileira da Arte Nova, o livro *O romance está morrendo?*, dum discípulo de Lukács que contesta as ideias do mestre sobre a ficção e nos assegura que o romance viverá. (Não me lembro do nome do homem: o prenome é Ferenc.)⁷²

Quanto ao esclarecimento que me pedes sobre a segunda parte de *O Incidente*, juro por Deus que (pelo menos conscientemente) não utilizei nenhum episódio medieval. A gênese do livro é simplíssima, se é que em criação literária há coisas simples. Eu vi no *Time Magazine* uma foto, batida durante a greve dos coveiros de Nova York, e em que uns doze caixões de defunto estão enfileirados diante do cemitério. Então eu disse à Mafalda: “Imagina se esses mortos se erguessem de seus ataúdes e descessem sobre a cidade para exigir que fossem sepultados”. Para que fosse possível uma greve de coveiros, tive de inventar uma cidade com indústria, capaz de justificar uma greve geral, etc. Sabes muito bem que o coveiro nas nossas cidades do interior são uns pobres diabos, poucos, ignorantes, e inexpressivos.

Estou trabalhando num livro de memórias que se vai chamar *Solo de clarineta*. Parte dele (pequena parte) já está na *Ficção Completa* publicada em papel de Bíblia pela José Aguilar Editora. Mas o plano de romance (*O dia do sétimo anjo*) está de pé. Preciso de mais tempo para trabalhar nele. A autobiografia está praticamente pronta. Creio que nela encontrarás muita coisa esclarecedora.

O que me tem faltado é paz para trabalhar. Minha casa está incluída no itinerário turístico

68. Eda Bertaso, esposa de José Otávio Bertaso.

69. A Editora Globo já editou dois livros de Hermilo Borba Filho que Erico conheceu em Paris: *O general está pintando e Sete dias a cavalo*. Foi Erico quem pôs em contato o escritor e José Otávio Bertaso. Quanto às outras edições, Erico refere-se a *Princípios de crítica literária*, de I. A. Richards (1969), *Aspectos do romance*, de E. M. Forster (1969), *O poético*, de M. Dufrenne (1969), *A estrutura do romance*, de E. Muir (s. d.) e *O tempo no romance*, de A. A. Mendilow (1972). Estas obras constituem o início de uma coleção da Editora Globo. Sugerimos a Henrique Bertaso que criasse essa coleção, na casa do próprio escritor. Praticamente, foi a primeira coleção de teoria literária lançada no Brasil. É importante porque foi a origem de um movimento no Brasil que tem seus antecedentes na obra de Afrânio Coutinho. Os professores Angelo Ricci, Gerd A. Bornheim, Maria da Glória Bordini, Maria Helena Martins, Reasylyvia de Oliveira Toledo, assim como os alunos de então, Ana Marisa Filiponski, Regina Zilbermann, Rosaura Eichenberg, Antônio Hohlfeldt, Luiz Artur Nunes e José Ronaldo Falleiro, participaram diretamente desse movimento. Por diversas razões, as traduções da *Biografia Literária*, de Coleridge, e da *Formação da doutrina clássica na França*, de R. Bray não foram publicadas.

70. Psicanalista de Porto Alegre, da linha kleiniana. Frequentou assiduamente Erico, de quem era muito próximo.

71. Ver nota 38. Nós mesmos, posteriormente, escrevemos a Erico fazendo uma série de considerações sobre os escritos de Philippe Sollers.

72. A influência de G. Lukács na crítica literária brasileira tornou-se evidente nos textos de Carlos Nelson Coutinho. [N. do T. - Trata-se de Ferenc Fehér, com o livro *O romance está morrendo?*]

da cidade. Não é mesmo ridículo? Esta manhã, às sete e meia, uma menina ou moça me telefonou de Santo Antônio da Patrulha para perguntar quais são os requisitos que uma pessoa necessita para escrever contos. Imagina... Nossa casa se enche à noite, e isso é bom⁷³. Pela manhã damos as longas caminhadas. Nestes três últimos dias tenho caminhado sozinho, pois Mafalda está curtindo uma gripe tremenda. Não sabe ficar doente porque não tem o hábito de adoecer.

Luís Fernando e Lúcia andam pela Europa. Pararam em Lyon só para comer num restaurante de fama mundial que lá existe. Visitaram a Itália, a Suíça, a França e agora andam pela Bélgica, Holanda, terminando a farra dia 11 em Londres. E a grande notícia é que a 2 de julho chega a P. Alegre o casal Clarissa-Dave com os filhos. Vão morar em Porto Alegre. No princípio, enquanto o Dave não se firmar no seu trabalho, morarão conosco, num apartamento que estamos preparando no subsolo, junto de meu escritório. Seremos então, contados os criados, dezessete pessoas nesta casa. E eu por algum tempo realizarei o meu sonho patriarcal.

O rádio da Universidade neste momento está irradiando o concerto de órgão e orquestra do Poulenc⁷⁴. São quase seis horas e já anoiteceu.

Quero ver se amanhã posso começar a trabalhar firme em *Solo de Clarineta* (título este que dará aos psicanalistas muitas oportunidades para alusões eróticas: falo, bico de seio, etc.). Por mais incrível que pareça, a epígrafe do livro é dum homem que eu admiro mas pelo qual nunca tive a menor simpatia: Paul Valéry. A citação é de muitas linhas e termina assim:

*À la limite, il n'y a plus que "du toi". C'est tout "du toi": fable pure.*⁷⁵

Recebe com a Rea o abraço muito afetuoso da Mafalda e o meu. E até a próxima!

Erico

Porto Alegre, 13 de novembro de 1973

Meu caro Dionísio:

Não é que eu não pense em ti. Mafalda e eu frequentemente falamos na Rea e no Dionísio com saudade. No entanto tenho falhado como correspondente⁷⁶. Passei todos estes meses aprontando as minhas memórias (*Solo de clarineta*). Lá pelas tantas, vítima ainda de minha deformação profissional como ex-editor da Globo⁷⁷, pedi à jovem-guarda da Editora (que aliás está trabalhando muito bem) que me mandasse o número das páginas prontas. Eram 409 e eu tinha ainda que contar de minhas viagens à Europa e falar nos últimos dezessete anos de mi perra vida. Que fazer? A solução se ofereceu prontamente. Dar dois volumes em vez de um⁷⁸. Esse *um* está impresso e vai aparecer ainda este mês. Vou aproveitar o espaço que me sobra para incluir na segunda parte alguns episódios que me parecem de certa importância e que iam ser omitidos, como por exemplo nossa viagem à Tcheco-Eslováquia durante a Primavera de Praga, bem como um capítulo intitulado Grafitos nos Muros do Tempo, em que conto de meus encontros com escritores como Camus⁷⁹, Herbert Read, Jorge Luís Borges, Salvatore Quasimodo, Italo Calvino, John dos Passos e outros. Estou aqui agora como um "epistolista penitente", para dar e pedir notícias. José Otávio me falou em ti com enorme simpatia e gratidão pela maneira como

73. À noite, Erico não costumava trabalhar. Ele recebia os amigos, falava pouco e observava. Mafalda, com simpatia, preparava o café e animava a sala onde o casal recebia. Como o próprio Erico cultivava suas amizades, ele obviamente se refere àqueles que invadiam sua vida em horas impróprias. Ele mesmo nos contou em Paris que entre 69 e 72, às vezes, um ônibus de turismo, vindo do centro do país, estacionava na frente de sua casa para que os passageiros o visitassem...

74. A estação de rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul retransmitia apenas programas culturais, especialmente dedicados à música clássica. Erico era um ouvinte fiel.

75. "No limite, não há nada além "de ti". É tudo "de ti": Fábula pura". Poema de Paul Valéry sobre o ato criativo de um artista, trecho do livro *Mélange* (1943), nunca traduzido ao português. [N. do T.]

76. Para dizer a verdade, fomos um correspondente menos assíduo do que Erico. Pessoalmente nos sentimos em falta no que diz respeito a responder às cartas, e não apenas com relação ao escritor do Rio Grande do Sul...

77. Ver *Um certo Henrique Bertaso*, ed. cit.

78. Como notamos, Erico explica o desdobramento do *Solo de clarineta* (ed. cit.), exatamente como foi apresentado posteriormente na publicação.

79. A. Camus visitou Porto Alegre, onde proferiu uma palestra. Erico foi seu intérprete. John dos Passos, amigo de Erico, por sua vez, foi à capital do Rio Grande do Sul. Sobre Herbert Read e Salvatore Quasimodo, ver mais adiante, na carta dirigida a Mary Pedrosa.

o recebeste em Paris. Por outras pessoas tenho sabido do sucesso de teus cursos sobre literatura brasileira...

Quero agradecer-te pela remessa de *Le Plaisir du Texte*, do incomparável Barthes. Vá ser inteligente assim pro diabo⁸⁰! Agradeço-te por tudo quanto te deste o trabalho de escrever para me mostrar a importância de Sollers. É um texto (o dessa tua carta) que tenho de reler. Um dia, aqui ou aí, havemos de fazer uma “mesa redonda” para três pessoas: tu, a Rea e eu, para esmiuçar mais esse assunto, que aceito fria e intelectualmente apenas⁸¹. Durante os meses de trabalho no *Solo*, deixei aumentar a correspondência, que agora tento pôr em dia. Naturalmente tua carta teve Prioridade nº 1. Por aqui tudo vai em calma, pelo menos na aparência. Há grande expectativa, mas pouquíssimas esperanças nos sectores liberais quanto ao quinquênio do Geisel. Há dias a revista *Ele&Ela*, publicada pela Bloch, me pediu um conto. Mande-lhe um antigo intitulado “Os devaneios do general”. O pessoal da censura proibiu a publicação, declarando que não é permitido falar em general nem em coronel. Tratava-se duma estória escrita há quase 30 anos, cujo anti-herói é um general da Guarda Nacional, inspirado no famigerado Firmino de Paulo, chefe político republicano de Cruz Alta, conhecido como a “hiena do Boi Preto” - episódio sangrento da revolução de 93, em que a fera mandou degolar um regimento inteiro de maragatos⁸².

Clarissa, David e os filhos estão conosco. Somos agora 16 nesta casa, contando as criadas. Seis netos, imagina! Meu genro já encontrou casa, mas espera os móveis que estão a caminho, por mar. É uma casa muito divertida, esta. Continuamos a ter muita gente todas as noites.

O Fernando Sabino e o David Neves (câmeras) fizeram uma série de documentários com escritores brasileiros: Rubem Braga, Carlos Drummond, Manuel Bandeira (usando um

filme antigo) e João Cabral de Melo Neto. Chegou a minha vez. Passamos uma semana filmando, aqui e em Cruz Alta. Foi divertido. Eu, que não estava muito disposto a fazer o filme, acabei me divertindo a valer. Em Cruz Alta, para entrar no velho solar dos Verissimos, hoje fechado e maltratado, tive de pular um muro. São filmes de 10 minutos, em cores, patrocinados por um banco brasileiro. Há um suplemento de cinco minutos destinado às escolas e universidades. Por falar em universidade... por proposta da Faculdade de Filosofia e Letras (ideia de amigos: Flávio, Guilherme, Schuler) meu nome foi proposto para um título honoris causa. O Conselho Universitário aprovou a ideia unanimemente, mas eu não aceitei a honra “por motivos ideológicos”. A situação é difícil. Não quero criar escândalo. Quando o Donald me deu a notícia pelo telefone, dei-lhe as razões da recusa, ele compreendeu e acabei pedindo que o Conselho arquivasse o processo. Jornalistas já farejaram o assunto e breve vão aparecer com perguntas e curiosidades. Vou dizer que não sei de nada. Pode ser que eu esteja procedendo mal, mas eu ia ficar com esse título atravessado na garganta e em outras partes de minha anatomia física e moral... Espero que tudo se resolva sem maiores barulhos⁸³. - Bom, vou fazer ponto aqui e continuar a escalada da montanha postal. Recebe com a Rea o nosso afetuosos abraço. Do velho amigo

Erico

Porto Alegre, 4 de janeiro de 1974⁸⁴

Meu caro Dionísio:

Mando-te aqui as cartas que te escrevi dos U.S.A. e que levaram o endereço errado. Só me foram devolvidas agora⁸⁵.

O exemplar do *Solo de clarineta* que mandei a vocês deve estar a caminho ou já chegou ao seu

80. Entregamos este texto de Barthes a Erico por intermédio de Maria Lúcia Motta, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

81. Ver notas 16, 38, 59 e 65

82. Ver mais adiante, nota 111

83. Ver nosso artigo “Apresentação de Erico Verissimo”, publicação na qual explicamos detalhadamente qual foi a posição de Erico sobre a crise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1969. [N. do T. - Ver, a propósito, o artigo “Gestos públicos”, de L. A. Fischer, nesta edição.]

84. Cartão.

85. Ver nota 41.

destino pois autografei-o há mais de 4 semanas.

Gostaria de escrever-te uma longa carta, mas estou me afogando num mar de cartas não respondidas e ao mesmo tempo ansioso por começar o segundo volume das memórias.

Todos bem na tribo. Os Jaffe já estão instalados em casa própria, e muito felizes.

Tenho passado muito bem de saúde e Mafalda continua a ser *The Rock of Gibraltar*.

Recebe com a Rea o nosso abraço muito afetuosos. E um até logo epistolar do amigo certo

Erico

Porto Alegre, 5 de maio de 1975

Meu caro Dionísio:

Muitíssimo obrigado te fico pelo belo presente que me mandaste, o *Roland Barthes par lui-même*⁸⁶. O livro é interessantíssimo, fascinante, mas eu seria um grande potoqueiro se te dissesse que o entendo por completo. Não estou ainda (estarei jamais?) senhor de todo o jargão que o grande homem usa. Creio que não houve um parágrafo sequer que eu pudesse digerir à primeira leitura. Continuo a achar que maître Barthes escreve livros impróprios para romancistas do meu tipo⁸⁷.

Eu já devia ter mandado esta carta antes, muito antes, mas minha situação de vida e trabalho continuam as mesmas. Fazendo o segundo volume de *Solo de clarineta*, afundi-me em Portugal. Já terminei essa parte lusa e agora me sobra a outra metade do livro para as outras viagens pela Europa, o que me parece bem, pois estas não passaram de corridas de turista⁸⁸. O diabo é que não pensei em atrasar-me tanto. Estou escrevendo este livro com especiais cuidados semânticos, evitando ao mesmo tempo que isso

me leve a caminhos que não são os meus, isto é, os naturais. Eu andava meio (ou muito) saturado de meu próprio estilo. Creio que melhorei dessa “afecção” o suficiente para tomar um certo interesse pelo que escrevo⁸⁹.

Tenho tido notícias tuas, indiretas. Tuas e da Rea. Imagino que já tenhas encontrado o Carlos Reverbel, que está passando uma temporada em Paris⁹⁰. (A Olga⁹¹ irá encontrá-lo em Londres lá por junho ou julho.) O Brasil vai bem, pelo menos na superfície. O Geisel garantiu eleições decentes. A oposição venceu. A situação está alarmada. Fala-se dum grande descontentamento de parte do exército, que exige um regime mais duro, assustado com o rumo de Portugal e com o fracasso americano no Vietnã. Não sei... Os jornais não tocam no assunto⁹².

Nossa vida continua sempre movimentada, embora Mafalda e eu sejamos, como sempre, bichos de concha. (Mas acontece que nossa concha é grande e nela cabem sempre os amigos, os desconhecidos e possivelmente até os inimigos.) Um dia destes fui convidado pela Editora Abril para tomar conta da página de literatura duma revista que eles provavelmente (o provavelmente me ocorreu agora) lancem para fazer frente ao *Status*. Coisa para homem, tipo *Playboy*. Achei muita graça em virem convidar um sujeito que já vai caminhando para os setenta para escrever numa publicação que interessará um público... não, eu ia dizendo uma besteira, ia escrevendo “jovem”, mas vejo que me engano. Os jovens fazem. Os velhos leem e veem figuras. Não aceitei o convite apesar de eles me darem toda a liberdade. Não quero compromissos⁹³. Chegou a hora da gente fazer apenas aquilo de que gosta mesmo. O pouco tempo que me deve restar de vida não pode ser desperdiçado. Tenho ainda o terceiro

86. Ver nota 74.

87. Note-se que os comentários de Erico sobre a autobiografia de Barthes precedem imediatamente as notícias sobre sua própria autobiografia.

88. Erico não terminará, como se sabe, o segundo volume de *Solo de clarineta*.

89. Ver nota 81.

90. Jornalista do Rio Grande do Sul. Conhece profundamente a literatura do Rio Grande do Sul, amigo íntimo de Erico. Nós o colocamos em contato com Daniel Fresco, que na época preparava um mestrado sobre Erico, sob a orientação do Professor Cantel (*O aspecto político em Erico Verissimo*, que provavelmente será publicado pelas Edições Paz e Terra do Rio de Janeiro). Reverbel concedeu uma entrevista a este jovem pesquisador que a transcreveu em seu trabalho, muito interessante quanto ao conhecimento das posições políticas de Erico.

91. Olga Reverbel, professora universitária do Rio Grande do Sul, esposa de Carlos.

92. A partir de então, a situação política brasileira evoluiu como Erico tão bem mostrou. A tensão então constatada tornou-se cada vez mais aguda. Hoje, dada a gravidade das contradições, os jornais falam abertamente.

93. Um dos diretores das Edições Abril é atualmente Angelo Ricci. Sobre as relações estabelecidas entre este professor e Erico, ver a nossa “Apresentação de Erico Verissimo” l. c. [N. do T. - l.c.: em latim, “no lugar citado”.]

volume do Solo e quero fazer mais uns romances. Para falar a verdade já estou com saudade da ficção, o que pode significar um perigo para as memórias, pois posso desandar a pregar mentiras daqui por diante.

Quando tiveres tempo manda um bilhete contando-nos de tuas atividades e das da Rea. E para vocês dois um abraço da Mafalda e outro meu.

Do amigo muito grato

Erico

P. S. - Para teres uma ideia do estado da minha cuca, esta carta que te escrevi a 5 de maio só está sendo posta no correio a 21 do mesmo mês⁹⁴.

||

Porto Alegre, 14 de janeiro de 1970⁹⁵

Mary Pedrosa⁹⁶:

Respondo com prazer à sua carta. Pode ficar

certa de que James Joyce - que infelizmente não conheci pessoalmente - não conhecia nem podia conhecer meu romance *Olhai os lírios do campo*, e não tinha notícia de minha existência. Estou certo que a referência que v. encontrou em *Finnegan's Wake* é ao versículo bíblico do Sermão do Monte (*consider the lilies of the field... etc.*).

Em todo o caso, sinto-me lisonjeado pela sua "suspeita".

Desejando-lhe *good luck* no seu ensaio interpretativo, cumprimento-a cordialmente

Erico Verissimo

P.S. - Um abraço para a Yara!

P. S. - Meu romance "Olhai os Lírios do Campo" só apareceu nos Estados Unidos em 1957, com pouquíssima repercussão⁹⁷.

Porto Alegre, 9 de fevereiro de 1970⁹⁸

94. No topo da carta em manuscrito.

95. Cartão.

96. Aqui está a transcrição do esboço manuscrito do texto de Mary Pedrosa que foi a origem de sua correspondência com Erico: "Ilustre Sr. Erico. Seu endereço me foi dado por minha prima Yara Rabello, que trabalha no gabinete do Dr. Negrão de Lima [conhecido político brasileiro, então governador do antigo estado de Guanabara] com sua cunhada, e tomei a liberdade de lhe dirigir esta, embora não tenha o prazer de conhecê-lo pessoalmente, para um pedido de informações. É que me pareceu ter identificado em *Finnegans Wake* uma referência ao seu nome, relacionada com o tema "olhai os lírios do campo", que, como o senhor provavelmente estará lembrado, é um dos "leitmotifs" do livro de Joyce. Ora, segundo me consta o seu livro foi publicado em 1938, e *Finnegans Wake*, após demoradíssimo trabalho de correções de prova, etc..., em 1939. Seria preciso, portanto, que Joyce tivesse tido conhecimento muito rápido de *Olhai os lírios do campo*. Talvez o senhor já tenha se encontrado na obra de Joyce e tenha os dados referentes ao assunto. E eu ficaria muito feliz se o senhor me desse essa informação. Caso contrário, eu pediria que o senhor me informasse o seguinte: 1) quais as referências mais antigas à sua obra publicadas em jornais ou revistas do estrangeiro; 2) se o senhor teve, antes da publicação de *Finnegans Wake*, algum contacto com Joyce, diretamente ou por intermédio de amigos comuns, para que Joyce pudesse ter tomado, por esse meio, conhecimento de *Olhai os lírios do campo*.

Este é um assunto que me interessa muito porque estou empenhada em um trabalho sobre *Finnegans Wake* e gostaria de poder incluir nele, com alguma base, essa referência. Como o senhor sabe, é tudo tão vago naquele texto, e tão discutido. Por outro lado, penso que o assunto devia despertar sua curiosidade, e assim espero poder contar com a sua valiosa colaboração para esclarecer esse ponto. Caso o senhor venha ao Rio a partir de março (durante janeiro e fevereiro estarei em Cabo Frio) e disponha de um tempinho livre para conversarmos, ficarei muito contente com isso, porque é sempre melhor conversar do que estar escrevendo cartas. Meu telefone aqui é 247 27 64. Quanto ao endereço, vou dar o de minha filha, que levará para C. Frio nos fins de semana a correspondência que lá chegar para mim. [nota à margem:] Aguardo ansiosamente sua resposta que desde já agradeço. Endereço Av. Epitácio Pessoa 260, ap. 303, Rio."

97. A primeira edição brasileira de *Olhai os lírios do campo* é de 1938.

98. Em resposta ao mapa de Erico, Mary Pedrosa escreveu outra carta que deu seguimento a essa correspondência. Aqui está a transcrição mais uma vez de um rascunho não datado mantido pela sua autora: "Muito agradecida por sua rápida resposta, permito-me voltar à carga. Sabemos que o tema dos lírios do campo em *F. W.* se prende às duas mocinhas que foram urinar num recanto do parque, tendo sido vistas por Earwicker. O espetáculo de tal modo o excitou que ele praticou um ato de onanismo diante delas. Três rapazes que estavam espionando foram contar o caso à gente da cidade, do que resultou um processo contra ele por ultraje à moral pública. Confessando o seu pecado, Earwicker admitiu que gostava de olhar os lírios do campo. Pois bem: na acusação a Earwicker feita no 3o capítulo da segunda parte do livro, encontramos entre outras coisas: Ericus Vericus corrupted into ware eggs! (Não posso indicar a página e a linha porque não tenho o livro aqui e estou citando de memória.) Ora, esses "ovos" desperdiçados nos levam diretamente às moças do parque. Em outras palavras: E. é acusado de corromper a pureza da frase "olhai..." relacionando-a com seu ato de [frase corrigida pelo autor no esboço] desperdício. Agora, diga-me por favor: quem mais poderia ser esse Ericus Vericus que mandou olhar os lírios do campo? Como explicar essa frase? Coincidência? Não creio. Acaso ou palavras ditas a esmo é excluído, porque naquela aparente maluquice de *F. W.* não há uma palavra que não tenha intenção e significado, e quando uma frase nos parece sem sentido é porque ainda não a deciframos. Outro Ericus Vericus já foi procurado, inclusive por Adaline Glasheen, que fez o "Census" de todas as personagens citadas no livro de Joyce mas que certamente desconhece a literatura brasileira, e não conseguiu identificá-lo. Por outro lado, sabemos como Joyce trabalha na modifica-

Mary Pedrosa:

Se na sua primeira carta v. tivesse me narrado, como fez na segunda, a cena de Barwick no parque e a frase de Joyce - *Ericus Vericus corrupted into ware eggs!* - eu não lhe teria dado uma resposta tão rápida e tão fácil. A coisa toda ainda me parece fantástica, absurda ou, pelo menos, inesperada. Mas reconheço que é demasiada coincidência a associação do versículo bíblico com o nome Ericus Vericus.

Explico por que varri para longe a possibilidade:

1 - *Olhai os lírios do campo*, que sinceramente considero um livro sem maior importância literária⁹⁹, tornou-se um best-seller no Brasil mas só foi traduzido para o inglês em 1957. (É, entretanto, possível que em Portugal alguns exemplares do romance já circulassem em 38.)¹⁰⁰

2 - Não me consta que Joyce falasse ou lesse o português¹⁰¹.

3 - Como *Finnegan's Wake* foi publicado em 1939, se não me engano, não é muito provável que numa obra tão trabalhada como essa o autor fizesse menção de um livro e de um escritor de que ele ouvira falar apenas no ano anterior. (E autor desconhecido fora do Brasil!)

4 - Minha tradução de Huxley apareceu em 1933, portanto quase cinco anos antes de *Olhai os Lírios*¹⁰².

Que fazer, então? V. não poderia correspon-

der-se com Adaline Glasheen (se é que ela não anda por estas horas a passear among green pastures) e perguntar-lhe se sabe dos whereabouts de Joyce em 1938 - contar-lhe, enfim, da sua "suspeita" e perguntar-lhe que acha da possibilidade de sua confirmação¹⁰³.

Escrevi hoje a John dos Passos, contando toda a estória, e espero a sua reação.

Em 1960, no Cosmos Club de Washington, reuniram-se alguns escritores, entre eles Herbert Read, John dos Passos, Alan Tate e Salvatore Quasimodo¹⁰⁴. Fui convidado também para esse almoço. Quasimodo, com quem fiz boa camaradagem, achou muito engraçado o meu sobrenome, que soava tão italiano, e a cada passo o pronunciava, sorrindo. É possível que, tendo ouvido esse nome, Joyce, tão fascinado por palavras, o tivesse guardado, associado ao título do romance.

Devo confessar que não li *Finnegan's Wake*. Fiz uma tentativa frustrada há uns vinte anos passados¹⁰⁵.

Bom, Mary Pedrosa, se descobrir mais alguma coisa, mande-me dizer. Estou curioso.

Um cordial abraço do

Ericus Vericus

ção dos nomes que cita - Boyne por Wey, Reliarn of the Card, por René Descartes, para não falar em Toot. and. Came. In on Two-Tingue-common-e a transformação de Erico Verissimo em Ericus Vericus está rigorosamente dentro de sua linha. Não me quero alongar demais e por hoje basta. Pense sobre o assunto, é o que lhe peço, na esperança de sua colaboração para resolver este problema. Para um colecionador de raridades como Joyce que queria fazer de *F. W.* uma sùmula de tudo o que existe, pura hipótese, que, digamos que em qualquer revista de livros publicada numa das línguas que ele sabia tivesse saído uma nota informando que um livro de Huxley [como se sabe, Erico foi o tradutor de *Point Counterpoint* de Aldous Huxley] estava sendo traduzido para o português por Erico Verissimo [NT - daqui até o fim desta nota, o texto está em francês no artigo de DT.] [Toda a frase é de difícil leitura. No esboço, o autor a deixou inacabada] "Na margem, lê-se uma frase escrita a lápis, referindo-se provavelmente à tradução de Erico de *Contraponto*: "acabava de entregar no seu editor no Brasil os originais de [frase igualmente inacabada]."

99. A este respeito, ver as considerações de Erico sobre *Olhai os lírios do campo* em *Solo de clarineta*, I, ed. cit., pp. 265-268.

100. Ver nota 90.

101. Na verdade, Joyce, misturando línguas, usa mais de cem palavras em português em seu texto *Finnegans Wake*. É certo que Erico não tomou conhecimento deste fato.

102. Como o próprio Erico conta em *Um certo Henrique Bertaso*, ed. cit., ele começou a traduzir muito cedo. Vale a pena lembrar, como notamos em nossa "Apresentação de Erico Verissimo", ed. cit., suas admiráveis traduções que algumas vezes se tornaram obras-primas da escrita brasileira.

103. Adaline Glasheen, especialista de Joyce. Ela escreveu: *A Census of Finnegans Wake*, Faber & Faber, Londres, 1957; *A Second Census of Finnegans Wake*, Northwestern University Press, Evanston, Illinois, 1963; "The Opening Paragraph" in *Wake Newsletter*, University of New Castle, N. S. W., vol. III, n. 1, fev. de 1966. Haroldo e Augusto de Campos, em seu *Panorama do Finnegans Wake*, São Paulo, Perspectiva, 1971, ainda citam: "Out of My Censu", in *The Analyst*, uma publicação mimeografada do Departamento de Inglês, Northwestern University, Evanston, Illinois, dirigida por Robert Mayo, n. XVII, 1959. [N. do T. - "Among green pastures" é expressão bíblica, presente no Salmo 23, significando "entre pastagens verdejantes", uma imagem de serenidade, repouso. "Whereabouts": situação, contexto.]

104. Entre os autores citados, muito conhecidos do público brasileiro, apenas Salvatore Quasimodo não teve nenhuma de suas obras traduzidas na íntegra.

105. Ver notas 16, 38, 59 e 65.

Porto Alegre, 31 de março de 1970

Mary Pedrosa:

Muito obrigado pela remessa da cópia de sua carta a Mrs. Glasheen¹⁰⁶.

John dos Passos, que é um excelente “pracha”¹⁰⁷, havia in the meantime escrito a seu amigo Stelio Crise, especialista (ou interessado) em Joyce. Crise é bibliotecário e vive em Trieste (lapso justificável: Trieste). Veja que carta simpática o italiano me escreveu. Tire uma cópia (ou faça as anotações que julgar necessárias) e depois, prego, me devolva o original, mas sem pressa¹⁰⁸.

Recebi esta manhã outra carta de Crise, desta vez em italiano. Aconteça o que acontecer com suas pesquisas, Mary, seja o resultado positivo ou negativo, duas coisas ganhei com toda a estória: o ter conhecido você e Stelio Crise.

Um cordial abraço do

Erico Verissimo

McLean, 19 de agosto de 1970¹⁰⁹

Mary Pedrosa:

Do fundo do mais quente, úmido e sujo dos verões mando-lhe estas mal traçadas linhas. Es-

tamos aqui desde 28 de julho. Felizmente consegui quebrar o *spell* negativo que este ambiente americano exercia sobre a minha capacidade de escrever ficção e estou trabalhando num novo romance, com regularidade, desde que me estabeleci à sombra dos netos em flor¹¹⁰.

Não preciso dizer-lhe que esta nossa Matriz está agitadíssima às voltas com os velhos problemas - o da integração escolar, o da poluição do ar, o da intolerância dos brancos, o da guerra na Ásia - e com os novos, que são a rebeldia dos estudantes, a Nova Esquerda, a militância violenta dos pretos, o “vigilantismo” dos WASPS e até uma inflaçãozinha. Mas, apesar de tudo, aqui se pode falar contra o Presidente no rádio, na televisão, na imprensa, na rua, em casa em toda a parte.

Achei que me faria um grande bem deixar por uns tempos o Brasil, de sorte que minha mulher e eu ficaremos aqui até princípios do próximo dezembro¹¹¹.

Um amigo de meu genro, Bill Wood, leitor devoto de Joyce, interessou-se pelo caso Ericus Vericus, andou relendo o *Finnegan's Wake*, declarou-se convencido de que... bom, você lerá a nota que ele escreveu e que lhe mando aqui, com um cordial abraço e votos de felicidade¹¹².

106. Mary Pedrosa não encontrou o original de sua carta a Adaline Glasheen.

107. Ver nota 79.

108. Mary Pedrosa também não encontrou a cópia desta carta. No entanto, sobre este assunto, ela escreveu a Erico a seguinte carta, sem data, que transcrevemos do rascunho: “Erico Verissimo. Sua carta encaminhando a de Stelio Crise, que lhe devolvo com os agradecimentos, me deu muito prazer, porque de certo modo confirma a justeza de minha não sei se “descoberta” ou “trouvaillé” (esta última palavra não me agrada muito, porque me parece conter uma insinuação de que “se non è vero, è ben trovato”), pois é por ela se vê que a repercussão de seu nome no estrangeiro, já em 1938, era bem maior do que a sua modéstia lhe faz supor. A carta é sem dúvida muito simpática e interessante embora eu não encare o trecho de Joyce em questão do mesmo modo que o descreveu. Não vejo nenhum sarcasmo de Joyce em relação à sua obra. O tom sarcástico é apenas em relação à frase bíblica, e aliás, *Finnegans Wake* está todo ele crivado de alusões dessa ordem a uma porção de frases bíblicas. Tenho que fazer também uma pequena restrição à afirmação de que a segunda parte ou a parte final de *F. W.* não foi publicada antes da primeira edição do livro, pois tenho dados relativos à publicação de trechos em *Transition*, que já citei na carta a Adaline Glasheen. Agora, se foi lapso dele e ele queria dizer a segunda parte ou a parte final do capítulo III da parte 2, aí a minha dúvida estaria resolvida. Espero porém que Mrs. Glasheen esclareça este ponto. A resposta dela provavelmente ainda demorará a chegar. Até lá, se houver qualquer outra novidade eu lhe contarei, e se por acaso você vier ao Rio não deixe de me avisar, pois espero ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente algum dia. Um abraço de...” [N. do T. - “In the meantime”: enquanto isso. “Prego”: por favor, em italiano. “Se non è vero, è ben trovato”: se não é verdadeiro, é bem inventado, em italiano.]

Ao contrário das outras cartas de Mary Pedrosa, esta foi datilografada com correções e um post-scriptum manuscritos. Eis o último: “Yara, a quem mostrei a carta do Crise, deu grandes (“risadas”, “achei graça da referência”, riscados) à “young scholar of Rio” (“embora ele não pudesse adivinhar a idade - 63 anos se bem”, riscado também) difícil adivinhar a idade de alguém que não se conhece pessoalmente. Tenho 63 anos.”

109. Como pode ser observado, em 1970 Erico também viajou para os Estados Unidos para visitar a família. Pouco depois, o crítico de arte Mário Pedrosa e sua esposa, Mary, exilaram-se no Chile até a queda de Allende, momento em que chegaram a Paris, ainda como exilados.

110. *Incidente em Antares?*[N. do T. - “spell”: feitiço.]

111. Recordemos que o período compreendido entre 1968 e 1969 foi uma época difícil e dura imposta pela ditadura brasileira. Nessa ocasião, ela deu uma forma jurídica à violência e à arbitrariedade através da publicação do Ato Institucional n. 5. Erico tinha assistido à crise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ver Nossa “Apresentação de Erico Verissimo”, ed. cit.). [N. do T. - WASPS: acrônimo de “White, anglo-saxon and protestant”, branco, anglo-saxão e protestante, os brancos descendentes de imigrantes europeus, sendo no contexto pessoas contrárias à ascensão dos negros ao plano de igualdade jurídica nos EUA.]

112. Aqui, traduzida do inglês, está a nota de Bill Wood: “James Joyce, *Finnegans Wake*, New York, The Viking Press (with the Au-

Até à vista!
Seu já amigo,

Erico Verissimo

III

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DE DANIEL FRESCO¹¹³

1 – Creio que é importante, para compreender melhor meu pensamento e minha “ação” política, conhecer pelo menos um pouco de meu temperamento. Fui um menino, um adolescente e um moço um tanto retraído, tímido e vagamente preguiçoso. Levei uma vida de certo modo protegida por uma carapaça dentro da qual me encolhia. Desejava um mundo em que cada qual pudesse cultivar em calma o seu jardim. Tinha poucos amigos. Lia muito. Gostava de minha casa. Sim, e amava e ainda amo a vida.

Meu pai, homem apaixonado e impetuoso, pertencia à oposição, isso numa terra (Cruz Alta) governada por um “general” (da Guarda Nacional) despótico e cruel. Aprendi com ele (Sebastião Verissimo) que “um homem macho” deve ter uma atitude altiva diante dos donos do poder e jamais baixar a cabeça. Era um homem corajoso. Correu algumas vezes o risco de ser assassinado¹¹⁴.

Criei-me num ambiente em que fazer oposição aos tiranos é uma necessidade vital.

O tempo passou. O tirano perdeu seu prestígio, entrou na senilidade (bem podia ser um personagem do Garcia Márquez)¹¹⁵. A situação política na minha cidade melhorou um pouco. Mudou de rumo quando se fez a Frente Única¹¹⁶ para eleger Getúlio Vargas presidente da República.

Bom. A marcha sobre Roma, a Revolução Russa nos chegavam pelos jornais. Eu não costumava ler livros sobre sistemas políticos. O meu mundo era o da ficção. A crise de 29 chegou a

thor's corrections incorporated in the text [com as correções feitas pelo autor inseridas no texto], 1958.

Esta aqui é a edição que eu usei para minha busca de referências sobre “Ericus Vericus”. Trata-se, além disso, da edição utilizada por Clive Hart para o seu “A Concordance to *Finnegans Wake*” (Uma Concordância para *Finnegans Wake*). [N. do T. - “Concordance” é uma listagem em ordem alfabética de todas as palavras de um dado texto.]

Vamos primeiro examinar a ideia de “lillies”. De acordo com o Concordance, a frase aparece uma vez na página 543, linha 14, com esta lição: “I considered the *lillies on the veldt* and unto Balkis did I disclotthe mine glory”. Note que a referência usa *on the veldt* e não a “*lillies of the field*”. Em seu “Structure and Motif in *Finnegans Wake*” (Estrutura e Motivo do *Finnegans Wake*), Hart atribui esta referência à fonte bíblica Lucas 12:27. Tenho a impressão que ele está certo e que esta linha não tem nada a ver com o seu livro.

Quanto a “Ericus”. O Concordance cataloga duas citações, página 220 linha 25 e página 373 linha 24. A primeira diz: “(Mr. Mackeall Gone lê os ditados de Laxdale Saga (12 N. do T.) no programa sobre o Rei Ericus da Suécia e os sussurros do espírito no capacete mágico) cap-a-pipe with watch and topper... etc.” E a segunda: “Three points to one. Ericus Vericus corrupted into ware eggs. Dummy up, distillery!... etc.” Ambos os significados escapam-me. Nenhuma das fontes de referência que utilizei mostrou-se capaz de explicar isso. Eu acho que seria melhor para a pessoa que faz essa pergunta escrever para Clive Hart ou Bernard Benstock e fazer-lhes a mesma pergunta. O último endereço conhecido de Clive Hart é a Universidade de Lund, Suécia, e Benstock ainda está provavelmente na Universidade de Washington.

Minha pequena bibliografia:

Benstock, Bernard, *Joyce-Agai's Wake, An Analysis of Finnegans Wake*, Washington Paperbacks WP-12, 1966. (University of Washington Press, Seattle).

Campell, Joseph and Henry Morton Robinson, *A Skeleton Key to Finnegans Wake*, New York, Harcourt, Brace and Co., 1944.

Hart, Clive, *Structure and Motif in Finnegans Wake*, Northwestern University Press, 1962.

Hart, Clive, *A Concordance to Finnegans Wake*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1963.”

113. Daniel Fresco, que não conservou o original da carta que enviou a Erico, escreveu-lhe por volta de 10 de agosto de 1975. Erico também não datou a resposta a esta carta. O carimbo dos correios, no entanto, especifica a data em que foi entregue: Agência do Bom Fim (bairro de Porto Alegre), 2 de setembro de 1975.

Como Erico respondeu ao questionário que lhe foi formulado de uma só vez, sem que fossem reproduzidas as perguntas, e como Daniel Fresco não possui a carta original que ele escreveu, transcrevemos as questões tal como ele as reconstruiu de memória, a saber:

a) Em que medida a juventude que passou em Cruz Alta foi influenciada pelos acontecimentos políticos da época? Você já estava preocupado com esses fatos?

b) Depois de sua primeira viagem aos EUA, você escreveu um livro no qual revela sua admiração por esse país. Sua opinião mudou? Aceita hoje a expressão “Imperialismo Americano”?

c) Haverá em *O Tempo e o Vento*, principalmente nos dois últimos volumes, a preocupação de denunciar certos fatos ou acontecimentos da política do Sul ou do país?

d) Você se considera um homem politicamente engajado? Você concordaria com a designação de “liberal de esquerda”?

114. Os assassinatos políticos durante o governo do general Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul, eram conhecidos.

115. Erico tinha uma grande admiração pelo romancista colombiano. Tivemos a oportunidade de constatar seu entusiasmo por Márquez em sua casa, antes de 1969.

116. Movimento político gaúcho que nasceu da ascensão ao poder de Getúlio Vargas em 1930.

me atingir pessoalmente, embora no momento eu não tivesse compreendido o fenômeno¹¹⁷. Era um tempo em que eu lia o John dos Passos, Hemingway – e os Estados Unidos me fascinavam... Em 1930, falido como proprietário duma farmácia (!!!) vim morar em Porto Alegre, onde consegui um lugar como secretário da Revista do Globo¹¹⁸. Só então é que comecei a compreender melhor os fenômenos políticos da época... mas não em profundidade verdadeira... Minha atividade política em Cruz Alta baseava-se numa ideia elementar, isto é, a luta dos oprimidos contra os opressores. Eu escrevia boletins contra a facção governista e amigos meus distribuía os papeluchos pela cidade. Com rapazes da minha idade organizei o primeiro comício político anti-governista da história de Cruz Alta. A coisa, porém, era feita numa base municipal e Estadual – a luta entre maragatos (no nosso caso chamados “libertadores”) e os republicanos¹¹⁹. Como vê, era uma visão muito estreita, um horizonte muito curto. Resumindo, ao mudar-me para Porto Alegre eu não tinha nenhuma “formação política”. Para ser completamente sincero, ainda hoje minha formação política é defeituosa¹²⁰. A Revolução de 30 não me entusiasmou. Estive com ela mas com um grão (ou uma montanha?) de sal. Na realidade não fiz nada por ela. Limitei-me a desejar que o Governo fosse vencido. E continuei no meu sonho de cultivar o meu jardim. Em suma, eu era quase um alienado. Mesmo assim meu nome apareceu em primeiro lugar num manifesto anti-fascista que se publicou em todo o Brasil no ano de 1935. Fui então considerado comunista “a soldo de Moscou” – como se dizia na época – pois os outros signatários eram gente de esquerda e mesmo membros do Partido Comunista brasileiro, fundado em 1922¹²¹.

No entanto meu primeiro romance, *Clarissa*, é uma aquarela leve, com cenas da vida cotidiana: o retrato duma adolescente que amanece para a vida. (O livro anterior, *Fantoches*, coleção de contos em grande parte escritos em Cruz Alta, nada tinha de político.) *Música ao longe*, uma sequência de *Clarissa*, é de certo modo apolítico, embora já apareça em suas páginas o problema da decadência dos senhores de terras, um pouco da questão racial, e uma personagem, Vasco, que acabaria homem de esquerda e membro da Brigada Internacional na Guerra Civil da Espanha (no romance *SAGA*). *Caminhos cruzados* (1935) foi considerado um livro subversivo, embora seu conteúdo político fosse um tanto vago, limitando-se a sugerir a necessidade de justiça social. Só mais tarde, nos romances que v. pretende estudar, é que este autor se revela mais preocupado com problemas políticos¹²².

2 – É verdade que em 1941 visitei os Estados Unidos e escrevi um livro admirativo e bastante ingênuo (reconheço hoje) porque me faltou penetração suficiente para ver “a sujeira embaixo do tapete da sala”... e que hoje em dia é bastante conhecida¹²³. A razão do meu entusiasmo foi a de sair dum país em que nada “funcionava” direito para conhecer outro em que havia conforto, liberdade de expressão e uma apreciável ordem. Passei boa parte dos anos da Guerra Mundial na Califórnia. Admirei o que os americanos, não só os soldados mas os civis, fizeram no “esforço de guerra”. De 1946 em diante é que o “tapete da sala” se foi levantando um pouco, em consequência da guerra fria, da presença da Rússia como potência industrial e militar, etc... A Guerra da Coreia, a do Vietnã e as muitas intervenções americanas em países da América Latina completaram a minha desilusão. Sim, e a onda de crimes que se ergueu e continua crescendo naquele país onde, reconhe-

117. A crise de 29 também atingiu diversos setores da economia do Rio Grande do Sul. Proprietários de terras perderam seus bens, etc.

118. Ver *Um certo Henrique Bertaso*, ed. cit., e Maria da Glória Bordini, “Erico Verissimo e sua Editora” in *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 13 dez. 1975, p. 10.

119. *Maragatos* ou libertadores e *pica-paus* ou republicanos são as designações de duas correntes políticas tradicionais do Rio Grande do Sul. O primeiro estava ligado à terra, o segundo inspirava-se no esquema federativo. Até hoje, o Partido Libertador, representando a classe rural do Estado, existe velado na sigla MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Aliou-se ao antigo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) na luta contra a ditadura.

120. Essa acusação, grosso modo, pode ser feita contra a ideologia do intelectual brasileiro. Na realidade, a consciência política brasileira é um fenômeno novo. Lembremo-nos, por exemplo, que o Partido Comunista Brasileiro só viveu legalmente muito pouco tempo, após a queda da ditadura de Vargas, e que o populismo derivava, em suas grandes linhas, da média burguesia.

121. Ver *Solo de clarineta*, I, op. cit. e nossa “Apresentação de Erico Verissimo”, ed. cit.

122. Ver *Solo de clarineta*, I, op. cit., pp. 256, 257.

123. Erico se refere a *Gato preto em Campo de Neve*, Porto Alegre, Globo, 1941. Cf. *Solo de Clarineta*, I, ed. cit., p. 277.

ço, ainda existem coisas boas como as universidades, e liberdades de imprensa, de pensamento e expressão, a autoridade da Corte Suprema... agora, eu acredito no imperialismo americano, que antes me parecia um pouco invenção da propaganda comunista. (E acho que os comunistas não querem enxergar o imperialismo soviético...) Não preciso dizer que o Brasil tem sido um caudatário dos Estados Unidos. Em *O senhor embaixador* pensei na atividade secreta da C.I.A., mas concluí que isso iria tornar o livro grande demais com prejuízo do que mais me interessava em toda a estória, que era a posição dum intelectual como Pablo Ortega y Murat (era mesmo este o nome dele?) que se engaja numa revolução como soldado. O livro comportaria uma continuação à luz dos acontecimentos destes últimos cinco ou dez anos. Claro que muitos governos da América Latina têm a benção do Irmão Maior... No caso de Sacramento era possível que se passasse o que se passou em Cuba. Julguei que isso tivesse ficado *quase* claro no romance.

3 – Sim, acredito na responsabilidade das grandes companhias americanas, como o Dr. Gris. A influência delas é muito grande, embora não seja a única nem a mais forte. Há medidas que os U.S.A. tomam por motivos estratégicos (Pentágono) ou políticos (State Department). Tenho a impressão de que o ideal para o governo americano seria ter na América Latina ditaduras militares do tipo Pinochet. Mas essa, felizmente, não é a ideia do “povo” americano e nem a de seus jornais mais responsáveis.

Creio que as guerras do Vietnã, a intervenção em San Domingo são o resultado lógico do sistema econômico dos Estados Unidos. (Bom, as coisas nunca são assim tão simples.)

Quanto a *O Tempo e o Vento*, posso dizer que vagamente desejei que a trilogia ajudasse tanto os historiadores como os especialistas em ciências políticas que estudam o Brasil em geral e o Rio Grande do Sul em particular. O melhor dos três volumes é o primeiro. Já no segundo começa a entrar a política municipal, e já um pouco a federal. O *Arquipélago* me deu um trabalho danado e foi em parte em responsável por um enfar-

te que tive em 1961 e que quase me liquidou. É que percebi que eu não estava escrevendo mais um romance e sim uma crônica¹²⁴. Como contar a vida do Dr. Rodrigo no Rio sem deixar Santa Fé? Por outro lado, como podia eu dar uma ideia do Estado Novo, da vida no Rio e S. Paulo, sem sair de Santa Fé? V. perguntará por que eu não abandonei Santa Fé. Respondo. É porque teria de fazer “outro” romance, com outras coordenadas de tempo e espaço. E isso seria “aguar” muito a trilogia (ou tetralogia). Para ir mais longe, eu não conheço suficientemente o Rio para escrever um romance em que essa cidade apareça como setting...

Terminei o *Arquipélago* em 1962, já um pouco longe de seu tempo de ação, que é 1945. A intenção atualista estaria, se existisse, destinada a não realizar-se.

4 – Eu me considero um homem engajado com a vida, com o Homem, com o meu tempo. Seguir a linha dum partido é uma espécie de suicídio para o romancista. Veja bem, isto é importante: eu escrevo não porque busque na literatura um veículo para minhas ideias políticas, pois não me considero um ideólogo no terreno político... meu interesse maior é a vida. arte pela arte? arte por amor de mim mesmo – como dizia D. H. Lawrence? Não. Eu digo arte pelo amor da vida. O espetáculo da vida, o entrelaço de paixões e interesses entre os homens – isso é que me apaixona. infelizmente não tenho “the makings” dum grande romancista. Nem sequer me considero um homem inteligente. Se tivesse de escolher um adjetivo para me qualificar como escritor, eu diria que sou “engenhoso”. Mas, voltando à vaca fria, como se diz por aqui: ao escrever sobre o homem, sua vida, suas paixões eu não posso omitir a política, os problemas sociais que nos saltam na cara todos os dias. A minha posição é a do liberal. Pretendo explicar isto no terceiro volume (para 1976) de minhas memórias¹²⁵. Com liberal não quero dizer “um bom sujeito com consciência culpada que deseja a felicidade geral”. Vou definir melhor o meu pensamento de membro da espécie humana.

O segundo volume de minhas memórias in-

124. Ver *Solo de clarineta*, II, op. cit., pp. 14 ss.

125. Como se sabe, Erico não teve tempo para escrever o terceiro volume de suas memórias.

felizmente só aparecerá no fim deste ano. Estou atrasadíssimo e isso me perturba, pois esse livro devia ter aparecido em fins do ano passado. A maior parte dele é de impressões de viagens.

Meu caro Daniel Fresco:

Tentei responder às suas perguntas. Há oito meses que não escrevo cartas. Estou inteiramente concentrado no *Solo*. Esta manhã decidi escrever a você e aqui estou, ao som do quinteto para clarineta e cordas, do Mozart.

Escrevi às pressas, em péssimo estilo.

Espero livrar-me deste maldito segundo volume e levar uma vida normal.

Não posso compreender esta minha preguiça. Estou com a saúde ótima. Não há desculpa aceitável para esta indolência.

Espero tê-lo um dia nesta casa para uma longa e boa conversa. Um abraço cordial do

Erico Verissimo

P.S. - Isto foi escrito às carreiras.

ERICO E AS IMAGENS

Paula Ramos

Em 1936, a Livraria do Globo colocava em circulação *Meu ABC*. No formato de um “abecedário”, o livro infantil apresentava, de modo lúdico e educativo, as letras do alfabeto. Em cada página, uma letra e, para cada letra, uma palavra, contextualizada por um pequeno texto e por uma ilustração relacionada ao mesmo. Não há, na capa de amarelo vibrante, em meio a representações de crianças, animais e brincadeiras, qualquer informação de autoria. Essa apenas aparece, um tanto misteriosa, na página de rosto, emoldurada pelo arranjo gráfico que identifica a coleção Biblioteca de Nanquinote: Desenhos de E. Zeuner, Legendas de Nanquinote.

E. Zeuner é Carl Ernst Zeuner (1895–1967), ilustrador, designer gráfico e diretor da lendária Seção de Desenho da antiga Livraria do Globo. Já Nanquinote é o personagem tornado público em 1932, no livro de estreia de Verissimo, *Fan-*

toches, e que é, nas palavras do próprio Erico, o “meu homem”, “um desdobramento miniatral do meu eu”, “uma projeção da minha personalidade”.¹ Seu nascimento é assim descrito:

Vi papel, caneta e nanquim. Peguei da caneta. Molhei-a na tinta e – zás! – comecei a riscar... A minha creatura seria o homem sintético. Uma circunferencia – a cabeça. Uma fisionomia agora: dois olhos oblongos, um nariz lustroso e abatado, uma boca rasgada... Mais dois complementos característicos: orelhas grandes e um penacho simbólico no alto da cabeça. Uma linha ondulada: o tronco. Depois, as varetas flexíveis dos braços e das pernas. Pronto! O calunga nasceu.

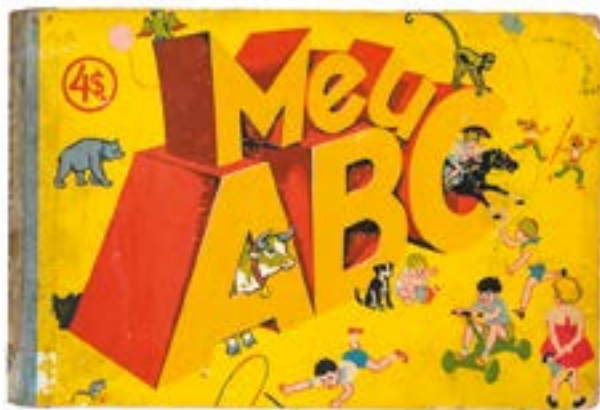
Saltou do papel. Com vida. Com alma. Fez meia duzia de piruetas e, depois, uma reverencia. Perguntou-me:

– Como é o meu nome?

Respondi:

– Nasceste do nanquim. Tu te chamarás Nanquinóte!²

Em *Fantoches*, o personagem ganha não apenas um desenho, conformando a descrição textual, como um capítulo dividido em três partes, as que encerram o livro: *Gênesis*, *A Fuga*, *A Volta*. O livro exhibe 15 contos, sendo que somente



Em *Meu ABC* (1936), Erico como Nanquinote

1. VERISSIMO, Erico. *Fantoches*. Edição fac-similar comemorativa aos quarenta anos de atividades literárias do autor. Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. 187.
2. *Ibid.*, p. 188.

dois têm imagens: *Nanquinote* e *Pigmalião*. Este último, não sem surpresa, parte de um contexto similar: o diálogo do autor consigo mesmo e com a folha em branco.

Noite. O meu quarto. Eu sozinho.

[...] Sentado á minha mesa, olho o papel branco, o lápis que me dança entre os dedos. Depois espio pra dentro do meu craneo onde nem siquer vislumbro a menor chama de inspiração.

Mas preciso escrever.

[...] De repente vejo que bonequinhos de formas quase imperceptíveis começam a dançar dentro do meu cérebro. Olá, minha gente! Os calungas saracoteiam e pulam. Parece que querem sair. Vou liberta-los.³

E então Erico dá forma a *Pigmalião*, à *Galatéia* e ao *Elegante Desconhecido*, que, tal como *Nanquinote*, são bonecos sumários com cabeça e riscas fazendo as vezes dos membros.

Em 1972, assinalando os 40 anos de lançamento de *Fantoches*, a Livraria do Globo publicou uma edição facsimilar, ampliada com notas do autor e escritas de próprio punho. Numa mescla de comentário, recordação, autocrítica e ironia,

Erico faz anotações em todo livro, enriquecidas por imagens: “Quanto às ilustrações, reconheço que são absolutamente desnecessárias. Se as fiz, foi somente para me divertir”.⁴

A publicação comemorativa demonstra o enorme prazer de Erico em desenhar, palpável nas dezenas de cadernos e datiloscritos, povoados por rostos, perfis, cenários e figuras. Seu gosto pelo desenho era tamanho que, ao iniciar a trajetória profissional na *Revista do Globo* (1929-1967), em janeiro de 1931, além de escrever, editar, traduzir e fazer o confesso “copia e cola”, ele ilustrava. “Mostrando serviço”, já na sua edição de estreia, de 10 de janeiro (ano 3, nº 1, 49º volume da revista), encontramos o autor assinando o texto de abertura, o “cartão de Ano Novo” dedicado aos leitores, além de três cartolas para seções. Ao todo, dos oito elementos ilustrados, quatro são dele.

No volume seguinte, de 17 de janeiro, Erico avança, produzindo o retrato do poeta sergipano Hermes Fontes (1888-1930), recentemente falecido, e a página infantil *Guri*, com as aventuras de Jeca, Joca e Juca no formato de uma história em quadrinhos. Textos e imagens são seus, evidenciando o interesse e o talento em



Foi em *Fantoches* (1932) que o personagem nasceu, no traço de Erico

3. Ibid., pp. 153-154.

4. Ibid., s/p.



Revista do Globo, primeiras edições de 1931: facetas do “Erico ilustrador”

estabelecer conexão com as crianças, algo que ele desdobraria anos depois, por meio dos livros infantojuvenis.

Por fim, na edição de 24 de janeiro (ano 3, nº 3, 51º volume da revista), afora as molduras, cartolas e faces diversas, a capa. Em diálogo com a cultura visual do período, lá está a cocote ao estilo *art déco*, maquiando-se despreocupadamente contra um fundo litorâneo de intenso azul. No pé direito da página, a assinatura: E.V.

Com seu traço largo, incisivo, pouco requintado e rapidamente reconhecível, Erico Verissimo transitou como “ilustrador” da *Revista do Globo* até a edição 60, de 25 de abril de 1931 (ano 3, nº 12). Esse número traz duas informações importantes em seu Expediente: a ausência de Mansueto Bernardi (1888-1966), primeiro diretor

do quinzenário⁵, e o nome de Erico como “secretário”, o que equivaleria à função de “editor”. É de se imaginar que, cada vez mais envolvido com o dia-a-dia da revista e com as traduções de romances para a Seção Editora (um extra importante em seu salário)⁶, ele tenha paulatinamente abandonado o ofício de ilustrador bissexto, abrindo maior espaço para João Fahrion (1898-1970), cujo nome circulava desde a estreia do magazine, e para o tcheco Francis Pelichek (1896-1937), colaborador eventual que publica, justamente a partir da edição 60, a divertidíssima página *Cartazes de Cinema*.⁷

Fahrion, assim como os novatos Nelson Boeira Faedrich (1912-1994) e Edgar Koetz (1914-1969), estão entre o escol de artistas ilustradores da Livraria do Globo.⁸ É deles e de Ernst Zeu-

5. Visceralmente envolvido com a “Revolução de 1930”, Mansueto Bernardi atuou na chefia do Serviço Oficial de Informações e Controle das Notícias da Revolução e, em agradecimento, Getúlio Vargas o convidou a dirigir a Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, franqueando a entrada de Erico Verissimo na Livraria do Globo.
6. O primeiro livro traduzido por Erico para a Livraria do Globo foi o romance policial *O Sineiro*, de Edgar Wallace, que circulou pela Coleção Amarela a partir de 1931. Depois, vieram muitos outros: *A vida começa aos quarenta*, de Walter Pitkin (1936); *Classe 1902*, de Ernst Glaeser (1933); *Contraponto*, de Aldous Huxley (1934); *Felicidade*, de Katherine Mansfield (1941), os três últimos pela Coleção Nobel. Sobre as traduções no âmbito da Globo e o papel de Erico, ver: AMORIM, Sônia Maria de. *Em Busca de um Tempo Perdido - Edição de Literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.
7. Apropriando-se do formato ligeiro do poster cinematográfico e tratando o espaço da página como uma grande avenida, Pelichek, que assinava “Peli” e também “Pelikano”, permitiu que as mais distintas companhias cinematográficas oferecessem seus programas de entretenimento: “Pandemonium Film Corporation”, “Lar Production”, “Programa Oficial”, “Figado-Rins-Stragation Company”, “Esperança Film”, “Footing Film”, “Crise Production”. Cinema para todos os gostos, satirizando dirigentes políticos, intelectuais e figuras públicas, expressões populares, hábitos da sociedade, lançamentos literários da Livraria do Globo e, claro, ele próprio.
8. Além dos citados, trabalharam *na* ou *para* a Seção de Desenho, naqueles idos: Gastão Hofstaetter (1917-1986), João Faria Viana (1905-1975), João Mottini (1923-1990), Sotero Cosme (1905-1978) e Vitório Gheno (1923). Sobre a atuação

	Título	Gênero	Ano	Capa	Ilustrações
1	Fantoches	Contos	1932	Ernst Zeuner	–
2	Clarissa	Romance	1933	João Fahrion	–
3	A vida de Joana d’Arc	Infantojuvenil	1935	Nelson Boeira Faedrich	Nelson Boeira Faedrich
4	Caminhos cruzados	Romance	1935	Não assinada	–
5	Música ao longe	Romance	1936	João Fahrion	–
6	Um lugar ao sol	Romance	1936	Edgar Koetz	–
7	As aventuras do avião vermelho	Infantil	1936	João Fahrion	João Fahrion
8	Os três porquinhos pobres	Infantil	1936	Edgar Koetz	Edgar Koetz
9	Rosa Maria no castelo encantado	Infantil	1936	Nelson Boeira Faedrich	Nelson Boeira Faedrich
10	Meu ABC	Infantil	1936	Ernst Zeuner	Ernst Zeuner
11	As aventuras de Tibicuera	Infantojuvenil	1937	Ernst Zeuner	Ernst Zeuner
12	Olhai os lírios do campo	Romance	1938	Edgar Koetz [?]	–
13	O urso com música na barriga	Infantil	1938	João Fahrion	João Fahrion
14	A vida do elefante Basílio	Infantil	1939	Nelson Boeira Faedrich	Nelson Boeira Faedrich
15	Outra vez os três porquinhos	Infantil	1939	Edgar Koetz	Edgar Koetz
16	Viagem à aurora do mundo	Infantojuvenil	1939	Ernst Zeuner	Ernst Zeuner
17	Aventuras no mundo da higiene	Infantil	1939	João Fahrion	João Fahrion
18	Saga	Romance	1940	Edgar Koetz	–
19	O resto é silêncio	Romance	1943	Edgar Koetz	–

Tabela elaborada pela autora, 2025

ner a grande maioria das emblemáticas capas para os romances e livros infantojuvenis de Erico Verissimo. Fazendo um rápido levantamento das primeiras edições, abarcando os 10 anos iniciais da produção literária de Erico, temos o quadro a seguir.

A tabela nos permite observar, pelo menos, dois dados interessantes. O primeiro diz respeito aos títulos: dos 19, 8 são contos e romances, enquanto 11 são voltados às crianças e aos adolescentes, escancarando o apreço do escritor por esse público e o casamento feliz entre ambos, respaldado pela impressionante soma de 194.500 exemplares publicados em 10 anos.⁹

Um segundo aspecto está nas parcerias com os ilustradores: Nelson Boeira Faedrich, com 3

livros; Ernst Zeuner, com 4; João Fahrion, com 5; Edgar Koetz, com 6, num curioso equilíbrio crescente em direção ao último. Koetz assina as capas dos principais romances urbanos de Erico. Marcadas pelas soluções geométrico-tipográficas, em diálogo com as correntes construtivas internacionais, elas constituem algo sem par entre as editoras brasileiras do período, sendo um desdobramento do legado de Zeuner.

O alemão Ernst Zeuner chegou a Porto Alegre em 1922, no contexto do pós-Primeira Guerra. Com formação acadêmica na Hochschule für Graphische Künste und Buchgewerbe (Escola Superior de Artes Gráficas e Ofícios do Livro), em Leipzig¹⁰, ele foi rapidamente contratado pela Globo.¹¹ Seu amplo conhecimento técnico e atua-

desses artistas no âmbito da Livraria do Globo, ver: RAMOS, Paula. *A modernidade impressa - Artistas ilustradores da Livraria do Globo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

9. Segundo dados levantados por Flavio Loureiro Chaves. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.) *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

10. A escola remonta a 1764 e é, até hoje, uma das mais prestigiadas instituições de ensino, em nível mundial, voltadas a esse segmento.

11. A Livraria do Globo surgiu em dezembro de 1883, como um bazar, criada pelo comerciante Laudelino Pinheiro de Barcellos (1851-1917). Em 1890, sete anos após o início das atividades, ele contrata José Bertaso (1878-1948), que se tornaria o protagonista da grande expansão da empresa na primeira metade do século XX. Sobre a história da editora e seus personagens, ver: TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *Editora Globo*. São Paulo: Edusp / Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

lizado quanto a processos gráficos e movimentos estéticos lhe assegurou o posto de diretor da Seção de Desenho, surgida em 1929, com a *Revista do Globo*, e que era responsável pela produção de ilustrações, capas, logotipos, anúncios publicitários e projetos gráficos. Além de gerenciar tipógrafos e litógrafos, Zeuner instruiu os artistas, ensinando-lhes a “cozinha da gráfica” e reforçando a compreensão de que os processos mecânicos de reprodução fazem parte dos processos de criação do artista gráfico.¹² Sobre ele, Erico escreveu:

Conheci Ernst Zeuner quando entrei para a Livraria do Globo como secretário da revista. Isso foi em 1931. A princípio, não tive muito boa impressão daquele homem retaco e sério, seco de fala, de gestos, a quem os óculos e o aprumo davam um ar de professor prussiano. Não foi preciso, porém, muito tempo de convívio para que eu compreendesse que Herr Zeuner era um desses raros tipos humanos, dotado de qualidades que dificilmente se encontram reunidas num mesmo artista, a saber: imaginação e senso comum; bom gosto e habilidade técnica; inspiração e método. Foi ele quem desenhou a capa de *Fantoches*, meu primeiro livro. Dele são também as capas de muitos outros livros meus, bem como as ilustrações de *Viagem à aurora do mundo*. Aos poucos aprendi a admirar e querer bem a esse homem decente, discreto e trabalhador, que vive cercado de respeito geral e da silenciosa admiração de seus companheiros. Chamamos-lhe “Velho Zeuner”, e “Velho”, nesse caso, é uma espécie de título de nobreza.¹³

Ah, as imagens...

Segunda maior editora do País entre as décadas de 1930-1940, atrás apenas da Companhia Editora Nacional e superando a José Olympio, a Livraria do Globo deve seu admirável sucesso a um conjunto de fatores.¹⁴ Eles passam pelas escolhas editoriais¹⁵, pelas estratégias comerciais, comunicacionais e de distribuição e, evidentemente, pelo “produto em si”, ou seja: pelo impresso, em seu visual e materialidade. Daí, uma vez mais, o papel nevrálgico da Seção de Desenho.

Consciente do poder das imagens e das conexões diretas ou abstrusas que elas podem estabelecer, Erico Verissimo as levava em alta conta. Discorrendo sobre seu segundo romance, *Clarissa* (1933), ele escreve, em *Um certo Henrique Bertaso*:

Clarissa apareceu com uma bela capa de autoria de um de nossos melhores artistas plásticos, João Fahrion, o qual, seguindo minhas instruções, fez para ela o retrato duma Clarissa meio parecida com a atriz de cinema Sylvia Sydney, pois era assim que eu imaginava a minha heroína.¹⁶

Dedicado à relação profissional e de amizade estabelecida entre ele e Henrique Bertaso, o diretor da Seção Editora da Globo, o livro é um tanto autobiográfico e tem o simpático subtítulo “Pequeno retrato em que o pintor também aparece”, reiterando o apreço de Erico pelas imagens e, não somente isso, a sua autopercepção como “a pessoa” capaz de criá-las.

Os romances de Erico, bem como a grande maioria dos livros publicados pela Globo naquele

-
12. Além de grande mestre, Zeuner foi também responsável pela formação de, pelo menos, duas gerações de artistas gráficos no Rio Grande do Sul. Sobre sua atuação discreta e fundamental no campo artístico e comunicacional do Rio Grande do Sul, ver: GOMES, Leonardo Menna Barreto. Ernst Zeuner e a Livraria do Globo. In: CARDOSO, Rafael. *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica - 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. pp. 233-259; RAMOS, Paula. *A modernidade impressa - Artistas ilustradores da Livraria do Globo - Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
 13. Erico Verissimo, em depoimento publicado no jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 jan. 1957. Reproduzido em: GOMES, Leonardo Menna Barreto. *Ernst Zeuner: Artista e Designer*. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001, p. 65.
 14. Sobre o assunto, ver: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005 [1985]; MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; RAMOS, Paula. *A modernidade impressa - Artistas ilustradores da Livraria do Globo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016; TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *Editora Globo*. São Paulo: Edusp / Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
 15. Nesse sentido, é fundamental referenciar o consórcio Bertaso-Verissimo. Em 1932, Erico passa a ser o “conselheiro editorial” de Henrique Bertaso (1906-1977), filho de José Bertaso e que criara e dirigia, desde 1930, a Seção Editora. Como “conselheiro”, Erico indicava autores e títulos que, segundo sua apreciação, deveriam ser publicados pela casa.
 16. VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973, p. 34.

les idos, recebiam ilustração na capa, e apenas nela. Rafael Cardoso, em estudo sobre o início do design de livros no Brasil, lembra que as capas ilustradas que despontam com força nos anos 1910 e, sobretudo, nos 20, estavam inseridas num amplo esforço para tornar atraentes as novas edições em brochura. “Distanciando-se do tradicional culto ao livro como objeto de luxo, bem encadernado, com bom papel e acabamento artesanal, as edições populares [...] empreendem uma nítida tentativa de compensar, com um projeto gráfico vistoso, a má qualidade de seus materiais e o seu péssimo acabamento”.¹⁷ O investimento em capas vistosas, marca da década de 1930, reforça essa estratégia de conquista de leitores, e livros como *Fantoches*, *Clarissa*, *Caminhos Cruzados* e *Música ao longe* o demonstram.

Com exceção dos projetos especiais, a presença da ilustração ao longo dos livros estava circunscrita aos títulos infantis e infantojuvenis.¹⁸ A primeira obra de Erico nesse segmento é *A vida de Joana d’Arc* (1935), que ganhou capa, página de rosto, ex-libris e capitulares de Nelson Boeira Faedrich. Na edição nº 165 da *Revista do Globo*, de 20 de julho de 1935, reconhecemos a aposta inquestionável no que talvez fosse o “lançamento do ano”: a “donzela de Orléans” aparece [1] na capa, com desenho inédito de Faedrich; [2] na página do Editorial, com fotografia ampliada da atriz austríaca Angela Salloker, no papel da “santa-guerreira”; e [3] ao longo de cinco páginas dedicadas a discutir as representações da personagem. Na síntese da matéria, ênfase para o cosmopolitismo da casa editora: “Joana d’Arc - A vida da donzela de Orléans no cinema e na literatura: um filme da UFA de Berlin e um livro da Livraria do Globo de Porto Alegre”.

Erico sempre foi próximo do cinema, das histórias em quadrinhos, da rádio e, ao tomar contato com os desenhos animados do cineasta Walt Disney (1901-1966), ficou extasiado, como par-

cela significativa de sua geração. A Biblioteca de Nanquinote, projeto do escritor voltados às crianças, explicita essa referência.

A série nasceu em 1936. Naquele momento, a Globo editava a Coleção Infantil (mais tarde chamada de Burrinho Azul), que reunia livros como *Os nenês d’água* (1933), de Charles Kingsley; *Alice na terra das maravilhas* (1934) e *Alice na casa do espelho* (1934), de Lewis Carroll; *Heidi* (1934) e *Heidi nos Alpes* (1934), de Johanna Spyri; *A ilha do tesouro* (1934), de R. L. Stevenson, todos fartos e lindamente ilustrados por João Fahrion. Com capa cartonada e lombada em tecido, os volumes possuíam acabamento gráfico primoroso, e eram voltados a crianças de 8 a 13 anos. Absolutamente cônica do produto singular que estava oferecendo, a Globo inseria, nessas publicações, o emocionante recado aos jovens leitores: “Este livro, criança, te mostrará um mundo encantado de que te has de lembrar quando fôres grande”.

Os livros da série aparecem reproduzidos em um interessante anúncio de dezembro de 1934, publicado na *Revista do Globo*. Na peça publicitária, o garoto propaganda é o sorridente Mickey, que, sobre uma pequena montanha de livros infantis, conclama: “Vamos todos pedir aos nossos papais que nos dêem, como presente de Festas, os livros da *Coleção Infantil* da Livraria do Globo. Palavra de camondongo! Nunca ví histórias tão lindas! Um mundo de figuras coloridas! [...]”.¹⁹

Um anúncio anterior, publicado no início daquele mesmo mês, traz como mascotes os “três porquinhos” da Disney, com direito a partitura e letra evocando a famosa canção de Frank Churchill (1901-1942), *Quem tem medo do lobo mau?*²⁰ Os bichanos eram tão populares que, também eles, batizaram o programa radiofônico que Erico apresentou, entre 1936 e 1937, na recém-fundada Rádio Farroupilha (1935).

17. CARDOSO, Rafael. *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica -1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 177.

18. Entre os projetos especiais, temos: *Símbolos bárbaros* (1943) e *Tiarajú* (1945), ambos de Manoelito de Ornellas (1903-1969), com ilustrações de Edgar Koetz; *Noite na Taverna* (1952), de Álvares de Azevedo (1831-1852), com ilustrações de João Fahrion; *Lendas do Sul* (1953/1974) e *Contos Gauchescos* (1983), de Simões Lopes Neto (1865-1916), com ilustrações de Nelson Boeira Faedrich.

19. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 22 dez. 1934, nº 24 [151], p. 47.

20. O curta-metragem de animação *Three little pigs* [Os três porquinhos, 8'] é de 1933.



Mickey Mouse e a Coleção Infantil, ilustrada por João Fahrion: “Nunca ví histórias tão lindas!”

Para fazer face às despesas crescentes da família, aceitei o convite que fez Arnaldo Ballvé para que eu criasse e mantivesse na sua Rádio Farroupilha um programa dedicado às crianças. Foi assim que nasceu o Amigo Velho, o contador de estórias, e o Clube dos 3 Porquinhos. Cerca das seis horas da tarde, duas vezes por semana, eu saía apressado da redação da revista, subia às carreiras as escadarias do viaduto [Viaduto da Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre], entrava nos estúdios da PRH-2 e, ainda ofegante, improvisava diante do microfone um conto, pois não tinha tempo para escrevê-lo e nem mesmo para prepará-lo mentalmente com antecedência.²¹

Com aproximadamente 15 minutos de duração, o Clube dos Três Porquinhos trazia, em cada edição, uma história nova. Muitas ganharam o formato de livro, com selo Biblioteca de Nanquinote.

“Lindos entre os mais lindos”

Escrevi esses contos no tempo em que os desenhos animados coloridos de Walt Disney atingiam seu apogeu, e creio que não errarei em afirmar que minhas histórias seguem o espírito “surrealista” dos “cartoons” daquele admirável criador de fantasias.²²

Quando Erico iniciou a coleção, estava profundamente estimulado pela conjuntura familiar. Ele e a esposa Mafalda haviam tido dois bebês: Clarissa (1935) e Luis Fernando (1936-2025). Por outro lado, também conviviam com Henrique e Luiza Bertaso, seus vizinhos, juntamente com os filhos do casal: José Otávio, Cláudio e Fernando. O mais moço, Fernando, era presença frequente na casa dos Verissimo, e foi ele quem deu “as tintas” para o protagonista d’*As aventuras do avião vermelho* (1936), o volume de estreia da série, com “bonecos” de João Fahrion.

21. VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973a, p. 262.

22. VERISSIMO, Erico. *Gente e Bichos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1965 [1956], s/p.



As aventuras do avião vermelho (1936), com ilustrações de João Fahrion, e o vertiginoso enleio entre texto e imagem

Ele se chamava Fernando. Era um gurí muito gordo. Gordo e travêso. Travêso e brigão. Ninguém em casa podia com a vida dêle. Fernando pisava no rabo do gato. Jogava água quente no cachorro. Atirava pedra nas galinhas. Fazia o diabo. Era respondão. Gostava de arranhar a cara da cozinheira e de botar a língua para as visitas.²³

O enredo é uma beleza: após receber do pai um lindo avião vermelho, o menino pensa em viajar e conhecer lugares distantes com o brinquedo, mas rapidamente se desilude, pois não entraria no aviãozinho. É quando uma mosca lhe provoca a pensar, e então Fernandinho (ou melhor, o “Capitão Tormenta”) coloca-se sob uma lente. Ora, ela não alterava o tamanho das coisas? Por que não poderia diminuí-lo? Dito e feito! Ele estava apto a ingressar no meio de transporte da modernidade! Para não se sentir sozinho, pega o urso de pelúcia, o boneco Chocolate e mantimentos e, de posse do avião, os três passam a viver incríveis aventuras: comem sorvete na lua, visitam a Ásia e a África, escapam de cobras venenosas.

Como se tornaria marca da Biblioteca de Nanquinote, a história não tem uma única folha sem desenhos, a começar pela página de rosto, apresentando a identidade visual da série a partir de

letras encaixotadas como se fossem dados. No miolo, as imagens de colorido intenso e contrastante fazem um vertiginoso enleio com os textos curtos, de fácil e rápida leitura e entendimento, atendendo ao público-alvo: crianças de 4 a 10 anos, a “petizada”. O conjunto de belos desenhos e histórias, de um lado, e o esmero na edição, impressão e acabamento, de outro, sustentam a definição da própria Globo para a série: “Lindos entre os mais lindos”.

Na abertura de todos os volumes, reforçando a marca da coleção e inspirando o afeto pelo calunga, o leitor encontra imagens e recados do mascote. Após a síntese do momento mágico em que, do nanquim, “um certo homem” fez nascer Nanquinote, a “hora de cativar”:

Este livro faz parte da “Biblioteca de Nanquinote”. Há muitos outros. Todos interessantes, com lindas figuras coloridas. Todas as crianças do Brasil devem querer muito bem a esse bonequinho de tinta nanquim. Guardem êste nome: “Nanquinote”.

E, de fato, como esquecer de um boneco que articulava, de modo ágil, instigante e envolvente, tantas referências da vida cotidiana, da cul-

23. VERISSIMO, Erico. *As aventuras do avião vermelho*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936, s/p.



Em *Os 3 porquinhos pobres* (1936), a alusão direta a Walt Disney

tura visual e popular daqueles idos? Em *Os três porquinhos pobres* (1936), por exemplo, Erico dialoga com os leitões de Walt Disney, inclusive na narrativa. Após assistirem ao filme e se identificarem com o trio hollywoodiano, os manos Sabugo, Salchicha e Linguicinha andam pelo mundo projetando nas figuras que encontram os personagens das fábulas e dos contos infantis, até que eles se deparam com “Chapelinho Verde”, achando que fosse a menina do “Chapelinho Vermelho”, de Charles Perrault (1628-1703). Há, portanto, um alinhavo de histórias, ou, ainda, “histórias dentro da história”. Recurso similar aparece em *Outra vez os 3 porquinhos* (1939), que nos direciona para *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas (1802-1870).

Não há nada especialmente “novo” nesse processo, verificado na obra de tantos escritores do período e mesmo de anteriores. Mas há algo embrionário e particular, que articula literatura infantil, cinema de animação e livro ilustrado, e isso nos permite pensar no regime de visualidade inaugurado pelos desenhos em movimento e em como eles alimentam os novos livros para crianças, especialmente os da Biblioteca de Nanquinote, diferentes de todos os outros infantis editados no Brasil naquele quartel.

Monteiro Lobato (1882-1948), com seus personagens icônicos, incrível fabulário e “projeto

de nação” na fala de vários personagens, era o autor brasileiro mais lido pelas crianças, desde os anos 1920. Também ele explorava a intertextualidade em seus livros, “vestindo de nacional” as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, recuperando a mitologia grega em *Os doze trabalhos de Hércules*, ou extraindo do holandês Hendrik van Loon (1882-1944) as curiosidades para o seu *História das invenções*. Sem falar em *Aritmética da Emília*, *Emília no país da gramática* e *O poço do Visconde*, calcados em obras pedagógicas em circulação no contexto escolar do início do século passado.

Sagaz, ele contratou, ao longo dos anos, uma série de ilustradores para seus livros: Voltolino (1884-1926), Belmonte (1897-1947), Nino (1897-19-?), Jean Gabriel Villin (1906-1979), J.U.Campos (1903-1972), André Le Blanc (1921-1998) e Augustus (1917-2008), esse último o responsável pelas impactantes capas que unificaram os livros infantis do autor, nos anos 1940. Visualmente, os livros de Lobato se aproximam do padrão gráfico então em vigor, em vários países: páginas de texto, alguma inserção de desenhos em preto e branco, ilustração colorida em destaque, em página avulsa. Essa descrição só reforça o impacto representado pelos livros infantis da Livraria do Globo e, especial, pelos da Biblioteca de Nanquinote.



A admirável solução de Nelson Boeira Faedrich para apresentar as visões distintas de adultos e de crianças

Com formato alongado (27,3 cm de altura x 18,8 cm de largura), capa cartonada e lombada em tecido, os livros dirigidos por Erico têm cerca de 30 páginas. Ao folheá-los, os leitores encontram um encadeamento invulgar de texto e imagem, que os conduz e afaga, sejam eles crianças ou adultos. Em termos de planejamento e diagramação, os ilustradores que se dedicaram à série souberam explorar situações, cores e elementos textuais de um modo absolutamente ímpar. Observemos a página inicial de *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), com o narrador, o “mago” Erico Verissimo, se apresentando:

Eu sou um mágico. Moro num castelo encantado. Os homens grandes não sabem de nada. Só as crianças é que conhecem o meu segrêdo. Quando um homem passa pela minha casa, o que vê é uma casa como as outras: com portas, janelas, telhado vermelho, sacada de ferro... Só as crianças é que enxergam o meu castelo encantado. Com tórres de açúcar e chocolate. Pontes que sobem e descem, puxadas ou empurradas por anõezinhos barrigudos vestidos de verde. Os trincos das portas, vocês pensam que são de metal? Nada disso. São de marmelada, de goiabada, de cocada.²⁴

Operando com três colunas verticais em uma mesma página, Nelson Boeira Faedrich criou um interessante paralelo entre a cidade moderna, retilínea e racional dos adultos, e o castelo onírico,



Em *A vida do elefante Basílio* (1939), a subversão da dobra da página e seu efeito cinematográfico

curvilíneo e luminoso, percebido pelas crianças. Ao centro, o texto. Diante desse prelúdio, como não prosseguir na leitura?

Explorar o espaço da página de modo diferenciado é um contínuo desafio. No início do século passado, o ilustrador estadunidense Winsor McCay (1869-1934) encantou o público com as pranchas dominicais *Little Nemo*, publicadas nos jornais *New York Herald* e *New York American*. No formato de histórias em quadrinhos, as pranchas traziam, em uma única página, com soluções gráficas inéditas e admiráveis, as aventuras do pequeno Nemo (“ninguém”, em latim) na “terra do sono”: peripécias que invariavelmente terminavam com o personagem acordando, em sua cama.

Guardadas as proporções, Faedrich fez algo similar, buscando modos distintos de tratamento da página. Em *A vida do elefante Basílio* (1939), ele subverte a dobra, eixo físico que divide o livro aberto em duas partes iguais, criando imagens que se projetam em toda a extensão da página dupla,

24. VERISSIMO, Erico. *Rosa Maria no castelo encantado*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936, s/p.



Nanquinote/Erico e alguns dos livros da emblemática coleção

Título	Autoria	Ano	Capa e ilustrações
1 As aventuras do avião vermelho	Erico Verissimo	1936	João Fahrion
2 Os três porquinhos pobres	Erico Verissimo	1936	Edgar Koetz
3 Rosa Maria no castelo encantado	Erico Verissimo	1936	Nelson Boeira Faedrich
4 Meu ABC	Erico Verissimo	1936	Ernst Zeuner
5 Os bichos da África	Kurt Gregorius [Ernst Zeuner]	193-?	Ernst Zeuner
6 Histórias de bichos	Antonio Barata	193-?	João Fahrion
7 O urso com música na barriga	Erico Verissimo	1938	João Fahrion
8 A vida do elefante Basílio	Erico Verissimo	1939	Nelson Boeira Faedrich
9 Outra vez os três porquinhos pobres	Erico Verissimo	1939	Edgar Koetz
10 Aventuras de Duca e João	Kurt Gregorius [Ernst Zeuner]	1941	Ernst Zeuner
11 Duca e João na África e na Índia	Kurt Gregorius [Ernst Zeuner]	1942	Ernst Zeuner
12 Dois meninos e um cachorro	Antonio Barata	1942	Edgar Koetz
13 As proezas do macaco Guisadinho	De Sousa Junior	1942	Armando Kuwer
14 Os bichos do Brasil	Kurt Gregorius [Ernst Zeuner]	1944	Ernst Zeuner
15 Aventuras de Zé Colado	Hamilcar de Garcia	1944	Edgar Koetz
16 O batalhão das letras	Mario Quintana	1948	Edgar Koetz
17 História do galo-bobo*	Antonio Barata	194-?	Edgar Koetz
18 Três meninos e um cachorro*	Antonio Barata	194-?	Edgar Koetz
19 ?*	?	?	?
20 As aventuras do irmão do Guisadinho	De Sousa Junior	1949	Armando Kuwer

*Livro anunciado, mas não localizado

Tabela elaborada pela autora, 2025

não raro criando a sensação de uma grande tela de cinema. Com isso, texto e imagem mostram-se ainda mais indissociáveis.

Há 19 títulos conhecidos e publicados na coleção: 7 de Erico Verissimo; 4 de Kurt Gregorius [Ernst Zeuner]; 4 de Antonio Barata; 2 de De Sousa Júnior; 1 de Hamilcar de Garcia; 1 de Mario Quintana.

A maioria dos livros está centrada em histórias, com exceção de 4, de claro viés pedagógico. De

um lado, *Os bichos da África* (193-?) e *Os bichos do Brasil* (1944), numa espécie de “compêndio animal”. De outro, *O Batalhão das Letras* (1948) e *Meu ABC* (1936), calcados na alfabetização.

As tiragens iniciais da Nanquinote eram de 5.000 volumes, mas tanto *A vida do elefante Basílio* (1939) como *Outra vez os três porquinhos* (1939) saíram com 10.000, enquanto *O urso com música na barriga* (1938) circulou com 11.500 exemplares. Apesar do preço mais elevado, de

4\$ (enquanto a *Revista do Globo*, por exemplo, custava 2\$), os livros eram um imenso sucesso comercial, pegando carona com o programa radiofônico Clube dos 3 Porquinhos e, na sequência, com a ampla visibilidade de Erico.

Meu ABC, o livro escrito por Nanquinote que abriu este texto, teve três impressões em 9 anos: a primeira, de 1936, com 5.500 exemplares; a segunda, de 1940, com 12.000; e a última, de 1945, com 10.000, totalizando 27.500 volumes. O número é formidável, mas o que dizer de *Aventu-*

ras no mundo da higiene (1939), publicado fora de coleções, cuja tiragem inicial foi de 20.000 exemplares?²⁵ Quais títulos, atualmente, no Brasil, saem com tiragens dessa ordem?

Esses números escancaram que a literatura para crianças não era “brincadeira” nem para o autor, tampouco para a editora. E a imagem, em seus múltiplos desdobramentos, cumpriu papel nodal e consciente na conquista desse sucesso – algo que Erico, em toda sua trajetória, soube reverenciar.

25. CHAVES, op. cit.

ERICO PELOS OUTROS

Os testemunhos sobre o jovem Erico em início de carreira deixados por seus contemporâneos

Carlos André Moreira

Ao longo de quatro décadas e meia de carreira literária, Erico Verissimo se tornou um ponto de referência na paisagem da literatura gaúcha. Quem bem definiu essa excepcionalidade de sua figura nas letras locais foi o crítico Paulo Hecker Filho, em um texto publicado originalmente em 1979 e mais tarde compilado no livro *Saudades de Voltaire*:

Na medida, não a única mas a mais geralmente decisiva, em que a literatura vive na relação com o público a que se destina, Erico Verissimo existiu para o Rio Grande incomparavelmente mais que qualquer outro autor daqui. De *Clarissa* a *O resto é silêncio* quase se poderia dizer que foi para o Estado a literatura. Trabalhando e escrevendo na Globo, orientando a Editora e a Revista no período em que ambas ocuparam um primeiro plano nacional, aliás por causa dele, seus livros chegaram a ser esperados e lidos com paixão, não faltando nem o escândalo dos reacionários para lhes completar o impacto. Quem o lia estava atualizado e quem ainda não, se atrasava no tempo; e digo ainda porque todos se sentiam obrigado a lê-lo.¹

Além disso, Erico nutriu ao longo de sua vida um fervor missivista e memorialístico que re-

gistrou muito do que pensava sobre seus contemporâneos.

Menos frequentes, no entanto, são as abordagens sobre o que os contemporâneos de Erico pensavam dele, principalmente do escritor e editor ainda em início de trajetória recém-chegado a Porto Alegre nos anos 1930.

*

Um elemento curioso sobre a trajetória de Erico é que, em termos puramente profissionais, sua carreira, após uma sucessão de tropeços, atropelos e desvios, deslanchou de uma hora para outra. Sua família havia tido recursos no passado, mas o temperamento fanfarrão e descuidado de seu pai havia arruinado o patrimônio que lhe coubera. Erico chegou a estudar em um internato em Porto Alegre, mas precisou abandonar os estudos e voltar para Cruz Alta após os pais se separarem. Assumiu então várias funções no comércio - um armazém, um banco, uma farmácia da qual se tornou sócio e que, pela sua confessa inabilidade comercial, foi à falência.

Dividido entre uma precária estabilidade financeira e a literatura, publicou seus primeiros textos em 1929 e, em dezembro do ano seguinte, decidiu enfim “dar um peitaco” e mudar-se para Porto Alegre em busca da carreira literária. Um encontro fortuito com Mansueto Bernardi na porta da Livraria do Globo, quase no fim de 1930, mudou tudo. Erico reproduziu o diálogo em *Solo de clarineta*:

- Vamos publicar no próximo número o seu conto “Chico”, com a sua ilustração - anunciou-me o autor de *Terra Convalescente*. Olhou-me por um instante e depois murmurou: - Você escreve, traduz, desenha... Seria portanto o homem ideal para trabalhar em nosso quinzenário, no futuro.

- Por que “no futuro” - perguntei - se estou precisando do emprego agora?

1. HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p.93

Mansueto permaneceu pensativo por um instante.

– Quanto espera ganhar?

Arrisquei:

– Um conto de réis.

Era um salário apreciável para a época. O poeta coçou o queixo, indeciso.

– É uma pena. Não temos verba para tanto. Mas qual seria o ordenado mínimo que você aceitaria para começar?

– Seiscentos - respondi sem pestanejar.

– Pois está contratado. Pode começar no dia primeiro de janeiro. Ah! Você entende de “cozinha” de revista?

– Claro! - menti. Nunca havia entrado numa tipografia de verdade. Jamais vira uma linotipo. Não tinha ideia de como se armava uma página ou como se fazia um clichê. O importante, porém, era que tinha conseguido emprego.²

Outra versão do episódio foi relatada por Carlos Reverbel - que também integrou os quadros da Globo - a Cláudia Laitano em *A arca de Blau*:

Erico estava chegando em Porto Alegre, finalmente decidido a se transferir para a Capital depois da falência da sua farmácia em Cruz Alta. A mudança, efetivada sem uma perspectiva concreta de trabalho em vista, havia sido precedida pela publicação de alguns dos seus primeiros contos em *Correio do Povo*. Por uma feliz coincidência, o diretor literário da Livraria do Globo estava entre os leitores que haviam se interessado pelo trabalho do jovem escritor desconhecido. Mansueto Bernardi acabara de aceitar o convite de Getúlio Vargas para ir dirigir a Casa da Moeda no Rio de Janeiro e já preparava-se para deixar a direção da *Revista do Globo* quando encontrou Erico, por acaso, na porta da livraria do Globo. Preocupado em encontrar alguém para substituí-lo, Mansueto viu em Erico as melhores qualificações para o posto: escrevia, desenhava e traduzia textos do inglês. O

salário de 600 mil-réis não era exatamente impressionante, e Erico não tinha a menor experiência jornalística, mas o escritor precisava arranjar logo um emprego para poder buscar a noiva que deixara em Cruz Aula. Aceitou na hora. Estava dado o primeiro passo para a criação da futura editora.³

Assim, um Erico de 25 anos passou, de um ano para o outro, de escritor quase desconhecido a responsável por uma revista literária em uma editora de razoável prestígio local (embora ainda longe do que viria a se tornar graças, entre outras coisas, ao próprio Erico). Conforme descreve o ex-secretário e representante da Livraria do Globo Maurício Rosenblatt na conferência *A visão editorial de Erico Verissimo*, à frente da revista Erico equilibrava impulsos de arrojo cosmopolita e concessões ao caráter ainda extremamente provinciano da Porto Alegre do período:

Em princípios de 31, quando Mansueto Bernardi, aceitando um convite de Getúlio Vargas, se muda para o Rio de Janeiro e deixa a Globo, Erico assume a secretaria da revista e descobre de imediato sobre sua mesa seus principais colaboradores: a tesoura e o vidro de cola. Passa, a partir de então, a fazer praticamente sozinho toda a *Revista do Globo*. Lia revistas estrangeiras - argentinas, americanas, inglesas, às vezes encontrava uma bela ilustração, mandava fazer o clichê e escrevia uma história para aquela reprodução, assinando um nome fictício qualquer. Traduzia vários contos e os publicava com ou sem ilustrações. De outro lado, aconselhado pelo gerente comercial, tinha certa cautela, procurava não sobrecarregar a revista com matéria literária, pois para o Rio Grande do Sul da época era importante publicar o retrato da galante filhinha do senhor fulano de tal e uns versos, em geral maus, de algum pretenso poeta que era cliente da Livraria do Globo.⁴

2. VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*, vol. 1. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, pp. 221-222.

3. REVERBEL, Carlos; LAITANO, Cláudia. *Arca de Blau: memórias*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

4. ROSENBLATT, Maurício. *A visão editorial de Erico Verissimo*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n° 3 pp. 31-42, setembro de 1986, p.34. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/17454> (acesso em 25/7/2025).

Reverbel, por seu turno, tem uma postura mais crítica sobre o Erico editor de periódicos, posição que representou uma simples parada intermediária em sua jornada como escritor e editor:

Com Erico Verissimo na direção, a *Revista do Globo* não conseguiu avançar muito na condição de publicação provinciana e limitada. Erico não tinha o mínimo gosto pelo trabalho jornalístico, fazia-o por necessidade. Ainda estava oficialmente à frente da revista quando começou a dedicar algumas horas ao trabalho na editora, a convite de Henrique Bertaso, o filho mais velho de José Bertaso. Quando finalmente conseguiu se desvincular totalmente da *Revista do Globo* para dedicar-se apenas à editora, foi um verdadeiro alívio para ele.⁵

*

Estar na “família Globo” significava um bilhete de entrada para as conversas intelectuais das rodas de escritores do período. Embora a sociabilidade dos jornalistas e literatos da época ocorresse muito em cafés, como o Colombo, ou em bares noites adentro, a própria Globo já desde os anos 1920 era um espaço de encontro e reunião de intelectuais da Capital, como lembra Theodomiro Tostes em seu livro de memórias *Nosso Bairro*:

Na porta esquerda da Globo - um pequeno clube ao ar livre - vai se reunindo, pouco a pouco, o grupo dos ‘expoentes literários’. Naquele encontro habitual a conversa gira sobretudo: livros recém-saídos, livros velhos, com pausas domésticas na política, nos fatos da cidade e da vida alheia.⁶

Logo, foi natural que Erico, instalado na direção da revista, amealhasse amigos no meio literário e jornalístico, com os quais passou a conviver não apenas no Café Colombo como, de modo recalcitrante, na roda do Bar Antonello, reduto no Centro que concentrava escritores e jornalistas, favorecido pela sua

proximidade com as redações de jornais como *Correio do Povo*, *A Federação*, *Jornal da Manhã* e *Jornal da Noite*. Como conta Paulo de Gouvêa em seu livro de memórias *O Grupo: outras figuras, outras paisagens*:

Ficava ele na Rua da Praia, quase defronte de outro bar, a Casa Salatino - na quadra entre General Câmara e Uruguai. Com a demolição do prédio (dois andares apenas), mudou-se para o edifício de mais complicada arquitetura que já se viu nesta cidade. Tinha a fachada inteira tomada por figuras em gesso, grifos, cornucópias, gárgulas e, bem ao alto, duas figuras de homem vestidas com os trajes da época, inclusive de cartola; semiescondidos pelo oval em que figurava o nome do prédio, davam os dois a impressão pouco austera de estarem fazendo pipi. Era o teatrinho “Petit Casino”, inaugurado tempos atrás, pela Companhia de Comédias Cristiano de Souza, este um artista quase tão famoso como Leopoldo Fróes.

Fechado o ‘Petit Casino’, ali passou a funcionar um cinema da Empresa Darci Bitencourt - o Rex - que também suspendeu a atividade, nele se instalando, então, a nova fase do Antonello. Durou bem pouco, o coitado, e o bar fechou.⁷

Frequentaram a breve existência do Antonello nomes como De Souza Júnior (coordenador da página literária do *Correio do Povo* e responsável pela publicação do primeiro conto de Erico no jornal), Ovídio Chaves, Rivadávia de Souza, Darcy Azambuja, Ernani Fornari, Vianna Moog e Athos Damasceno Ferreira e o chamado “Grupo” que seria celebrado por Paulo de Gouvêa em seu livro, uma confraria modernista composta por Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, Sotero Cosme, J.M. de Azevedo Cavalcanti e o próprio Gouvêa, com a adição esporádica de nomes que iam e vinham. Um deles, o próprio Erico, cujo temperamento fechado e pouco avesso aos excessos noturnos o impediu de fazer parte do círculo de amigos próximos:

5. REVERBEL; LAITANO. *Op. cit.*, p. 107.

6. TOSTES, Theodomiro. *Nosso bairro: memórias*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva. 1989. p. 131.

7. GOUVÊA, Paulo de. *O grupo: outras figuras - outras paisagens*. Porto Alegre: Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1976. pp.21-22.

Erico Verissimo lá uma vez que outra dava o ar da sua graça. Índio xucro de verdade, mas cordial e humano, vindo de longes terras, aqui acampou definitivamente para ter um dia seu nome entre os que assinalam os poucos grandes romancistas do Brasil. Mas o Erico não acreditava na boêmia, recolhido à calma tranquilidade dos seus livros e da sua filosofia muito pessoal. Por isso, não quis ser um dos nossos.⁸

O próprio Erico admitia em *Solo de clarinete* que gostava da companhia dos integrantes da roda, mas que sua maior contribuição para a mesa eram “seus silêncios”. Em um texto escrito após a publicação do primeiro volume de *Solo de clarinete*, Paulo de Gouvêa relembra suas primeiras impressões de Erico:

Estou a vê-lo, recém-chegado, quando aderiu às nossas duas rodas: a diurna, do velho Colombo, regada a conversa e cafezinhos, e a noturna, do bar Antonello, ao som de vitrola e de garçonetes. Ainda me lembro do seu jeito, das sobrançelas pretas e grossas que marcavam os olhos indagadores, e daquela voz mansa e bem-posta em que não havia exagero de diapasão.

Para o Augusto, que, se não me engano, tinha sido o primeiro a conhecê-lo, ele já era o índio Tibicuera. O poeta, trincheira difícil de se render ao primeiro arranço, teve pelo moço de Cruz Alta uma amizade à primeira vista. E a verdade é que o ‘forasteiro’ caiu no gosto de todos por seu feitio simples e cordial. No intervalo dos ‘seus silêncios’, ele contava coisas de sua terra, que reencontro agora depuradas neste seu livro de memórias.⁹

Theodomiro Tostes era outro integrante da roda por quem Erico diria nutrir “sempre uma cordial admiração”¹⁰. Ele também deixou um testemunho lembrando não o Erico editor na *Revista do Globo*, mas o ainda tateante, embora ambicioso, aspirante a romancista. Nos escritos de Tostes compilados por Tânia Franco

Carvalho em *Porto Alegre: modernismo, poesia, memória*, Erico, ainda sem ter mostrado o talento que viria a exibir depois, parecia desdenhar a si mesmo e a suas criações como forma de autodefesa (procedimento que, pensando bem, Erico manteria mesmo como um dos escritores mais consagrados do Brasil, e mesmo assim dizendo-se muitas vezes “apenas um contador de histórias”):

Nesse tempo, meio por modéstia meio por ironia consigo mesmo, ele ainda chamava de ‘calungas’ os personagens das suas histórias. Pois foi nesses calungas escritos, ou rabiscados a lápis na margem das folhas, que esse animador de tantos tipos foi treinando o seu talento de criador. Ainda me lembro do Tibicuera, do Malazarte e de outros fantoches. Eram eles o esboço brincalhão de uma porção de gente que pedia passagem.

Porque a verdade é que, nesse rapaz, o gosto pelos fantoches e calungas disfarçava um desejo mais ambicioso, o de lidar com gente de verdade. Foram raros na sua geração os que responderam como ele àquele chamado interior que tem o nome de vocação. Com uma aparência artesanal e uma consciência de construtor, ele foi erguendo uma obra que firmou o prestígio do seu nome e lhe abriu caminhos insuspeitados. E sem alardes, serenamente, vive hoje a sua vida caseira e quieta e prefere a honesta *grandfather’s chair* a qualquer poltrona de academia.¹¹

*

Recém-casado e ainda em necessidade financeira, Erico passou a exercer funções adicionais para a empresa além da edição da *Revista do Globo*, que tocava praticamente sozinho. Erico e Henrique Bertaso, filho do fundador da empresa, José Bertaso, passaram a se esbarrar constantemente nos corredores da sede. Erico, então, ofereceu-se como tradutor, como recorda Maurício Rosenblatt:

8. GOUVÊA. *Op. cit.* p.29

9. *Ibid.*, p. 137

10. VERISSIMO. *Op. cit.*, p. 224

11. CARVALHAL, Tania F. *Theodomiro Tostes*. Porto Alegre, modernismo, poesia, memória. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 2009, p.139

Em 33, num diálogo que manteve com Bertaso (um diálogo formal: se tratavam de senhor um ao outro) Erico chamou a sua atenção para a conveniência que resultaria para a Globo, pelo menos como sucesso de importância literária, da edição de um livro que ele, Erico, acabara de ler por recomendação de Augusto Meyer, *Point counterpoint*, de Aldous Huxley. Henrique disse que escreveria a seu agente literário e Erico começou a traduzi-lo. Foi um trabalho duro de oito meses, durante todas as noites. Entregou a tradução a Bertaso em fins de 33.¹²

A partir daí, o contato entre Erico e Henrique foi se estreitando. Henrique foi puxando Erico da diretoria da revista para assumir mais responsabilidades na seção editorial da casa, um processo que se consolidou com Erico dedicando-se integralmente à editora e saindo da revista em 1937, na qual foi substituído pelo seu conterrâneo e concunhado Justino Martins. Erico narrou a história em suas memórias *Solo de clarineta e Um certo Henrique Bertaso*, e outro ângulo do mesmo caso pode ser lido em *A Globo da Rua da Praia*, livro de José Otávio Bertaso, filho de Henrique e futuro diretor da editora, que fornece ainda mais detalhes sobre a atuação de Erico na Revista e mais tarde na Editora:

Henrique, com base em sua experiência recente, dos anos em que estivera encarregado do setor de livros da Livraria do Globo, pensava em desenvolver três linhas editoriais, que se afastassem da já firmada produção literária de autores regionais. Queria abrir, de forma pioneira ao público leitor brasileiro, a possibilidade de ter acesso a traduções de autores norte-americanos e europeus. Mansueto Bernardi lhe havia deixado diversas sugestões, especialmente de escritores italianos e franceses.

Como lutasse com dificuldades para ler corretamente o inglês e, por conseguinte, aproveitar críticas e indicações de revistas especializadas americanas e inglesas, percebeu de imediato que Erico Verissimo seria a pessoa indicada para auxiliá-lo na editora. Via seu colega da *Revista*

do *Globo* traduzir contos, artigos e legendas de fotografias num instante, discriminando tudo o que pudesse despertar interesse, com uma habilidade notável no uso da tesoura e da cola e, principalmente, da imaginação. Além disso, Erico lidava pacientemente com retratinhos de jovens aniversariantes, fotos borradas e notinhas de festas, bailes de carnaval, casamentos ou jogos de futebol, matérias obrigatórias encaminhadas pelos amigos da casa, chefes de repartições públicas e clientes do interior, que eram trazidas à redação da revista pelo velho Bertaso com um comentário seco: 'Seu Erico, para o próximo número', sem maiores explicações. Henrique se convenceu de que Verissimo seria, sem dúvida nenhuma, a pessoa ideal para ajudá-lo a desenvolver seus planos.¹³

A intensa ética de trabalho de Erico, narrada aqui, é confirmada por outros depoimentos, como o do amigo Maurício Rosenblatt, décadas mais tarde:

Nesse meio tempo Erico estava escrevendo *Caminhos cruzados* aos sábados de tarde. Reparar bem: ele fazia a Revista do Globo, traduzia de noite e ainda arranjava tempo para escrever sua obra. Esse trem de trabalho Erico viveu por mais de dez anos, durante os quais influiu no crescimento da Editora Globo, onde passou a colaborar efetivamente algum tempo depois (...), assim como paralelamente foi crescendo com sua própria obra.¹⁴

Mais adiante na mesma conferência, Rosenblatt relembra outra faceta hoje menos conhecida do autor de *Caminhos cruzados*, a de locutor de rádio, outra função que Erico exerceria nos anos 1930 para inflar o magro orçamento de jovem profissional recém-casado.

Em 36, Erico escreve e publica *Um lugar ao sol*. Ainda por motivos econômico-financeiros aceita um convite feito por Arnaldo Balvé, que era diretor da Rádio Farroupilha, para fazer um programa infantil. Então, no fim das tardes, ele

12. ROSENBLATT. *Op.cit.* p.36

13. BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Editora Globo, 2012.

14. ROSENBLATT. *Op.cit.* p. 36.

saía correndo da Livraria do Globo, subia a avenida Borges de Medeiros, escalava a escada, dobrava na rua Duque de Caxias, entrava na Rádio Farroupilha ofegante, ia diretamente ao microfone - improvisava na hora histórias para crianças, algumas das quais ele editou mais tarde na *Coleção Nanquinote*. O programa cresceu em popularidade, o estúdio vivia cheio de crianças que queriam conhecer e dialogar com o amigo velho. De repente, no ano seguinte, em 37, com a implantação do Estado Novo, nasceu junto uma coisa que vocês conhecem muito bem: a censura. E a censura queria que Erico submetesse primeiro a ela os contos que improvisava ao microfone. Erico não aceitou a imposição. Foi para o microfone, fez um manifesto de protesto contra a censura, contra o tolhimento da liberdade do cidadão e se despediu do programa, o que diminuiu sua renda mensal e sua fé no bicho-homem.¹⁵

*

Embora fosse um homem de maneiras sutis e de temperamento afável, e os louvores a sua pessoa sejam tão ou mais frequentes do que à sua literatura, também é possível encontrar fissuras pontuais na unanimidade construída em torno de Erico. E algumas delas estão diretamente ligadas ao seu ofício como editor na Globo durante quase duas décadas. Um dos nomes com quem o autor de *O tempo e o vento* tinha uma relação complexa era Cyro Martins. Para começar, o próprio Cyro admitia em uma elegia publicada após a morte de Erico que, embora ambos se considerassem “amigos”, mantinham uma relação mais formal e menos próxima, ou “meio chegado, meio distante”, nas palavras do próprio Cyro:

Nunca fui um íntimo de Erico Verissimo. Não obstante, nos considerávamos amigos. De longe em longe o visitava e era sempre recebido com uma cordialidade mais do que delicadamente afetuosa.¹⁶

No mesmo texto, Cyro fazia uma apreciação crítica de alguns dos livros de Erico, ressaltando aquilo que o diferenciava das tendências hegemônicas quando de sua estreia:

O curioso é que, tendo surgido logo depois do grande surto regionalista da literatura rio-grandense, ocorrido na década de 20, Erico Verissimo reagiu contra o gauchismo, escrevendo romances praticistas e tirando o couro da nossa burguesia rural recém-instalada na capital, que apenas começava o namoro com a máquina e a indústria. E nisso foi admirável.¹⁷

Essa apreciação elegíaca confirma uma das primeiras manifestações de Cyro sobre Erico, escrita quatro décadas antes, em correspondência com o amigo comum de ambos Augusto Meyer: em carta transcrita no artigo *Notas sobre um autor bissexto: Cyro Martins na literatura sulina*, de Mariana Miggiolaro Chaguri, Cyro manifesta uma apreciação inicial sobre Erico muito positiva:

Quero [ilegível] mais um do grupo - o Erico. Poucas vezes nos encontramos. Em nenhuma dellas chegamos a conversar mesmo. Mas, nelle, tambem não é apenas o escriptor que eu admiro. Gosto do homem.¹⁸

Curiosamente, a essa referência ao Erico avesso a regionalismos ganha nova perspectiva se olhada em conjunto com manifestações particulares posteriores de Cyro sobre as dificuldades que encontrava para editar seus romances na então prestigiada Livraria do Globo, na qual Erico era o editor encarregado. Em 1934, então um jovem médico radicado em Quaraí, Cyro publicou os contos de *Campo fora* pela editora, reunindo entre as 14 histórias curtas algumas colaborações que haviam saído na Revista do Globo, como *Flete* e *Derrotado*. O livro vendeu pouco

15. ROSENBLATT. *Op.cit.* pp. 36-37

16. MARTINS. Cyro. *Meio chegado, meio distante do amigo Erico*. In: *Escritores gaúchos: ensaios*. Porto Alegre, Movimento, 1981. p.58

17. MARTINS. *Op. cit.* p. 60.

18. Correspondência Cyro Martins - Augusto Meyer. Quaraí-RS, 29.ago.1935. In: CHAGURI, Mariana M. *Notas sobre um escritor bissexto: Cyro Martins na literatura sulina*. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, nº 20, pp. 103-120, maio de 2012. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie07/RevLitAut_art04.pdf (acesso em 25 jul. 2025)

e teve ainda menor repercussão crítica (o autor se dizia boicotado pela imprensa da Capital), o que pode ter influenciado na forma, para Cyro indelicada, como a editora - e Erico em particular - reagiram quando, pouco tempo mais tarde, ele ofereceu para publicação na mesma casa o romance *Sem rumo*, que viria a se tornar o primeiro volume de sua “trilogia do Gaúcho a pé”.

Por mediação do amigo comum Augusto Meyer, Erico recebeu os originais do romance, mas, após semanas de silêncio, devolveu o livro sem muita cerimônia. Cyro conta o episódio em nova carta a Meyer, na qual agradece os elogios do amigo ao livro:

Desde que recebi tua carta, a qual muito me surpreendeu e alegrou pela maneira espontânea e entusiasta com que te referes ao meu livro, fiquei descansado, certo de que “Sem Rumo” alcançara afinal o seu destino editorial.

Entretanto, ontem, com verdadeiro pasmo, recebi de volta o desventurado caderno. E o recebi em sêco, sem uma palavra, sem uma explicação, sem nem mesmo a delicadeza duma tapeaçõsinha, para que a cousa não fosse tão violentamente chocante.

É certo que, ha pouco, escrevi ao Erico indagando das disposições da Livraria a esse respeito. Mas, por acaso, será esta a resposta? Sempre tive o Erico em ótima conta. Sempre o admirei pelo seu talento, pelo seu caráter e pela maneira nada comum com que se tem feito á custa do proprio trabalho.

(...) E depois que li em tua carta o interesse com que ele te pediu o livro, mais me convenci de que estava tudo nos eixos. E mais. Depois que tive a tua opinião - a mais autorizada hoje no Rio Grande! - nem um só instante pensei na hipótese de ser mal sucedido com o Globo. Mas, de certo, os criticos da casa tem olhos agudos e sutis, enxergam coisas que os outros não vêm. Falhas, defeitos, resvaladas graves que escaparam á visão do meu amigo. De certo aquilo não presta mesmo.

E principalmente não deve prestar para fins de venda. Mas, neste caso, outra deveria ter sido

a atitude da Livraria. Porquê não me declarar friamente isto? (...)

Mas, devolver assim, sem mais nem menos, é indignante. É procurar matar todo o estímulo, toda a vontade de fazer alguma coisa, todo o impulso creador. (...)

Acima de tudo, o que o Erico deveria ter feito era te entregar de volta o caderno, pois tu foste o que lhe entregou o mesmo. Mas, tu estavas perto, e poderias gritar... Mais longe estava eu, que em nada, a seu juízo, poderia auxiliá-lo ou lhe ser útil nalguma coisinha. E depois, uma amizade provinciana... o que significa isso para um nome nacional? Para um nome que amanhã já será continental, e depois mundial, e depois... cósmico!¹⁹

Sem rumo foi editado no Rio pela Editora Ariel em 1936, período em que Cyro passou alguns meses na então Capital Federal fazendo um curso de neurologia. Apesar do tom ferido de sua correspondência, a relação de Cyro com a Globo seria pacificada anos mais tarde. *Enquanto as águas correm*, de 1939, *Mensagem errante*, de 1942, e o segundo livro da trilogia, *Porteira fechada*, de 1944, saíram pela editora gaúcha.

*

Outro amigo com quem Erico teve uma relação tanto afetuosa quando tumultuada foi Dyonélio Machado - aliás, outro médico. O próprio Erico reconheceria o caráter difícil do amigo em suas memórias, esboçando um dos breves retratos literários em que era perito:

É uma figura estranha, espécie de lobo solitário da nossa literatura. Inteligente, combativo, erudito, autoritário, áspero, imprevisível - estes são os primeiros adjetivos que me ocorrem para qualificar esse homem que pode ser alternadamente anjo e ogro, os olhos dum azul de cobalto, límpidos e serenos, num contraste com a agressividade da boca.²⁰

Erico e Dyonelio se incentivaram mutuamente a concorrer ao Prêmio de Romance Machado

19. Correspondência Cyro Martins - Augusto Meyer. Quarai-RS, 21. out.1936. In: CHAGURI. *Op. cit.*

20. VERISSIMO. *Op. cit.*, p. 141.

de Assis promovido pela Companhia Editora Nacional de São Paulo em 1934, e que previa não apenas remuneração em dinheiro como a edição da obra, mas seus relatos divergem ligeiramente. Dyonélio contou que Erico, ao ouvir a ideia para o que viria a ser *Os Ratos*, o encorajou a transformar a narrativa em um romance para concorrer ao prêmio²¹ (Dyonélio já havia esboçado um conto que considerava ruim sobre o tema). Já Erico, em suas memórias, diz que foi Dyonélio que acabou convencendo Erico a escrever um livro inédito em pouco tempo até a inscrição - ele já havia entregado *Caminhos cruzados* para edição na Globo, e terminou por redigir *Música ao longe* em um mês para cumprir o prazo²².

Ambas as obras viriam a ser premiadas - assim como *Marafa*, de Marques Rebelo, e *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus Guimaraens, mas essa circunstância não agradou ao inflexível Dyonélio. Os romances foram inscritos de modo anônimo, mas a informação sobre os finalistas vazou devido às relações familiares de Jorge Amado, o que incorreu no desagrado de Dyonélio, como ele relataria em uma entrevista décadas mais tarde a Ivan Cardoso e Décio Pignatari, mostrando que a insatisfação havia sobrevivido ao próprio Erico:

Bem, um dia, o Erico telefonou para o consultório. Tinha uma notícia muito importante para me dar. Era uma carta do Jorge Amado para ele. Eu tenho umas censuras a fazer a isso. A composição da comissão julgadora foi obra da Academia Brasileira de Letras, ela indicou os jurados.²³ Um dos outros jurados era Gilberto Amado (...). Sabia que era muito conversador, inteligente, muito isso, muito aquilo, mas não

valia nada. (...) O Gilberto era parente do Jorge. A carta dizia: 'Até agora, de todos os manuscritos lidos, o que mais simpatia tem granjeado, e até mesmo admiração, é um romance chamado *Os ratos*, que pelo enredo parece que é daí. A ação se passa em Porto Alegre. Imaginamos que fosse teu, então fomos ver, mas não, tu concorrereste com um romance chamado *Música ao longe*, um romance muito fraco' (...)

Violaram o sigilo, meu bem, isso foi uma água fria no meu entusiasmo, já não quis saber de mais nada. Perguntei o que devia ler na carta e agradei. O Erico disse: 'Mas que homem frio, então eu dou uma notícia dessas e só me agradece...' Não tinha outra coisa a fazer, dei o meu muito obrigado. Ele não sentiu a posição em que se achava. Eu não teria aceito esse prêmio se fosse ele, absolutamente. Não basta ser um bom escritor, um romancista, é preciso também ter outras qualidades (...).²⁴

A carta original de Jorge Amado, escrita em 1935, indica que o nome usado por Erico para inscrever seu romance foi *Música em surdina*. Também chama a atenção que não há, de fato, a referência ao romance de Erico como "muito fraco", o que poderia ser uma opinião do próprio Dyonélio ao lembrar o episódio durante a entrevista, décadas mais tarde:

Música em surdina está na lista de livros do concurso da Editora mas ainda não foi lido pela parte do jury que reside aqui. Engraçado que o livro mais até agora (dos lidos aqui) é um chamado *Os Ratos*, de um gaúcho, passado aí. O Gastão Cruls pensava que era seu. O Agripino também. O Gastão disse: é que ele mudou o título. Fomos ver na lista. Lá estava *Música em*

21. "O concurso, o prêmio Machado de Assis, quem me induziu a concorrer foi o Erico Verissimo, por isso até dediquei o livro a ele", contou Dyonélio em entrevista a Ivan Cardoso e Décio Pignatari (Folha de S.Paulo, 21 dez. 1991) compilada em MACHADO, Dyonélio. *O cheiro de coisa viva: entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito - O estadista*. Organização, introdução e notas de Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro, Graphia, 1995. p. 25.

22. "Dyonélio Machado decidiu inscrever-se no concurso com a novela recém-escrita. Perguntou-me: 'Por que não concorrer também com os originais de *Caminhos Cruzados*?'. Respondi que já os havia entregue à Globo e que, de resto, temia que o livro nem sequer fosse classificado como finalista no concurso, caso em que eu passaria a desconfiar de sua qualidade. Foi então que, persuasivo, o autor de *Um Pobre Homem - talvez a primeira tentativa de ficção urbana feita no Rio Grande do Sul - sugeriu: "Por que não fazes um romance especialmente para esse concurso?"*, é o relato de Erico em *Solo de clarineta* (VERISSIMO. *Op. cit.* p.241).

23. Os jurados indicados foram Agripino Grieco, Gastão Cruls, Herbert Moses, Moacyr Deabreu, Monteiro Lobato e Gilberto Amado. Também faria parte do júri Ronald de Carvalho, morto em um acidente de trânsito em fevereiro de 1935, durante o decorrer da competição.

24. MACHADO, Dyonélio. *O cheiro de coisa viva: entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito - O estadista*. Organização, introdução e notas de Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro, Graphia, 1995. pp. 25-26.

surdina, que ainda está em São Paulo. E *Caminhos cruzados?*²⁵

Dyonélio, na mesma entrevista, insinua que as repercussões da violação do sigilo eram as responsáveis pela circunstância insólita de os quatro finalistas haverem sido premiados.

(...) acabei tendo uma grande desilusão. Violaram o sigilo do concurso, sabes disso. O Marques Rebelo bateu numa das mesas de mármore do Lamas (tu lembras do Café Lamas, lá no Largo do Machado, no Rio) e disse: 'Eu também quero uma parte, se não me derem, vou contar toda a malandragem que fizeram.'²⁶

*

A partir de determinado momento, principalmente após o sucesso de *Olhai os lírios do campo*, Erico se tornou um autor de fama nacional. Com seu caráter acessível, é possível encontrar diversos depoimentos sobre a afabilidade que o escritor consagrado dirigia a seus interlocutores mais jovens. Lygia Fagundes Telles, por exemplo, então com 18 anos, em setembro de 1941, partilhava com o escritor e editor gaúcho um “segredo”: havia finalizado há pouco um novo livro de contos, que viria a ser *Praia viva*. Ela já havia publicado em 1938, em uma edição financiada por seu pai, *Porão e sobrado*. Na carta, ela conta que não havia tido sucesso em publicar a nova coletânea porque o editor com quem havia entabulado negociações, embevecido com a lendária beleza da autora, estava mais interessado em publicar uma foto dela na capa do que em editar a obra. Assim, Lygia pedia a Erico uma recomendação de editor.

Erico Verissimo, bons dias!

Recebi o seu bilhete anunciando-me a viagem. E então, divertiu-se muito? Que homem feliz! (...)

Um dia a gente morre, vai pro céu; e Deus dá então pra gente um par de asas pra conhecer o

mundo inteiro! Por enquanto, existe para mim o Estado de São Paulo.

Sei que existe também Porto Alegre, porque o escritor Erico Verissimo faz livros aí. E bonitos livros. Li *Saga* e continuo gostando mais do distante *Música ao longe*. Achei *Saga* um pouco postiço. O senhor já esteve no front?

Erico Verissimo, vou lhe contar um segredo. Promete não divulgar? Então, ouça: tenho um livro pronto! Sim senhor! Um livro com catorze contos! Dei-o a um editor, mas o diabo do homem, antes de ler os originais, cismou que a minha cara devia ser muito mais interessante do que os contos todos e por isso decidiu botar o meu retrato no livro. Com bons modos, disse-lhe que achava isso muito ridículo. Insistiu. Fiquei zangada; minha cara nada tem a ver com a obra. E tem, não tem, aparece, não aparece... Conclusão: sugeri que botasse o retrato da avó dele. Nesse ponto, resolveu não falar mais nisso. Mas aí eu já estava de mau gênio e exigi a papelada de volta. Agora estou com tudo aqui na gaveta.

Descansa, Erico Verissimo, não lhe falarei na Editora Globo porque já estou ciente de que ela não edita contos. Caso contrário, há muito já teria mandado, por avião, minhas 120 páginas. Mas o senhor deve conhecer editores, não conhece?²⁷

Da mesma geração de Lygia, Lya Luft também deixou seu depoimento sobre haver conhecido Erico já como o grande romancista nacional – e, ainda assim, de uma humilde afabilidade que não a fazia se sentir diminuída.

Lembro as visitas à casa de Erico: aquele seu olho bom, mas perspicaz, de uma agudeza que só ficcionista tem, devia perceber minhas ansiedades, curiosidades e inseguranças de moça que há poucos anos viera do interior. Porém ele nunca assumia pose de grande escritor; se houvesse um grande homem, e um grande artista, sem pose nenhuma, foi ele. Simples, afável, divertido muitas vezes; em outras, sério e perdido em

25. Correspondência Jorge Amado - Erico Verissimo. Rio de Janeiro, 15 de abril de 1935 (Grafia original. Acervo Fundação Casa do Rio Vermelho). In: CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Verissimo e a Biblioteca de Nanquimote: um projeto para a “petizada” brasileira (1936-1949)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 2021, p.76.

26. MACHADO. *Op. cit.* p.25

27. Correspondência Lygia Fagundes Telles - Erico Verissimo. São Paulo SP, 9. set.1941. In: *Vou lhe contar um segredo*. Correio IMS. Instituto Moreira Salles (<https://correio.ims.com.br/carta/vou-lhe-contar-um-segredo/>). Acesso em 27 jul.2025

suas reflexões, ficava quieto num canto: mas nunca mal-humorado, nunca ausente de nós, que o rodeávamos de carinho e admiração²⁸.

Outra grande autora da literatura nacional com quem Erico – e sua parceira de vida toda Mafalda – manteve uma longa e calorosa amizade foi Clarice Lispector, a quem o casal Verissimo conheceu durante uma das estadias de Erico nos Estados Unidos, quando Clarice ainda era casada com o diplomata Maury Gurgel Valente. A escritora lembraria desse início de amizade em uma crônica datada de 16 de dezembro de 1972, mas que reaproveita as perguntas e as respostas de uma entrevista anterior realizada por Clarice com Erico e publicada em janeiro de 1969, na revista *Manchete*.

Erico Verissimo (sic) é um dos seres mais gostáveis que conheci: é pessoa humana de uma largueza extraordinária. Foi em Washington onde eu o conheci e a Mafalda. Erico trabalhando na OEA. Eu fazia ninho na casa e na vida deles. E disse ele que as melhores recordações que guarda de sua estada em Washington D.C. foram as horas que passaram em minha casa. Erico não conseguiu escrever uma linha durante esses três anos burocráticos.²⁹

Clarice também se aprofunda sobre a relação algo problemática entre Erico e a crítica, dado que sua popularidade durante muito tempo lançou uma sombra sobre a apreciação de sua obra. Deixa clara também a ironia autodepreciativa que Erico usava quase como um meio de defesa – e da qual já falamos. Também reforça o que outros já disseram sobre Erico: seu espírito gregário e cordato e seu temperamento afeito à adesão a “bandeiras”.

Não se considera um escritor importante, inovador ou mesmo inteligente: acha que tem alguns talentos que usa bem, mas aconte-

ce serem menos apreciados pela chamada crítica séria como, por exemplo, o de contador de histórias. Os livros que lhe deram grande popularidade, como *Olhai os lírios do campo*, ele os considera romances medíocres. O que vem depois dessa primeira fase é bem melhor, mas os críticos apressados não se dão ao trabalho de revisar opiniões antigas e alheias. Agora há no Brasil vários críticos que o levam a sério, principalmente depois que publicou *O tempo e o vento*. Mas a ideia de ser querido, digamos amado, agrada-lhe mais do que a ideia de ser admirado. Não trocaria seu público que o adora por uma crítica que lhe fosse mais favorável. E há ainda os grupos. Os esquerdistas o consideram acomodado, os direitistas o consideram comunista.³⁰

*

Quando Erico morreu, Carlos Drummond de Andrade lamentou sua perda em um poema escrito pouco depois e intitulado *Falta de Erico*. Nos versos do poema, Drummond fazia o inventário do que faltava no mundo com a ausência do amigo: “*Falta uma tristeza de menino bom / caminhando entre adultos / na esperança da justiça / que tarda – como tarda! / a clarear o mundo. // Falta um boné, aquele jeito manso, / aquela ternura contida, óleo / a derramar-se lentamente*”³¹.

Essa menção no fim da vida de Erico marca uma certa coerência na maioria das manifestações sobre sua pessoa, além de sua escrita. Ao escrever sobre *Solo de clarineta*, o amigo Theodomiro Tostes pintou dele um retrato no qual as virtudes do narrador literário espelham as do homem que Tostes conheceu nos anos 1930:

No relato simples de sua vida, Erico é o mesmo homem de voz mansa que trazia a sua boa presença e a sua solidariedade de abstêmio à rodinha inquieta do Antonello. Mesmo ao entrar na confidência, na mais íntima e pessoal das experiências, a voz do escritor não se altera, não se

28. LUFT, Lya. Memória de Erico. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n° 3 pp. 11-12, setembro de 1986, p.34. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/17452> (acesso em 27/7/2025)

29. LISPECTOR, Clarice. “*Desculpem-me, mas não sou profundo*”. In: *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro, Rocco, 2018, pp. 535-538

30. LISPECTOR. *Op. cit.* p. 536

31. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Discurso de Primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014. p.21

turva ou estremece de emoção. Ele conta as coisas sem queixa, sem qualquer crescendo intempestivo. E, como bom artista, supera na arte que escolheu e que domina, qualquer vestígio meio apagado que pudesse avivar-se na sua voz.

Duas décadas antes, em um longo artigo crítico escrito sobre a obra de Erico ali pela altura de *O resto é silêncio*, Moysés Vellinho ressaltava características que seriam continuamente louvadas décadas afora, como sua afabilidade e sua modéstia avessa ao ego, mesmo já sendo, naquela época, o autor de maior consagração popular no Estado:

O sr. Erico Verissimo não sabe querer mal a ninguém, mas não conteria um gesto de fastio e mal-estar se nesta altura de sua jornada viessem interromper-lhe a marcha com a impertinente intenção de animá-lo ou incensá-lo. Estímulos desse jaez são perfeitamente dispensáveis por quem sente em si mesmo o impulso de uma das vocações mais imperiosas com que conta a atual geração de romancistas brasileiros.³²

Dessa coleção de depoimentos e impressões sobre o Erico na origem, delinea-se com notável coerência o que ele foi até o fim. Um escritor dedicado como poucos ao ofício. Não por acaso, foi um dos primeiros autores no Brasil a realmente viver de seus livros, mas mesmo quando acumulava trabalhos alternativos para sustentar a recém-formada família, Erico não deixava que as pressões da vida arrefecessem seu ímpeto pela escrita. Ouvia mais do que falava, mas sabia contar histórias. Era sóbrio e mais propenso a ser um escritor do que a viver a vida de um, o que explica sua presença discreta nas rodas boêmias. Assim, produziu uma obra extensa e inesgotável. Ou, como definiu de modo profético no seu artigo Moysés Vellinho, ainda em 1944, quando o monumento literário *O tempo e o vento* sequer havia aparecido:

O sr. Erico Verissimo se tornou escritor para satisfazer a necessidade de uma vocação, para

cumprir seu destino de romancista. Por isso sua obra continua no cartaz e do cartaz não sairá tão cedo. Tudo conspira para conservar-lhe o nome em permanente ordem do dia. Laureado duas vezes fora do Rio Grande em competições renhidas, comentado, discutido, admirado, renegado, alternativamente, em todos os recantos do país, acabou traduzido nos Estados Unidos e na República Argentina (...). É pois natural que o feliz romancista de *Caminhos Cruzados* seja talvez o mais lido dos nossos escritores modernos e pertença ao número daqueles sobre os quais a atenção dos nossos círculos literários mais se tem demorado. Entretanto, o merecido êxito que conquistou no domínio das letras, e que tão depressa se converteu em ruidosos sucessos de livraria, não o perturbou, não o encheu de si mesmo. Antes excitou-lhe o ânimo, levando-o a novos empreendimentos. Consciente das necessidades de sua arte, pode o sr. Erico Verissimo colocar-se, de pronto, acima de concessões importunas, dessas que se tornam pouco menos que ofensivas quando está em causa uma obra realizada sem a fútil preocupação do aplauso a qualquer preço.³³

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Discurso de Primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.
- BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Editora Globo, 2012.
- CARVALHAL, Tania F. *Theodomiro Tostes*. Porto Alegre, modernismo, poesia, memória. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 2009.
- CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Verissimo e a Biblioteca de Nanquino: um projeto para a “petizada” brasileira (1936-1949)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 2021.
- CHAGURI, Mariana M. *Notas sobre um escritor bissexto: Cyro Martins na literatura sulina*. IN: *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n° 20, pp. 103-120, maio de 2012. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie07/RevLitAut_art04.pdf (acesso em 25 jul. 2025)
- GOUVÊA, Paulo de. *O grupo: outras figuras - outras paisagens*. Porto Alegre: Movimento/Instituto Estadual

32. VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. p. 94.

33. *Idem*. p.93

- do Livro, 1976.
- HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. “*Desculpem-me, mas não sou profundo*”. IN: *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro, Rocco, 2018, pp. 535-538.
- LUFT, Lya. *Memória de Erico*. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n° 3 pp. 11-12, setembro de 1986, p.34. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/17452> (acesso em 27/7/2025)
- MACHADO, Dyonélio. *O cheiro de coisa viva: entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito - O estadista*. Organização, introdução e notas de Maria Zênilda Grawunder. Rio de Janeiro, Graphia, 1995.
- MARTINS, Cyro. *Meio chegado, meio distante do amigo Erico*. IN: *Escritores gaúchos: ensaios*. Porto Alegre, Movimento, 1981. pp. 58-61.
- REVERBEL, Carlos; LAITANO, Cláudia. *Arca de Blau: memórias*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.
- ROSENBLATT, Maurício. *A visão editorial de Erico Verissimo*. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n° 3 pp. 31-42, setembro de 1986, pp. 31-42. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/17454> (acesso em 25/7/2025).
- TOSTES, Theodomiro. *Nosso bairro: memórias*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva. 1989
- VELLINHO, Moysés. *Erico Verissimo: o romancista*. IN: *Letras da província*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. pp. 91-118.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*, vol. 1. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

ERICO, “MARCELO” E O FBI¹

Maria Girardello Gatti

1. A SITUAÇÃO

Assim que apareceu em *O resto é silêncio* (1943), o personagem “Marcelo” levantou suspeitas dentro do FBI: “seria seu autor, Erico Verissimo, antiamericano?”

Que inconveniente - o romancista estava a caminho dos EUA como embaixador cultural da Política de Boa Vizinhança. Precisaria ser investigado. Não ajudava que na sua última ida aos EUA, uns anos antes, o humor fosse frequente nas suas memórias de viagem. Nelas ele conta, por exemplo, que, chegando de navio em Nova York em 1941, um passageiro estrangeiro perguntou se ele era jogador de futebol, ao que respondeu: “Não. Eu sou Mickey Mouse.”² Quando o oficial da imigração perguntou o motivo da viagem, ele relata ter respondido, “para encurtar a história”:

– Boa vizinhança.
Ele me contempla por alguns segundos, com frio ar de dúvida.
(...)
– Que veio fazer?
– Viajar, ver pessoas e coisas. E fazer confêrencias, se não houver outro remédio.³

Na segunda viagem, Verissimo comenta que do seu escritório de Berkeley a guerra em que o

país estava empenhado parecia distante: ele assistia a esquinhos felizes saltitarem por fora de um prédio do Projeto Manhattan em que se desenvolvia a bomba atômica. Enquanto isso, seu nome era arquivado em listas de suspeitos do DOPS, do consulado dos EUA em Porto Alegre, e no Escritório de Relações Inter-Americanas. Seria Verissimo um bom vizinho antiamericano?

Antes de mais nada: Verissimo era antiautoritarismo, e um bom vizinho, sim, mas com suas críticas. Ele mesmo brincava com a polarização exacerbada da época n’*A volta do gato preto* (1946). Sobre o dia em que foi comprar calças e surpreendeu-se comprando uma amarela, reflete: “Os católicos me classificam de herege. Os fascistas afirmam que sou vermelho. Os vermelhos murmuram sorrindo que sou apenas cor-de-rosa. (...) Pois bem. Agora decidi ser amarelo. É uma mudança salutar que no fim das contas, me custará apenas o preço das calças, isto é, três dólares”.⁴ Mais tarde, na sua famosa fala na PUC-RS diante da invasão da Hungria pela URSS em 1956, definiu seu posicionamento, “que tanta gente até hoje parece não ter ainda compreendido”: contra todo e qualquer regime autoritário.⁵

A história que tenho para contar aqui é que descobri que, durante o Estado Novo, com a sua neutralidade num momento de alta polarização, Verissimo gerou uma ficha de policiamento internacional mais rica do que a de muitos escritores que eram abertamente contra o status quo. Esse tipo de coisa foi identificado na historiografia até sobre a França do século XVIII. Robert Darnton notou que os censores do Ancien Régime prestavam mais atenção aos escritores politicamente vagos: não os que eram críticos ao rei mas os que não o elogiavam o bastante.⁶ Diante da literatura de Verissimo, aquela do “corte transversal da so-

1. A pesquisa completa deste caso está publicada em: Gatti, Maria G. “Good Neighbor, Bad Neighbor: Fact and Fiction in an FBI Investigation of Brazilian Literature during World War II.” *Hispanic American Historical Review*, vol. 102, no. 3, 2022, pp. 449-80. <https://doi.org/10.1215/00182168-9798291>
2. Erico Verissimo. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Globo, 1953, p. 46.
3. Op. cit, 45.
4. Op. cit, 157.
5. Erico Verissimo, *Solo de clarineta - memórias*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973, p. 8
6. Robert Darnton. *Censors at work: how states shaped literature*. W. W. Norton, 2014.

cidade”, segundo Antonio Candido,⁷ ou da “simultaneidade”, segundo Luis Bueno,⁸ o FBI teve que discutir literatura. Seria Verissimo um bom vizinho em cima do muro?

A literatura era importante durante a guerra.⁹ Ideólogo do Estado Novo de Getúlio Vargas, Azevedo Amaral dizia que o estado tem o dever de vigiá-la, já que a elite cultural é o “núcleo de irradiação do pensamento nacional que ela sublima e coordena”.¹⁰ (A coisa era nuclear muito antes do projeto Manhattan.) Nos EUA, o diretor do escritório de censura, Byron Price, descreve o trabalho do censor com uma gota a mais de constrangimento: a censura deveria ser aplicada para preservar, e não destruir, “*free institutions and individual liberties*”.¹¹ Já um oficial da Office of War Information se aproximava da retórica do Estado Novo: “*books do not have their impact upon the mass mind but upon the minds of those who mold the mass mind*”¹²: literatura é instrumento para moldar a elite que vai moldar as massas. Enquanto isso, a campanha das forças aliadas “*books are weapons*” promovia a difusão de literatura como reação direta às queimas de livros da Alemanha nazista. O livro sobre literatura brasileira das conferências de Verissimo na Califórnia recebeu o carimbo dessa campanha.¹³ Mas seria Verissimo um agente duplo?

A obra de Erico (até a de antes da guerra) foi lida no contexto do panamericanismo de guerra. A tradução anglófona de *Caminhos cruzados* (1935) saiu em 1943. Em janeiro, uma resenha no *New York Times* diz que quando o leitor “fechar o livro, vai perceber que Porto Alegre não é tão diferente de Jacksonville [Flórida]; afinal de contas, *Crossroads* é definitivamente uma sólida contribuição à Política de Boa Vizinhaça”.



Detalhe na folha de rosto de *Brazilian Literature: an outline* (Verissimo, NY: MacMillan, 1945)

Verissimo tinha potencial de influenciador de peso. Sua biografia feita pelo FBI alguns meses depois começa dizendo que ele “foi recentemente traduzido e publicado em inglês pela Macmillan Company, Nova York”, e “seu mais novo livro chama-se *O resto é silêncio* (*The rest is silence*)”. Ainda na sua primeira edição vendeu mais de 20.000 cópias.¹⁴

Na época da primeira edição, o romance *Caminhos cruzados* foi perseguido pelo estado brasileiro, considerado “imoral, subversivo, dissolvente”, segundo o autor porque “ousava mostrar o medonho contraste entre os muito ricos e os muito pobres”.¹⁵ Ele relata, também, misturando sua ficção aos fatos do autoritarismo, que “Enquanto Clarissa e o marido olhavam para os verdes de seu vale e cuidavam de suas galinhas e vacas, continuei a viver a minha vida, sob o

7. Antonio Candido. “Erico Verissimo de trinta a setenta”. In: Chaves, Flávio Loureiro. *O contador de histórias*. Globo, 1972, p. 40-51.
8. Luis Bueno. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EdUSP, 2006.
9. Sobre a função da cultura na Política de Boa Vizinhaça, ver Alexandre B. Valim e Ana Maria Mauad (Org.). *New perspectives of the good neighbor policy*. Nova York: Lexington, 2024.
10. Azevedo Amaral. *O estado autoritário e a realidade nacional*. Ed UnB, 1938, 158-9.
11. Byron Price. “Code of Wartime Practices for the American Press and Radio.” *U.S. Government Printing Office*, 1945, p. 1.
12. Hench, John. *Books as weapons: propaganda, publishing, and the battle for global markets in the era of World War II*. Cornell University Press, 2010.
13. Verissimo teve também livros traduzidos no contexto dos programas interamericanas do esforço de guerra para a coesão continental. Cuidadosos estudos sobre suas traduções foram feitos por Carlos Cortez Minchillo, em *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. EdUSP, 2016, e por Eliza M. Morinaka, em *Tradução como política: escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947)*. EDUFBA, 2020.
14. FBI, primeiras linhas da investigação, 17/05/1943.
15. *Solo de clarineta*, 1973, p. 256.

olhar vigilante dos rapazes do Departamento de Ordem Política e Social”.¹⁶

E aí vem o pulo do gato preto: cansado disso tudo, Verissimo se autoexila do Estado Novo e vai para os Estados Unidos, terra da liberdade, e acaba sendo investigado pelos “rapazes do FBI”.

2. A INVESTIGAÇÃO

Durante meu mestrado, sob orientação de Adriano Duarte, fizemos em 2011 um pedido para o FBI, por meio de um processo chamado Freedom of Information Act, para saber se Erico Verissimo tinha ficha lá. Nove meses depois, nossa hipótese se confirmou: recebemos um envelope amarelo contendo 34 páginas das investigações sobre Erico Verissimo. Continuando a pesquisa, consultei arquivos da embaixada dos EUA, CIA, OCIAA, DOPS e outros, encaixando as peças de policiamento internacional nos pontos em que essas instâncias conversaram sobre Verissimo, não sem risíveis falhas de comunicação, como veremos.

As investigações do FBI aconteceram entre maio de 1943 e agosto de 1944, sendo revisitadas em janeiro de 1952 e novamente em julho de 1953. Estes períodos correspondem aos dois momentos em que o autor foi aos Estados Unidos para trabalhar, primeiro lecionando literatura brasileira na Universidade de Berkeley, Califórnia (1943-1945), e depois na direção da Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana (OEA), em Washington (1953-1956). No total, as investigações geraram 45 páginas, das quais 34 foram liberadas para esta pesquisa após análise da CIA à luz do nosso pedido de retirada do sigilo. Destas, 27 são legíveis ou não estão censuradas com tarjas brancas. A maior parte das páginas ilegíveis são referentes à reabertura do caso em 1953, e podemos deduzir que tratam da cópia dos arquivos da investigação inicial de 1943.

A 17 de maio de 1943, o “informante confidencial 451”, do Special Intelligence Service¹⁷ escreve ao escritório central do FBI, em documentação rotulada “Brazil - propaganda”. O motivo do início de conversa era a suspeita de que o novo livro de Erico Verissimo, *O resto é silêncio* (1943), continha material “antiamericano”, preocupante tendo em vista a viagem iminente do escritor para os EUA. O agente encarregado fez o que pode para tentar conhecer as simpatias de Verissimo naquele momento: leu o romance.

“Começa com o suicídio de uma menina, Joanna Karewska, 18 anos de idade, filha de pais imigrantes poloneses, que pula do décimo andar de um prédio em Porto Alegre”, narra o agente para o diretor do FBI, para os colegas do consulado e (futuramente) para a CIA. E resume o ponto de partida do romance: “Sete pessoas em especial a veem cair... um advogado bem-sucedido, um menino jornalista, um repórter de jornal, e uma mulher que foi infiel ao marido...” No romance original, a última personagem é descrita como “uma mulher que tinha um problema de consciência”, e não no tom de denúncia que coloca o tradutor do FBI. (Essa pequena alteração talvez não fosse tão pequena, considerando outras etapas da investigação preocupadas com o que Verissimo diz, no Brasil, sobre a polêmica questão do divórcio nos Estados Unidos àquela época.)

Em seguida, “451” introduz o problema literário de conteúdo que interessa à polícia. Explica que aquele personagem advogado que testemunhou o suicídio, “Aristides Barreto”, tem um irmão. E entra em cena o suspeito: o oposto do irmão advogado, segundo a ficha - o filósofo “Marcelo”.

Segue um trecho do relatório do FBI sobre o personagem “Marcelo”:

Marcelo não vê esse suicídio, mas especula sobre sua causa. É produto, conclui ele, de uma

16. O próprio policial lhe contaria isso quando aposentado. A relação de Erico com a polícia brasileira é sempre descrita por ele com casualidade: “Quero que me fales com toda a franqueza” - disse-me naquele dia um funcionário do DOPS com quem eu tinha relações pessoais. - ‘És ou não comunista?’ Nem sequer me dei o trabalho de lhe responder. Voltei-lhe as costas, ganhei a rua e desci a escadaria do viaduto, assobiando o andantino...” (*Solo de clarineta*, p. 263.).

17. Até a criação da CIA, após a Segunda Guerra Mundial, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) era a única agência de espionagem internacional dos EUA. Dentro dele, a divisão *Special Intelligence Service* (S.I.S) foi criada a pedido do Departamento de Estado para a combater a inteligência do Eixo no continente americano entre 1940 e 1946. Havia mais de cem agentes secretos da SIS no Brasil. Os agentes eram disfarçados como empresários de “importação e exportação.” FBI, *History of the S.I.S. Division*, Washington, D.C. 1947.

civilização insana, materialista e sem religião. No dia seguinte ele se encontra no seu escritório. Ele volta-se para anotações jogadas a partir das quais escreverá um artigo para a próxima edição de 'Espírito'. Ele decide chamá-lo de 'Aspectos do Panamericanismo'... Pois sob o disfarce da Política de Boa Vizinhança estão abrigados muitos sentimentos inferiores e muitas armadilhas perspicazes são postas... Ele começa a ler suas anotações. As mesmas estão traduzidas e citadas aqui. É nestas anotações que as colocações antiamericanas são feitas. (FOIPA n° 1156463-000, p. 2).

A forma das últimas linhas é importante: "Ele começa a ler suas anotações. As mesmas estão traduzidas e citadas aqui. É nestas anotações que as colocações antiamericanas são feitas". Para o leitor do relatório do FBI, portanto, os trechos suspeitos que virão em seguida são não apenas palavras escritas dentro do universo ficcional de um romance, como também ideias de um personagem, e, além disso, pensamentos anotados anteriormente por este personagem. Ou seja: as tais ideias antiamericanas encontram-se num lugar indireto, e a três "níveis" de distância, digamos assim, do autor: não são proferidos pelo autor, nem pelo narrador, nem por um personagem dentro da narrativa, mas sim foram "anotadas pelo personagem", num tempo anterior aos eventos narrados. Após a cuidadosa localização do conteúdo, seguem no relatório, traduzidos para o inglês, oito trechos considerados suspeitos no romance.

Os trechos citados pelo agente são aqueles em que "Marcelo" discute a vulgaridade estadunidense, a questão do divórcio e a da religião, e finalmente acerca do Panamericanismo. Por exemplo:

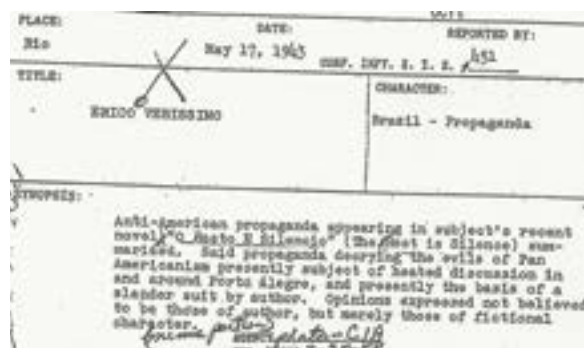
A necessidade de resistir a essa invasão que nos ataca via Cinema, rádio, literatura e imprensa. Nosso país está perdendo sua própria personalidade, adotando características americanas todos os dias. (...) (O Panamericanismo é pretexto para uma maior facilidade de infiltração

do veneno yankee.) O duplo propósito de tais estórias é fazer dinheiro e preparar futuros fãs do cinema, leitores, e compradores de bens manufaturados americanos." (FOIPA n° 1156463-000, p. 4).

Já o próprio Verissimo diria em *A volta do gato preto*,

Penso que essa influência que nos entra pelo cinema, pelo rádio, pelos magazines é apenas uma influência de superfície. Não será por nos mandarem penicilina, máquinas, técnicos; não será por nos transmitirem seus conhecimentos científicos e industriais que os americanos vão mudar nossa maneira de ser, de sentir, de viver.¹⁸

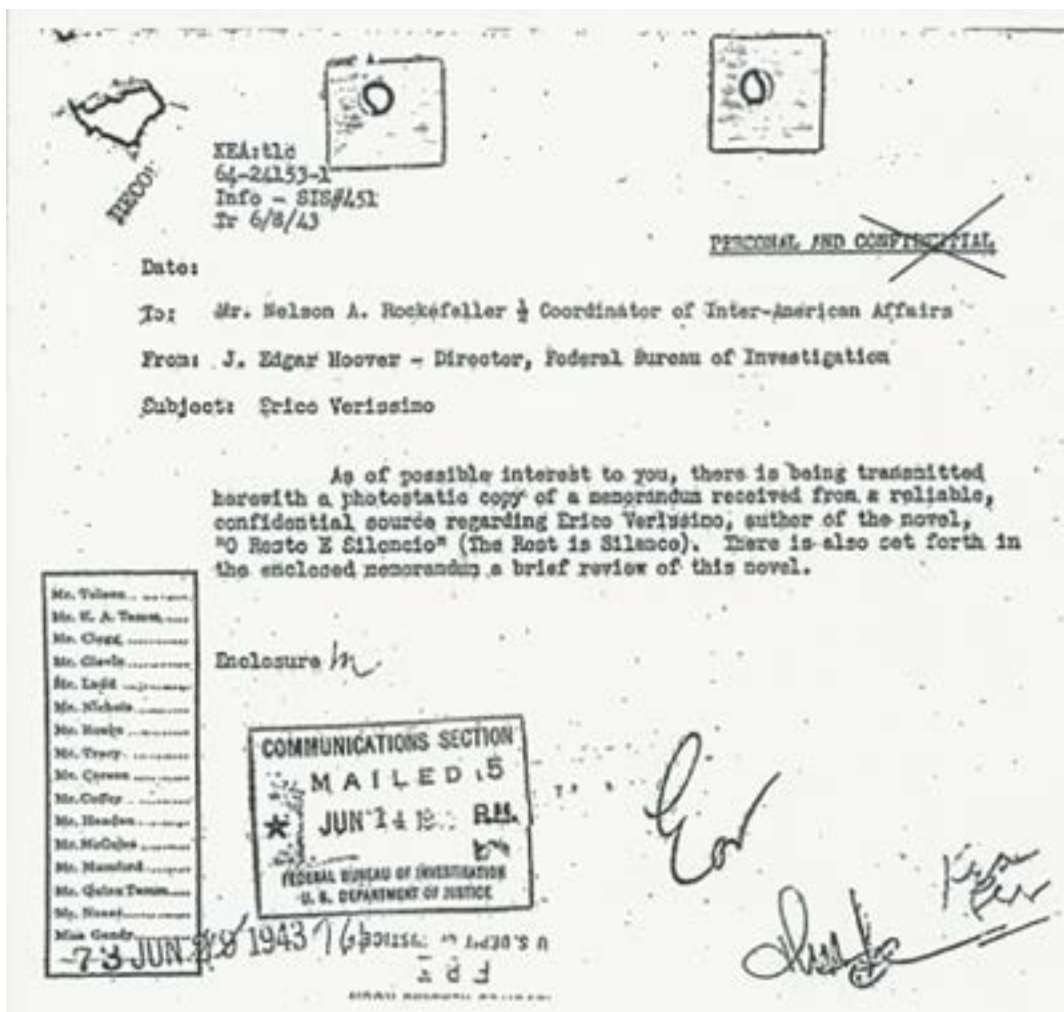
Pois bem, o relatório principal conclui que o elemento suspeito em questão era o personagem ficcional, e não o autor -- "*Opinions expressed not believed to be those of the author, but merely those of fictional character*".



A escolha por "Marcelo" como principal suspeito é interessante. Para o crítico Gilberto Mendonça Teles, o coadjuvante pertence ao núcleo que seria mais representativo da realidade social porto-alegrense.¹⁹ Nesse caso, a lógica do relatório enviado ao diretor do FBI vai ao encontro da lógica da crítica literária. Décadas antes, partilha da opinião de Mendonça Teles o tal J. Edgar Hoover. É ele mesmo quem encaminha a análise do agente sobre *O resto é silêncio* a Nelson Rockefeller, diretor do Office for Inter-American Relations ("caso venha a

18. Erico Verissimo. *A volta do gato preto*. Globo, 1987, p. 503.

19. Gilberto Mendonça Teles, "A retórica do silêncio". In: Chaves, Flávio Loureiro. *O contador de histórias*. Globo, 1972, p. 116-143.



ser de seu interesse”), e comenta que, mesmo sendo ficcional, o livro de Verissimo revela que tais temas devem estar sendo discutidos em Porto Alegre, uma vez que foram inseridos no romance, escrito naquela cidade. (FBI, FOIPA nº 1156463-000). Ou seja, temos não só um informante fazendo “crítica literária” mas o diretor do FBI fazendo “crítica materialista”, relacionando texto a contexto. Antiamericano é “Marcelo”, Verissimo ou Porto Alegre?

3. OUTROS INFORMANTES

Pouco antes da investigação do FBI, o cônsul estadunidense em Porto Alegre, Daniel Braddock, envia à embaixada uma lista de integrantes da Sociedade Amigos da América, incluindo Erico Verissimo. Escreve à embaixada: “O dr. Pli-

nio Brasil Milano, chefe do DOPS, afirmou que a polícia tinha provas documentais de que a Sociedade de Amigos da América tinha passado a ser usada como instrumento para o comunismo”. A forma como o cônsul repassa a informação do DOPS para o FBI revela um filtro arguto de interpretação: “A colocação do DOPS pode ser desconsiderada até certo ponto, já que é sabido que as autoridades frequentemente rotulam de comunistas aqueles liberais que eles acham necessário refrear”.²⁰ Ele sabe que o termo “comunista” no Brasil é algo a relativizar, usado e abusado para diferentes fins. Mas a ressalva do cônsul não impede que Verissimo vire suspeito de não ser tão “bom vizinho” quanto aparenta. Dois meses após o envio desta carta à embaixada, o FBI abriria aquela ficha sobre o romancista prestes a se mudar para os EUA.

20. Carta do Consulado dos EUA em Porto Alegre à Embaixada no Rio de Janeiro, 18 Mar. 1943, NARA, RG 59, M1515, decimal file 832, rol. 2, 832.00/4250-832.00/8-343, p. 719.

Esses eram os caminhos cruzados das linhas da polícia, diplomacia, política cultural. A Sociedade de Amigos da América é sintomática da natureza contraditória do Estado Novo. Uma vez dirigida pelo ministro das relações exteriores, Oswaldo Aranha, ela foi fechada pela polícia em 1944.

Então, vamos lá: um Estado em regime de ditadura alia-se a um governo que era tido como exemplo da democracia, para lutar contra o fascismo na Europa, enquanto toma medidas autoritárias como o fechamento de uma Sociedade que representa aquela mesma aliança feita pelo governo. Num loop lógico fantástico, Verissimo é suspeito de antiamericanismo por ser um “amigo da América”. Isso porque aquela sociedade era considerada comunista por ser “liberal” e, portanto, antiautoritária e, portanto, anti-Vargas e, portanto, comunista e, portanto, antiamericana.

De um lado, temos o informante 451, aquele que traz uma análise sofisticada do romance. Alguns meses depois, o informante 521 bota lenha na fogueira: relata que Verissimo era do partido comunista, e que palestrou denunciando a lei do divórcio e segregação racial dos EUA.

“521” envia novas informações sobre o suspeito. A partir de uma fala de Verissimo na Sociedade de Amigos da América em agosto de 1943, relata que Erico escreveu um livro chamado *Black and white* ao voltar da primeira viagem aos EUA—supõe-se que quer dizer *Gato preto em campo de neve* (1941). É apressada a maneira como passou adiante os dados de que ouvira falar. A preocupação que pautou suas conclusões talvez tenha sido as questões raciais no suposto livro, “preto e branco”. Esse relatório afirma que Verissimo é do Partido Comunista, possivelmente antiamericano, e que comentou em palestras sobre as questões consideradas mais delicadas no debate americano no momento – o problema racial (num país ainda a décadas dos chamados direitos civis aos afrodescendentes) e as problemáticas discussões sobre a lei do divórcio.

Então cônsules e informantes eram pessoas. Tinham carreiras a alavancar, com mais ou menos vontade ou necessidade de “mostrar serviço”,

com uma ou outra dimensão de acesso a fontes e vocação para interpretação de texto. E tudo isso afeta os meandros da vigilância da literatura.

4. DEPOIS

A família Verissimo passou na imigração, provavelmente após um interrogatório que o FBI pediu em carta à alfândega de San Francisco em 1943. Nada que tenha marcado muito o filho de 7 anos de idade, segundo ele. A família nunca soube da investigação, como me informou Luis Fernando Verissimo quando fui apresentada a ele por Luís Augusto Fischer. Em 1952, a ficha de Erico Verissimo circularia de novo no FBI. Dessa vez por conta de um pedido de visto para trabalhar na União Pan-Americana (UPA) -- mergulhado em funções administrativas, comenta depois que “a coisa toda era tão grandiosa, tão verbalmente pomposa, que chegava às fronteiras da paranoia”). Para confirmação do visto de Verissimo para este cargo, a análise de *O resto é silêncio* de dez anos antes é encaminhada, mas dessa vez relida com mais preocupação de guerra fria: o DOPS tinha listado Erico entre participantes da campanha do Petróleo é Nosso, e boa parte do aparato da S.I.S se tornaria a CIA, criada após a guerra.

No início da Segunda Guerra, “o torpedeamento dos navios brasileiros pelos submarinos alemães exaltou o ânimo da mocidade. A propaganda em favor dos Estados Unidos, de caráter democrático e liberal, confundia-se com a oposição ao regime e molestava as autoridades do Estado Novo”.²¹ Mas a admiração dos EUA por parte da intelectualidade progressista dura pouco: logo vem uma certa desilusão em relação ao modelo estadunidense para fuga do nosso autoritarismo. Duas passagens de literatura expressam essa virada melhor que muito documento histórico:

Em *A volta do gato preto*, Verissimo lê uma manchete da guerra e começa a assobiar o hino da Itália fascista. A esposa fala “para de assobiar isso”, e ele se defende: nota que ela vem “dum país em que tudo é pretexto para meter um homem na cadeia. A terra do ‘não pode.’ Tudo

21. Moniz Bandeira. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Civilização Brasileira, 2007, p. 395.

proibido. Dip. Deip. Dasp. Censura”.²² Nessa passagem, ainda há uma idealização dos EUA, onde eles estão, como uma terra de liberdade em comparação com o autoritário Brasil, que eles deixaram para trás. Mas os rapazes do DOPS seguiam trocando figurinhas com os rapazes do FBI.

Vinte anos mais tarde, Verissimo escreve *O senhor embaixador* (1965), sátira do universo da UPA em Washington, onde trabalhou nos anos 1950. Dois personagens diplomatas, um norte e um sul-americano, estão num bar, e um deles em dado momento diz para o outro:

- Que é que vai beber?
- Um Campari.

- Fale baixo, senão alguém pode denunciar você ao Congresso por atividades antiamericanas. Abandonou definitivamente o Bourbon?²³

Nos bastidores, a história de Verissimo nos EUA também é particularmente reveladora. Entre meus vários pedidos de documentação junto ao FBI, não achei ainda outras fichas sobre escritores brasileiros tão ricas quanto a dele. O caso Verissimo mostra as labirínticas teias que se formavam na época, as longevas ambiguidades das relações interamericanas, e os efeitos que causa um romancista de calças amarelas num mundo azul e vermelho.

22. Erico Verissimo. *A volta do gato preto*. Globo, 1987, p. 40.

23. Erico Verissimo. *Senhor embaixador*. Globo, 1965, p. 20

MEUS CAMINHOS CRUZADOS COM ERICO VERISSIMO

Flávio Aguiar

“Caminante, no hay camino,
Se hace camino al andar”.
Antonio Machado

Em dezembro de 1974 o hoje professor de História Ricardo Maranhão convidou-me, com José Miguel Wisnik, a integrar a editoria de Cultura do jornal *Movimento*, em formação. O jornalista Raimundo Pereira liderava a formação do novo jornal em São Paulo, egresso com outros colegas do jornal *Opinião*, no Rio de Janeiro, por discordâncias com seu dono, o empresário Fernando Gasparian.

Eu e José Miguel seríamos editores assistentes, e o editor deveria ser o ator e diretor de teatro Fernando Peixoto. Este acabou não assumindo a editoria; José Miguel preferiu tornar-se colaborador; e foi assim que tornei-me o editor de Cultura do jornal, que, junto com *Opinião*, foi um dos principais jornais da imprensa alternativa do país.

Como de costume, tratou-se de formar um Conselho Editorial com nomes de prestígio na oposição ao regime ditatorial oriundo do golpe civil-militar de 1964. No começo de 1975 já havia sete nomes garantidos para o Conselho: Fernando Henrique Cardoso, Chico Buarque, Orlando Villas-Boas, Francisco (Chico) Pinto, Alencar Furtado, Lysâneas Maciel e Hermilo Borba Filho.

Faltava um nome do sul, e o escolhido foi Erico Verissimo. E foi assim que vim a Porto Alegre com a incumbência de convidá-lo a integrar

o Conselho.

Minha visita à sua casa começou da maneira mais simples possível. Certa manhã, meu irmão Rogério encontrou-o em sua caminhada diária pelas ruas do bairro de Petrópolis, onde ambos moravam. Disse-lhe: “Meu irmão veio de São Paulo para visitá-lo”. “Pois diga-lhe que apareça lá em casa hoje à noite, às oito”, foi a resposta. E foi assim que naquela noite de fim de verão eu e minha então companheira, Iole de Freitas Druck, fomos recebidos na casa do grande escritor, junto com sua esposa, Mafalda.

Encontrei-o mais reclinado que sentado numa poltrona de encosto alto, ouvindo música barroca de um long-play, como se dizia então, tocada por uma pequena vitrola portátil a seu lado. Percebi que estava visivelmente alquebrado, com uma saúde já bastante precária. Expliquei-lhe o objetivo da visita, e fiz-lhe o convite. Para minha infelicidade ele recusou-o, delicadamente, dizendo que seu estado de saúde já não lhe permitia tais aventuras. Mas nos encorajou na empreitada de lutar pela liberdade de expressão e qualidade de informação, desafiando a abominável (sic) ditadura que nos oprimia a vida e o pensamento (sic). O impasse não impediu que passássemos um serão muito agradável, recheado por conversas e reminiscências de viagens, escritos, militâncias e paixão pela democracia e pela liberdade. A certa altura percebi um vulto que passava furtivamente no corredor. Era Luís Fernando, que eu entrevistaria anos depois, na mesma casa, falando sobre seu pai. Depois de umas duas horas, naquela noite iluminada, despedi-me do escritor e de Mafalda. E assim encerrou-se meu primeiro caminho cruzado com Erico Verissimo, que morreria em novembro daquele mesmo ano, para tristeza geral no país.

Décadas depois, já entrando no novo século, a querida e saudosa amiga e poeta Heloisa Jahn convidou-me, em nome do editor Luiz Schwarcz, a liderar a edição da obra completa de Erico Verissimo pela Companhia das Letras.

Aceitei entusiasmado. E foi assim que come-

çou meu segundo caminho cruzado com o grande escritor, caminho que duraria quase dez anos e mais do que três dezenas de volumes.

Tudo começou com a organização de um seminário motivador para todos os funcionários e colaboradores próximos da editora com o nome do que seria o mote principal da aventura: “Erico Verissimo para o século XXI”.

A ideia central era prepararmos os volumes para um público, jovem ou não, que não convivera mais com o mundo contemporâneo da vida do escritor. Este atravessara duas guerras mundiais, a emergência do comunismo e a catástrofe do nazismo, a Guerra Fria, duas ditaduras no Brasil e a Revolução Cubana, um escritor que convivera com a máquina de escrever e o papel carbono e que agora seguia para o público leitor de um mundo já crescentemente cibernético, digitalizado, já povoado por celulares, embora es-

tes ainda fossem enormes e pesados.

A edição de cada volume foi cuidadosamente pensada e executada, sempre com o apoio total de Heloísa e do Luiz. Em cada volume havia uma apresentação crítica, feita por professores convidados, uma nota biográfica particular sobre o momento da criação daquela obra e outra geral sobre o autor, ilustrações originais, e frequentemente algum apêndice relevante. Por exemplo: num dos volumes (*Incidente em Antares*, se não em engano), organizei uma cronologia geral de todos os personagens das obras de Erico.

A coleção começou com *O tempo e o vento* e terminou com *México*, um dos melhores livros de viagem da nossa literatura, expondo o excelente cronista e repórter que Erico também foi.

Este foi meu segundo e definitivo caminho cruzado com Erico, um escritor afável, um homem de coragem, um democrata exemplar.

ERICO HETEROSSEXUAL, PERSONAGENS DE TODOS OS SEXOS

Ensaio sobre
a construção ficcional¹

Jandiro Adriano Koch

Ao mesmo tempo em que satisfaço uma vontade minha, que é a de tornar mais coeso algo que vinha rabiscando há tempo, me coloco em sentido contrário a algumas informações que circulam pela internet. Com o título “Em 1935, livro de Erico Verissimo inovou ao abordar questões de gênero e minorias”, uma matéria assinada por Marcelo Abud destaca que a mestra em literatura e crítica literária Beatriz Badin de Campos inferiu que “*Caminhos cruzados* é o primeiro livro de um autor brasileiro que trata de relacionamento de duas pessoas do mesmo sexo, por exemplo”. Não faz sentido, porque este livro não inaugura esse tipo de narrativa.

Outra abordagem que me traz certo incômodo, embora bem redigida, está no texto “Invisível no Pampa - Por que a literatura ambientada no RS rural não retrata personagens gays?”, assinado por Thiago S. de Souza, lastreado em vários depoimentos de estudiosos da área da literatura. Além de colocarem que há um silêncio sobre o assunto em boa parte da obra de Erico, fazem parecer que somente em 1971, quando da publicação de *Incidente em Antares*, pode-se ver personagens gays,

a exemplo do professor Libindo, o “mais notório pederasta municipal”. Essa visão sobre as dissidências sexuais e de gênero, na literatura de Verissimo, está aquém das possibilidades.

O machismo à gaúcha

Não é de hoje que Erico tem sido mencionado pela verossimilhança com que apresenta o homem sul-rio-grandense, aquele sujeito que é convocado a provar, num *looping* sem fim, a masculinidade. O indivíduo que acredita que essa macheza é manifesta por um conjunto de comportamentos permitidos e pela observação de restrições a outros, ao menos em público, o que resulta em um padrão que necessita do eterno endosso dos pares. Trata-se de um tipo que perde muita energia tentando reproduzir o que, culturalmente, ficou convencionado que é o gaúcho homem.

Difícilmente alguém refutará a habilidade do autor em retratar o XY. Em um texto compartilhado pela *Ele Ela*, revista de conteúdo erótico, no início dos anos 1980, há uma reflexão sobre o sul-rio-grandense de faca na bota. Em *Machismo à gaúcha*, publicado postumamente, Erico discorre sobre duas formas de ler esse fenômeno, distinguindo aqueles que enfatizam valores como a hombridade e a bravura daqueles que se concentram na potência sexual. Exageros de ação e narrativa, no primeiro grupo, não raramente esconderiam falhas em relação ao esperado quanto ao sexo. Em suma, argumenta que muito alarde pode significar pouco desempenho.

As narrativas folclóricas sobre a intrepidez dos varões teriam raízes na grande quantidade de conflitos e “revoluções” que ocorreram ao sul do Brasil. Os *causos* contados pelos soldados teriam alcançado a literatura, que tratou de romantizar e eternizar os tipos másculos. A ficção também teria conferido contornos míticos a tipos bandidos, que facilmente chamaram a atenção

1. No dia 2 de outubro de 2025, durante o II Seminário de Literatura Gaúcha, promovido pelo Instituto Estadual do Livro, apresentei um apanhado de minhas leituras das obras de um dos escritores gaúchos homenageados ao longo deste ano. Reproduzo, aqui, grosso modo, o que foi encadeado para os presentes no auditório da Casa de Cultura Mário Quintana.



Erico Verissimo. Revista Vamos Lêr! (1944)

do público por suas “proezas”, no que o escritor enxergava uma “curiosa tendência popular de achar que a coragem pessoal de um indivíduo pode redimi-lo de seus crimes e atrocidades”.

Embora o tipo machão apareça recorrentemente em seus livros, Erico se defende de acusações que lhe teriam sido feitas, entre elas a de procurar “justificar e o glorificar o machismo gaúcho”. Para o escritor, a maioria de seus personagens são representantes da “coragem silenciosa, varões que jamais sentem a necessidade de provar que são homens. Secos, reservados, detestam as frases e os gestos teatrais”. O meu ensaio não pretende colocar o autor em um tribunal, mas creio que ele subestimou sua própria habilidade em dar contornos ao macho alfa. Erico não somente o desenha com os múltiplos tons da violência, que se esperava do homem, mas também o afasta do que seria seu oposto, tanto as mulheres quanto os dissidentes sexuais e de gênero.

Flertando com Michel Foucault, pode-se pensar em uma relação mutual na origem do normal e do anormal. A normalidade opera como parâ-

metro para a distinção do inadequado, viciado, errado. Por outro lado, o monstruoso, indevido, equivocados é condição *sine qua non* para definir o que é normal. São elaborações que se retroalimentam, mas não é uma simbiose. Constrói-se uma estrutura hierárquica, vertical, de expressões abusivas, na qual a “fabricação” do marginal sustenta o privilégio do hegemônico e do padrão. Nesse sentido, os personagens de Erico não escapam da necessidade de provar recorrentemente que são homens, tendo como contraponto o feminino e o homossexual, este último relegado a terceiro ou quarto plano - não pelo Erico pessoa na vida real.

Os maricas e os efeminados em tempos de guerra

Não são poucas as vezes em que os dissidentes desfilam por suas páginas. Desde *O continente*, o engendrar do másculo se dá a partir do refutar do que não é visto como viril. É por esse dispositivo que Rodrigo afirma, para Bibiana, que se o filho lhes “sair maricas, que Deus nos livre, atiro ele no primeiro perau que encontrar no caminho”. Depois de uma contida reação da esposa, que se limita a comentar “não diga uma coisa dessas”, Rodrigo conforta a si mesmo refletindo que seu filho “não tem perigo... Já estou vendo na cara do bichinho. Vai ser macho mesmo”.

Tenta-se destacar características masculinas desde a mais tenra idade. Bibiana fica enfurecida quando vê que oferecem uma infusão de folhas de laranjeira ao seu rebento, porque “ele não é mulher para tomar chás”. Mas os critérios se avolumam com a passagem do tempo. Os fortes estão destinados à guerra, algo tão certo que a ausência do conflito poderia, na cabeça deles, gerar sujeitos pouco viris: “[...] nossos homens estão ficando mui frouxos. E se não hai logo uma guerra ou alguma revolução vai acabar tudo maricas”.

A brutalidade ganha expressão, não raras vezes, pela agressão à masculinidade do inimigo. Em *Incidente em Antares*, depois de rendido, Terézio Campolargo é morto com “um grande funil de lata cujo longo bico [lhe foi enfiado...] às cegas no ânus”, pelo qual derramam uma “chaleira de ferro

cheia de azeite em ebulição”. Tempos depois, o irmão do algoz de Terézio acaba preso e sodomizado enquanto amarrado a uma árvore. Romualdo, depois de sofrer a violência, é solto aos gritos de “Soltem a moça!” Logo depois, comete suicídio.

Ao mesmo tempo em que, no conflito armado, se exalta a masculinidade, as guerras são períodos em que os homens mantêm contato mais próximo entre si, em que a intimidade com os pares é mais intensa do que em seu cotidiano. Embora a violência, o massacre e as degolas apareçam como ratificação de força, embora prefiram morrer em batalha, porque, como expresso em *O continente*, “macho não morre na cama”, ao passarem a noite atocaiados não raramente despertam do sono “ao redor do fogão, agarrados uns aos outros, numa busca meio inconsciente de calor e aconchego”. A proximidade dos corpos masculinos, quando percebida, os deixa envergonhados “como se tivessem feito algo que um homem que se preza não faz com outro homem”.

O estado de vigilância é permanente. Quando Licurgo desconfia de algo feminino no sorriso de um padre, acaba “tomado por uma impressão desagradável”, que só se dissipa quando conclui que “o vigário era mesmo macho cem por cento”. Quando os republicanos vencem a guerra, o padre Atilio Romano avança em direção a Licurgo e lhe dá “um beijo estalado em cada face”, o que deixa o chefe antimonárquico constrangido.

Para esses indivíduos, as expressões culturais não devem interessar, sendo que “os homens machos da Província de São Pedro pareciam acreditar que toda a preocupação artística era, além de inútil, efeminada”. Isso exclui, por certo, as cantigas que entoam, acompanhados de gaiteiros, quando reunidos ao redor do fogo. Como representante das artes, em *O retrato*, o jovem Wolfgang Weber, integrante da Philharmonische Familie, tocador de cordeona e xilofone, é considerado homossexual. Junto de sua família, ele se apresenta pelo mundo inteiro. Mas é no sul do Brasil que conhece o médico Rodrigo Cambará, a quem passa a olhar fixamente. Chiru alerta Rodrigo sobre a situação:

Já reparaste no jeito do Weberzinho olhar para ti?”

- Não. Por quê?
- Aquilo é paixão, menino, e paixão cabeluda.
- Deixa de bobagem!
- Meu olho nunca me engana. Não é de hoje que eu venho observando a coisa. Disfarça e olha [...] É como se não existisse mais ninguém nesta casa, só tu.

Nota-se, novamente, a atitude de espreita em relação a qualquer coisa que possa destoar dos códigos e dos comportamentos aceitáveis. Já as relações amorosas, eróticas ou sexuais entre mu-



Desenho feito por Erico representando Tibério Vacariano, personagem de Incidente em Antares.

lheres têm um tratamento diferente, no universo ficcional, daquele dado aos homossexuais masculinos. Isso tem sido explicado de duas formas. Sustenta-se que, para os escritores homens, narrar e ler sobre duas mulheres fomenta o prazer e o fetiche, não é uma ameaça – embora existam exceções. Acredita-se que descrição de atos homossexuais masculinos, por sua vez, põe em xeque a orientação sexual do autor, algo do qual os escritores fugiam como o diabo da cruz.

A lesbianidade ganha espaço em 1935. Nesse mesmo ano, aparece um outro autor com um livro centrado no tema, Reynaldo Moura com *A ronda dos anjos sensuais*. Em *Caminhos cruzados*, Erico apresenta Vera Leitão Leiria, uma mulher de vinte e quatro anos, que ostenta um corte de cabelos visto como masculino, com “corpo de rapaz, esbelta, gestos masculinos”. Ela está apaixonada por Chinita, mesmo que esta seja “bobinha, oca e ignorante”. Certo dia, enquanto estão conversando, no quarto, Vera age impulsivamente, “segura com as duas mãos a cabeça de Chinita e começa a beijar-lhe a boca com fúria”. A outra, apesar da surpresa, não é tão tola, e logo “se abandona toda às carícias da amiga”. Vera irá reaparecer, em 1940, na obra *Saga*, como uma moça sobre a qual não pairam dúvidas: “[...] não se faz mistério em torno das inclinações lésbicas de Vera Leitão Leiria”, moça que tem “absoluto desprezo pelos homens”.

Há quem se aprofunde na busca por referências, fazendo analogias com os nomes dos personagens de alguns livros, especialmente daqueles constantes no satírico *Incidente em Antares*. Valeria Cristina da Silva, por exemplo, acredita que o nome de Tibério Vacariano, o prefeito de Antares, pode ser vinculado ao imperador romano Tibério, largamente conhecido por suas relações pederásticas.

Para travestis, só a bala!

Além do pederasta, do maricas, do afeminado e da lésbica, não estão ausentes os momentos de travestilidade. Em *O continente*, durante uma cavallhada, José Lírio é convidado a se vestir de mulher para interpretar a princesa donzela Floripa. A encenação transcorre bem até o momen-

to em que *ela* é salva pelos cristãos. Nessa altura da representação, o público presente, cada vez mais atiçado para descobrir quem aceitara se colocar em saias, se atira sobre o ator e “abaixo de gritos e risadas, arrancam-lhe [...] as roupas”. Completamente despido, José Lírio corre para se abrigar na Igreja.

Já em *O retrato*, temos a cena em que Flora e o marido Rodrigo Cambará estão assistindo a um desfile de carnaval. Ambos são tomados pela visão de “um carro de tolda arriada, conduzindo uma dama espalhafatosamente vestida de seda azul elétrico e trazendo na cabeça um chapéu de palha de abas largas, coroado de plumas tricolores. Era corpulenta, tinha as mãos e os antebraços cobertos por mitenes negras e abanava-se com um amplo leque, em movimentos lentos e majestosos, batendo-o contra os volumosos seios”. Depois que a dama cumprimenta Rodrigo, ele ainda leva certo tempo para perceber que era, na verdade, o alfaiate Salomão. Irado, Rodrigo reage com impropérios, exclamando “Cachorro!”, “Desavergonhado!”, “É o cúmulo do descaramento. Só a bala!”

Uma terceira criação assemelhada surge, em 1954, no livro *Noite*, no qual o personagem Desconhecido flana por uma cidade de calor opressivo. Um dos pontos em que parou foi o cabaré de Vaga-Lume, “um dos homossexuais mais antigos da cidade”, que reúne características de travesti, pois tinha a cara “pintada, tinha rouge nas faces, batom nos lábios, rímel nos cílios que piscavam sobre os olhos agrandados pela beladona”.

Apesar de usar maquiagem e apetrechos do sexo oposto, era chamado de invertido, porque abusava da androginia. Podia ser encontrado vestindo “uma roupa de alpaca azul-elétrico”, “um terno tropical cor-de-rosa” ou “uma fatio-ta de linho esverdeado”. Enquanto o afeminado parece incomodar os personagens masculinos, o travesti tem especial rechaço, entre os personagens, sendo descrito com aparência grotesca.

Erico amadurece bem

Em nenhum momento, ao ler as obras, penso em um autor homofóbico ou transfóbico. Acre-

dito que, assim como captou a essência do sujeito pretensamente macho e da mulher forte, mesmo que subalterna, retrata os olhares sobre os dissidentes sexuais e de gênero com bastante fidedignidade à época em que se desenrolam suas narrativas e, ainda, quando coincidem, com seu próprio tempo.

Há duas interpretações que, como leitor - não como *expert* em Verissimo -, se materializam enquanto venço as páginas. A primeira tem a ver com possíveis inspirações para as descrições apuradas em relação aos conflitos entre a binaridade padrão e os dissidentes. Tenho para mim que o passado de Erico, de seus antepassados e a sua própria vida, são ricas fontes para os tipos que descreveu. Vejam-se exemplos de possíveis associações.

Na autobiografia *Solo de clarineta*, o avô materno Aníbal Lopes da Silva é descrito como um homem de modos antigos, que acredita que “misturar doce com leite era coisa de bundinha”, dos rapazes almofadinhas, sobre quem pairavam suspeitas de pouca virilidade. O açúcar poderia adoçar os modos. Sobre seu pai, Sebastião Verissimo, menciona que tinha uma “voz levemente efeminada”. Dono de uma farmácia, em Cruz Alta, atendia frequentemente a um renomado “pederasta” da cidade.

Quando a mãe de Erico descobre que o filho desenhara um homem com um falo enorme e ereto, conforme lembrança do escritor, o pai dá indícios de que acredita que o pequeno fez um autorretrato, que o moleque deveria ter herdado as características de seu físico - evitando refletir sobre uma possível homossexualidade. Logo mais, o jovem passa pela iniciação pelo “feito ato”, como denominava a masturbação, que o sobrecarregara, por um tempo, com sensação de “culpa por todos aqueles pecados”. Esse remordimento por sensação de transgressão é característico da incansável oposição cristã ao corpo como objeto de prazer. Pode-se cogitar, portanto, que esse peso, por ser considerado pecador, poderia ter se mantido. E poderia, ainda, ter sido colocado sobre os ombros dos homossexuais, um dos grupos mais atacados pela prática do sexo sem intenção de procriação. Mas a leitura religiosa não prevalece em Erico.

Ao seguir para Porto Alegre, em 1920, o jovem deixa para trás uma namorada de nome Vânia. Naqueles anos, ele ainda não superara algumas coisas. Com a certeza de que “homem não chora”, evita derramar lágrimas, quando se despede da moça, apesar dos “olhos [que] se umedeciam”. O clichê do homem que não deve demonstrar afetos é repetido em seus livros. Na capital gaúcha, no colégio Cruzeiro do Sul, o estudante encara banhos gelados, pelas manhãs, evitando reclamar, já que tem “vergonha de fazer papel de maricas”. O receio é revigorado a cada vez que um colega reage mal à água fria, quando acaba interpelado com ironias e chacotas como “macho é macho” e “agente, Mariazinha”.

Apesar de, ainda muito novo, ter vivenciado uma experiência que remete ao assédio e à pedofilia, quando, em Cruz Alta, um pedreiro costumava mostrar seu “minhocão” a ele e a seus amigos, que ficavam “humilhados, pensando nos [seus] membrinhos diminutos”, é em Porto Alegre que se depara com a primeira investida francamente homossexual. Seu professor, o marista belga M. Carré, tenta paquerá-lo. Sentado ao lado do pupilo, espalma a mão na perna do mocetão, que de feio nada tinha. Assim que se dá conta do que está acontecendo, “quando aqueles dedos rosados começaram a escalada da coxa”, Erico levanta a poeira. Carré era tido como um “famoso fresco” no educandário. A situação, que o próprio estudante compartilha com os colegas, torna-se razão de muitas piadas - algo que, até então, Erico buscara evitar.

Em 1971, em *Incidente em Antares*, o professor Libindo se pavoneia em torno de um discente de vinte e dois anos de idade, dizendo-lhe que não deve se escandalizar por ele ser eclético, “inclusive em sexo”. Libindo questiona o jovem: “[...] como moço inteligente que é, o senhor já deve ter lido alguma coisa sobre os andróginos. Nunca leu Platão? Fedro? O Banquete? E o Corydon de André Gide?”. Dando-se conta do que acontece, o rapaz se esquiva. Há pouca dúvida de que essa cena remonta à experiência pessoal do escritor.

Algumas vivências pessoais e a educação machista poderiam formar um sujeito repleto de preconceitos, com essas ideias reproduzidas



Imagem que ilustra o texto Machismo à gaúcha. Revista Ele Ela, nº 156.

em obras, mas a verdade é que Erico amadurece bem. Com o tempo, percebe que “só é bem homem quem tem a coragem de chorar”, sendo que a “suprema coragem é a de correr risco de parecer fraco por exprimir livremente os sentimentos”. Sobre o folclore gauchesco, embora de constituição mais reservada, menos propenso a se envolver em grandes celeumas, quando questionado sobre os motivos para não ser visto em bombachas, em entrevista para Jorge Andrade, para a revista *Realidade*, no ano de 1972, responde: “Não aprecio muito o carnaval”.

Quando se torna escritor reconhecido, é indagado sobre como, sendo homem, consegue ex-

primir tão bem, na ficção, os sentimentos das mulheres. Sua resposta é que, enquanto está redigindo, “procurava ser uma mulher”. Certamente essa colocação, se refeita, deixaria enfurecidos os defensores tortuosos do conceito de lugar de fala. Nessa toada, ao analisar Ernest Hemingway, Erico diz que seus personagens femininos eram inverossímeis. E que isso é resultado, provavelmente, da “insegurança quanto a sua própria condição de macho, o temor de que alguém pudesse por em dúvida sua virilidade”. Estaria o escritor gaúcho dizendo que ele mesmo, por sua vez, era tão macho que não tinha esse medo? Talvez inconscientemente; é certo que sim.

Ligando-se às exegeses psicanalíticas, em *Machismo à gaúcha*, afirma que “o machismo não deixa de ser uma espécie de neurose, uma medalha de herói em cujo verso se pode descobrir um homossexualismo latente”. Com essa base, faço a segunda interpretação como leitor. Parece-me que Erico faz análises pautado na psicologia ao refletir sobre a natureza da homossexualidade. É o que estava em vigência à época. Faz parte da migração da interpretação religiosa dogmática para a científica, transição que se dá a partir dos anos finais do século XIX.

Em algumas situações em que, depois de adulto, se verá em saias justas, reage com naturalidade, provavelmente amparado por essa convicção psicanalítica. Em um período que passa nos Estados Unidos, enquanto viajava de trem, entre Chicago e Washington, deixa a porta de sua cabine aberta durante a noite. Erico é claustrofóbico. Durante a noite, percebe que um homem se deita ao seu lado, visivelmente embriagado. Enquanto lhe acaricia o lóbulo da orelha, tenta oferecer um cigarro que está fumando. O escritor pede que ele se retire. No dia seguinte, reencontra o sujeito, nota que ele é casado em com filhos. O homem pede desculpas a Erico. Um indivíduo com “um componente homossexual que vinha à tona sempre que a embriaguez lhe afrouxava os controles”.

Ao escrever *Solo de clarineta*, recordando da situação, informa não ter sentido “o menor rancor pelo desconhecido, mas sim uma certa piedade”. Essa mesma comiseração, como reação, aparece em um personagem no livro *O senhor embaixador*, no qual Bill recorda de uma abordagem homossexual feita por uma “pobre criatura”. A reação ao convite não tem arroubos, o personagem sai caminhando, sem “nem sequer indignar-se”.

Enquanto o escritor destaca que “procurava ser uma mulher” para elaborar as personagens femininas, não é plausível sustentar que ele tenha recorrido ao mesmo processo para descrever aos dissidentes sexuais e de gênero. Afastada, creio eu, qualquer suposição de um autor preconceituoso, a narrativa ficcional se faz a partir do lugar do heterossexual, homem ou mulher, não de tentativas de “ser homossexual” enquanto retrata figuras LGBTQIAPN+. O que remanesce cristalino é que o ele soube descrever brilhantemente as reações masculinas - e algumas femininas, não desapegadas do machismo - ao que não era heterocisnormativo. Na ficção, macho e maricas funcionam como muletas para a construção de um e de outro - engendrando-se na mutualidade, na dependência entre o considerado anormal e o normal, como acontece na vida real, como pretendeu Foucault.

ENTRE A GRAÇA E A GRAVIDADE

Breve história
do humor em Erico
Verissimo

Carlos Cortez Minchillo

Em uma de suas últimas entrevistas, Erico Verissimo conclui: “Levei muito a sério o que realmente não era sério. Podia ter me divertido um pouco mais”¹. Esse senso de gravidade, que em grande parte teria sido, segundo o escritor, herança de sua mãe, Bega, parece ter exercido sobre Erico pressão de longo alcance, incorporando-se àquilo que ele chamou de “superego ou, melhor dito, super-Bega... porque a gente não se livra do fantasma materno”².

Na vida e na carreira de Verissimo, essa seriedade se manifestou de diferentes maneiras, e certamente influenciou na forma como entendeu e praticou sua literatura e seu papel como intelectual. Nas várias funções que exerceu na Editora do Globo, como professor em Berkeley, no cargo de diretor de assuntos culturais na União Pan-Americana ou até mesmo durante suas viagens, transparecem dedicação e empenho de quem cumpre uma missão, mesmo à custa de cansaço e aborrecimentos. É com esse espírito, por exemplo, que Erico descreve a Carlos Drummond de Andrade sua experiência nos Estados Unidos na década de 1950: “Cá estou fantasiado de administrador, fazendo um esforço doloroso para me interessar

por coisas que às vezes não são nem podiam ser interessantes. Mas este trabalho é até certo ponto útil e fecundo”³. Da mesma forma, quando visitou Portugal em 1959, Erico pôs sua popularidade no país a serviço do combate à ditadura Salazarista: “estes escritores estão abafados, oprimidos, inquietos. Eu lhes dei o que esperavam e o que eu devia dar”⁴.

Para além de um traço de caráter, o engajamento de um intelectual público como Erico pode ser compreendido como reflexo de sua época. A polarização ideológica entre fascismo e democracia que dividiu o mundo a partir da Guerra Civil Espanhola, prolongando-se na II Guerra Mundial e no Holocausto e, em seguida, nas tensões geopolíticas da Guerra Fria, desnudaram em escala planetária cenários de violência e desumanização ímpares. Aquele momento de crise global fomentou não só uma difícil reflexão ética sobre os rumos da humanidade, mas praticamente exigiu o posicionamento de escritores e artistas frente às diferentes e conflitantes correntes político-sociais do momento. Num tempo em que os governos exploraram intensamente o poder dos serviços de inteligência e lançaram mão da propaganda em massa para fins estratégicos, a cultura se embebeu de ideologia e se instrumentalizou. Foi quase impossível que os escritores, em graus e modos diferentes, deixassem de se engajar nos debates da época. Como diria Jean-Paul Sartre em 1948, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, “o escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação”: “Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana”⁵. Antes mesmo de Sartre, Erico Verissimo havia afirmado que “numa época de lutas de toda espécie, de miséria e de inquietação, não seria natural que ficasse eu a contar, exclusivamente, histórias de adolescentes despreocupadas, a correr atrás de

1. “A entrevista inacabada: entrevista”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 17 dez. 1975a. Suplemento Especial ZH, p. 4-5.
2. Carta de Erico Verissimo a Henrique e José Otávio, McLean, 23 de setembro de 1970.
3. Carta de Erico Verissimo a Carlos Drummond de Andrade, Washington, D.C., 27 de junho de 1954.
4. Carta de Erico Verissimo a Henrique [Bertaso], 8 de março de 1959.
5. Sartre, J. Paul. *O que é a literatura?*. São Paulo; Ática, 2004, pp. 20-21.

borboletas, debaixo de pessegueiros floridos”⁶. Mesmo décadas depois, quando lança *O prisioneiro* em meio à guerra do Vietnã, Erico reafirma seu comprometimento com a reflexão crítica: “compreendi há muito que não podia continuar sentado à sombra duma árvore, silencioso, vendo e sentindo o mundo e as dores do meu tempo através apenas de notícias de jornal”.⁷

Coerentemente, Erico fez escolhas temáticas cuja gravidade aponta para a missão de “comunicar ao leitor o drama dos outros homens”⁸, mantendo consciência política e social sem, contudo, submeter-se a compromissos partidários. Mesmo em *Clarissa*, romance de estreia que foi considerado pela crítica como literatura sentimental e, segundo o próprio autor, um exercício lírico sobre uma adolescente, mesmo aí o narrador inseriu reflexões sobre a violência das guerras e o antissemitismo. Nos livros seguintes, o escritor debruçou-se sobre os interesses oligárquicos, a decadência econômica e as disputas pelo poder político no Rio Grande do Sul, a Guerra Civil na Espanha, os percalços da história política e social brasileira, os jogos diplomáticos na América Latina e a guerra do Vietnã. Por trás da despreziosa autoimagem de um simples contador de histórias, avesso ao experimentalismo artístico radical, Erico manteve um projeto literário que tomava a ficção “a sério”, no conteúdo e na linguagem. Essa seriedade e coerência ética à la Dona Bega, que pautavam também suas outras atividades profissionais, certamente contribuíram para a respeitabilidade que Erico angariou como figura pública e como intelectual dentro e fora do Brasil. Determinou também, apesar de uma crítica nem sempre favorável, a penetração e perenidade de sua obra: cinquenta anos depois da morte do autor, os livros de Erico Verissimo continuam sendo impressos, estão nas estantes e nos *websites* das livrarias, e continuam sendo objeto de pesquisa acadêmica.

Mais difícil, porém, é avaliar o que poderia ter acontecido caso Erico tivesse se “divertido um pouco mais” e levasse menos a pulso o propósito de escrever “diagnósticos das doenças de nossa época”⁹.

Em carta de 1967 ao escritor e amigo John dos Passos, Erico confessou que, ao reler seus romances, sentia uma espécie de náusea “resultante de autointoxicação”: “estou cansado de meu estilo, de meus truques literários e tendências”¹⁰. Poucos anos depois, ao publicar *Incidente em Antares*, Erico parece satisfeito com o fato de ter praticado uma outra maneira de escrever, explicando que dentro dele sempre conviveram em conflito um “poeta que não faz poesia porque *tiene la pata dura* e um satirista que nunca se expandiu plenamente porque sofria a sobrecarga do poeta”¹¹. Essa liberação estilística de última hora também é comemorada em uma entrevista:

***Incidente em Antares* está marcado por um senso de humor quase que inédito na literatura brasileira. Essa maneira de ver a vida faz parte da sua personalidade, ou é um truque do romancista para renovar-se?**

Quem convive comigo sabe que essa maneira de ver a vida é parte marcante da minha personalidade. [...] Ora, um homem nunca é feito duma única peça. Em *Incidente em Antares* afrouxei os controles da veia satírica, usando dos direitos que me confere a *idade provectora*. A minha parte demoníaca (com algumas interferências menores das outras) dirigiu o espetáculo. Confesso que me diverti escrevendo esse romance.¹²

Quantos *Incidente em Antares* a literatura brasileira não teria ganhado se Erico Verissimo tivesse permitido que essa “parte marcante” de sua personalidade se manifestasse com desembaraço?

Na maior parte da produção ficcional de Erico Verissimo, o humor surge sutilmente, e, no mais

6. Silveira Peixoto. “Erico Verissimo”. *Falam os escritores*. Curitiba: Guaíra, 1941, pp. 321-342.

7. Verissimo, Erico (1970). *O prisioneiro*. Porto Alegre: Globo. Texto da contracapa.

8. “Dona sorte ou o aprendizado literário”. Entrevista de Erico Verissimo a Maria Dinorah. *A Liberdade de escrever*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS/EDIPURS, 1996, p. 37.

9. Idem, p. 28.

10. Carta de Erico Verissimo a John dos Passos, Porto Alegre, 27 de Janeiro de 1967.

11. “Somos todos uns mentirosos”. Entrevista de Erico Verissimo a Celito De Grandi. *A liberdade de escrever*, p. 60.

12. “Ninguém escapa à História”. Entrevista de Erico Verissimo a Norma Marzola. *A liberdade de escrever*, p. 80.

das vezes, como ironia ou sátira, denunciando falhas morais e a perversidade das engrenagens sociais. Segundo Erico, “a sátira e a ironia dificilmente erram o alvo”¹³. É verdade, porém que, de forma circunscrita, alguns narradores de Erico pontuam seus relatos de personagens piadistas e de cenas que podem momentaneamente provocar um riso mais aberto nos leitores. Lembre-se, por exemplo, das risadas francas do Major Pombo, das anedotas de Procópio Barata e do cantarolar alegre de Nestor em *Clarissa*. Ou, em *O continente*, das tiradas versificadas do capataz Fandango, que costumava dizer: “Três coisas hai nesta vida que me fazem muito mal: mulher velha, noite escura e cachorrada no quintal”¹⁴. Essas passagens são momentos de distensão inseridos em narrativas sóbrias e mesmo poéticas sobre assuntos “sérios”. Em *Clarissa*, por exemplo, o melancólico pianista Amaro coloca a alegria de Barata em perspectiva crítica: “Preferia ter a obesidade feliz e risonha do Barata: passar a vida rindo um riso cheio de otimismo e de dentes de ouro, contando anedotas para se divertir e divertir os outros ... Palhaço!”¹⁵. Nesses casos, o humor é habilmente empregado para modular o andamento da narrativa, compor personagens vivos e interessantes e captar na ficção a multiplicidade das experiências humanas. Confirma, assim, a engenhosidade artística de Erico como um exímio criador de personagens e um hábil contador de histórias.

Erico se considerava um tipo tímido, de temperamento introspectivo que “precisa tanto de solidão e silêncio quanto de alimento e de ar”¹⁶. Mas, se de sua mãe – “essa fechada ostra” – lhe veio o senso de responsabilidade encrustado nas exigências do superego, Erico também reconheceu que de vez em quando até mesmo dona Bega “abria-se numa bela, rara pérola de humor”¹⁷. Em seu relato autobiográfico, *Solo de clarineta*, Erico conta que, ao conhecer o futuro esposo da neta, dona

Bega teria exclamado: “Então este é o filho da puta que vai roubar a minha neta?”. Nessas páginas de memória, Erico destaca ainda uma galeria de familiares e conhecidos caracterizados pelo humor, a começar pelo seu avô Aníbal, “um contador de estórias nato. Fluente, pitoresco, jamais se perdia em pormenores inúteis. Era direto e tinha um humor seco temperado duma ironia que nunca se tornava sarcasmo”¹⁸. Ao lembrar seus anos no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, Erico destaca que se divertia com os sermões de um certo bispo Kinsolving, que “tinha um delicioso senso de humor”. O apreço por essas figuras capazes de contar um bom caso, lançar uma frase engraçada e fazer rir conecta-se a uma verve humorística que, se foi contida na maior parte da prosa ficcional de Erico Verissimo, extravasou com maior liberdade em outras esferas: na vida pessoal do escritor gaúcho, em suas palestras, nos livros de viagem, em suas memórias e em sua vastíssima correspondência, frequentemente ilustrada por Erico com caricaturas bem-humoradas.

Quem poderia imaginar que o autor de *Noite, Saga* ou *O prisioneiro* seria capaz de, revelando uma dessas “outras peças” que formavam seu caráter, fantasiar-se para divertir os netos?

Uma tarde me cobri com um manto vermelho, pintei um bigode e uma pera de Mefistófeles e dei-lhes um grande espetáculo de mágicas. Fiz um copo de água pura transformar-se em água vermelha debaixo dum chapéu que antes foi devidamente examinado por “el respectable publico”.¹⁹

Clarissa Verissimo Jaffe, filha do escritor, sublinha o embate entre o lírico e o humorista, recordando que, em sua correspondência, o pai “sempre recorria ao humor para evitar emoção demais”²⁰. De fato, as cartas que Erico escrevia

13. “Somos todos uns mentirosos”. Entrevista de Erico Verissimo a Celito De Grandi. *A liberdade de escrever*, p. 61.

14. Verissimo, Erico. *O tempo e o vento: O continente*, vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 203.

15. Verissimo, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 167.

16. Carta de Erico Verissimo para Lara [de Lemos]. Washington, 30 de dezembro de 1953.

17. Verissimo, Erico. *Solo de clarineta*, vol. I. Porto Alegre: Globo, 1975, p. 53.

18. Idem, pp. 27-28.

19. Carta de Erico Verissimo a John dos Passos, Porto Alegre, 13 de Janeiro de 1964.

20. Jaffe, Clarissa Verissimo. “Caminhos cruzados”. *Erico Verissimo - Cadernos de literatura brasileira*, no. 16. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, p. 19.

a amigos e parentes estão repletas de lances cômicos, oferecendo imagens saborosamente graciosas, muitas vezes embebidas de autoironia. Para expressar sua índole reservada e seus traços físicos de “bugre”, Erico autointitulava-se “boi sentado” e “sitting bull” e às vezes desenhava à margem uma caricatura de si com um penacho de índio na cabeça. Já quando narrava suas longas e exaustivas viagens pelos Estados Unidos, Erico se apresentava como “camelô do panamericanismo” ou “Mossoró”, o cavalo campeão do primeiro Grande Prêmio Brasil. Em uma carta de 1945, ele arremata o desabafo em tom de piada: “Meus queridos amigos: [...] Não queiram saber o que tem sido a minha vida nestas últimas quatro semanas. Não paro um minuto. Meu date book está coalhado de notas. Tenho viajado mais que Madame Roosevelt, o marido e os filhos e os cachorros juntos”²¹.

Erico registra em diversas de suas cartas que, em suas palestras no Estados Unidos, recorria ao humor para criar empatia ao comunicar-se com a audiência, ilustrando sua fala com caricaturas desenhadas no quadro negro: “Minha conferência na Escola Técnica de Oakland, ontem, teve 1.200 espectadores. Meninas e meninos entre 15 e 18 anos. Foi uma farrá. Perguntas e respostas. Puro humor. O auditório no fim urrava. 50 minutos de piadas”²². E ao comentar os aplausos que recebeu em uma de suas falas públicas, Erico ainda uma vez cria humor: “Diz o velho Morley [Sylvanus Griswold Morley] que só uma vez ele viu a turma aplaudir mais. Foi quando a Marian Anderson cantou lá. Também, vocês compreendem, não posso competir com essa morena”²³. Tamanho sucesso sugere a Erico uma outra oportunidade de lançar mais um gracejo, que é igualmente um auto rebaixamento. Escreve ao amigo Henrique Bertaso sobre uma recepção em sua homenagem: “Imagina tu nós, míseros pedestres, metidos nesse meio. Durante todo o jantar, à luz daquelas velas, eu me lembrei do meu avô que ao chupar a sopa fazia um barulho de temporal e que às vezes palitava os dentes com a ponta da faca”²⁴. Em

outra carta ao mesmo Henrique, Erico descreve em tom irreverente e erótico uma moça que conheceu em outro desses jantares:

Esse chuchu, Henrique, tem dezessete anos. É viçosa, clara, de cabelos castanhos, queixinho de alemã dos Moinhos de Vento e (te agarra, Henrique) nos aparece com uma blusa fofa, com uma das mangas puxada, deixando aparecer todo o ombro. Eu disse logo para a Mafalda, a fim de evitar qualquer equívoco: “Eu vou acabar dando uma dentada naquele steak”.²⁵

Também em seus relatos de viagem Erico permitiu-se um estilo mais solto, em que o narrador brinca constantemente com a linguagem. Em *Gato preto em campo de neve*, *A volta do gato preto* e *Israel em abril*, informações geográficas e históricas, comparações antropológicas e reflexões mais sóbrias vêm intercaladas com trocadilhos, gracejos e cenas cômicas. No primeiro *Gato preto*, o narrador começa sua viagem aos Estados Unidos encontrando-se com um duplo de si, 15 anos mais jovem, que lhe faz um convite:

- E se fôssemos ao bar?
- Não bebo.
- Eu devia ter adivinhado... Fígado?
- Exatamente. No fim de contas, tenho quinze anos mais que você.
- Não falemos em coisas tristes. Isto é uma viagem de recreio.
- E de estudos... – apresso-me a acrescentar.
- Não seja insolente. Não bastam as tristezas do mundo, os obrigatórios e desenxabidos problemas de cada dia? Vamos ao *whisky*.
- Já lhe disse que não bebo.
- Tome uma laranja.
- Agarra-me o braço e arrasta-me para o bar. Sentámo-nos a uma pequena mesa redonda. O boy se aproxima. Meu companheiro lhe grita:
 - Whisky and soda, please!
 - O seu inglês é pavoroso, – vingó-me.
 - Mas em compensação minha saúde é ótima.²⁶

21. Carta de Erico Verissimo a Meus queridos amigos, Los Angeles, 2 de março de 1945.

22. Carta de Erico Verissimo a Henrique, José, Justino, Hamílcar, Mauricio. São Chico da Califa, 20 de abril, 1944.

23. Idem.

24. Carta de Erico Verissimo para Herbert Caro, Los Angeles, 29 março de 1944.

25. Carta de Erico Verissimo a Henrique Bertaso, Los Angeles, 14 de fevereiro de 1945

26. Verissimo, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Globo, 1984, p. 15.

Fernando Sabino reconheceu, um pouco antes do lançamento de *Incidente em Antares*, a transformação do estilo do amigo Erico rumo a uma escrita mais à vontade com o uso do humor:

Mas falemos de coisas amenas, como por exemplo: o seu delicioso, extraordinário, esplêndido livro sobre Israel. Li de uma só vez, varando a noite, fiquei possuído de entusiasmo, fiz a família toda ler. Não é apenas um livro de viagem, é uma das obras mais finas de nossa literatura. E como você está atingindo um senso de humor cuja delicadeza só tem paralelo na nossa literatura no que há de melhor no velho Machado. A sua “morte” é uma das mais deliciosas páginas que eu já li.²⁷

Na passagem mencionada por Sabino, o narrador de *Israel em abril*, tomado por violenta tosse, fantasia sua morte, conjecturando o impacto de seu hipotético desaparecimento. “Vocês sabem quem morreu? (Vozes brasileiras conhecidas). Não? Pois é, em pleno deserto, na estranja, Turquia ou Arábia, sei lá!”²⁸. Imagina ainda em tom divertidamente hiperbólico os transtornos da repatriação do corpo e a interrupção de sua carreira literária: “Minha viúva parece adormecida. Naturalmente o cadáver será embalsamado. [...] Voltar ao Brasil como um defunto na bagagem. [...] Passam-me pela cabeça alguns projetos de livros. E o corvo de Poe diz: “Nunca mais!”²⁹. Em meio ao devaneio mortuário, Erico explicita como o humor impacta seu comportamento: “Não consigo ser absolutamente dramático. Nas piores situações sempre posso ver seu lado humorístico ou grotesco”³⁰.

Erico afirmou certa vez que tinha horror à morte: “diante da morte e dos mortos me comporto como o menino que assobia no escuro para disfarçar o medo”. E completa com um toque de graça: “Eu nunca assobiei de maneira tão forte e tão doida como em *Incidente em Antares*”³¹. Esse assobio produziu o último e o mais francamente cômico romance de Verissimo. Como indica a professora Iaranda Jurema Ferreira Barbosa, em *Incidente em Antares* “[o] humor aparece para desdramatizar situações desagradáveis, aliviar o peso das tensões, contrastando a presença de sete pessoas mortas deambulando pela cidade, denunciando crimes e comportamentos imorais. Rimos diante do absurdo, do horror e das situações tensas provocadas pelo fantástico na obra.”³² Rimos, por exemplo, da situação farsesca, da linguagem pomposa e da falta de propósito do discurso do promotor Mirabeau, que tenta convencer os mortos sublevados a se comportarem “decentemente”: “Assim, em nome do governo e da população de Antares, e em nome da decência humana, em nome da pátria e dos mais nobres sentimentos cristãos, eu vos exorto a voltar aos vossos esquifes e dentro deles aguardar a hora de vosso sepultamento. Tenho dito!”³³.

Em *Antares*, a normalidade por fim se restabeleceu: os mortos foram sepultados, e o cotidiano da cidade voltou ao seu ritmo habitual. Mas é possível que a prosa de Erico Verissimo jamais fosse a mesma depois desse cômico romance. Menos sério, Erico poderia quem sabe ter inaugurado uma nova fase em sua carreira caso poucos anos depois o corvo de Poe não tivesse gritado “Nunca mais!”, e a morte, desta vez para valer, não viesse a interromper definitivamente seus projetos futuros.

27. Carta de Fernando Sabino a Erico Verissimo, Rio de Janeiro, 1º de abril de 1970.

28. Verissimo, Erico. *Israel em abril*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1969, p. 73.

29. Idem.

30. Idem.

31. “O menino que assobia no escuro”. Entrevista de Erico Verissimo a Paulo Totti. *A liberdade de escrever*, p. 52.

32. Barbosa, Iaranda Jurema Ferreira. “O humor, o fantástico, a queda das máscaras e a crítica social em *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo”. *Revista 2i*, Vol. 7, no. 11, 2025, p. 84.

33. Verissimo, Erico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 2002, p. 330.

INCIDENTE EM ANTARES

O desmentido como
mecanismo político

Manoel Madeira

“Você não viu coisa alguma!”

Em *Incidente em Antares* (1971), Erico Verissimo inventa a história da mágica, mas mui realista, cidade de Antares, onde uma greve geral impede que sete pessoas sejam enterradas. Exigindo sepultamento, elas saem dos seus caixões, reencontram os vivos, acertam as últimas contas e terminam no coreto da pequena cidade, de onde contam à população que em volta se apinha diversos segredos sobre os “próceres” de Antares, como repete Erico, ou seja, seus principais chefes.

Estabelecido esse resumo pedestre, proponho irmos diretamente ao carço que desejo destacar, bem representado no capítulo 97, de apenas meia página, em que prefeito de Antares, o major Vivaldino Brazão, discute com um tal Yaroslav, fotógrafo ambulante tcheco que havia tentado capturar a imagem dos mortos discursando no coreto. Porém, para espanto do lambe-lambe, os mortos eram impossíveis de fotografar, sua câmera minuteira não os capturava e na foto que ela revelou só apareciam o coreto vazio e a população em volta, circunscrevendo o nada. Depois do fantástico evento que desmascarou os próceres, há de se apagar tudo, e com esse intuito o prefeito convoca Yaroslav em seu gabinete.

A comissão encarregada de levar a cabo a *Operação Borracha* tinha todos os motivos para

considerá-la já vitoriosa. Yaroslav, entretanto, contava ainda aos forasteiros e a todos quantos o interrogavam sobre ‘o incidente’, que ele vira, ouvira e cheirara os mortos. O prefeito, irritado, mandou chamá-lo ao seu gabinete, para uma reprimenda:

– Se você continuar dizendo por aí que viu mesmo os mortos no coreto, eu cancelo sua licença de fotógrafo ambulante! E se você reincidir na sua mentira, a prefeitura tratará a sua extradição para a Tchecoslováquia... e aí você vai ver como é duro viver nesses países do outro lado da Cortina de Ferro.

O fotógrafo coçou a barba e, de cabeça baixa, murmurou:

– Está bem. Vou esquecer o que vi.

– Viu o quê? – explodiu o chefe do executivo municipal – Você não viu coisa alguma!

– Então vou esquecer ‘o que não vi’...

– Raspa daqui pra fora, gringo desaforado!

O fotógrafo bateu em retirada, a passo acelerado. O Mendes [*secretário do prefeito*], que estava no vestibulo contíguo, ouviu-o murmurar por entre dentes: ‘Fascistas!’ (p. 420).

“Você não viu coisa alguma!”, rosna Brazão. Ou seja, não se trata de dizer a Yaroslav que *o que aconteceu não é bem assim*, que a cena por ele vista foi uma armação – não se trata de uma deturpação narrativa. O prefeito ameaça o fotógrafo lhe impondo que o *acontecido não aconteceu*.

Proponho que esse enredo kafkiano – não à toa Yaroslav é tcheco, não à toa funcionava em Antares o *Kafé Kafka!* –, não apenas metaforiza o tempo político no qual a obra vem a público, em plena ditadura militar, mas também nos lança uma chave de leitura à política contemporânea. Minha ideia é sustentar que a *Operação Borracha* ficcionalizada genialmente por Erico nos traz um registro singular de negação, há muito teorizado pela psicanálise e que se atualiza na política da extrema direita brasileira.

Para tanto, proponho duas notas prévias que contextualizam essa *operação* – sobre o espírito

político de Antares e sobre o conteúdo dos segredos que emanavam do coreto.

Espírito político de Antares

O romance é longo (430 páginas, margens mínimas, sem respiros entre os capítulos) e dividido em duas partes. Na primeira, Erico discorre sobre a fundação de Antares, a história pregressa ao *incidente* na qual se destacam as famílias Vacariano e Campolargo que, ao longo dos tempos, travam uma brutal rivalidade. Assassínatos animais, vinganças, tomadas e retomadas de poder à base de extrema violência até a história estabelecer a paz entre as famílias nas figuras do coronel Tibério Vacariano e de Quitéria Campolargo – paz que teve a intermediação de ninguém menos que Getúlio Vargas, o vizinho de São Borja.

Golpista, despótico, violento, cômico de tão caricato, presidente de honra da *Operação Borracha*, coronel Tibério Vacariano é o personagem central, o chefe maior de Antares, um perfeito oligarca bolsonarista de embasbacar pela atualidade. De fato, Vacariano nos mostra o quanto o bolsonarismo é uma reedição *exata* do conservadorismo que sustentou a eclosão da ditadura militar – ele nunca deixou de existir, fato evidente e repisado. Pra resumir o espírito político da conservadora Antares, presa às leis do famigerado coronel, trago novamente o texto. Trata-se de uma passagem em que o falecido advogado Cícero Branco, grande picareta agora livre dos interesses da vida, condensa a personalidade do velho comparsa.

“– Todos sabem que o coronel Tibério é o presidente de honra dos Legionários da Cruz, cujo lema é Deus, Pátria, Família e Propriedade. Ora, as relações de nosso furibundo pró-homem com Deus são só de cumprimento, de longe, apenas um toque de dedo na aba do chapéu. O velho Vacariano não reza, não vai à missa e nem se confessa, e durante toda sua gloriosa existência teve incontáveis oportunidades de transgredir os dez mandamentos. Pátria? A flor dos Vacarianos ama tanto a sua, que tem passado a vida a lesar os cofres públicos e a mamar nas tetas dessa pobre república. Ah, mas com a família o caso é diferente!

O coronel Tibério preza tanto essa instituição, que em vez de uma mulher tem duas: a legítima, que vive no palacete que vemos ali na esquina, e a ilegítima, instalada numa outra casa e numa outra rua. Agora, acima de Deus, acima da Pátria, acima da Família, o nosso Tibério, imperador de Antares, adora a Propriedade, e é capaz de matar e até de arriscar-se a morrer para defender as suas propriedades, aumentando-as às custas das propriedades alheias. Daí o seu sagrado horror a qualquer mudança do presente *status quo* político, econômico e social que tanto lhe convém” (p. 318).

Desafio a pessoa leitora, levando em conta os patriarcas bolsonaristas contemporâneos, a apontar no trecho alguma palavra que lhe soe obsoleta.

Os segredos dos mortos

Há sete mortos no coreto de Antares. Além do advogado Cícero Branco, destaco outros três (seus nomes são eloquentes): o pacifista João Paz, o anarquista Barcelona e a prostituta Erotildes. Seus discursos revelam os segredos dos próceres ou “pró-homens” da cidade numa trama que mistura fofocas, usurpações e atrocidades. Da boca dos mortos conhecemos adultérios, traições, deslealdades; a homossexualidade escondida de alguns próceres, o trânsito deles com a prostituição. Conhecemos absurdos médicos, que vão desde a negligência assassina com os “indigentes”, à cumplicidade (igualmente assassina) com a polícia ditatorial. E homicídios, escândalos de corrupção, torturas – a pedofilia do “sisudo comendador” (p. 321), o estupro coletivo de Erotildes, cometido “por cinco ou seis meninos de boas famílias” (p. 259).

Destaco o caso de João Paz, brutalmente torturado a mando do delegado Inocêncio (!) Pigarço, que, paranoico, tencionava descobrir os onze integrantes do inexistente grupo dos “Guerrilheiros de Antares”. João está desfigurado, toda a cidade pode ver suas fraturas expostas, as marcas da tortura. “Enfiam-lhe um fio de cobre na uretra e outro no ânus e aplicam-lhe choques elétricos”, conta Cícero Branco, cúmplice de Inocêncio. “O prisioneiro desmaia de dor. Metem-lhe a cabeça num balde d’água gelada e, uma hora de-

pois, quando ele está de novo em condições de entender o que lhe dizem e de falar, os choques elétricos são repetidos. (...) O especialista nestas torturas elétricas cometeu um erro, aplicou no prisioneiro uma descarga forte demais e o coração do moço parou” (p. 330). Ou seja, João Paz morre de modo similar a ícones da ditadura militar, como Vladimir Herzog e Rubens Paiva.

Ademais, não foi apenas João Paz o torturado, mas também sua esposa, Rita Paz, grávida de sete meses - a cena em que João volta, após a morte, para sentir o bebê ainda se mexendo na barriga de Rita é arrebatadora. Eles lutam contra o fedor do corpo putrefeito, a repugnância que ele provoca, e Rita suplica a João que escute seu testemunho: “Um deles chegou a dizer que, se eu não falasse, eles me entregariam nua aos soldados da guarda... Por fim, outro gritou: ‘Se tu não confessa, nós vamos pisar nessa tua barriga, cadelinha, e matar teu filho’”, (p. 270).

É na revelação da tortura dos pacifistas João e Rita que o discurso dos mortos adquire sua mais tangível consistência política. Não por acaso, o coronel Tibério Vacariano, que até ali bradava e elogiava os próprios colhões, tem uma isquemia e sai da praça desacordado numa padiola após o enredo da tortura, do assassinato e da ocultação do cadáver de João vir à tona, como se ele não pudesse suportar a revelação daquela verdade. Ato contínuo, Cícero Branco encerra o evento-coração do *incidente* - “Não temos mais nada a dizer” (p. 331).

Dois registros de negação

Diferencio dois registros de negação, nomeados, por enquanto, de modo impreciso, não conceitual: a negação por *apagamento* e por *deturpação narrativa*. De fato, ambos os expedientes eram utilizados pela ditadura militar para acobertar seus crimes, mas arrisco dizer que a negação por *apagamento* era o método mais recorrente empregado aos de *baixo*, aos não próceres, como João Paz.

João representa uma chuva de nomes - Maria Augusta Thomaz, Antônio Bicalho Lana, Dinalva Teixeira, Dinaelza Santana, José Maria Araújo, Maria Regina Pinto, Flávio Molina, David Capis-

trano da Costa, José Roman, Esmeraldina Cunha, Hiran Pereira, Luís Ignácio Maranhão Filho, João Massena Melo, Walter Ribeiro, Elson Costa, Nestor Veras, Itair Veloso -, todos eles relativamente pouco conhecidos, todos desaparecidos, *apagados* pela ditadura militar. O paradeiro dos militantes só foi descoberto por movimentos iniciados muitos anos mais tarde, como o Brasil: Nunca Mais (1979), o Grupo Tortura Nunca Mais (1985), a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos (1995) (órgão do estado extinto por Jair Bolsonaro), a Comissão Nacional da Verdade (2011), entre outros.

Já a Vladimir Herzog, Rubens Paiva e a outras figuras de elevado destaque social, difíceis de simplesmente *apagar* sem ruídos, o modo de negação dos assassinatos se dava majoritariamente por *deturpação narrativa*. No caso Herzog, temos sua icônica foto pendurado a uma altura inferior à sua estatura, as mentiras que o apontavam como “um agente da KGB e ao mesmo tempo braço direito do governador [de São Paulo] Paulo Egydio” (ver Paulo Markun, *Meu querido Vlado*). No caso Rubens Paiva, morto dez meses antes da publicação do Incidente, temos diversos jornais, como *O Globo*, o *Jornal do Brasil*, noticiando no dia seguinte que “terroristas” haviam metralhado o automóvel da polícia e resgatado o subversivo engenheiro - cujo corpo, na verdade, fora esquartejado e enterrado sob as areias da restinga de Marambaia, de acesso restrito à Marinha do Brasil (ver Marcelo Rubens Paiva, *Ainda estou aqui*).

Assim, Erico parece acertar quando situa como preponderante em Antares um modo de negação por *apagamento*, subterrâneo, menos evidente que a *deturpação*, mas potencialmente ainda mais nocivo, pois deixa aos vivos escassas possibilidades narrativas para simbolizar o trauma, fazer o luto. A própria designação “Operação Borracha” parece fazer referência ao modus operandi da ditadura - às operações “bandeirante”, “condor”, “radar”, “limpeza”. Após a morte de João Paz, os próceres de Antares esboçam um fraco movimento de *deturpação narrativa*, que é em seguida solapado pelo *apagamento* próprio aos de *baixo*, à imensa maioria assassinada na surdina.

Um dos primeiros a fazê-lo, é “o” cronista da pequena cidade, Lucas Faia, talvez numa alfinetada de Erico à subjugação da imprensa. “Não repetirei as infâmias que disseram, e que feriram tantas pessoas respeitáveis da nossa sociedade, porque não quero ajudar o inimigo”, diz Faia numa conversa privada (p. 361). Naquela sexta-feira, 13 de dezembro de 1963, dia do *incidente*, o cronista publica no jornal *A Verdade* (!), “vagas referências a ‘insultos gratuitos proferidos naquele confronto’ (...) E o resto foi literatura” (p. 331).

O desmentido: um grão de psicanálise

Tal negação por apagamento, cuja sustentação basal é o *acontecido não aconteceu*, foi teorizada por Sigmund Freud como *Verleugnung* - há diferentes traduções ao português, utilizo aqui o termo *desmentido*. Ao longo de sua obra, Freud diferenciou três modos de negação cruciais para estruturação psíquica: recalçamento (neurose), rejeição (psicose) e desmentido (perversão). Aliás, este ponto é fundamental - não se trata de uma simples negação corriqueira e superficial, mas de uma operação psíquica que implica um modo de apreensão e defesa face a elementos insuportáveis da realidade. Tal operação é situada por Freud como *elemento decisivo de toda a estruturação psíquica do sujeito*.

Simplificando os conceitos, o neurótico tem como funcionamento preponderante *aceitar* a realidade e, a partir disso, criar uma narrativa de defesa; já o psicótico não aceita alguma parte insuportável da realidade e, nesse buraco cavado em seu ego, tece seu delírio. Por fim, o perverso funciona de forma curiosa, pois sua lida com o insuportável da realidade faz com que ele afirme *simultaneamente* o direito e o avesso. Ou seja, as afirmações *isso aconteceu e isso não aconteceu* agem ao mesmo tempo, daí a fórmula que lanço aqui: *o acontecido não aconteceu*.

A conversa do prefeito Brazão com o fotógrafo Yaroslav condensa essa operação singular, pois Brazão sabe o que aconteceu, mas age perfeitamente como se não houvesse acontecido. De fato, o mecanismo do desmentido produz sujeitos perversos que acreditam piamente nas suas mentiras, por isso conseguem enganar e dissimular tão bem. Porém, meu intento não é diagnosticar pessoas, muito menos personagens. Busco apontar, a partir do texto de Erico, que o desmentido é um modo de operação político exercido não apenas pela ditadura militar visando apagar as atrocidades por ela cometidas contra os *de baixo*, mas vigente até hoje, notadamente na extrema direita brasileira. Ora, se a passagem acima sobre o coronel Tibério Vacariano veste sob medida um oligarca bolsonarista, não seria surpreendente constatar que seus modos de manejo político também se assemelham.

O desmentido e o Bolsonarismo

Tanto a direita quanto a esquerda brasileiras se valem de diversas *deturpações narrativas* - as fake news comprovam -, mas o desmentido, especificamente, me parece um privilégio da extrema direita. Destaco, como exemplo, a lógica *negacionista* que se levantou contra os apelos de cuidado durante a pandemia da Covid-19. Obviamente, essa mesma lógica é empregada no confronto a outros temas cruciais, como o das mudanças climáticas, e sua visada de base é justamente *o acontecido não aconteceu* ou, como no caso da pandemia, *o que está acontecendo não está acontecendo*.

Elenco fatos conhecidos da época, apoiado numa imprensa que se esmerou em retratar a catástrofe. Dia 10 de março de 2020, o então presidente Jair Bolsonaro afirma que não havia uma verdadeira crise, e que o coronavírus era “mais uma fantasia da imprensa”¹. Dia 22, ele afirma que as mortes por covid naquele ano não iriam superar as 796 por H1N1 de 2019² - segundo estudo da Fiocruz, cerca de 230 mil pessoas mor-

1. Ver em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/10/bolsonaro-diz-que-questao-do-coronavirus-e-muito-mais-fantasia.ghtml>
2. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/em-22-de-marco-bolsonaro-disse-que-mortes-por-covid-19-ficariam-abaxio-das-796-por-h1n1.shtml>

reram por Covid-19 no Brasil em 2020³. No dia 25, Bolsonaro faz o famoso pronunciamento oficial se referindo à covid como “gripezinha”, “resfriadinho”, atacando a “histeria da mídia”⁴. 12 de abril, o presidente afirma que “parece que está começando a ir embora essa questão do vírus”⁵.

Sabemos que a lista pode se estender por páginas, numa cronologia que cobriria os dois anos da pandemia. Porém, apesar de se tratar de fatos conhecidos, penso que é fundamental lembrarmos do que sabemos, *lembrarmos do acontecido* num movimento contrário à força do desmentido.

Lembrarmos que o general Pazuello, que bem poderia ser um personagem caricato do romance de Erico, negava “o colapso do sistema de saúde”⁶ enquanto os jornais o evidenciavam em uníssono^{7 8 9 10}. Lembrarmos das festas^{11 12 13}, do jantar em clima de “otimismo” do presidente com o alto empresariado enquanto o país contava 4 mil mortes por dia em abril 2021¹⁴. Lembrarmos que Onyx Lorenzoni, então ministro da Secretaria-Geral da Presidência, publicou um vídeo da puérpera manauara Juciléia Lira, afirmando que ela estava se recuperando da covid por nebulização de hidroxicloroquina, sendo que, na verdade, ela havia morrido dezoito dias antes do post^{15 16}. Lembrarmos disto: “Governo Bolsonaro impõe *apagão* de dados sobre a Covid-19

no Brasil em meio à disparada de mortes”¹⁷ – um *apagão* destinado aos de baixo, pois eram eles que mais morriam durante a pandemia¹⁸¹⁹. Todos esses fatos, de modo direto ou subentendido, expõem o mecanismo do desmentido a partir da premissa *o que está acontecendo não está acontecendo*.

Assim, ao situar o desmentido no coração de Antares, Erico aponta, infelizmente, tanto pro contexto político contemporâneo à obra, quanto para seu futuro. Mais de 50 anos depois, a rudimentar câmera minuteira de Yaroslav se tornou supersônica e se multiplicou. Carregamos nos bolsos telefones que batem mil fotos instantâneas, fazem vídeos, editam e os enviam potencialmente para milhões de pessoas em segundos. No entanto, essas engenhocas não nos deixaram necessariamente mais lúcidos, pois contribuem à criação dos desmentidos. Lembremos do sujeito que, enquanto o Hospital Moinhos de Vento alugava contêineres para empilhar os mortos²⁰, filmou a recepção do Hospital com pouco movimento buscando afirmar que *o acontecimento não estava acontecendo*²¹ – o baixo fluxo da recepção se devia justamente às medidas contra a covid.

De fato, Erico não parecia iludido com os avanços da tecnologia, nem mesmo com as supostas provas que elas poderiam gerar.

3. Ver em: https://fiocruz.br/noticia/2021/08/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020?utm_source=chatgpt.com
4. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuB50NVr-70>
5. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>
6. Ver em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/11/pazuello-nega-colapso-do-sistema-de-saude.ghtml>
7. Ver em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-14/crece-pressao-para-pazuello-deixar-comando-da-saude-em-meio-a-colapso-hospitalar-e-aumento-de-mortes-no-pais.html>
8. Ver em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/com-saude-em-colapso-familias-procuram-oxigenio-e-ate-leito-em-outro-estado/>
9. Ver em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/zero-hora/2021-03-03/>
10. “Sistemas de saúde colapsam em todo país”, ver Folha de São Paulo, edição impressa de 21 de março de 2021.
11. “Centenas se aglomeram em frente ao Palácio da Alvorada para comemorar os 66 anos de Bolsonaro”, ver Folha de São Paulo, edição impressa de 21/03/2021.
12. Ver em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/29/claudio-castro-celebra-aniversario-2-dias-apos-pe-dir-que-populacao-evitasse-festas-tudo-bebado-e-sem-mascara-diz-convidado.ghtml>
13. Ver em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5046708-pazuello-fez-festa-com-uisque-na-crise-da-covid-19-em-manauas-diz-ex-mulher.html>
14. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/04/bolsonaro-e-ovacionado-em-jantar-com-empresarios.shtml>
15. Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/em-manauas-medicos-ignoram-protocolos-para-mi-nistrar-nebulizacao-de-cloroquina-em-maternidade.shtml>
16. Ver em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/04/15/twitter-apaga-publicacao-de-ministro-onix-lorenzo-ni-sobre-nebulizacao-com-hidroxicloroquina-apos-morte-de-paciente-no-am.ghtml>
17. Ver em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>
18. Ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>
19. Ver em: <https://piaui.folha.uol.com.br/roleta-russa-da-covid-no-brasil/>
20. Ver em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2021/03/hospital-moinhos-de-vento-aluga-conteiner-para-pacientes-mortos-ultrapassou-a-capacidade-diz-superintendente-cklsazy8g005q014nahtemesm.html>
21. Ver em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/03/04/e-fake-que-imagens-provem-que-hospital-moinhos-de-vento-nao-esta-lotado-de-pacientes-com-covid-19.ghtml>

Noto que Cícero Branco, num dado momento, cita que registrou num moderno gravador uma conversa que comprovava a corrupção de Brazão e Vacariano. Porém, a prova material não teve peso algum e Erico termina seu monumental romance cravando a vitória do desmentido: “Sete anos após aquela terrível sexta-feira 13 de dezembro de 1963, pode-se

afirmar, sem risco de exagero, que Antares esqueceu o seu macabro acidente. *Ou então sabe fingir muito bem*” (p. 428. Grifos meus.)

Edição consultada

Verissimo, Erico (1971/2005). *Incidente em Antares*. São Paulo, Companhia das Letras.

GESTOS PÚBLICOS: DECLARAÇÕES, ENFRENTAMENTOS, SOLUÇÕES NARRATIVAS

A visão política de Erico Verissimo em sua prática

Luís Augusto Fischer

Das posições políticas de Erico se sabe muito, expressas que foram em várias situações da vida brasileira. Ele mesmo deixou consignadas suas convicções com clareza, especialmente em conjunturas adversas para gente como ele, homem de temperamento aberto, humanista e liberal, com uma perspectiva democrática e socialista, ou, como ele próprio alguma vez disse, “do campo do humanismo socialista”¹. Sabemos que esses adjetivos podem flutuar muito em sua significação, mas não resta dúvida que a vida de Erico se pautou pelo campo que genericamente se pode chamar de progressista.

Para atestar com sobras esse aspecto da vida do grande escritor, bastará recorrer as páginas da coletânea *A liberdade de escrever*, que reúne várias entrevistas suas, num tempo que vai de 1963 a 1975², ano de sua morte, isso para não falar das observações que se leem no *Solo de clarineta*, igualmente claras, inequívocas. Ou então constatar o libelo pela liberdade e pelo desmascaramento das mentiras sociais que se lê no *In-*

cidente em Antares, lançado no auge da ditadura militar, em 1971.

O que porém merece estudo e detalhamento, mesmo não sendo um problema inédito, é o processo de construção concreta de sua visão política, em episódios variados, de maior ou menor alcance e significação, daqueles que a vida impõe e desafiam o indivíduo. Sabemos muito da volúpia de Erico em incorporar aos enredos de várias de suas obras e ao temperamento de inúmeros personagens as questões diretamente políticas (bastaria lembrar a enorme presença da política brasileira, especialmente entre a implantação da República e o fim do governo Vargas em 45, em *O tempo e o vento*, ou as personagens anarquistas que compôs, como o sapateiro Barcelona do já citado *Incidente em Antares*); mas nos falta ainda uma biografia abrangente, que organize o varejo da vida em uma perspectiva totalizadora.

Estamos portanto nos domínios da história, ultrapassando aqui os da sociologia da literatura, tal como formulada por críticos de importância, como Flávio Loureiro Chaves, que pioneiramente estudou vários aspectos da obra de Erico no campo ideias e das formas³, e, mais genericamente, como Antonio Candido, que há tempos sintetizou o centro das preocupações dessa abordagem, que deve, mais do que meramente recensar temas presentes no plano dos enunciados, buscar entender de que modo os aspectos externos ao livro, que pertencem à vida social e política do autor, se tornam internos ao texto, passando a constituir a estrutura da ficção.

Erico enfrentou duas ditaduras no Brasil, em seu tempo de vida, a do Estado Novo (1937-45) e a da Ditadura Militar (1964-1985); nas duas, manifestou posições antitotalitárias e democráticas. Foram conjunturas que, como costuma ocorrer em ditaduras, pareciam reduzir as possibilidades

1. *Solo de clarineta*, II, p. 314. Rio: Globo, 1986, 7ª ed.

2. *A liberdade de escrever*. Porto Alegre: Editora da Universidade/EDIPUCRS/Prefeitura de Porto Alegre, 1997, organizado por Maria da Glória Bordini.

3. O resultado das pesquisas de F. L. Chaves se pode avaliar em livros como *Erico Verissimo - Literatura e sociedade* (Porto Alegre: Globo, 1976) e *Erico Verissimo - O escritor e seu tempo* (Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1996), assim como em diversos artigos.

de atitude a apenas duas, pró e contra; para Erico, ser a favor de ditadura era inconcebível, pela repugnância orgânica contra a prepotência, e isso encaminhava-o então para o lado contra; mas este, por sua vez, em vários momentos foi hegemônico por posições que guardavam no íntimo de suas convicções muito autoritarismo também, e de novo a coisa não era confortável. Em momentos assim, Erico mostrou ter altivez e autonomia suficientes para repudiar o poder ditatorial e, simultaneamente, manter alguma distância das posições autoritárias de esquerda, especialmente as protagonizadas pelos comunistas.

Exemplo parcial disse que vem sendo dito pode ser lido numa outra conjuntura: em 1956, estando o Brasil a experimentar um de seus preciosos momentos de vida civil livre ao longo do século 20, Erico participa em Porto Alegre de um ato de desagravo ao povo húngaro, que havia pouco tinha sido vítima do autoritarismo soviético. Era a defesa da liberdade de um povo que tentava, naquela quadra, uma saída heterodoxa dentro dos marcos do comunismo então dominante no Leste Europeu; mas se tratava de uma defesa que poderia ser, e de fato foi, interpretada como reacionária pelos comunistas ortodoxos, do Brasil e de toda a parte, que nesta altura desfrutavam de uma posição altamente prestigiada e prestigiosa no campo intelectual em todo o Ocidente e alimentavam a teoria do mal menor, justificando assim aquele sufocamento em vista da manutenção da dominação soviética, que se tomava como caminho necessário da felicidade.

Depois de manifestar solidariedade ao povo húngaro, de expor sua consciência sobre o desagravo que poderia causar sua posição e de repudiar qualquer reacionarismo que postulasse um retorno ao antigo regime húngaro, Erico lembra:

Quando em 1935 as tropas de Mussolini invadiram a Abissínia, firmei o manifesto em que intelectuais brasileiros protestavam contra a bárbara agressão fascista. Protestei também, não uma mas mil vezes, quando em 1937 o Generalíssimo Francisco Franco aceitou o auxílio de tropas da Alemanha e da Itália, que massa-

craram parte do povo espanhol, usando-o como cobaia para experiências com as armas modernas que aqueles dois países, então totalitários, haveriam de usar na guerra que em breve viriam a provocar. O pacto russo-alemão que em 1939 permitiu a invasão e a mutilação da Polónia, abrindo aos nazistas o caminho para a conquista da Europa, teve também o meu repúdio, que foi manifestado repetidamente em público. Incontáveis vezes lancei meu protesto apaixonado contras as perseguições e atrocidades de que tem sido vítima o povo judeu em tantas partes do mundo. As violências praticadas pela Inglaterra contra os patriotas do Chipre e as da França contra os nacionalistas da Argélia têm a minha mais decidida antipatia⁴.

Um homem vivendo na província não precisa ser um provinciano, como se vê; Erico foi, também nisso, um exemplo transcendental. E nem falemos na sequência histórica que aí foi evocada: 35, a expansão do fascismo; 37, o massacre da democracia republicana espanhola, um caso que comoveu a quase unanimidade da opinião pública ocidental; mas 39, o pacto entre Hitler e Stálin, já não foi tão fácil assim para as posições políticas articuladas, porque, como todos lembram, os comunistas quase todos e muitíssimos dos simpatizantes da esquerda engoliram aquela atrocidade histórica, também em nome do mal menor. Mas não Erico, cuja perspectiva era mais exigente e tinha fundamentos políticos realmente claros quando à liberdade dos indivíduos; ou então Erico cuja visada social-liberal, humanista, de feição utópica, não comportava composições dessa esquisita e autoritária natureza.

Neste artigo, vamos repassar cinco momentos desse percurso. O primeiro se apresenta de corpo inteiro no enfrentamento que teve com uma acusação venenosa e profundamente reacionária feita por um padre jesuíta.

1943 – Luta pela liberdade

No centro da cidade, havia uma livraria conhecida de todos. Na fachada dessa livraria, havia vitrines para os livros. No dia em que começa

4. *Solo de clarineta*, II, pp. 3-4.

essa história, as vitrines estavam tomadas por um livro específico, um lançamento de autor local, que alcançava naqueles anos um destaque inédito para um conterrâneo. A cidade era Porto Alegre, a livraria era a Globo e o livro se chamava *O resto é silêncio*. Era 1943.

Erico Verissimo, o autor, há cinco anos vivia um auge: desde o lançamento de *Olhai os lírios do campo*, dezenas de milhares de leitores ofereciam suas mais íntimas energias intelectuais e emocionais para produzir o sentido que um romance de impacto sabe produzir. O livro esgotou 3 mil exemplares em apenas duas semanas, numa Porto Alegre com 270 mil habitantes.

Editor e autor, Erico era visto como um autor moderno por excelência. Desde *Clarissa*, seu primeiro romance, de 1933, passando por *Caminhos cruzados* (35), *Música ao longe* e *Um lugar ao sol* (36), depois o best-seller *Olhai os lírios do campo* e a seguir *Saga* (1940), o autor abordava temas do presente, ambientados na cidade grande, sem se afastar de questões espinhosas como a pobreza urbana, o papel da mulher, a hipocrisia burguesa e mesmo os dilemas do engajamento da arte nas prementes questões políticas do tempo, que a Segunda Guerra impunha.

Acresce que escrevia como raros brasileiros: em lugar da fascinação pela frase de efeito tão ao gosto da tradição francesa, Erico guiava sua escrita pelos padrões muito mais modernos da narrativa de língua inglesa. Isso quer dizer que, atualizado nos temas e problemas que enfrentava, dialogava com o famoso leitor médio, aquele mesmo que via fitas do cinema narrativo norte-americano, com o qual, de resto, nosso escritor tinha mais de uma afinidade. Por isso mesmo, vendia bem. Tudo isso antes de conceber e escrever sua obra definitiva, *O tempo e o vento*, publicada a partir de 1949.

No ano de 1943, Erico enfrentaria experiência duríssima na arena sempre fluida da opinião pública. Não apenas porque lançava um romance novo, que sucedia ao mega-sucesso de *Olhai os lírios de campo* e ao quase fracasso de *Saga* (livro que o próprio autor considerava insatisfatório), mas porque seria posta à prova outra dimensão de seu prestígio.

Era uma conjuntura fortemente polarizada, tendo de um lado as posições profascistas (Mussolini estava no poder desde 1922, Hitler desde 1933, Vargas desde 1930 e a partir de 1937 em regime de exceção) e de outro a visão procomunista (Stálin estava no auge de seu poder, e em 35 tinha acontecido a chamada Intentona Comunista no Brasil). A esses dois polos aderiam as outras posições: era-se a favor ou da primeira, ou da segunda. No que interessa ao caso, vale lembrar que o Getúlio autoritário do Estado Novo contava com as simpatias da generalidade do clero católico, seja por admiração ao autoritarismo em si, coisa que quadrava bem ao estilo da Igreja naquele contexto – basta lembrar a omissão do papa Pio XII com relação ao avanço do nazismo Europa afora –, seja por Vargas encarnar o figurino anticomunista típico.

Erico ficara de fora dessa polaridade estrita. Acusado de simpatias esquerdistas, com seus personagens marcados de sensibilidade social, ele sempre fez questão de assinalar sua discordância com o stalinismo. Nas condições locais, Erico não tinha muita parceria em sua convicção política, que ele chamava de socialista democrática e que lhe rendia restrições dos comunistas, dispostos a ver no escritor uma adesão ao imperialismo norte-americano. A conjuntura da Guerra reforçava a polaridade extremada, numa terra já estava acostumada à divisão em metades.

Curiosamente, é no mesmo ano de 1943 que começava a funcionar a Faculdade de Filosofia da Universidade de Porto Alegre, que no futuro seria Federal e conhecida pela sigla UFRGS. Cursos de Filosofia, História e Geografia, Pedagogia e Letras passaram a preparar os futuros professores de ensino médio. Vale lembrar que a criação da Filosofia havia sido liderada por um grupo católico, capitaneado por Armando Câmara, Ruy Cirne Lima e Eliseu Paglioli, entre outros. A Faculdade de Filosofia era a prova do amadurecimento da vida intelectual gaúcha. Já havia uma editora como a Globo, uma instituição de destaque em todo o país. Mesmo situada longe dos maiores mercados brasileiros, a Globo dera certo porque era moderna em muitos sentidos – tinha produção verticalizada, produzindo tudo que dizia respeito ao livro: acolhia originais, com-

prava direitos e traduzia, produzia os livros, imprimia-os e os vendia, em lojas suas ou terceiras. A certos respeito, a Globo era como uma unidade editorial universitária de país desenvolvido, agregando linhas editoriais as mais variadas, do didático ao filosófico, e contratando intelectuais de alta capacidade, mas ao mesmo tempo era uma editora de sucesso comercial massivo, publicando livros para diversão culta, como os romances policiais, e materiais de escritório, de utilidade empresarial.

Na virada de fevereiro para março de 43, saiu um comentário sobre o novo romance de Erico na revista *O Eco*, órgão impresso do colégio Anchieta, distribuído entre alunos, professores e famílias. O Anchieta era o epicentro da vida intelectual católica na cidade, sendo os católicos uma das maiores, talvez a maior das forças intelectuais no contexto. Por seus bancos passavam os filhos das famílias mais importantes dos mundos jurídico, médico, político e empresarial do estado. Por isso, o texto do padre Fritzen logo chegou à parte alta da opinião pública gaúcha.

O que ele dizia? Evocava inicialmente a morte recente do Getúlio Vargas Filho, ex-aluno do Anchieta. Nascido em 1917, engenheiro formado nos EUA, Getulinho havia falecido naquele 2 de fevereiro, em função de poliomielite. Era o quinto e mais jovem dos filhos do presidente. O padre Fritzen enaltecia as virtudes do ex-aluno, um contrito católico - e não falava nada, claro, de seu irmão mais velho, que fora aluno do Militar e se chamava Lutero, homenagem do pai ao teólogo alemão famoso por sua dissidência contra a Igreja de Roma. Em 1943, quase não havia nem conversa entre essas duas partes do mundo cristão porque Roma não permitia. Nem falar de outros diálogos, inexistentes, com judeus ou com membros de religiões afrobrasileiras.

O texto depois atacava, sem relação direta com a morte do ex-aluno, o livro novo de Erico. “Vitrinas cheias de livros... neste dia de quase um autor só... grande número de exemplares... E muita gente a entrar e muita gente a sair... com veneno na mão... Ah, se Getúlio soubesse”. O “veneno” era *O resto é silêncio*. E assim, com um nexos que só o padre enxergava, Erico era exposto à execração pública, como autor do veneno que

corrompia a sociedade gaúcha e brasileira. Dizia do livro que era imoral, falso, sujo. Chegava a postular que, para lutar contra Erico, seria o caso de apelar para a Higiene Pública e a Liga de Defesa Nacional.

A história toda viria a ser analisada tempos depois por historiadores e sociólogos. Fernando Casses Trindade, em artigo de 1982 (“A polêmica entre Erico Verissimo e o Pe. Leonardo Fritzen”), observou, por exemplo, que um dos personagens desse romance, Marcelo Barreiro, seria uma caricatura de Armando Câmara, coordenador do jovem curso de Filosofia da Universidade. Mas havia mais: o romance mostrava a hipocrisia de homens católicos, como Aristides Barreiro, um homem casado que mantinha uma amante. Erico estava fazendo o que sempre fizera: analisar a matéria oferecida pela vida, segundo uma visada realista crítica cujo resultado era um claro humanismo libertário, antidogmático à esquerda e à direita.

No mês de abril, Erico Lopes Verissimo ingressa, mediante advogados, com uma queixa-crime contra o padre Fritzen. O processo ataca a “publicação injuriosa”, cujo objetivo era lançar o nome do escritor “ao desprezo e ao vilipêndio públicos”, e pede punição ao articulista de *O Eco* conforme um decreto que abordava os delitos de imprensa. Ao lado de Erico certamente estava “a Globo”, a poderosa instituição cultural, comercial e industrial. Ela e Erico tinham notável força, com origem no mercado e respaldo na opinião pública; do outro lado, estava o Anchieta, o padre, a Igreja Católica em suma, uma instituição naquele momento poderosa em si e pela aliança com o governo federal.

O padre recebeu uma Moção de Apoio, datada de 28 do mesmo abril, com 345 assinaturas; nela, é dado como certo e inquestionável o poder do padre como pastor das almas e como professor responsável pela formação do caráter dos alunos. Mas já no dia 2 de maio é publicado um amplo Manifesto de Solidariedade a Erico Verissimo, contendo 650 assinaturas.

A Moção é assinada por grupo católico, incluindo os professores da Faculdade de Filosofia (nenhuma mulher tem seu nome consignado na nominata); já o Manifesto é assinado por es-

critores e artistas em muito maior número, além de advogados e outros profissionais, entre os quais se salientam muitos comunistas, muitos sobrenomes judeus e muitas mulheres. Lorena Madruga Monteiro, em artigo sobre o tema⁵, estuda a posição social dos dois grupos e observa algumas constantes: os apoiadores do padre estudaram majoritariamente em escolas católicas, e contavam com maior número de advogados, médicos e professores universitários do que o outro lado. Já os apoiadores da posição de Erico estudaram mais em escolas públicas, e contavam com mais jornalistas, servidores públicos e professores de ensino médio.

A posição do padre Fritzen, objeto da queixa-crime, foi defendida por um seletivo grupo de advogados católicos, que habilmente argumenta a favor da liberdade da crítica (e do patrimônio moral dos jesuítas). Chega a tentar virar o jogo, acusando Erico e a Globo de fazerem circular livro que contém “ofensa à moral e aos bons costumes”, mas antes de tudo argui uma questão formal preliminar: a queixa-crime do escritor fora feita fora de prazo legal. O juiz do caso acolhe essa preliminar, de forma que não entra no mérito, e o padre sequer vai a julgamento. O lado de Erico ainda recorre, mas o recurso é negado com base no detalhe do prazo inepto da queixa. Fim do processo.

Em setembro daquele mesmo 1943, após contatos que vinham de mais tempo, Erico e a família partem para uma temporada de dois anos na Califórnia, EUA, onde o escritor viveria uma experiência como professor visitante - e onde elaborou um livro impressionante, publicado em inglês em 1945 mas em português apenas meio século depois, a *Breve história da literatura brasileira*. Ali se pode avaliar o quanto Erico mergulhou na história cultural do Brasil, preparando o salto que viria a dar em *O tempo e o vento*.

Terminada a Guerra, derrotado Hitler e deposto o Getúlio do Estado Novo, ficou óbvio que Erico tinha estado o tempo todo do lado certo: do lado da liberdade, da denúncia dos autoritarismos, da defesa da democracia, contra a intolerância e os regimes de força. Em suas memórias, o escritor diz que naquele processo con-

tra o padre não quis nem esperou punição, mas peleou em defesa do direito elementar de criar livremente sua obra, sem tutela, mas também sem acusações absurdas. Erico, nem precisamos acrescentar, continua sendo perfeitamente legível, bem ao contrário de muitos de seus oponentes. Sua obra e sua memória são um legado de altíssimo valor para os amantes da liberdade, da democracia e da luta pela dignidade.

1953 – Um questionário em busca da história

Erico publicou as duas primeiras partes da trilogia *O tempo e o vento* em 1949 (*O continente*) e 1951 (*O retrato*). Foi um feito notável em muitos sentidos. Ele vinha de uma série de seis romances dedicados a temas modernos, ligados à cidade grande e suas demandas e às grandes questões do tempo, e agora apresentava um romance histórico cuja ação principia em meados do século XVIII, numa narrativa fluvial cujo ambiente principal era uma localidade interiorana, Santa Fé, localizada na região das Missões, como era o caso de sua cidade natal, Cruz Alta.

Entre as duas fases, ela havia morado com a família por dois anos nos Estados Unidos, e lá, em Berkeley, Califórnia, lecionara um curso sobre a literatura brasileira. Esse curso seria publicado como um livro, em inglês, em 1945, com o nome de *Brazilian literature - an outline*. Esse livro só seria vertido ao português 50 anos depois, demora que estranha numa carreira de escritor profissional bem sucedido. O esforço intelectual implicado na produção do livro certamente esteve entre os motivos para o alargamento de seu horizonte e, por aí, para sua habilitação na matéria histórica que está nas entranhas da trilogia. Sem jamais ter cursado universidade, Erico era um intelectual em pleno exercício de uma pesquisa.

Em meados de 1953, sem ter conseguido produzir o terceiro volume - mas já tendo tentado -, Erico voltaria a residir nos Estados Unidos, agora em Washington, servindo no Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos. Ali permanece até 1956.

5. <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/4833/4080>

Logo antes dessa nova partida, Erico tomou uma providência que lhe pareceu cabível e relevante para ajudá-lo a escrever a terceira parte da trilogia, que só viria a público em 1962, depois de um infarto que de alguma forma esteve ligado ao esforço de encerrar aquela imensa narrativa. A providência, que eu saiba, não foi comentada por ninguém até aqui; e ela merece atenção⁶.

Como de pode ver, trata-se de uma carta, composta com duas diferentes fontes tipográficas – as perguntas em corpo menor, a abertura e o final em corpo maior –, que deve ter sido enviada a algumas pessoas. Chama logo a atenção o fato de que, para o autor do questionário, a terceira parte de *O tempo e o vento* se chamaria não *Arquipélago*, mas sim *Encruzilhada*. Este nome, afinal descartado, acentuaria o drama do momento histórico tal como visto por Erico, um cruzamento de opções ainda vivo; aquele, afinal escolhido, sublinha uma visão talvez mais fatalista, em que as partes já se separaram, depois da encruzilhada.

Quantas foram essas pessoas? Quais foram? Não pude saber. De certo, apenas dois registros: Antero Marques e Aureliano de Figueiredo Pinto. Esses dois constam em página impressa do peculiar livro *Autos de um processo de distorção literária, sociológica e histórica – Compilação, documentário, estudo, 1968 - 1972*⁷.

Aqui não interessa o teor ou o temperamento do livro, uma recolha de documentação relativa à presença do autor no cenário das discussões literárias em sua geração (viveu entre 1904 e 1990). O que sim importa é que, à página 32, o livro reproduz a mesma carta acima vista, com um encaminhamento manuscrito, assinado por Erico: “Meu caro Antero: Tenha paciência e responda às perguntas deste formulário. Suas respostas e as do Aureliano estão entre as que espero com maior interesse. Um abraço do Erico Veríssimo”.

Aureliano e Antero eram figuras destacadas na época, para quem se interessasse em temas ligados ao (por assim dizer) Rio Grande do Sul profundo, aquele mundo das antigas estâncias, da lida com o gado, da defesa das fronteiras, das guerras contra castelhanos, do universo do gaúcho, este trabalhador rural que era também um herdeiro de virtudes artesanais no trabalho com o couro. Não que eles acumulassem pessoalmente tudo isso, mas sua presença e sua atuação cultural os ligava a esse vasto campo semântico. E Erico queria saber deles algumas coisas.

Que coisas? As que estão no questionário. Para não ir muito longe, como se vê nas perguntas C, D, E e I, Erico queria testemunhos dos dois sobre uma mudança de alcance tectônico, então em curso: o Rio Grande do Sul se industrializava e se urbanizava, se tornava mais escolarizado e cosmopolita, naquele pós-Segunda Guerra; e isso implicava que o estado era cada vez menos rural, campeiro, guerreiro, artesanal, gadeiro. Permaneceria no estado, pergunta Erico, algo dessa cultura antiga? Como? Quanto?

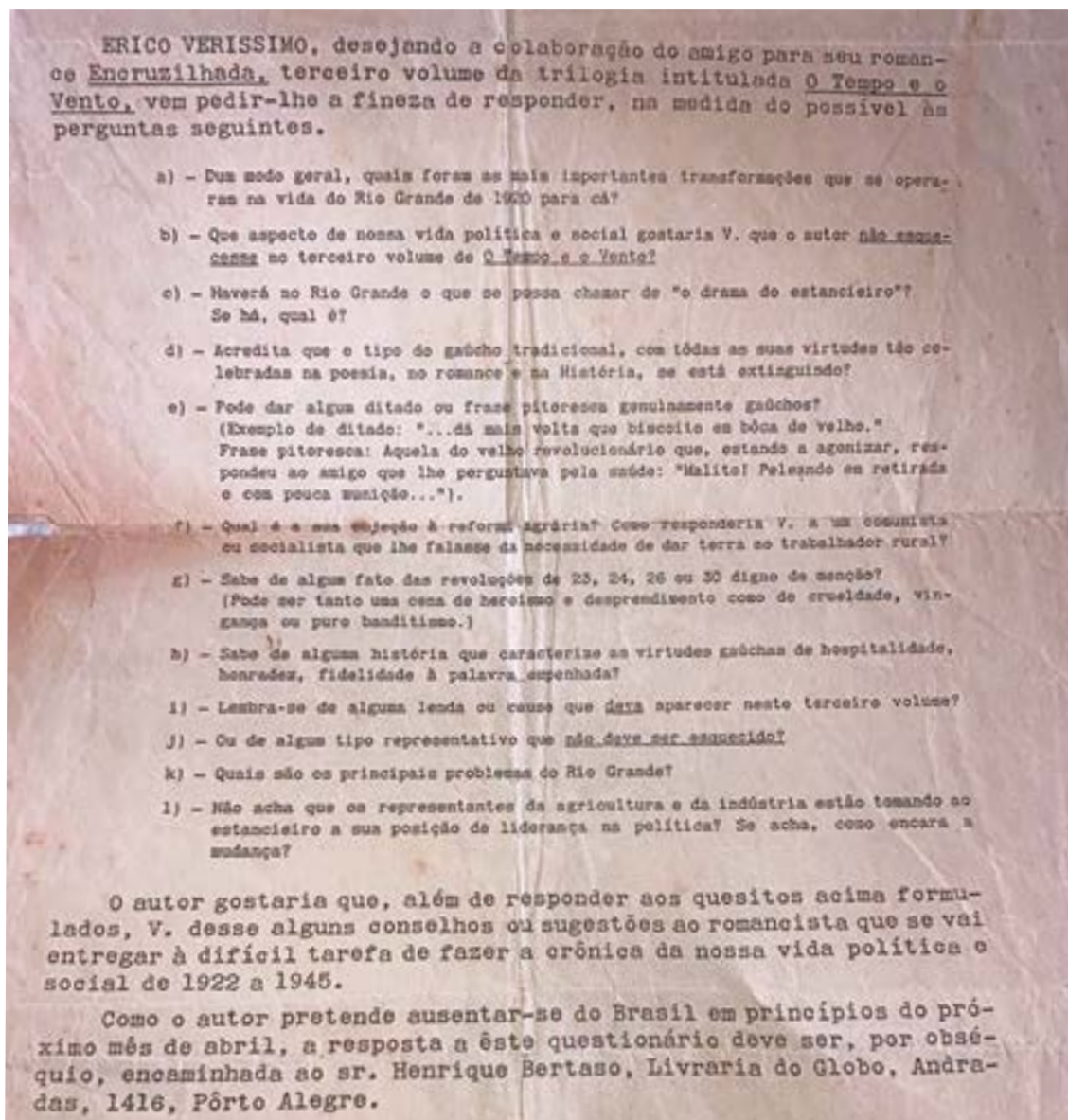
O interesse do escritor não era saber dos eventos em curso, que ele via acontecer e acompanhava como editor, como escritor, como cidadão; o foco era conhecer a opinião dos dois (e outros cuja identidade ainda não consegui localizar). Queria saber da sensibilidade individual de gente como eles, escritores que vinham dessa origem e se mostravam de algum modo saudosos da antiga ética gaúcha e que (mais Aureliano que Antero) viviam o luto dessa ética.

E ainda outra camada de interesse. A pergunta F parece central para entender a cabeça e o coração de Erico, nessa encruzilhada em que se encontrava: não era uma pergunta sobre a posição do entrevistado sobre a Reforma Agrária, tema que ainda dormia no ventre do futuro, na política brasileira⁸, mas era sobre o que ele tinha *contra* a Reforma. Talvez porque partisse do pressupos-

6. Tomei conhecimento desse questionário por gentileza de Fausto Domingues, bibliófilo e amigo, a quem indaguei se guardava ou conhecia coisas não abordadas da obra de Erico. Fausto abre os volumes do seu *O tempo e o vento*, uma primeira edição, e, surpresa, ali encontra uma folha solta, guardada pelo antigo dono.

7. Edição do autor, Porto Alegre, 1977. No livro consta uma resposta de Antero Marques a Erico, declarando que não saberia responder às perguntas por não ser “um estudioso dos assuntos do seu formulário”. Em nota (p. 34) registra ainda que conversou com Aureliano de Figueiredo Pinto, o qual lhe teria dito: “[Erico] quer escrever um livro à custa dos outros...”. Antero Marques ainda arremata: “Minha complacência supôs que o seu pedido fazia parte da *técnica* norte-americana de escrever livros...”.

8. Para dar uma data: desde os anos 1940, as Ligas Camponesas, em Pernambuco, reivindicavam a Reforma, luta que ganhou corpo no fim dos anos 1950, com Francisco Julião como representante. Em 1962, o então governador do Rio Gran-



Questionário enviado por Erico a vários intelectuais e escritores, em 1953

to de que as pessoas a quem endereçava a correspondência tivessem sempre objeções, o que seria esperável em se tratando de entrevistados ligados, no presente ou no passado, às grandes estâncias, aos latifúndios de criação de gado.

Sem ir mais longe, o questionário revela outra faceta do engajamento de Erico em seu tempo: seu ideal era escrever um romance que lidasse com o passado imediato, enfrentando os temas dramáticos do presente. O romance, uma forma lenta de arte - demora para ser escrito e para ser lido, muito mais que uma série de outras formas artísticas, mais rápidas numa pon-

ta ou na outra, ou nas duas -, na mão de Erico adquiria a força e a velocidade das formas móveis, da brigada ligeira da arte que queria entrar no debate público.

1955 - Amaral, alzo de Sepé Tiaraju

Uma polêmica agora inacreditável tomou corpo na segunda metade da década de 1950 em Porto Alegre. O pomo da discórdia foi a proposta de erguer uma estátua a Sepé Tiaraju, em São Gabriel, em cujo território morrera

de do Sul, Leonel Brizola (ele mesmo fazendeiro, por casamento), promoveu uma reforma agrária significativa, ainda que bastante localizada, no município de Camaquã, gesto que o consolidou na lista dos renegados pelas elites agrárias do estado e do país.

o guerreiro guarani dois séculos antes; quem propôs a ideia foi o então major João Carlos Nobre da Veiga, em 1955, com o intuito de homenagear a figura histórica por ocasião do bicentenário de sua morte.

Sepé Tiaraju foi uma pessoa real, não um herói de papel, embora tenha sido largamente aproveitado na literatura, a começar pelo épico *O Uruguai*, de Basílio da Gama, publicado em 1769. Tão forte havia sido sua liderança, tão carismático ele parece ter sido, que foi nobilitado como santo popular, o São Sepé, santo que não existe na hagiografia oficial católica.

O governador do momento, Ildo Meneghetti, pediu um parecer à Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico, a entidade que naquele contexto representava a máxima instância intelectual no campo da historiografia (o curso superior de História, que já existia na UFRGS, era ainda apenas um preparatório de professores para o sistema de ensino médio, sem nada que o ligasse à pesquisa, aos documentos, à produção de sínteses).

Essa comissão se reuniu, em outubro, e emitiu parecer contrário à ideia: não, não cabia erigir uma estátua para o finado indígena. Esse parecer foi para a imprensa no mês seguinte e recebeu firme contradita pelo padre jesuíta Luiz Gonzaga Jaeger, também membro do Instituto. E pelos dois anos seguintes, praticamente nenhum intelectual gaúcho se omitiu de dar sua visão do caso, uns para concordar com o parecer, outros bem pelo contrário criticando o parecer e defendendo a ereção da estátua⁹.

Qual era a divergência? Para os contrários à estátua, Sepé não poderia ser considerado herói brasileiro porque, alegavam, ele estava ligado ao mundo das Missões, que eram notoriamente lideradas por jesuítas espanhóis e prestavam subordinação ao vice-reino espanhol do Prata, e portanto Sepé estava do lado oposto àqueles que de fato construíram o Brasil. Os documentos atestavam essa vinculação e não havia que discutir os documentos, diziam.

Já os favoráveis tinham uma visão mais aberta, ou menos fechada, que destacava o fato de Sepé ter-se entranhado na memória popular, virando o santo informal que virou, e mais ao fundo a evidência de que os guaranis compunham sim parte da formação da população do estado. Para eles, folclore, lendas, visão popular também eram elementos relevantes para os juízos históricos.

Com o tempo, em trabalhos de historiadores meticolosos¹⁰, essas duas facções foram chamadas de “lusitanistas”, os primeiros, porque consideravam que o Rio Grande do Sul era um feito da colonização lusa e assim antiespanhola, e “platinistas”, os segundos, porque admitiam que a formação do estado sulino trazia a marca das disputas de fronteira entre Portugal e Espanha por assim dizer em seu dna. Podemos acrescentar que os primeiros manifestavam, com maior ou menor ênfase, alguma restrição à ideia de que os guarani tivessem tomado parte da formação do estado; já os segundos, por motivos variados, ao contrário, aceitavam essa participação.

Alinharam com o parecer figuras como o relator, Othelo Rosa, mais Afonso Guerreiro Lima e Moysés Vellinho, os três componentes da Comissão oficial, e nos meses seguintes Carlos Reverbel, Augusto Meyer, Arthur Ferreira Filho e Guilhermino César; contra o parecer formaram figuras como Walter Spalding, Manoelito de Ornellas, Dante de Laitano e os jovens ligados ao recente movimento dos CTGs, os Centros de Tradição Gaúcha.

Fazendo uma sociologia rasteira: a favor do parecer, portanto contra a homenagem ao Sepé, ficaram os intelectuais de maior prestígio, os ocupantes de cargos públicos relevantes (Augusto Meyer diretor do Instituto Nacional do Livro, Guilhermino catedrático de Literatura Brasileira na UFRGS); contra o parecer, portanto a favor de Sepé e também a favor da ideia de que os guaranis faziam parte da formação do estado, historiadores de menor poder (embora Dante de Laitano fosse professor de História da UFRGS) e os jovens tradicionalistas.

9. A trajetória da polêmica, com seus antecedentes e desdobramentos, está detalhadamente apresentada no trabalho de Eliana Pritsch chamado *As vidas de Sepé*, tese de doutorado defendida no PPG de Letras, na UFRGS, em 2004. Ali há um anexo com a transcrição de valiosos documentos em torno do caso. Foram publicados, em 1955, 10 artigos; em 1956, 34 artigos; e em 1957, outros 44.

10. Especialmente Ieda Gutfreind, *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992

Agora venhamos à posição de Erico: o que disse ele durante a polêmica? Ele não assinou nenhum dos quase noventa artigos publicados no calor da hora. O que chama a atenção, naturalmente, porque se tratava de um intelectual engajado. Acresce que sua obra, especialmente as duas primeiras partes da trilogia *O tempo e o vento*, não apenas circulavam bem como haviam definido um patamar novo da discussão sobre o Rio Grande, seu passado e mesmo seu futuro. Onde ele estaria nessa disputa?

A resposta é ao mesmo tempo simples e sinuosa: ocorre que Erico já havia tomado uma posição sobre o tema - não apenas nem especificamente sobre o papel de Sepé Tiaraju na formação do Rio Grande do Sul, mas sim sobre a vida dos descendentes de indígenas como parte da formação social gaúcha. Onde? Na seção “A fonte”, de *O continente*, primeira parte da trilogia, saída em 1949, anos antes da polêmica. Para Erico estava claro: como se pode ver cristalinamente na figura de Pedro Missioneiro, filho de uma indígena com um bandeirante paulista, para o escritor uma das raízes do povo gaúcho provinha da vida missioneira, com um descendente de indígenas, que terá um filho com Ana Terra, descendente de lusos.

Mas havia mais, num movimento que, salvo engano, ainda não havia sido posto em relevo. Como se sabe, Erico estudou os autores anteriores que haviam lidado com a história e a cultura do sul, com especial atenção para Simões Lopes Neto. Mas se pode constatar, com a lente devidamente polida, algo mais sutil, que passo a expor.

Na seção “Ana Terra”, no cap. 22, a família Terra está chegando para acomodar-se na vila que se tornará a cidade de Santa Fé. Todos sabem, desde que chegam, que o poderoso da região é o coronel Ricardo Amaral, dono das léguas de campos e milhares de cabeças de gado. O narrador então repassa a trajetória dessa figura: viera de Laguna, muito moço, junto com paulistas que negociavam com mulas. Em 1756 tomou parte da batalha de Caibaté; “contava-se até que fora Ricardo Amaral quem numa escaramuça derru-

bara com um pontão de lança o famoso alferes Sepé Tiaraju”.

(No futuro, duas gerações depois, aparecerá em cena o capitão Rodrigo Cambará, enamorado de Bibiana Terra, neta de Ana. Rodrigo entrará em confronto com os Amarais, tanto com o já velho Ricardo Amaral, ainda dono de tudo, quando com Bento, seu filho, que enfrentará um duelo com Rodrigo e será marcado na face com uma letra desonrosa.)

Cabe aqui um esclarecimento erudito, que atesta a meticulosa construção literária e histórica de Erico. Em *O Uruguai*, poema narrativo de Basílio da Gama, publicado em 1769, se conta parte da guerra contra os indígenas e as Missões. No Canto Segundo é narrada a participação de heróis indígenas em lutas em campo aberto; o líder mais valioso é Sepé. Ocorre que, em certo momento, um destacado personagem histórico, governador de Montevideo, corta as rédeas ao cavalo de Sepé, que por isso dispara pelo campo e acaba tropeçando e jogando ao chão o cavaleiro. Em desvantagem óbvia, Sepé recebe tiro de pistola ao peito e vem a morrer. A resistência indígena perde muita força.

Erico talvez tenha lido *O Uruguai*, ou quando menos tomado conhecimento do momento que antecede a morte de Sepé por aquele governador; mas em seu romance atribuiu a Ricardo Amaral o feito de haver derrubado “com um pontão de lança” ao valoroso líder guarani.

Na soma de suas escolhas narrativas - Pedro Missioneiro como pai do filho de Ana Terra, e agora Ricardo Amaral como responsável pela morte de Sepé, sabendo que desse Amaral descende toda uma linhagem de autoritários, antipáticos, opressores, antipodas dos herdeiros de Rodrigo e Bibiana -, Erico toma posição simbólica a favor da importância dos indígenas de seus descendentes na formação do estado¹¹.

1968 – O caso do Honoris Causa

As relações de Erico com a UFRGS não foram tranquilas. Ela era e ainda é a mais importan-

11. Para atestar essa interpretação, vale ler as cartas que Erico enviou ao historiador Sérgio da Costa Franco no final de 1958 (na presente edição), elogiando um artigo em que este defendia a necessidade de a historiografia sul-rio-grandense pensar sobre o papel “das massas” na história do estado.

te universidade do estado, e uma das mais fortes no país. A carreira de Erico como escritor se desenvolveu no primeiro ciclo da vida da Faculdade de Filosofia, criada em 1934, cuja existência era o fundamento para a organização de uma universidade, naquele contexto. Havia escolas isoladas, cada uma com sua especialidade, de Farmácia, Medicina, Agronomia e Engenharia, todas já com entre 20 e 40 anos de vida até ali; criou-se a Filosofia, com seus vários departamentos (Matemática, Física, História Natural, Letras, História, etc.), e assim se poderia cumprir o lado de formação de professores e pesquisadores.

Os cursos da área de Letras e Humanidades começaram a funcionar uns anos depois, já na década de 1940. Sabe-se que a hegemonia ideológica desse campo estava com o grupo católico, que tinha grande prestígio intelectual e era representado por figuras como Armando Câmara, entre outros. (Só nas áreas de ciências é que se permitiu a presença de professores não-católicos, incluindo luteranos e judeus nisso; nas humanidades e nas letras, os catedráticos foram designados com a premissa de serem católicos.)

É de lembrar, igualmente, que Erico teve uma experiência singular, em sua geração, talvez no Brasil todo: sem haver concluído sequer os estudos secundários, ele viveu uma intensa passagem como professor convidado na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Na tradição pragmática estadunidense, um sujeito que tinha produzido os romances que ele publicou nos anos 1930, merecia ser tratado como professor e nesta condição contratado. Não menos eloquente é o fato de haver produzido, no tempo dessa vivência como professor visitante, uma notável síntese narrativa da história da literatura brasileira, publicada em 1945 em inglês e traduzida apenas em 1995 ao português.

Mas na tradição cartorial e formalista, ibérica e brasileira, certamente presente na Univer-

sidade daquele momento, pesava contra Erico o fato de não ter diploma, um papel que atestasse a condição de, bem, formado. Mais que isso pesava seu histórico de não ser católico (estudara no Colégio Cruzeiro do Sul, episcopal), e pior ainda de haver enfrentado um padre católico naquele caso de 1943, ao que parece tendo feito uma caricatura do grande líder católico leigo que era Armando Câmara¹². Ou antes disso, as várias vezes em que Erico demonstrou altivez na defesa de sua visão não católica, nem religiosa, em cenas, personagens e tramas de sua ficção.

O certo é que no ponto mais dramático da década de 1960, o ano aquele que não terminou, houve um movimento para dar a Erico o título de Doutor Honoris Causa. Houve o movimento, em dois momentos sucessivos, mas não deu certo. Vamos repassar esses episódios, de grande interesse para atestar, uma vez mais, a altivez de Erico.

Em artigo publicado em 1977 no número 1 dos “Cahiers de l’u.e.r d’études ibériques”, da Sorbonne Nouvelle – Paris III, intitulado “Présentation d’Erico Verissimo”, “Apresentação de Erico Verissimo”, Dionísio Toledo relembra passagens da vida do escritor com vistas a apresentá-lo ao leitor francês. Começa definindo sua integridade e bondade, mas também sua presteza e coragem em posicionar-se publicamente contra os regimes ditatoriais, desde o tempo do Estado Novo até a ditadura inaugurada em 1964. E lembra: “Mais ainda, foi ele que redigiu o protesto mais enérgico contra a censura à imprensa no país: esse protesto foi lido no Congresso Nacional por Paulo Brossard de Souza Pinto, então deputado federal do Rio Grande do Sul, hoje senador, representando o partido político legal da oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB)”.

Então Dionísio Toledo passa a narrar fatos de sua memória como professor da UFRGS, cassado

12. Pode-se verificar o papel proeminente dos católicos na cultura letrada exigente da cidade com um episódio. Vários depoimentos de contemporâneos ao fato (Enéas de Souza, Luiz Osvaldo Leite, entrevistados pelo autor do presente ensaio) lembram ter havido um veto de Armando Câmara à vinda de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir a Porto Alegre, em 1960. Um emissário daqui foi enviado a São Paulo, para sondar o então famoso casal de filósofos sobre uma vinda para cá, e teriam recebido um aceno positivo; mas Câmara, ex-reitor da UFRGS (1945-49) e depois também reitor da PUCRS, secundado por outros católicos (Enéas de Souza cita Laudelino Medeiros), bloqueou essa ideia, alegando que se tratava de duas pessoas que viviam em concubinato, sem serem casados. Na Wikipedia, o verbete de seu nome cita a frase atribuída a ele na ocasião: “Se esta rameira [referindo-se a Simone] entrar nesta universidade, eu sairei pela mesma porta para nunca mais aqui voltar”. Essa versão é documentada no livro de Lauro Schirmer *A hora - uma revolução na imprensa* (L&PM, 2000).

em outubro de 1969. Diz ele que em 1968 Erico “entrou pela primeira vez na Faculdade de Filosofia”. Afirma que o escritor “deu um curso sobre ‘A criação do romance’, sob convite dos professores de Teoria e Crítica literária”, que eram Angelo Ricci e ele próprio. Esse curso, diz o professor, foi um passo para que, pouco depois, por iniciativa de Toledo mesmo e com apoio de outros professores, e contando com o entusiasmo do catedrático da área, Ricci, então trabalhando como diretor da Faculdade, fosse proposta a concessão do *Honoris Causa* a Erico.

Aqui um detalhe e alguns reparos. Tendo lido esse relato no artigo de Toledo, o autor das presentes linhas indagou de ex-professores seus que em 1968 eram alunos de Letras sobre o dito curso sobre ‘A criação do romance’. Maria da Glória Bordini, Sergius Gonzaga, José Hildebrando Dacanal e Ana Mariza Filipouski não lembravam de algo assim; Luiz Arthur Nunes estava fora do país, num estágio na França. Outro testemunho da época foi consultado mas não retornou meu pedido. Até aqui parecia que o curso tinha se evaporado da memória.

Até que, conversando com Cláudio Moreno, ele lembrou exatamente desse evento. Foi não um curso, mas uma conferência, dada para a classe em que Moreno era aluno, numa turma sob a responsabilidade de Dionísio Toledo.

Agora o reparo: de fato, essa visita de Erico em 1968 não foi a primeira de Erico à universidade. No jornal *Gazeta do Alegrete*, edição do dia 26 de julho de 2025, um artigo de Caio Lustosa conta um pedaço de outro momento. Caio, advogado de nome no estado, ambientalista, ex-vereador em Porto Alegre, relembra uma visita, parece que a primeira, de Erico Verissimo à UFRGS¹³.

Ela aconteceu em maio ou junho de 1957, no contexto do retorno de Erico ao Brasil, depois de sua longa experiência em Washington, quando elaborava o terceiro tomo de *O tempo e o vento*. Os alunos do curso de Jornalismo haviam criado um Clube para promover debates. Erico foi convidado para falar sobre “Jornalismo e ficção”. Limeira Tejo, intelectual destacado no momento, falaria de outro tema. Caio Lustosa conta que encaminharam uma correspondência ao diretor

da então Faculdade de Filosofia, comunicando o evento e solicitando o uso do auditório.

Ocorreu que, para surpresa dos estudantes, o diretor comunicou que “o Conselho Técnico da Faculdade” houvera por bem vetar a participação de Erico e Limeira Tejo, “por esposarem ideias incompatíveis” com as da universidade. (Deste conselho fazia parte destacada Armando Câmara, um dos líderes católicos, já envolvido no combate às posições de Erico no episódio de 1943.) Os estudantes fizeram saber ao diretor que as palestras seriam realizadas de qualquer modo, mesmo com esse obstáculo; no caso de Erico, Caio Lustosa considerou que era “um verdadeiro acinte para com o já então maior romancista gaúcho”.

A palestra foi realizada, com grande sucesso de público. Mas Caio Lustosa, como presidente do Clube, recebeu ofício do diretor, em que comunicava a pena de “advertência” por desrespeitar as ordens superiores.

Voltemos ao relato de Dionísio Toledo. Dada a conferência em 1968, como talvez uma quebra de gelo, foi encaminhado o processo para a concessão do doutorado *Honoris Causa*. Tudo parecia ir bem até que houve um embaraço definitivo:

Para nossa grande surpresa, o reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, Eduardo Faraco, aproveitando-se do fato de ser o médico e amigo íntimo de Erico, interveio sem aviso, junto ao filho do autor, Luis Fernando Verissimo, e junto a seu grande companheiro Mauricio Rosenblatt, com o objetivo de pedir ao professor Angelo Ricci a retirada da proposta. Ele alegava que Erico, por razão de saúde, não resistiria ao choque emocional causado por essa homenagem. É certo que, diante de tais argumentos, o diretor da Faculdade de Filosofia renunciou imediatamente [à ideia].

É de ver que a razão apontada por Faraco para não dar o título a Erico, o suposto “choque emocional”, poderia até ter algo de legítima preocupação de médico, mas o contexto sugere que não se tratava disso, e sim de política pura e simples. Como reitor naquela conjuntura, Faraco por cer-

13. Soube dessa passagem graças à gentileza de Sérgio Faraco, a quem agradeço.

to sabia que essa concessão daria um destaque imenso a um homem de oposição, Erico, e um destaque nacional, que naturalmente chegaria aos ouvidos e escrivatinhas do poder militar, a quem Erico não agradava; na escala local, o título seria amargo demais para o lobby católico, conservador e atuante – e apoiador do regime instalado em 1964 em sua maioria.

Em dezembro de 68, veio o horror do AI5, com consequências. Uma delas foi a cassação de vários professores da Faculdade de Filosofia: a 29 de agosto de 1969, foram cassados Angelo Ricci, de Letras, e Gerd Bornheim, Ernildo Stein e João Carlos Brum Torres, da Filosofia. A 3 de setembro, um grupo de professores de Letras, inconformado, enviou um duro abaixo-assinado para o reitor, expressando sua “repulsa incondicional” pela cassação. O mesmo reitor acima citado, Eduardo Faraco, manda então chamar cada um dos signatários do documento perguntando se confirmava aquela posição. O desfecho foi que a 10 de outubro de 1969 Dionísio Toledo, professor com estabilidade, foi aposentado compulsoriamente, e duas das suas assistentes, Reasylvia Kroeff de Souza e Maria da Glória Bordini, foram demitidas. (Uma terceira assistente, Maria Luísa de Carvalho Armando, assinou o documento mas não foi identificada por sua assinatura. Acabou se demitindo, pouco tempo depois.)

Um bastidor desse momento me foi esclarecido por Lúcia Verissimo, esposa de Luis Fernando, que neste momento já vivia na mesma casa de Erico. Disse ela que, ao saber da posição do reitor Faraco, Erico entendeu que “estava quite” com seu cardiologista, a quem devia gratidão: ele faria a vontade de seu médico, a quem sentia dever a vida, mas aquele seria o fim da relação com ele. Percebia o autoritarismo do gesto e o assimilava como dever de cortesia, e isso era tudo.

Dionísio, depois de sua cassação, migrou para a França, onde viria a ser professor, na Sorbonne. Mas veio a saber pelo escritor que anos depois, em 1973, um grupo de professores de Letras – Guilhermino César, Donald Schuler e Flávio Loureiro Chaves – voltou à carga e propôs o Honoris Causa a Erico, já sob um outro reitor, Ivo Wolff. Diz Erico, em carta ao professor Toledo, datada de 13 de novembro de 1973:

Por falar em universidade... por proposta da Faculdade de Filosofia e Letras (ideia de amigos: Flávio, Guilhermino, Schuler) meu nome foi proposto para um título honoris causa. O Conselho Universitário aprovou a ideia unanimemente, mas eu não aceitei a *honra* “por motivos ideológicos”. A situação é difícil. Não quero criar escândalo. Quando o Donald me deu a notícia pelo telefone, dei-lhe as razões da recusa, ele compreendeu e acabei pedindo que o Conselho arquivasse o processo.

Lembro de haver conhecido essa história, muito por cima, quando fui aluno da graduação, na segunda metade dos anos 1970, depois de falecido o escritor. Dizia-se que Erico havia recusado receber um título “de uma universidade ocupada”. Essa fórmula é mais dramática, mas guarda o sentido que ele mesmo menciona, nessa carta.

Como se pode ver, Erico realmente foi um homem de grande integridade, de coragem moral, de discernimento. Homenageá-lo no cinquentenário de sua morte é, mais que um gosto pessoal, um compromisso, pessoal e institucional.

1995 – 20 anos após sua morte, Erico ainda estava do lado certo

Ficou apontado, em nota inicial, um evento marcante em 1997: nesse ano foi lançado, numa coedição compartilhada entre a Editora da UFRGS, a Editora da PUCRS e a Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, um volume chamado *A liberdade de escrever*, com entrevistas dadas por Erico Verissimo entre 1963 e 1975. Uma temática dominante entre as perguntas era a liberdade, num contexto em que estava no centro da vida intelectual uma intensa preocupação política, com o Golpe de 64, as cassações, a promulgação do AI 5 e mais cassações, a instauração da censura prévia no Brasil. E foi o tempo da maturidade de Erico, que em 1962 terminara de publicar sua obra maior, *O tempo e o vento*.

Essa edição traz uma nota, na página de créditos, que reproduzo aqui:

Em 1995, realizou-se em Porto Alegre um ato público em homenagem à coerência de Erico Verissimo por iniciativa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, na gestão de Tarso Fernando Genro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na gestão de Héliog Trindade, e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na gestão de Francisco Norberto Rauch. Na ocasião foi celebrado um termo de compromisso com a Associação Cultural Acervo Literário de Erico Verissimo no sentido da publicação de uma coletânea de entrevistas do escritor que expressassem essa coerência. Esta é a origem deste livro, que é lançado na gestão de Raul Pont na Prefeitura de Porto Alegre, na de Wrana Panizzi na UFRGS e na de Francisco Norberto Rauch na PUCRS. Envolveram-se diretamente com o projeto, na época, Luís Augusto Fischer, da Coordenação do Livro e Literatura da SMC, Sergius Gonzaga da Editora da Universidade/UFRGS e Regina Zilberman, do Curso de Pós-Graduação em Letras das PUCRS.

A história desse livro é ela mesma eloquente. Ele foi concebido e produzido no contexto de uma declaração pública envenenada e factualmente errada, em importante jornal porto-alegrense naquele ano de 1995, a respeito das posições de Erico ainda nos anos 1930. Houve uma comoção de bastidores, que levou as entidades citadas acima (UFRGS, PUC e Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre) a se mobilizarem unidas em favor da verdade dos fatos, já antigos mas naquele momento re-

cuperados enviesadamente para o debate. A nota reflete o sentido de homenagem à memória de Erico, quando se haviam passado duas décadas desde sua morte. E vale aqui essa lembrança, quando celebramos aqui sua coerência democrática e iluminista, ao completarem-se 50 anos desde aquele 1975.

Bibliografia

- CHAVES, Flávio L. *Erico Verissimo - Literatura e sociedade*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- CHAVES, Flávio L. *Erico Verissimo - O escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1996.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992
- MARQUES, Antero. *Autos de um processo de distorção literária, sociológica e histórica - Compilação, documentário, estudo, 1968 - 1972*. Edição do autor, Porto Alegre, 1977.
- PRITSCH, Eliana. *As vidas de Sepé*. UFRGS, 2004.
- SCHIRMER, Lauro. *A hora - uma revolução na imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- TOLEDO, Dionísio. *Présentation d'Erico Verissimo* [Apresentação de Erico Verissimo]. In: *Cahiers de l'u.e.r d'études iberiques*, da Sorbonne Nouvelle - Paris III, n. 1, 1977. [Inédito em português.] Tradução de Julia da Rosa Simões.
- VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*, II. Rio: Globo, 1986, 7ª ed.
- VERISSIMO, Erico. *A liberdade de escrever*. Porto Alegre: Editora da Universidade/EDIPUCRS/Prefeitura de Porto Alegre, 1995. Organizado por Maria da Glória Bordini.

CARTA DE ERICO A MARIO LIMA

Notas de Luís Augusto Fischer

ARLINGTON, 30 de
setembro de 1959¹

Meu caro Mario Lima²: Escrevo-te às três duma tarde cor de rato, olhando de vez em quando para as árvores que o vento sacode à beira do Potomac³: um rabinho do furacão Gracie que anda fazendo estragos lá pelo Sul. Recebi pelo dr. Azevedo Moura a tua carta. Andava ansioso por notícias tuas. Queria saber que estavas fazendo, projetando, etc. (Por falar em etc. recebi hoje 35 números da revista ETC, órgão da Associação Internacional de Semântica Geral. Tem artigos notáveis. Ando muito interessado no assunto.)

Mas vamos às notícias. Nestes três meses de Estados Unidos tenho feito principalmente duas coisas: cultivar a família, com ênfase (como se diz por aqui) no neto, e digerir a viagem à Europa, lendo coisas sobre História, pintura, arquitetura, etc... A excursão foi muito boa. O diabo é que há um momento de saturação em que o corpo e o espírito pedem sossego, o primeiro para aliviar os músculos das pernas (e outros músculos) e o segundo para botar ordem nas impressões. Portugal é um encanto, gente boa, cidades limpas, muito lirismo, uma certa inocência, tudo isso à sombra desse austero cachorro que é o Salazar. A Itália gostosa como imaginávamos. Gente bonita, paisagem idem. Mas é um país prejudicado por duas coisas: pela Geografia e pela presença do Vaticano. A Espanha sofre sob o Franco. Mas gente muito digna. Granada, Sevilha, Córdoba, Toledo são admiráveis. Mas peguei frio na Andaluzia, o que tirou um



pouco o sabor da visita. Procurei a cidade natal do García Lorca, Fuente Vaqueros, falei com a sobrinha do poeta, com o ferrador da aldeia, com uma prima do Federico, fotografei-os todos em cores. Madrid é muito bonita. Passei no Museo del Prado mais de doze horas, em cinco visitas. Barcelona é impressionante com suas avenidas largas e o seu bairro gótico. Cruzamos o sul da França de trem e vimos de passagem a Côte d'Azur num dia sem sol, em que o Mediterrâneo parecia um Guaiaba grande meio sem graça. Passamos poucos dias na Alemanha, onde o desconhecimento da língua dos nativos nos atrapalhou um pouco, mas não tanto como a lembrança constante de Hitler e das S.S. A Holanda parecia uma casa de família, graciosa, limpinha, bem arrumada. Mas o ponto alto da viagem, compadre, foi Paris. A gente chega e se entrega. E a cidade também se entrega para o visitante, que nem sequer pensa em usar seu espí-

1. Carta de Erico Verissimo, datada em Arlington, cidade vizinha a Washington, capital dos EUA. Nela vivia a filha do escritor com sua família. Erico passou algumas temporadas ali, curtindo os netos. Neste momento, ele vinha de uma viagem longa pela Europa, na qual vale destacar conferências feitas em Portugal, ainda sob regime autoritário liderado por Antônio Salazar. Nelas, Erico defendeu as virtudes da democracia e atacou a opressão.
2. Mario de Almeida Lima (Porto Alegre, 1924 - 2003) foi diretor da editora Globo, tendo trabalhado em vários postos, inclusive como secretário da Revista do Globo. Criou a famosa "LLL - Livraria Lima Ltda.", em Porto Alegre, que por 25 anos foi destaque no cenário literário da cidade. Foi fundador e diretor da Sucursal do jornal E Estado de S. Paulo em Porto Alegre durante quinze anos.
3. Potomac: rio que passa em Arlington.

rito crítico (se é que o tem) porque sente que Paris “não podia ser de outro jeito”. Ficamos lá um mês e vimos o que foi possível, principalmente museus, teatros e ruas. Nem sequer tentei ver escritores porque isso me tomaria muito tempo e talvez eu não conseguisse mais que um gesto de cordialidade dum Camus ou dum Sartre⁴. **Continuo a achar que é melhor conversar com o escritor através de seus livros.** No fim da visita o Plon⁵ descobriu que eu estava em Paris e mandou um de seus escritores, Henry Hell (autor duma biografia de Poulenc), me procurar e convidar para um almoço na Rive Gauche⁶. Mas vi a adaptação teatral dos *Possessos* de Dostoievsky feita pelo Camus, uma nova peça do Anouilh⁷ (*O Reacionário Amoroso*), *La Vie Parisienne*, com a cia. do Barrault⁸, e várias outras peças. Estive com alguns amigos que tenho na Unesco⁹, onde encontrei também o Villa-Lobos¹⁰. Depois de Paris, fomos a Londres, já meio cansados. O inglês é mesmo um tipo à parte, diferente de tudo quanto possas imaginar. A cidade é sólida. A gente, bem-educadíssima. Precisávamos ficar lá uns três meses para começar a “decifrar” ou pelo menos a ter uma ideia da cidade e dos habitantes. Durante toda a viagem me empapei de galerias de arte, de pinturas, etc. E está claro que agora só penso em voltar.

Aqui tenho estado sem apetite para fazer coisas. Recusei o lugar do Amoroso Lima na Univ. de New

York, 1000 dólares por mês¹¹. Se o aceitasse eu ficaria longe do neto... e não teria tempo para escrever. Já comecei a trabalhar no terceiro volume¹². Estou impressionado pelo tamanho do bruto, mas resolvi transferir essa preocupação para a revisão final. Recusei cinco convites para conferências (New York, Chicago, Denver, Texas e Georgia)¹³. Estou dormindo melhor, observando uma dieta, cuidando da saúde. Tenho lido muito. Recomendo-te um pocket book que encontras aí: *THE USES OF THE PAST*, by Herbert Muller. É das melhores coisas que tenho lido sobre interpretação da História. Mas escreve mais, homem! Lembra-me aos meus sobrinhos¹⁴. E recebe, com tua senhora, o nosso abraço.

Erico

P.S. – Domingo o John dos Passos¹⁵ vem nos buscar para passarmos três dias na *farm* dele. Vamos os dois a uma pescaria que a Mafalda prometeu fotografar em cores. Estamos esperando um novo neto para fevereiro de 60. Só voltaremos em maio daquele ano, época em que o L.F.¹⁶ terminará o segundo semestre de seu curso de desenho na Corcoran Gallery¹⁷.

Nota manuscrita na margem direita: “*Li a Lolita*¹⁸ e achei o livro muito bem escrito. Vale a pena lê-lo no original!”.

4. Erico parece ironizar, ao sublinhar a palavra “cordialidade”, o que poderia ter sido o ponto máximo da recepção dos mundialmente famosos escritores franceses (Albert Camus (1913-60) e Jean-Paul Sartre (1905-80), ambos no auge de seu prestígio, Camus tendo recebido o Nobel em 1957, Sartre vindo a ser agraciado pelo mesmo prêmio em 1964, mas recusando-o) a um escritor brasileiro. Vale lembrar que em 1949 Camus passara por Porto Alegre, no contexto de uma longa viagem pela América do Sul, proferindo conferência no Instituto de Artes da UFRGS; na ocasião, Erico fez a apresentação do escritor francês, em francês. Essa saudação foi publicada postumamente no suplemento *Letras & Livros*, do *Correio do Povo* em 15 de agosto de 1981.
5. Plon: nome da editora responsável por alguns dos livros de Erico em francês. “O Plon” designa o editor dessa casa.
6. Rive Gauche: a margem esquerda do rio Sena, que corta Paris, é famosa por abrigar locais de encontro de intelectuais, músicos, artistas, professores e estudantes.
7. Jean Anouilh (1910-87), famoso dramaturgo e roteirista francês.
8. Jean-Louis Barrault (1910-94), famoso diretor de teatro francês.
9. UNESCO: sigla da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura, que tem sede em Paris. Erico tinha trabalhado, em anos recentes naquele momento, em um Departamento de Assuntos Culturais da OEA, Organização dos Estados Americanos, em Washington, portanto no âmbito da diplomacia cultural.
10. Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro, 1887-novembro de 1959), o mais famoso compositor erudito brasileiro de todos os tempos, que viveu longas temporadas em Paris.
11. Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, 1893-1983) foi um intelectual de grande importância em sua geração. Figura de destaque no cenário católico brasileiro, foi fundador da PUC do Rio de Janeiro e professor da futura UFRJ, lecionando Literatura Brasileira. Os mil dólares de salário que Erico recusou para ficar com o neto e escrever valeriam em 2025 em torno de 11 mil dólares.
12. Erico estava empenhado em escrever a terceira e última parte de *O tempo e o vento*, que seria publicada em 1962, depois de muito esforço e um enfarto.
13. Quando de sua temporada norte-americana entre 1943 e 44, Erico pronunciou dezenas de conferências em universidades, seguindo uma prática comum na academia daquele país.
14. Meus sobrinhos: referência aos filhos de Mário Lima.
15. John dos Passos (1897-1970), escritor estadunidense de origem portuguesa, grande amigo de Erico.
16. L.F.: Luis Fernando Verissimo, filho de Erico.
17. Corcoran Gallery: galeria e escola de artes sediada em Washington e ligada à Univ. de Washington.
18. *Lolita*: romance de Vladimir Nabokov lançado em 1955 e então em alto prestígio.

CRÉDITO DOS AUTORES

Carlos André Moreira: Jornalista, tradutor e escritor.

Carlos Cortez Minchillo: Professor de Literatura e Cultura brasileiras no Dartmouth College, EUA. Autor de *Erico Verissimo, escritor do mundo* (EDUSP, 2015).

Cláudia R. Dornelles Antunes: Jornalista, pesquisadora e dra. em Letras, na área da Teoria da Literatura.

Dionísio Toledo (Porto Alegre, 1930 - Paris, 2015): Professor de Literatura Brasileira na Sorbonne Nouvelle - Paris III, foi professor de Teoria da Literatura no curso de Letras da UFRGS, tendo sido cassado em 1969.

Eloar “Alemão” Guazzelli Filho: Desenhista, roteirista, adaptador de literatura para a linguagem visual. Está adaptando *O continente*, primeira parte de *O tempo e o vento*.

Flávio Wolf de Aguiar: Professor aposentado de Literatura Brasileira na USP, coordenador da reedição das obras completas de Erico pela editora Cia. das Letras.

Jandiro Adriano Koch: Historiador, pesquisa dissidências sexuais e de gênero.

Luís Augusto Fischer: Fundador e editor da revista *Parêntese*, professor de Literatura Brasileira na UFRGS, organizador da *História da literatura no Rio Grande do Sul* (Coragem, 2024).

Manoel Madeira: Psicanalista e escritor.

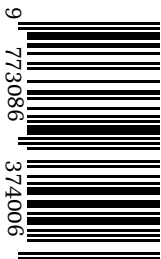
Maria Girardello Gatti: Historiadora, pesquisa o policiamento internacional de escritores brasileiros.

Miguel da Costa Franco: Escritor.

Paula Ramos: Professora do Instituto de Artes da UFRGS, autora de *A modernidade impressa - Artistas ilustradores da Livraria do Globo* (Editora da UFRGS, 2016).

Revista composta com fonte tipográfica Bagatela 11pt e impressa sobre papel
couchê 115g pela gráfica Ideograf, em Porto Alegre-RS, no verão de 2026.

ISSN 3086-3740



PORTO ALEGRE,
MARÇO DE 2026.

matinal

